DÉBORAH VITÓRIA



PARA GAROTAS COMO NÓS

PARA TODAS AS GAROTAS QUE SONHAM ALTO.

Dedicatória

"Toda garota tem seus sonhos, objetivos e às vezes suas incertezas. Cada uma tem um conflito para resolver, algo que deseja ter, sonhos que deseja alcançar. Toda garota tem algo para compartilhar, para dizer, porque nos entendemos sem dizer nada. Esse livro é dedicado para todas as garotas intensas, que tem um coração puro, fé e principalmente Para Garotas como Nós." ~ Déborah Vitória.

Prefácio

♡

Com uma vaga garantida na melhor escola do país, as três garotas protagonistas dessa história, mal sabem que suas vidas serão completamente mudadas, quando pisarem na escola Celenti Marina.
Cada uma tem um objetivo e, por mais que suas vidas sejam diferentes, elas irão descobrir que têm muitas coisas em comum. Tendo que aturar um curso não desejado, garotas intrometidas querendo tomar seus crushs, romance, brigas, paixão, comédia, mistério e principalmente fé, serão alguns temas vividos pelas três. Essa história vai te fascinar e tomar conta do seu coração.

Ps: Acredito que exista muitas garotas que só buscam um livro que retrata aquilo que sentem. Então mergulhe nesta história, imaginando cada cena com carinho, como se estivesse vivendo ela. Tenha uma boa leitura. ❤

"A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de começar de novo." ~ F. Scott Fitzgerald.

♡

Capítulo 01

Déh
Novos desafios.

Minha reação foi ÚNICA, quando abri o envelope da carta e a li. Dentro daquela folha de papel, continham as palavras que eu tanto almejava, desde quando tinha feito minha inscrição.

Aprovada.

Eu tinha sido aprovada!

— Ah que benção, minha filha! — minha mãe disse, e em seguida me abraçou.

— Quando você começa? — meu pai perguntou, feliz.

Peguei a carta novamente e li em voz alta o que me esperava:

— Bem, aqui diz... — Apurei a garganta. — "Informamos que Déborah Millicent, foi aprovada pela diretoria de ensino da escola Celenti Marina, como bolsista. Favor, comparecer dia primeiro de fevereiro na escola, para a iniciação das aulas. "

— Ah, como meu bebê está grande — minha mãe disse, com ternura na voz. — Querida, você vai morar naquela escola, você sabe disso, não é?

— Sim mãe, eu sei. Vai ser difícil me adaptar no começo, mas posso visitar vocês no verão - respondi, com um sorriso.

Minha família sempre foi importante para mim. Mas, eu já não era uma criancinha, eu já tinha completado meus dezesseis anos! Eu sonhava em descobrir coisas novas, fazer amizades e viver novas experiências.

— É isso querida, é assim que se fala! — meu pai disse e abriu um sorriso confiante.

Eu estava tão feliz que poderia pular de alegria. Meu sonho estava se concretizando, aquilo era um grande passo em minha vida. Eu tinha conseguido a tão sonhada vaga, na melhor escola interna particular do país!

Meus pais, orgulhosos por mim, passaram a semana inteira providenciando tudo. Foi tudo muito corrido, mas a alegria no meu peito e a gratidão à Deus me deixaram animada.

*****

Os raios de sol atravessavam minha janela e entravam em meu quarto, naquela manhã ensolarada de segunda-feira. Finalmente, primeiro de fevereiro tinha chegado! Depois de escovar os dentes e pentear meus cabelos, resolvi fazer meu devocional diário para acalmar meus pensamentos.

°*Diante disso, que vamos dizer? Se Deus é por nós, quem será contra nós?*
(Romanos 8:31.)

Respirei fundo, e deixei aquelas palavras inundarem meu ser. Fiz uma oração calma, pedindo a Deus que me ajudasse em minha jornada. Aquilo tudo seria novo para mim. De repente, escutei batidas na porta entreaberta do meu quarto, e avistei o cabelo claro do meu irmão.

— Entre.

— Oi mana — ele disse, sem jeito.

— Oi maninho, tá tudo bem?

Meu irmão se sentou ao meu lado e me abraçou.

— Vou sentir sua falta.

— Eu também! — respondi, querendo chorar.

Meu irmão mais novo era muito parecido comigo. Sam, tinha acabado de completar seus catorze anos e eu conseguia me ver nele. Às vezes, nos diziam que éramos gêmeos de idades diferentes. Mas, não era só isso. Eu conseguia enxergar nele uma alma pura e calma, como eu.

— Promete que vai se cuidar, lá? — ele me perguntou, se afastando do abraço.

— Claro, eu prometo.

Meu irmão apertou minhas mãos, confiante no que iria dizer.

— Que o Senhor te guie e te proteja.

— Amém. E que ele te guarde, sempre. — Sorri.

Ficamos ali, parados, sem dizer nada. Era um momento de irmãos, algo que eu jamais esqueceria, algo que eu guardaria para sempre, pois ser irmão é uma coisa única!

— Preciso ir para escola, mana — ele disse, se levantando. — Sem namoradinhos, por favor.

Sam e seu lado sarcástico.

— Hora rapazinho, você também, sem namoradinha por enquanto! — retruquei.

Meu irmão fechou a porta e gritou.

— Não prometo nada.

Ri sozinha. "Namoradinho", eu nunca nem tinha namorado na vida! Foi aí, que resolvi abrir minha gaveta e retirar minhas cartas dali. Elas estavam todas arrumadinhas e enfileiradas, do mesmo jeito que eu as tinha deixado na noite anterior.

A esperança que ele leria minhas cartas algum dia, batia forte em meu coração. Era algo que desde os meus catorze anos eu desejava. Queria encontrá-lo e dizer aquelas palavras descritas em todas as cinquenta nove cartas. Naquele momento, porém, eu ainda não sabia quem ele era. Às vezes me pegava pensando em como era seu cabelo, seus olhos, sua comida favorita, se ele já era cristão, se era bom filho ou o que ele estava fazendo naquele exato momento. Eu tinha um propósito com Deus, orava pelo meu futuro marido todos os dias, e escrevia cartas para ele também. Prometi a Deus, que só entregaria meu coração para o rapaz certo.

Guardei minhas cartas, na esperança de um dia, abri-las uma por uma para ele ler. Minha jornada não seria fácil, mas os desafios não eram impossíveis.

O caminho até a rodoviária foi tranquilo, eu rabiscava algo no papel sem me importar com o solavanco do carro. Primeiro tentei desenhar olhos, depois um rosto e... nada. A luz do sol resplandecia sobre minha folha de papel, o que me deixava levemente irritada por não conseguir desenhar nada, naquele contraste maravilhoso do dia.

— Chegamos — meu pai disse, com a voz embargada. — Você consegue.

Tentei segurar o choro. Era difícil. Desci do carro, com minha mala em mãos. Minha mãe me abraçou, depositando um beijo em minha testa.

— Olhe por onde anda, não confie em todo mundo, não fale com estranhos e seja você! — ela disse.

Me afastei do seu abraço e abracei meu pai.

— Boa sorte querida, você vai chegar a lugares que nunca achou que seria capaz! — ele disse, enquanto me abraçava.

Respirei fundo, tentando conter as lágrimas. Era algo difícil, mas que eu deveria fazer.

— Eu amo vocês, obrigada por tudo.

Me encaminhei em direção ao ônibus e virei mais uma vez para acenar para eles. Aqueles minutos foram de pensamentos e sentimentos de incertezas, mas eu continuei seguindo meu rumo até o ônibus. "*Vai dar tudo certo"*, pensei.

A viagem foi silenciosa na maior parte do tempo. A paisagem, como sempre linda, me inspirou a desenhar, mas acabei desistindo de novo. Eu estava tão insegura com tudo o que estava prestes a acontecer, que nem me concentrei direito em minhas anotações no caderno. A luz do sol começou a desaparecer, avisando que estávamos entrando em um lugar "fechado". Notei então, que eu já tinha chegado na rodoviária da minha nova cidade.

Nada parecido com o interior. Aquilo nem parecia uma rodoviária, e sim, um aeroporto. Tudo era mais sofisticado do que em minha cidade, fiquei de boca aberta. Uma fileira de cadeiras de espera com mesinhas ao lado, enriqueciam o lugar, e de uma haste do teto, pendiam luzes bonitas e ricas. Me encaminhei pelo local, procurando algum táxi ou uber que me levasse até meu destino. Eu estava cansada, e sem ânimo. "*Anime- se garota",* disse a mim mesma.

Olhei ao redor e resolvi atravessar a pista, onde do outro lado, havia alguns táxis. Tudo estava correndo bem — provavelmente porque não percebi direito o momento —, mas um carro vinha na minha mesma direção, e por pouco não fui atropelada, o motorista freou a tempo. Fiquei paralisada. Em choque não conseguia me mover, falar ou até menos pensar. Não demorou muito tempo e um rapaz saiu de dentro do carro. Ele caminhou rápido em minha direção. Um loiro, alto, que vestia roupas estilosas.

— Você se machucou? — ele me perguntou preocupado.

— Não, mas você quase me matou! — resmunguei, extasiada.

O garoto riu. Do que ele estava achando graça?!

— Bom, desculpe decepcionar. Mas, foi o meu chofer que quase lhe atropelou — ele disse, e em seguida um homem de terno preto apareceu da janela do carro.

— Desculpe, senhorita. — O chofer parecia tremendamente arrependido pelo ocorrido.

Respirei fundo, tremendo. Agradeci a Deus mentalmente pelo livramento.

— Então, precisa de ajuda? — O loiro se aproximou mais, fazendo-me ver que seus olhos eram verdes como a grama.

— Não, não preciso.

— Tem certeza? Não se machucou?

— Não, estou bem. Pode seguir sua viagem.

— Eu pago seu táxi! — ele disse gentilmente.

Não queria ser rude, mas ele estava sendo inconveniente demais.

— Não, eu trouxe dinheiro, posso pagar.

— Hum — resmugou —, mesmo assim, quero ajudar!

O loiro, se encaminhou com passos firmes até um táxi ao lado e conversou com o motorista, depois voltou e parou na minha frente.

— Prontinho, boa viagem.

— Mas... — tentei questionar, mas me calei diante do rosto convencido do rapaz.

O garoto abriu um sorriso, e se encaminhou até seu carro.

— De nada — ele disse, convincente.

— Ah... de nada?? — Fiquei sem reação.

Nem olhei para seu carro seguindo viagem. Me encaminhei rápido ao táxi e entrei.

Capítulos novos, em breve.

ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ ʘ

Oi querido leitor, como vai?
Se gostou da história deixa sua estrelinha, por favor.
Que Deus te abençoe grandemente

Capítulo 02

Leh
Atrasada, de novo.

Nunca gostei muito de chegar atrasada em qualquer lugar que seja. Mas, porque eu sempre me atrasava? Não era uma coisa que eu queira fazer, mas sempre acontecia comigo!

Acordei, ainda com um livro sobre meu colo. "*Não durma lendo"*, falei para mim mesma na noite anterior, para depois descumprir meu próprio pedido. Meu despertador provavelmente não tinha mais forças para tocar.

Eu estava atrasada!

— Ah não, não, não, não!!! — Me desesperei, e saí correndo para o banheiro.

Meu recorde de fazer as coisas muito rápido, tinha acabado de ser vencido. Me arrumei em menos de 10 minutos. Meu cabelo estava simplesmente um caos! Tive que passar um quilo de creme até ficar bom, e mesmo assim o frizz continuava! É, onduladas sofrem!!

Abri a geladeira rapidamente, em busca da caixa de leite e logo a achei. Fechei a porta da geladeira e me deparei com uma foto minha, com meus pais, colada nela. *Meus pais.* Eu vivia sozinha em casa a maioria do tempo, porque eles sempre estavam viajando a trabalho. A ideia de me colocar na melhor escola do país, foi deles. Eu tinha tentado resistir, é claro. Mas, aquele ano eles venceram! Eu só queria que pelo menos, eles estivessem ali, para se despedir de mim.

— Bom dia, senhorita Leh — Ofélia me cumprimentou. — Fui ao mercado, trouxe alguns pães de queijo.

Ofélia cuidava de mim e da casa. Ela era a minha família também.

— Hum, pão de queijo. — Dei um sorriso e peguei alguns.

— Está tudo bem, senhorita?

— Ah, tirando o fato de que estou atrasada, sim! — Forcei um sorriso.

— Quer que eu peça ao Thomas, que leve você até a escola? — ela perguntou, calmamente.

— Não, não precisa. Já vou indo! Tchauzinho — disse, correndo com minha mochila nas costas.

Sempre odiei ser chamada de metida. Eu sabia, que naquela escola não seria diferente. Todos pensavam que eu tinha "*a vida perfeita"*, mas não, eu não tinha!

Corri um quarteirão inteiro. Eu deveria ter aceitado ser levada de carro, mas não adiantava mais. Quando percebi que o trânsito estava grande e lotado, fiquei feliz de ter ido a pé. Minha mochila estava pesada, o que me atrasou ainda mais. Claro que eu não iria deixar meus livros para trás, tive que levá-los comigo, mas a escola devia ter biblioteca, é claro.

Senti o vento bater em meu rosto e minha respiração ficou pesada; eu estava extremamente exausta. Parei por um instante, tentando recuperar o fôlego. Eu sempre corria para não chegar atrasada nos lugares, mas daquela vez, eu nunca tinha corrido tanto. Tirei o cabelo do rosto, levantei a cabeça ainda cansada, e me deparei com os muros e os grandes portões da escola Celenti Marina. Meu atraso, não me atrapalhou muito — como de costume —, já que ainda haviam pessoas do lado de fora. Recuperei o fôlego e observei o lugar.

A calçada larga, me afastava da pista, o que foi muito bem pensado e elaborado. Celenti Marina ficava em um ponto específico da cidade, um ponto pouco movimentado, mas em um lugar nobre; o mais nobre da cidade.

Os dois enormes portões estavam abertos, mostrando a enormidade da escola, que variava de áreas verdes e calçadas, para pequenos prédios com poucos andares e outros com vários andares. Literalmente uma universidade disfarçada de: "escola".
Na frente haviam catracas e escadas para descer e entrar. Dois porteiros ocupavam suas guaritas, enquanto vigilantes cuidavam da frente da escola.

Fui até a catraca; meu cartão de identificação era o que me deixava passar. Desci as escadas com poucos degraus e passei por um corredor aberto, finalmente conseguindo entrar. Olhando ao redor, vi uma área verde enorme que continha mesinhas com guarda-sol, quadras, árvores, calçadas, lixeiras e muito mais. Aquilo deveria ser o "campus"da escola. Em volta e a frente, estavam os prédios, com provavelmente as salas de aula.

Andei pelo lugar, e me deparei com um homem alto, bem vestido e elegante, com certeza o guarda da escola.

— Com licença, sou nova aqui e estou um pouco perdida, você poderia me falar aonde ficam as salas do segundo ano do ensino médio? — perguntei a ele, enquanto o guarda focava os olhos em algumas pessoas, que andavam pelas calçadas.

— As salas do segundo ano do ensino médio ficam no prédio dois, logo ali, seguindo reto e subindo o primeiro andar — ele disse, firme.

— Obrigada — respondi ao homem e depois segui em frente.

Andei reto, olhando o campus enorme da escola. Seria bem divertido ler debaixo daquelas árvores, ir à biblioteca ou ir à quadra.

O lugar ficou ainda maior, quando me encaminhei pela área. Encontrei finalmente o "prédio certo".

Quando entrei, passei por um longo pátio, onde havia vários alunos, todos atônitos procurando suas salas.
No meio do pátio, havia uma escada que dava acesso ao primeiro andar, com varias pessoas sentados na escada, conversando. Subi rapidamente e me encaminhei com passos firmes.

O primeiro andar era cheio de armários, as paredes pintadas de branco, um piso liso e brilhante e janelas transparentes mostrando árvores verdes e bonitas que estavam do lado de fora. Alguns alunos enfileirados na frente da parede, procuravam os seus nomes. Resolvi ir lá, procurar o meu também e o encontrei.

"Letícia Bittencourt _____ 2°A"

A sala estava bem à minha frente. Respirei fundo. Eu estava um pouco nervosa, não havia ninguém ali que eu conhecia; o que era meio óbvio, já que nenhum dos meus amigos tinha entrado naquela escola.

Olhei para os lados, procurando algum lugar onde eu pudesse me concentrar e colocar os pensamentos em dia ― sem ser sufocada por tanta gente. Avistei um banheiro e resolvi entrar.

Me olhei no espelho enorme, respirei fundo mais uma vez. Nervosa e preocupada, resolvi fazer aquilo que Ofélia sempre me aconselhava a fazer: orar.

― Meu Deus, eu te peço pai, entre comigo nessa sala. Me guie em tudo, por mais que eu não conheça ninguém, eu tenho a ti pai. Sei que tu és mais do que o suficiente. Segure em minhas mãos e não as solte por nenhum segundo sequer, em nome de Jesus, amém. ― Repeti algumas das palavras que Ofélia sempre dizia em suas orações.

Senti um alívio. Não sabia o que me esperava naquela escola, dentro de mim havia um turbilhão de emoções, um misto de medo com ansiedade. Todo ano era difícil para mim como estudante, pelo mesmo motivo de sempre: me achavam metida. Mas naquele ano, algo me dizia que o futuro que estava por vir, seria muito surpreendente. Decidi confiar em Deus e adentrei em minha sala.

Capítulo 03

Fran
Vida social.

Mexi em meu cabelo umas três vezes seguidas. A sala era enorme, com diversas mesas e carteiras altas. Adolescentes da minha idade, conversavam o tempo todo.
Aquilo tudo seria difícil e complicado para mim, já que a vida social, não era meu forte.

Cheguei do Rio de Janeiro um dia antes, depois de receber um e-mail de aprovação como bolsista. Meu irmão mais velho me acompanhou na viagem, principalmente para ingressar no seu 1° emprego. E eu, bem, estava esperando os comandos da minha nova escola.

— Bom dia. — Uma moça elegante entrou na sala. — Como vão?

Todos se calaram. A moça se aproximou de nós e começou a falar:

— Me chamo Célia Marina, e irei auxiliá-los em sua nova jornada. Como todos sabem, essa escola não é comum, trabalhamos apenas com o ensino médio. Vocês vão morar aqui, farão cursos profissionalizantes e por fim, terão o melhor ensino do país.

Sim, esse era o motivo de eu estar ali: *o ensino.* Eu queria muito trazer orgulho a minha família, e eu tinha certeza que estava no caminho certo.

— Vou tentar ser breve em explicações, já que vocês terão um tour pela escola mais tarde, fiquem tranquilos! — Ela afirmou, andando pela sala. — Vocês serão uma turma, então espero que se deem bem.

"*Como se fosse fácil"*, pensei. Em minha antiga escola, eu tinha apenas uma amiga verdadeira; ali seria bem mais complicado encontrar amigas de verdade.

— Para começar, a escola é enorme e contém mais de setenta salas. Temos salas de aulas, de cursos, bibliotecas, refeitório, quadras, pátios, dormitórios, o campus, sala de apresentação e por fim, um lugar onde há aulas de ética aos domingos.

Célia andou calmamente pela sala e continou:

— Este é o andar do segundo ano do ensino médio. Temos quatro salas neste corredor. Os armários presentes aqui, serão de vocês de acordo com o número de chamada.

Suspirei, ia ser interessante.

— As aulas de vocês serão no período da manhã. Peço que antes que entrem em sala de aula, vão todos ao refeitório, comer um lanche ou tomar café da manhã. À tarde, vocês deverão fazer cursos profissionalizantes.

Eu já sabia o que eu queria: *estética.* Estética seria o curso maravilhoso para mim. Resolvi que quando abrisse as inscrições, eu seria a primeira da fila.

— Aqui há bastante eventos para os alunos, vocês nunca estarão entediados. Temos cinema aos sábados, e nos finais de semana, vocês podem passar o dia inteiro no campus. Além de passeios pela cidade que são organizados pelos professores.

Ela parou no meio da sala, e nos olhou firme.

— Esperamos muito pela conduta de vocês. Não é aceito bullying nesta escola, ou qualquer tipo de ofensa.
Se por acaso, vocês começarem um relacionamento aqui, peço que sejam discretos, por favor. Se esforcem para serem alunos destaques, eles são beneficiados com empregos ou funções aqui, e participam de aulas especiais nas terças e quintas.

As informações eram gigantescas, mas eu só queria que acabasse logo, para conseguir ver como era realmente a escola.

— Muito bem, as aulas começam oficialmente amanhã, e os alunos que já estudam aqui, voltam amanhã também, de suas férias de verão — Ela sorriu. — Vamos dar um número a vocês, que corresponde ao seu dormitório. Já aviso que à vocês que terão colegas de quarto. Bom, levem suas coisas para lá e depois voltem ao pátio para o tour.

Todos os alunos sorriram. Eles também eram novatos, pelo menos isso me tranquilizava. Aquela emoção estava contagiando a todos, não só a mim.

Célia entregou um papelzinho com o número do dormitório, para todos ali presentes. Eu queria muito cair com alguém da minha sala — porque seria estranho ter colegas de quarto de outras salas. Mas, se fosse assim, tudo bem.

— Os dormitórios femininos ficam do lado direito do campus, e os masculinos do lado esquerdo.

Me levantei, com o papelzinho em mãos — que nem tinha aberto para ler. Os jovens começaram a se levantar e a se retirar; estava na cara que a maioria deles eram riquinhos, eu tinha certeza.

Ao descer as escadas e me dirigir pelo local, observei os pátios bonitos da escola e as salas ao lado. Aquilo parecia coisa de filme, aqueles dos anos *2000s*, que sempre passavam na sessão da tarde. Mas, tudo o que eu via, era de verdade! Fiquei ainda mais surpresa ao ver que o campus era a coisa mais linda, e que provavelmente no dia seguinte estaria lotado de gente.

Eu fiquei calada o tempo todo. Andei discretamente em direção de algumas garotas da minha sala, que se encaminhavam para os dormitórios. Passei pela calçada ao lado do campus, contemplando tudo o que via. Depois de um tempo, avistei um corredor cheio de puffs com livros ao lado, que se estendia e mostrava várias portas, indicando que ali eram os dormitórios. Muitas meninas conversavam. Abri meu papelzinho: *"Dormitório 05."*

Caminhei depressa com minhas bagagens em mãos, e parei diante da porta à minha frente. Será que eu deveria abri-la, ou alguém abriria os quartos para os alunos? Fiquei ruminando esses pensamentos, até que alguém se aproximou.

— Oi.

Me virei e vi uma menina meio alta para mim, com cabelos lisos dourados, carregando uma mala em mãos.

— Oi — respondi baixo.

— Você vai ser minha colega de quarto? — a menina perguntou.

Eu não gostava muito de falar, mas não ia ser mal educada.

— Eu...não sei.

A menina arqueou as sobrancelhas — confusa —, e voltou a falar:

— Meu nome é Déborah Millicent, e o seu?

— Franciele Alencar.

Ela abriu um sorriso, e colocou a mala no chão.

— O que está achando da escola? —perguntou.

— Ah, bem interessante.

Minha timidez sempre me atrapalhava. Eu queria fazer amigos, *eu tinha* que fazer amigos, mas preferia ficar quieta.

— Ah, eu gostei muito daqui, e se o seu dormitório for o cinco, eu ficarei feliz.

Sorri, ela parecia legal. Depois de um minuto de silêncio, ela arrumou alguns fios rebeldes do seu cabelo, e eu observei outra menina de cabelos

ondulados se aproximar.

— Aqui... é o dormitório cinco? — perguntou ela, meio esbaforida.

— Ah sim, eu creio que sim — Déborah respondeu.

— Acabei me perdendo, de novo — a ondulada disse, como que brigando consigo mesma.

Ficamos paradas no meio do corredor, caladas. Ninguém sabia o que dizer. E eu odiava quando isso acontecia! A gente quer fazer amizade, mas não tem assunto. É horrível! Foi então que percebi que algumas meninas andavam pelo corredor e outras já tinham entrado nos quartos.

— Acho que podemos abrir a porta — falei calmamente.

Déborah se aproximou e empurrou a porta, fazendo-a abrir. O dormitório era a coisa mais fofinha. Camas com colchas xadrez e travesseiros brancos, enfeitavam o lugar. Do lado, haviam três escrivaninhas. O lugar era grande, com armários, flores e um banheiro.

Entrei primeiro e achei uma cama confortável para mim.

— Sou Letícia Bittencourt — a ondulada disse, acomodando sua mochila em uma das camas. — E vocês?

— Meu nome é Déborah Millicent, mas vocês podem me chamar de Déh, se quiserem.

Fiquei quieta na minha, mas logo depois, cedi aos olhares das duas.

— Sou Franciele Alencar.

— Posso te chamar de Fran? — Déh perguntou.

— Pode. — Dei de ombros.

O silêncio novamente. *Ah... vida social, porque você é tão cruel?!* De repente, Letícia abriu um sorriso e começou a falar:

— Eu estava meio preocupada com o que ia acontecer, sério. — Ela se virou rápido para nós. — Ah, e vocês podem me chamar de Leh.

— Ta bom — Déh respondeu com um sorriso.

Leh retribuiu o gesto, e voltou com seu interrogatório amigável:

— O que acharam daqui?

— Ai gente, essa escola é um sonho! — Déh exclamou, sentando-se em sua cama.

Leh olhou para um dos cantos do quarto, pensativa. Depois, arrumou seu cabelo e começou a abrir sua mochila.

O silêncio veio forte novamente, e eu resolvi arrumar minhas bagagens em um armário qualquer, pensando em como as coisas seriam daquele momento em diante. Acabei pensando se deveria confiar naquelas meninas. Como eu ia me enturmar, se mal conseguia falar com elas? Resolvi então, focar no tour que estava logo por vir.

Capítulos novos, em breve.

Capítulo 04

Déh
Encontro.

Estávamos em nosso dormitório, apenas nos entreolhando. O silêncio tomava conta do lugar. Tentei ser amigável com minhas colegas de quarto, e fiquei tremendamente curiosa em saber qual foi a impressão que eu tinha trazido à elas. Suspirei, e acabei por acomodar a minha mala em cima da cama que escolhi. Em seguida, comecei a tirar algumas coisinhas minhas e colocá-las no criado mudo. Observei as meninas de canto de olho: cada uma arrumava algo importante, sem fazer nenhum comentário se quer.

Eu estava realmente preocupada em fazer amizades. Será que elas tinham gostado de mim? Se não, o que eu faria? Como eu conseguiria lidar com tantas coisas ao mesmo tempo? Olhei para o chão, pensativa e, em seguida, passei a mão no rosto algumas vezes. Me concentrei novamente na mala, procurando meus pincéis de desenho — que logo achei —, e os coloquei sobre a mesinha.

— Vocês são do segundo A? — Leh perguntou finalmente, enquanto arrumava alguns de seus livros sobre sua escrivaninha.

— Sim, eu sou! — respondi.

— Ainda bem — Fran comentou —, colegas de quarto da mesma sala!

Eu estava me preocupando à toa, é claro! Eu deveria focar, me concentrar. Talvez lembrar da minha família, da risada esquisita do meu irmão — que me fazia rir —, dos momentos divertidos com meus pais, do meu esforço para estar ali, ou da minha fé que me mantinha em pé. Mas o silêncio voltou novamente; estávamos nos conhecendo e isso levaria tempo.

Alguns minutos depois, fomos chamadas para o pátio, e a Sra. Miranda nos guiou pelo tour. Passamos por todas as salas, corredores, andares e tudo o que tínhamos direito de ver. E eu, fiquei concentrada em cada canto que nos pertenceria por um tempo. No final, fomos direcionados ao refeitório — enorme —, e entramos em uma fila. As merendeiras entregavam as sobremesas, e nós, poderíamos nos servir à vontade das opções de almoço postas ali. Acabei optando por um belo prato de arroz e feijão, com um bife acebolado.

— E aí, o que acharam? — perguntei, caminhando pelo lugar com minha bandeja.

A mesa de canto — quase no fim do refeitório —, foi nossa escolha. Leh sentou-se ao meu lado, enquanto Fran ficou de frente para nós.

— Eu amei a biblioteca — Leh comentou —, é tão espaçosa e tem tantas opções de livros, tenho certeza que passarei um bom tempo lá.

Sorri. A biblioteca era mesmo o lugar mais reconfortante da escola. Um lugar calmo, quieto e cheio de histórias contidas em vários livros ali presentes.

Abri o plástico com meus talheres, e comecei a degustar minha comida.

— Vocês são bolsistas? — Fran resolveu perguntar.

— Eu sou bolsista — respondi, levantando o olhar do meu prato. — Fiz minha inscrição no ano passado e realizei uma prova pela internet mesmo!

— Ah, eu também sou bolsista — Fran respondeu, mordendo um pedaço do cupcake da sobremesa. — Sou do Rio de Janeiro, então tive que me virar!

Achei bem interessante descobrir coisas novas dela. O problema era que Fran falava muito baixo e mal dava para escutar sua voz. Ela não parecia gostar muito de falar. *Dito e feito!* Fran se calou. Era tão estranho quando isso acontecia...

— Eu não sou — Leh comentou de repente, parando de mastigar sua salada e fitando seus olhos em nós duas. — Mas, por favor, não tirem conclusões erradas de mim. Eu não sou metida ou coisa do tipo!

Olhei para ela. Sua voz mostrava sinceridade, algo que eu valorizava muito nas pessoas. Tive a pura certeza que havia algo nela, mal resolvido.

— Olha, eu não acho isso de você! Eu não me importo com o status das pessoas, para mim, tudo isso é passageiro — respondi com um sorriso.

Leh retribuiu o gesto, com um sorriso de tranquilidade. Tudo estava saindo bem; eu não estava sendo um desastre, eu ia fazer amigas, *eu ia finalmente ter amigas!* Mas algo falava mais alto em minha mente: *eu tinha que falar de Jesus para elas*! Senti como se próprio Deus estivesse falando comigo naquele momento, no meio do refeitório! Elas tinham que saber que eram filhas amadas para Deus. Mas antes de eu as evangelizar, eu deveria primeiro, ganhar a confiança delas.

*****

— Sério, estética? — Leh perguntou para Fran, enquanto tirava a sua vista de seu livro.

Já estava de noite, e nós resolvemos voltar para o dormitório depois do tour, para organizar nossas coisas. É claro que eu estava doida para ir ao campus! Eu queria ver pessoalmente o contraste lindo que se formou, quando as luzes do campus foram acesas. Mas lá estávamos nós, cada uma com um sanduíche do refeitório: eu em minha escrivaninha tentando desenhar, Fran penteando seus longos cabelos cacheados no espelho, e Leh lendo um livro. Ela foi a responsável pela conversa sobre cursos.

— Sim, fazer maquiagens profissionais, penteados, cortes de cabelo e essas coisas! — Fran respondeu devagar.

Leh voltou ao livro e em seguida olhou novamente para Fran.

— Tô afim de fazer inglês! A sala é bem moderna, sabe?

As duas continuaram a conversar, enquanto eu foquei no papel e lápis que formariam um belo desenho. Tentei me inspirar em algo. Poderia ser qualquer coisa que viesse à minha mente! Mas... aqueles olhos verdes como a grama — daquele rapaz loiro da rodoviária —, me vieram ao pensamento de repente. Aqueles olhos eram tão marcantes, mas não! Que inspiração tinha sido aquela?! De repente, assim? Eu nem sabia o nome do provocador do meu "quase atropelamento"!

— E você, Déh? — Leh perguntou, me fazendo voltar a realidade.

Me virei rapidamente, jogando o papel na cama e repreendo a mim mesma por aquela inspiração repentina.

— Ah, estava pensando em fazer o curso de teatro!

— Parece legal. — Ela deu de ombros.

Os sons de batidas soaram em nossa porta, e a Sra. Miranda apareceu, com alguns pacotes em mãos e um sorriso.

— Boa noite meninas, me desculpem pela intromissão esta hora da noite — ela disse, entrando de fato no dormitório. — Por favor, me digam o tamanho da roupa que vocês usam! — E acabou mexendo nos pacotes.

Leh pulou da cama e informou seu tamanho, em seguida a Sra. Miranda entregou um pacote e sapatos à ela. E assim, a mesma ação foi repetida comigo e com a Fran.

— Amanhã esperamos vocês em sala de aula, às sete e meia da manhã — afirmou. — Seus livros estarão no armário — disse, fechando a porta.

Abri o pacote. Uma blusa branca social, saia listrada, meia-calça, blazer escuro e uma gravatinha vermelha com sapatos pretos, compunham o nosso look.

— Uau, é tão lindo! — Leh disse, com a gravata feminina no pescoço — Amanhã será um grande dia, meninas!

— Sim, vai ser tão divertido, e eu amei cada detalhe desta saia — exclamei, passando a mão pelas gominhas da saia.

— É. Amanhã será um longo dia! — Fran afirmou, deitando-se em sua cama. — Boa noite, vamos dormir!

No dia seguinte, acordamos cedo, eufóricas pelo início das aulas. O uniforme tinha caído tão bem em mim, que eu fiquei com vontade de usá-lo sempre. Eu não estava acostumada a tanto luxo! Onde na vida, eu tinha um quarto meu, na escola?! Ou, onde eu poderia me sentir uma princesa, com um uniforme tão bonito assim?! Um sorriso de orgulho, surgiu em meus lábios.

Saímos do dormitório, nos encaminhando pelo corredor e levamos o maior susto ao vermos ele superlotado.

— Todo mundo já voltou das férias de verão? — Leh perguntou arregalando os olhos.

Pelo que podíamos ver, sim. Não só os corredores estavam lotados, mas o campus também!

— Eu acho e presumo que sim! — respondi, nervosa por ver tanta gente.

Andamos a passos firmes, conversando. O refeitório estava muito, muito e muito lotado! Garotos esportistas estavam nas primeiras mesas, com bolas de basquete debaixo dos braços, e de vez em quando abriam sorrisos conquistadores para garotas populares do outro lado do refeitório.

— Respirem meninas — falei, abrindo um sorriso de nervoso.

— Como é que se respira, com tanta gente assim? — Leh suspirou, angustiada.

Fran colocou seu cabelo para trás e encarou todos ali, andando firme na frente. Logo atrás, eu e Leh seguimos em direção a fila que estava lotada.

— Bolo de coco! — Uma menina loira de olhos azuis que estava na minha frente exclamou, colocando a língua para fora. — Vamos meninas, isso não vale nosso tempo!

A menina saiu, com um olhar de nojo. *Uma popular, provavelmente!* Pegamos nossos respectivos bolos de coco e fomos em direção à uma mesa de canto.

— Vocês viram o deboche daquela garota? — Leh perguntou, olhando para o refeitório.

— Eu achei tremendamente errado — respondi.

Fran limpou os lábios com o guardanapo.

— Sem ofensas, leh — disse, olhando para todos —, deve ser uma riquinha, que nunca passou por problemas de fome na vida, se não, ela comeria até pedras!

Ri com o comentário, mas era verdade, *a mais pura verdade!* Seguimos degustando nosso café da manhã, enquanto o refeitório explodia de risadas, e as pessoas não paravam de conversar um segundo sequer. De repente, a loira de olhos azuis apareceu na nossa frente com mais uma garota, nos olhando dos pés à cabeça. *Gelei, o que ela queria?*

— O que vocês estão fazendo na nossa mesa?! — gritou, enraivada.

— Desculpe... mas eu não entendi — falei, arqueando minhas sobrancelhas.

A loira cochichou algo para a morena de cabelos cacheados que estava ao seu lado, e as duas deram uma risada de deboche.

— Me chamo Mariah Taylor, representante de sala e de muitas organizações desta escola, novata!

Leh a olhou confusa, enquanto eu não sabia o que lhe responder.

— Retomando o que eu disse, pode sair da nossa mesa?! Este lugar é nosso, entendeu?

— Mas... — tentei questionar e fui interrompida pela morena cacheada.

— Tá surda garota? Vaza, nossas amigas estão chegando!

Respirei fundo, com uma vontade enorme de respondê-la e foi isso que eu fiz:

— Se eu estivesse surda, eu não estaria lhe respondendo! — falei firme.

As duas me olharam com um desprezo. Que meninas mesquinhas! Porque ser mal educada daquela forma?

— Você é uma insolente! — A morena me acusou.

— Ai gente, não vale a pena brigar com elas! — Fran disse, e em seguida se levantou, revirou os olhos e virou as costas.

Leh puxou meu braço querendo que nós saíssemos dali e daquela situação embaraçosa. Com um sorriso malicioso no rosto, a loira se encostou ao meu lado, e arremessou um pedaço de bolo cheio de chantilly rosa em meu uniforme, deixando meu blazer manchado.

— Ops... que descuido o meu! — Ela deu uma risada.

Eu queria gritar, brigar ou me defender. Mas fui arrastada por Leh até o banheiro. Foi melhor assim, eu não poderia dar um mau testemunho, mas paciência tem limite!!

— Vamos lá mancha esquisita, saia! — Leh falou, tentando tirar a mancha rosa do meu lindo e querido blazer.

Fran bufou, irritada.

— Nossa, que meninas esquisitas!

Me olhei no espelho com uma vontade de chorar. Meu dia estava tão legal, porque aquela garota queria estragar tudo? Bufei, arrumando meus cabelos.

— Isso não vai abalar meu dia de jeito nenhum! — falei e sai do banheiro confiante, sem olhar para trás.

Fui na frente até meu armário e enquanto retirava meus livros — um pouco revoltada com tudo o que tinha acontecido —, alguém esbarrou em mim, fazendo com que meus livros caíssem.

— Ah não, meu Deus! — falei e caí no chão para apanhá-los.

— Desculpe. — Uma voz grave ecoou atrás de mim.

Engoli em seco. Aquela voz eu conhecia! Me virei rápido, prestando atenção no cabelo loiro do rapaz, era ele! *O garoto da rodoviária.*

— Deixe-me ajudá-la — ele disse, se aproximando.

Virei o rosto. Não queria que ele me visse.

— Não precisa.

— Precisa, eu derrubei seus livros!

— Não me diga — resmunguei baixo.

— Perdão? — ele perguntou intrigado e se aproximou.

Peguei todos os livros espalhados no chão e me levantei, sem me virar para vê-lo.

— Você é bem desastrado, em?

— O que fiz de tão grave, para me tratar assim?

— Meu dia não está sendo dos melhores, por favor não cause mais acidentes!

— Você é bem estressada, em? — Ele repetiu minha frase irônica, apenas mudando uma palavra, me fazendo virar automaticamente para respondê-lo.

Nossos olhares se cruzaram e ele me reconheceu. Seus olhos verdes — aparentemente —, transmitiram algo diferente, que não captei na hora.

— Eu não sou estressada!

Ele sorriu. *Um sorriso bobo.*

— Estressada e teimosa — continuou —, você é a garota da rodoviária, não é?

— Sou. E você é o provocador de acidentes!

Outro sorriso, agora um empolgado.

— Desculpe, senhorita... — Ele franziu a testa, ainda com um sorriso nos lábios.

Acabei focando em seu rosto, ele estava bem menos formal do que no dia em que nos vimos pela primeira vez.

— Millicent.

Ele se aproximou com um ar diferente.

— Só Millicent?

Revirei os olhos, encabulada, e não respondi.

— Tudo bem — ele disse —, sou LeBlanc.

— LeBlanc? Seu nome é LeBlanc? — Fiz cara de riso.

— Não, claro que não. Mas, eu só falo meu nome, se você disser o seu! — Ele sorriu.

Olhei para ele, para seu cabelo loiro, seus olhos verdes e seu sorriso no rosto. *Ele me intrigava!*

— Desculpe senhor LeBlanc, mas preciso ir!

Sai andando, deixando aquele garoto sozinho na porta do armário. Eu já tinha preocupações demais para um dia só!

Capítulos novos, em breve

Capítulo 05

Fran
O garoto misterioso.

Cheguei na sala de aula primeiro. O episódio ridículo, daquela garota malvada manchando o uniforme da Déh, tinha estragado tudo. Por que existiam garotas com aquele tipo de comportamento? Aquilo era tão chato.

A sala não estava muito cheia e as carteiras estavam em duplas — pelo menos esse era o planejado —, mas eu estava sozinha em uma carteira, preocupada com a demora da Leh que foi atrás da Déh.

De repente, observei um garoto calado de cabelos escuros e olhos azuis profundos, se dirigindo à carteira do meu lado. Ele virou em minha direção, observando cada traço do meu rosto. Fiquei paralisada e nervosa na hora.

— Bom dia! — Tentei soar gentil, quando ele suavizou seu rosto.

— Só se for para você! — respondeu baixo; sua voz era atraente.

— Você vai ser a minha dupla?

— Aqui já era o meu lugar ano passado, e vai continuar sendo! — Ele revirou os olhos, enquanto abria sua mochila.

— Ahh... entendi — Foi minha única resposta.

"Um garoto bonito, mas mal educado.", pensei. Será que eu iria aguentar seu mau humor até o fim do ano? Por que eu tinha decido sentar naquela carteira? Não tinha como prever que minha dupla seria um garoto amargo e

misterioso e eu não poderia mais trocar de lugar, por conta das regras de sala de aula.

Ele, de repente, lançou um olhar para mim, e eu resolvi baixar o rosto. Apenas com um movimento rápido, ele abaixou seu capuz e deitou sua cabeça sobre sua carteira.

— Lucas... — falou, sem olhar para mim. — Meu nome é Lucas Cavalier! E o seu?

Nossa, que misterioso!

— Fran.

— Só... Fran? — perguntou ceticamente.

— É Franciele.

Ele se virou para mim, e me encarou novamente.

— Por que me disse seu apelido, então?

Que raiva! Tinha me acostumando com as meninas me chamando assim, que acabei me adaptando ao hábito do apelido!

— É só costume...

— Mas eu nem sou seu amigo!

— Desculpe, Lucas.

Ele arqueou as sobrancelhas e deu de ombros.

— Você é tão...

— Tão o que? — perguntei, confusa.

— Estranha.

Estranha? Ele agia como um estranho, e *eu*, era estranha?! Lucas virou o rosto e voltou a se deitar sobre a carteira. *Ótimo!* Eu ia ter que ter uma paciência enorme para aturar sua arrogância o ano inteiro.

Minha maior indignação, foi quando Mariah e a garota cacheada entraram na sala de aula. Déh já tinha voltado e contava algo sobre um garoto para a Leh, enquanto eu, reparei nas garotas malvadas, entrando na nossa sala.

— Lucas, aqui!! — A cacheada gritou para Lucas, que simplesmente ignorou seus gritinhos eufóricos. — Estamos na mesma sala esse ano?!

Olhei bem para ela, zangada. O que ela tinha feito um tempo antes no refeitório, não tinha sido legal!
A cacheada mudou seu foco de Lucas... para mim! Seu olhar era determinado, o que ela queria?

— Lucas, quem é essa daí? — perguntou, se aproximando.

Lucas levantou a cabeça e me olhou algumas vezes, em seguida, disse:

— Vai, se apresenta!

Olhei para a garota, que me fuzilava com os olhos.

— Sou Franciele Alencar.

— Tâmara Lopes — disse rápido. — Namorada do Lucas!

— Não — Lucas falou, firme. — Minha namorada, não!

— Isso é questão de tempo, docinho!

Lucas revirou os olhos, voltou sua cabeça para a carteira, e sussurrou:

— Não sou *seu* docinho!

— O que disse, bem? — ela se aproximou, tentando tirar seu capuz.

Lucas segurou seu punho — calmamente e friamente — e em seguida, a olhou fixamente.

— Não toque em mim — resmungou, frio.

Tâmara colocou sua outra mão no braço do Lucas, e o olhou para ele com ternura ou deboche.

— Tudo bem, eu respeito você, meu docinho de coco!

Lucas soltou seu braço e caiu na carteira, irritado.

— Ela não desiste mesmo! — disse, revirando os olhos.

A garota andou alguns passos e parou ao meu lado, sussurrando sutilmente:

— Não se aproxime dele, ok, garota?

A olhei com desdém. Era só o que me faltava! Contive minha raiva e suspirei.

A aula correu bem. Lucas não prestou atenção em nada, só olhava para a parede, às vezes para a janela ou para a carteira.

— Que foi? — perguntou, quando o olhei.

Dei de ombros; eu só tinha olhado ele de relance. *Claro, ele estava do meu lado!*

— Você não gosta de falar, né? — Me olhou sarcasticamente. — Que bom!

Que dia, em?! Que dia!!

****

— O que foi que aconteceu? — perguntei para Déh, quase no final da terceira aula.

— Ah, eu encontrei um rapaz conhecido no meio do caminho, por isso demorei!

— Huum... — Leh murmurou e deu um sorrisinho debochado. — Seu amigo ou seu *crush?*

— Quê?! Não é nada disso que estão pensando, viu? Ele não é meu crush! — Déh nos fulminou com os olhos.

— Eu não tô pensando em nada! — respondi.

Déh colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, e continuou com um olhar triste:

— Fui meio fria com ele!

— Fria... Falando nisso, eu fui ignorada a aula toda, por aquele menino ali — falei baixo, e apontei o queixo na direção de Lucas, que dormia sobre a carteira. — E, aquela garota cacheada do refeitório, acha que eu quero tomar ele dela!

As meninas me olharam confusas. Pois é, eu também estava confusa!

— Gente — Leh balançou a cabeça —, é cada coisa, viu?

Nós três demos risinhos com o comentário da Leh.

— Por que você não tenta falar com ele? — Leh sugeriu, voltando-se para Déh.

— Nem sei o nome dele!

— Nem o apelido ou coisa do tipo? — perguntei.

— Não e sim.

Olhei confusa para ela, e perguntei:

— É o quê?!

— Bem, eu disse só meu sobrenome para ele, e ele só me disse o sobrenome dele para mim!

Nós nos olhamos uma para a outra, o silêncio se fez de novo, e o sinal tocou. Saímos juntas para o pátio, com vários jovens passando pelo corredor.

— Olha, você pode encontrá-lo por aqui — Leh disse, em seguida nos encaminhamos para a quadra ao lado do pátio.

— Só quero pedir desculpas para ele, ok? — Déh falou com um olhar repreensor.

Ficamos em uma das arquibancadas da quadra, vendo algumas pessoas jogarem basquete. De repente, Deh seguiu alguém com os olhos e percebi que era um loiro, alto e de boa aparência.

— É ele? — perguntei, com um sorriso de canto.

— Sim. Mas, deixa para lá!

— O que foi Déh, desistiu do pedido de desculpas? — Leh perguntou confusa, e nós nos levantamos.

— Ele já tem companhia — ela repetiu para si mesma, enquanto se afastava.

Olhei para trás e vi o garoto recebendo um abraço de Mariah. Bem, ele que perdeu a oportunidade de falar com a Déh.

Capítulos novos, em breve.

Capítulo 06

Déh
Um curso não desejado.

Era a nossa segunda semana na escola, e eu estava meio sonolenta pelos dias intensos de estudos. Seguimos pelo corredor, levemente exaustas, quando parei diante de um papel colado na parede. Fiquei chocada quando vi meu nome em uma lista, e em seguida, o nome das meninas.

— Confeitaria? — perguntei, pondo a mão no cabelo. — Como assim? Eu não me inscrevi neste curso!

As meninas expressaram reações confusas. *O que tinha acontecido?*

Leh chegou perto do papel e confirmou com a cabeça. Nos olhamos sem entender nada e Fran parecia pensar em algo que nos ajudasse a compreender o que tinha acontecido.

— Foi ela, a Mariah — disse ela, cruzando os braços. — Aquela garota ficou responsável por avisar os alunos quando seriam as inscrições, e não nos avisou!

Uma luz se acendeu na minha mente. Aquela garota era representante de sala e me odiava, com certeza.

— Gente, que injustiça. Isso é tão infantil da parte dela! Não faz nem um mês que estamos aqui e já temos ela como inimiga — Leh disse, indignada.

Pedir paciência a Deus, era o que devia fazer naquele momento. Puxei a porta da sala e fui atrás da professora.

— Professora Christie — chamei. — Não há mais vagas em outros cursos?

A professora se levantou da mesa, com uma expressão de pena estampada no rosto.

— O que aconteceu, queridas?

Leh deu um passo à frente e começou a falar:

— Fomos colocadas em um curso que nem nos inscrevemos!

A professora examinou uma pasta, atenta às vagas, e em seguida virou-se para nós.

— Desculpe queridas, vocês acabaram sendo colocadas em um curso que sobrava vagas — disse por fim. — Vocês deveriam ter se inscrito rápido, no curso que desejavam.

Bufei, e apontei o dedo para Mariah que conversava com suas amigas.

— Ela não nos avisou.

Mariah me olhou com deboche e se aproximou, com um sorriso sarcástico nos lábios.

— Eu bati na porta do dormitório de vocês, mas vocês deviam estar no quinto sono — debochou.

— Isto não é justo!! — Quasei gritei, revoltada.

Mariah se afastou com um sorriso sínico no rosto. Ela nem tinha ido ao nosso dormitório!

— Olha, no decorrer dos cursos pode-se abrir vagas, e vocês podem tentar entrar no curso que desejam.

— Mas professora... — Fran suspirou lamentando —, não podemos desistir desse curso?

Christe olhou para nós, e em seguida balançou a cabeça.

— Não queridas. Vocês devem estar em algum curso por enquanto.

Nós três nos entreolhamos, frustradas. Aquilo estava sendo um pesadelo total!

O refeitório estava lotado, e eu tentei ignorar aquele garoto loiro, depois que o vi abraçando Mariah naquele dia. Ele estava no refeitório também, mas com certeza nem se lembrava de mim.

— Ei, aquele não é o garoto na qual você foi fria? — Fran perguntou, enquanto mastigava o lanche.

— Ah, sim. Por que?

— Por que não você não vai lá falar com ele? — ela me perguntou, sorrindo.

— Ele nem se lembra de mim, Fran — disse, e em seguida me virei para elas. — Agora, vamos ter que pensar no nosso novo curso!

Leh olhou para o prato, incrivelmente decepcionada com tudo.

— Ah gente, isso é tão injusto!

— Eu sei, mas não podemos fazer nada a respeito! — falei, olhando para a comida.

Fran arrumou o longo cabelo e em seguida, disse:

— Deveríamos ter sido mais atentas, sei lá...

— Eu sei Fran, agora... não há mais nada a fazer a respeito! — Olhei para ela.

Ficamos caladas e eu observei no fundo, o rapaz loiro rir com alguns meninos do basquete. Que legal, eu ficava prestando atenção em algo que não ia me ajudar em nada, eu tinha que manter o foco!

— Meninas, vamos nos adaptar... ou pelo menos tentar — Leh disse, tentando nos consolar.

— É, não acho que seja tão ruim, comparado a ter um colega de dupla mau humorado! — Fran suspirou, fitando seus olhos no garoto calado da nossa sala, que estava em uma mesa, sozinho.

— Ele pelo menos fala com você? — indaguei.

— Às vezes.... Poucas vezes!

— Tenta ser gentil com ele — propus.

— Mas eu sou — respondeu, olhando mais uma vez para ele.

Leh de repente, interrompeu a conversa, ainda pensativa:

— Gente, como vai ser esse curso?

— Ah, vamos fazer... comida.

— É claro. — Fran debochou da minha resposta.

Achei graça.

— Tá aprendendo a ser fria com o Lucas, né?

— O quê? Não, eu não.

Demos belas risadas. Pelo menos aquele momento tranquilizou a tensão. *Não por muito tempo.* Batuquei os dedos na mesa. Aquele era o nosso destino, e por mais que não estivéssemos satisfeitas, era isso que nos aguardava.

****

A sala era bem reconfortante e ficava à esquerda do campus. Subimos algumas escadas antes de entrar, e um pé de abacate ao lado, deixava o lugar mais rústico.

A cozinha cheirava bolo de maçã, que era exatamente o bolo que uma senhora de mais ou menos: sessenta
anos, segurava nas mãos. Não havia muitas pessoas na sala, apenas ela, dois meninos e uma garota sorridente.

— Meninas, vocês são novas aqui? — a senhora de cabelos grisalhos perguntou, colocando o bolo no balcão.

Dei um passo à frente.

— Sim, senhora.

— Muito bem, sou Sunny. E vocês?

— Déborah Millicent.

— Letícia Bittencourt — Leh disse, pondo um sorriso no rosto.

Fran olhou para a cozinha e respondeu baixo:

— Franciele Alencar.

A senhora nos inspecionou e começou a soltar um monte de regras.
Primeiro: não podíamos entrar ali sem toucas de cozinha;
Sem maquiagem exagerada;
Ter bons modos;
Se comportar bem;

Sem barulhos altos ou risadinhas;
Limpeza e organização.

Ela era muito rígida e falou tantas coisas, que fiquei o resto do dia ruminando todas as regras.

— Alguns meninos foram buscar ingredientes, então Sabrina irá auxiliar vocês! — Sunny disse, e a garota sorridente apareceu diante de nós, com aventais e touquinhas de cozinha.

Vestimos os aventais e colocamos as touquinhas. Os meninos do outro lado da cozinha, ficaram observando nossos movimentos, enquanto tentávamos seguir o ritmo de Sabrina.

Eu estava perdida em tantas regras, que tinha medo até de pisar forte no chão. Leh e Fran procuravam alguns ingredientes pela cozinha e eu fui até o freezer, atrás de gelo, para fazer uma receita que a senhora Sunny pediu para mim.

Um dos garotos se aproximou com um sorriso de canto, e abriu o freezer para mim. Seu cabelo estava penteado para trás e ele tinha olhos castanhos-escuros, com um sorriso meio... debochado.

— E ai? Tem quantos anos? — perguntou, apontando com queixo o balde de gelo.

Me virei para pegar o balde.

— Quatorze, quinze...? — continuou.

— Dezesseis — respondi, com o balde nos braços.

Ele lançou um olhar para o outro garoto, que estava perto das meninas. O outro era mais baixo e parecia ser mais novo que todos nós. Me senti desconfortável e andei em direção às meninas.

— *Cê* é daqui? — ele me acompanhou.

— Sou — respondi com o balde pesado nos braços. Ele não estava vendo que o balde era pesado demais e que ele podia me ajudar?

Sabrina interveio e me ajudou a carregar o balde pesado, me levando até as meninas. O outro garoto encarava a Leh e a Fran, enquanto fazia algumas perguntas para elas. Sabrina revirou os olhos.

— Eles são o Léo e o Manuel. Tão bobos e infantis — disse ela, dando um passo para trás. — Vamos meninas, preparem o chantilly.

Voltei para o meu trabalho, enquanto os dois cochicharam algo que não deu para escutar.

— Estão falando da gente, certeza — Leh disse, pegando a batedeira.

Fran andou reservadamente e acenou com a cabeça para nós.

— Sim, estão falando da gente!

Revirei os olhos.

— Meu Deus do céu, me ajude por favor!

Seguimos fazendo nosso trabalho. Peguei a batedeira das mãos da Leh, e despejei o chantilly, em seguida, liguei ela na tomada e todo o líquido que estava nela, voou em mim.

— Senhorita Millicent!!! — A senhora Sunny gritou. — O que você fez?

Olhei para o chão, molhado de chantilly. Meu avental? *Sujo*. As meninas olharam para mim, enquanto os garotos caíam na gargalhada.

— Xii Déh, espera, deixa eu tentar ajudar! — Leh disse, indo buscar um pano para me ajudar.

A senhora Sunny se aproximou e reprovou a atitude com a cabeça.

— Nada disso, a senhorita Millicent vai se limpar sozinha.

Baixei a cabeça e sai para o banheiro mais próximo, querendo chorar. Meu sonho da escola perfeita estava desmoronando! Olhei para o espelho, com um monte de chantilly no rosto. Peguei o avental e liguei a torneira, o colocando na pia. Demorou alguns minutos, mas logo o coloquei estendido em uma parte do banheiro.

Entrei novamente na sala, onde a senhora Sunny estava repreendendo as meninas por fazerem algo errado. Me dirigi à batedeira para terminar a receita, mas a senhora Sunny interrompeu:

— Não quero outro desastre em minha cozinha, tenho outra coisa para você fazer. — Ela arrastou várias caixas e colocou sobre meus braços. — Leve isto à banca número cinco. Fazemos encomendas às bancas, agora vá.

Dei um aceno rápido para as meninas, que retribuíram com um sorriso fraco. E lá estava eu, andando no meio da escola, desorientada e com pilhas de caixas nos braços, cheias de doces ou talvez... salgados? Meu alívio foi encontrar a banca citada pela senhora Sunny — que provavelmente não tinha gostado nem um pouco da bagunça que eu fiz.

Achei uma porta de fundo, e entrei. A banquinha era grande e alguém na frente do balcão, vendia algo. Tentei ver quem estava na banca e me arrependi amargamente, porque quem estava ali, era o: "*senhor LeBlanc"*.

— Ah, isso? Está dois e cinquenta — ele disse para alguém. — Tá. Dois? Certo.

O garoto andou um pouco para trás e se deparou comigo, que acabei cobrindo meu rosto com as caixas.

— Já venho pegar as encomendas, só um minuto — disse para mim, e voltou para entregar um bolinho ao menino que estava atendendo.

Queria sair dali. Queria que ele não me reconhecesse, que me ignorasse.

Essa não.

Ele já estava parado na minha frente.

— E então, o que trouxe? — me perguntou.

Engoli em seco. Eu não sabia. Nem tinha perguntado o que tinha ali para a tia Sunny — se é que eu poderia a chamar assim.

— Não...sei — balbuciei.

O loiro começou a tirar as pilhas de caixas dos meus braços, sem olhar para mim.

— Devem ser doces, eu acho. — Deu de ombros, enquanto se abaixava para colocar as caixas no chão.

Ele não me reconheceu, *é claro.* Fiquei aliviada, até perceber que seus olhos verdes estavam focados em mim. Ele me olhou por alguns instantes e pôs um sorriso no rosto.

— É você? — perguntou, se levantando.

Agora eu pude vê-lo. Ele estava usando um avental, com o nome: *Banquepane*, estampado. Seus cabelos loiros estavam bagunçados — talvez pela rotina de trabalho —, mas seus olhos brilhavam.

E eu? Bom, no meu coque haviam diversos fios soltos e alguns sujos de chantilly. Meu uniforme? Levemente sujo também. Eu iria ralar para lavar aquele lindo uniforme, *sujo de novo por chantilly.*

Eu odiava quando coisas assim aconteciam! Toda vez quando eu saia arrumada, não encontrava ninguém. Mas quando eu estava toda desarrumada, eu encontrava até gente que nunca mais tinha visto. Não que eu me importasse só com a beleza, mas eu gostava de me cuidar!

Apurei a garganta e acenei.

— Oi, senhor LeBlanc — disse gentilmente.

— Oi, senhorita Millicent. — Ele abriu um sorriso.

Me encaminhei pela banquinha colocando o resto das caixas em uma bancada próxima.

— Você...faz o que aqui? — perguntou o loiro, me seguindo com os olhos.

— Vim entregar as encomendas — falei, e tentei arrumar os fios rebeldes que bagunçavam meu coque.

— Ah sim, é claro. — Riu consigo mesmo.

Em seguida, ele abriu mais alguns sorrisos, deixando meu estômago com uma sensação estranha.

Bobagem, é só um garoto!

— Você deve ser aluno destaque, com certeza. Parabéns pelo trabalho!

— Ah realmente, sim — disse, passando a mão no cabelo e em seguida a oferecendo para um aperto.

— Sou Noah LeBlanc, senhorita Millicent. — Sua voz era puro entusiasmos.

— Sou Déborah Millicent, senhor LeBlanc — falei, enquanto apertava sua mão.

Olhei para a banquinha e em seguida para ele.

— Desculpe por aquele dia, realmente não era um dos melhores. Mas, eu não deveria ter sido tão... Estranha!

Noah balançou as duas mãos, se aproximando.

— Ei, ei. Eu fui inconveniente! —Suspirou. — Você deve me achar um riquinho metido a besta!

Realmente, no começo eu achei. Tentei focar em suas palavras, sem dar uma risada do meu pensamento.

— Mas, eu não sou assim — disse ele, olhando em meus olhos. — Eu às vezes sou bem formal com minha família, mas aqui eu sou muito... descontraído.

— Entendo — murmurei. *Claro, ele era popular!*

Ficamos em silêncio. Apenas o ventilador bagunçando seu cabelo claro como o sol.

— Você é jogador de basquete? — perguntei de repente.

— Ah sim — respondeu —, porque?

— Te vi treinando. Você parece se dar bem com o esporte!

Ele abriu outro sorriso. *Que menino sorridente!*

— Sou capitão do time de basquete da minha sala.

— Ah — respondi e me dei conta que estava demorando para voltar.

Andei em direção a porta.

— Preciso ir, até.

— Ei — Noah me chamou e me virei para ele. — Pode me passar seu número?

Huum. *Nem o conhecia direito.*

— Não estou com o celular aqui, desculpe.

Noah coçou a cabeça e em seguida acenou para mim.

— Te vejo no jantar, quer dizer, no refeitório!

T*e vejo no jantar*? Meu Deus.

Voltei para a sala de cozinha com um sorriso no rosto. Haviam mais meninos na sala. Bom, agora a cozinha da tia Sunny era constituída por vários meninos e apenas quatro meninas.

— E ai? Como foi? — Leh perguntou, cansada pela rotina do curso.

— Bem diferente... — respondi, sorrindo.

Se contasse do Noah para elas, com certeza eu receberia olhares e risinhos típicos das duas.

— E aqui? Como foi?

— Exaustão! — Fran exclamou, sem ânimo.

Ficamos caladas, respirando e inspirando e nosso silêncio foi quebrado pela senhora Sunny, gritando:

— Vamos meninas, sem fofoquinhas!

E lá vamos nós, *de novo.*

Capítulos novos, em breve.❤

****

Vote na estrelinha para divulgar o livro!

Comente também, o que acharam da história.

****

Capítulo 07

Leh
O abraço.

— Ah, então você tem dezessete, né? — Manuel perguntou, enquanto eu me dirigia à dispensa.

— Sim — respondi, seguindo meu caminho e ele veio atrás.

Manuel era baixo, de cabelos escuros, parecia ser mais novo que todos, e dava uns risinhos sarcásticos. Era bem esquisito o jeito que ele agia, mas ele aparentava ser mais amigável que o Léo — amigo dele.

Enquanto me dirigia à dispensa, pensava em maneiras de me encaixar no curso que eu queria. *Ali não era meu lugar*! Eu sabia que aquele curso seria um desastre, mas tinha que ser logo no primeiro dia?

Déh derrubou todo o chantilly no chão, foi encarregada de entregar caixas em outro lugar, e ainda não tinha voltado. Fran quase queimou a mão no forno — enorme e rústico —, e eu, estava uma pilha de nervos para conseguir alcançar o chocolate que a senhora Sunny pediu para mim.

— E aí, tá precisando de ajuda? — Manuel perguntou ao me ver analisando a prateleira da dispensa.

Ponderei a situação.

— É alto demais, então nem eu, nem você, vamos conseguir alcançar — disse, observando o chocolate que estava no topo da prateleira.

Manuel piscou algumas vezes e olhou para o chão, quando voltou seu olhar para mim, abriu um sorrisinho.

— Eu não sou tão baixo assim, querida. Sou proativo e você precisa da minha ajuda!

Arqueei as sobrancelhas, observando sua expressão e coloquei as mãos na cintura.

— Querida? — perguntei. — Tá tudo bem com você?

— Ah, eu sou apenas gentil — falou, piscando para mim. Manuel não aparentava ser um bagunceiro, mas também, não parecia ser um garoto calmo.

Dei um passo para trás e ele se direcionou para a prateleira. *Perda de tempo!* Manuel pulava, estendia a mão, esticava os pés e não conseguia pegar o chocolate.

— Que barulho é esse? — A senhora Sunny gritou do outro lado, quando ele bateu os pés com força no chão, após um pulo. — Estão querendo quebrar minha cozinha??

Olhei para o lado e puxei o braço dele.

— Deixa isso, menino. — falei e ele me ignorou. — Vou pedir pro Léo ajudar você, ou melhor: a gente!

— Ah fala sério, é só puxar uma cadeira — resmungou, arrastando uma cadeira de repouso que estava na dispensa.

— Você vai cair, Manuel.

Ele não se importou e continuou tentando alcançar o chocolate. Fiquei parada de braços cruzados, até que Léo apareceu na porta da dispensa, com a touca de cozinha nas mãos.

— Ô Manuel, sai daí — disse ele, olhando ao redor. — Isso é trabalho dela. — Apontou o queixo para mim. — Vai que o chocolate cai em cima dela, e temos mais uma atrapalhada para nos fazer rir? — Ele terminou sua fala, se referindo à Déh e dando uma risada.

Fechei a cara. Que comentário sem noção! Manuel começou a rir, enquanto tentava procurar o chocolate certo.

— E aí garota? Cê tem mó cara de riquinha! — Léo se virou para mim.

Cruzei os braços.

— Essa é a única cara que eu tenho! — exclamei, com uma leve entonação de raiva em minha voz.

Léo riu e estalou a língua.

— Cês tão fazendo o quê, aqui? — Continuou com o seu interrogatório.

— Eu que pergunto, vocês estão aqui há muito tempo?

Léo levantou as sobrancelhas, impressionado.

— A gente está aqui por causa de advertência. — Deu uma risadinha, exibindo os dentes.

Abri a boca para questionar, até que reparei na senhora Sunny aparecendo e dando um grito:

— Cadê o chocolate?

Manuel que já estava com um pacote de chocolate em mãos, se assustou e caiu no chão. Segurei um risinho; Léo caiu na gargalhada caçoando do amigo; e Manuel esfregou sua calça depois do tombo.

— Você está doido, menino?? — A senhora Sunny deu mais um grito. — Quem mandou você subir aí? E se você se machucasse grave? — ela disse,

com um olhar repreensor. — Vamos, saiam todos daí!

Balancei a cabeça e sai da dispensa, com o pacote de chocolate nas mãos, e claro, agradeci ao Manuel. Quando cheguei à bancada, Fran já estava preparando um recheio. Ela parecia mais habilidosa que eu, mas ainda assim, seu avental estava sujo.

— Quê que foi aquilo? — ela perguntou entre risos.

— Uma loucura — respondi, pegando uma tigela para medir o chocolate.

Fran continuou batendo o recheio, enquanto Sabrina colocava algo no forno. Os minutos pareciam se arrastar desde que entrei na sala, e eu só queria estar lendo ou terminando meu trabalho de história. Enquanto observava o tanto de chocolate que estava despejando, acabei me distraindo com a quantidade.

— Leh, o chocolate — Fran me alertou falando baixo, para apenas eu conseguir escutar.

Parei imediatamente de colocar o chocolate na xícara e despejei tudo na bacia. Fran começou a mexer com a colher o recheio, e levantou o olhar para falar:

— A Déh está demorando, né?

— Nossa sim, mas espero que esteja tudo bem.

O cheiro de pão tomou conta do ambiente e Sabrina começou a rechear alguns, enquanto cantarolava.

— Estou um pouco intimidada — Fran comentou.

Pisquei algumas vezes, observando o lugar.

— Eu também estou, sério. E ainda temos três longos meses pela frente, eu presumo.

— Eu espero que tudo ocorra bem, não gosto muito de "socializar" — disse a mesma, com um tom de verdade na voz.

— Não é fácil, é meio complicado — comentei, voltando a minha atenção para os meus afazeres.

Derrubei alguns ingredientes, medi errado algumas coisas, e cometi diversos erros. Manuel e Léo nem ajudaram direito nos afazeres e Sabrina deu algumas broncas neles. Tempos depois, alguns meninos aparecerem com novos ingredientes — mais precisamente quatro garotos —, eles pareciam ser legais e ajudaram a arrumar a dispensa. Logo em seguida, Déh apareceu, bem mais radiante do que quando saiu.

— E aí? Como foi? — perguntei, enquanto descansava em um banquinho.

Deh olhou para um canto, pensativa, mas exalava felicidade.

— Bem diferente... — respondeu, sorrindo. — E aqui? Como foi?

— Exaustão! — Fran disse cansada, enquanto olhava para o chão.

Ficamos caladas, respirando e inspirando e nosso silêncio foi quebrado pela senhora Sunny aparecendo da dispensa e gritando:

— Vamos meninas, sem fofoquinhas.

Todas voltamos às nossas responsabilidades, torcendo para que aquele dia acabasse logo — pelo menos *eu* desejava isso.

Algumas horas se passaram, e quando tudo acabou, os meninos foram embora. Sabrina quis ficar mais um tempo, mas a senhora Sunny a dispensou, e ela saiu radiante para o campus — devia ir ver o namorado.

— Tchau meninas, vou encontrar com o Josh. — Ela suspirou, sorrindo.

Acenamos e enquanto tirávamos os aventais, a senhora Sunny apareceu ao nosso lado.

— Meninas. — Ela chamou, esfregando suas mãos enrugadas. — Vocês são um completo desastre na cozinha, então amanhã, cheguem mais cedo — disse, séria.

Déh arqueou uma sobrancelha.

— Porque tia Sunny? — Em seguida tampou a boca e olhou para a senhora Sunny. — Eu posso chama-la assim?

A senhora Sunny andou para o lado e acenou com a cabeça.

— Pode, mas não retiro o que disse a vocês. Cheguem aqui cedo, depois do almoço.

Fran olhou para mim e eu para a Déh. *Sim, que pesadelo!*

Descemos as escadas totalmente desanimadas. Como já estava ficando escuro, fomos direto para o refeitório.

— Ah gente, até a senhora Sunny não vai com a nossa cara. — Fran bufou, enquanto percorriamos o longo trajeto até o refeitório.

— E aqueles garotos que conhecemos quando chegamos, não gostam da gente! — comentei, observando alguns jovens conversando.

Déh parecia tão absorta em seus pensamentos que nem a chamei.

— Déhh — Fran chamou por mim —, está tudo bem?

Ela mordeu o lado inferior — estava prestes a chorar.

— É minha culpa — disse a mesma e se sentou em um banquinho de pedra. — Tudo isso é minha culpa. Se eu não tivesse respondido aquela garota, se ela não me odiasse, se eu não tivesse derrubado o chantilly...

Déh colocou as mãos no rosto. Eu e Fran nos aproximamos e a abraçamos. Mesmo que a gente se conhecesse a poucos dias, já entediados uma a outra, e isso era tudo o que nos importava.

— Estamos aqui — falei —, mesmo que o chantilly nos persiga! — Fiz uma piada e todas rimos.

****

Estávamos nos acabando de rir debaixo de uma árvore, no campus. Tínhamos acordado mais cedo, para assistir a beleza do raiar do sol. As bancas estavam prestes a abrir, e esperávamos ansiosas para comprar algumas coisas. Déh tinha levado o caderno e parecia concentrada em alguma arte que estava trabalhando, mas mesmo assim, não perdia o foco de nossa conversa.

— Aí, eu pedi um requeijão e quase derrubei o pote em cima do atendente — falei rindo.

Fran deu uma gargalhada sincera, enquanto Déh caiu para trás, rindo. Eu já tinha percebido no dia anterior, que mesmo as conhecendo em tão pouco tempo, eu já tinha certo apego a elas. Era bom compartilhar momentos bons ao lado de amigas e continuar com elas nos momentos ruins.

— Isso me parece uma vez, em que meus pais e meu irmão, quase derrubaram meu bolo de quinze anos em cima de mim — Déh disse, dando mais uma risada.

Sorri. Devia ser legal ter pais presentes, e eu sentia algo parecido com admiração à uma família unida.

Ficamos rindo a beça, e Fran foi comprar algum lanche para nós. Dividimos nosso dinheiro para comprar uma mini pizza. Eu e Deh continuamos conversando, quando alguém tocou em meu ombro. Me virei rápido e não pude acreditar!

— Nathy?! — exclamei, dando um pulo e a abraçando. — Não acredito que você está aqui!

Ela retribui meu abraço.

— Leh, meu Deus, quanto tempo!

Nathy era a minha primeira amiga e minha melhor amiga de infância. Nós nos conhecíamos desde de crianças, e ela era uma amiga valiosa para mim. Tínhamos crescidos praticamente juntas e éramos inseparáveis. Nathy era uma loira de olhos castanhos e que se vestia muito bem — sempre esteve antenada com a moda.

— Você também veio para cá? — perguntei, me afastando.

Nathy umedeceu os lábios.

— Estou aqui desde a metade do ano passado — respondeu, sorrindo. — Não acredito que *você* também veio para cá!

— Sério, eu tentei lutar para não vir, mas você sabe como meus pais são... — falei, em tom de afirmação.

— Relaxa, é normal, seus pais só querem que você tenha uma disciplina melhor.

Abri outro sorriso encarecido para Nathy. Olhei para Déh e pedi para que ela se levantasse.

— Essa é a Déh, minha amiga. — Sorri, apontando para ela.

Déh estendeu a mão com um sorriso e eu vi um certo desprezo no olhar de Nathy.

— Olá, sou Déborah Millicent.

Nathy apertou a mão dela e a olhou apressadamente.

— Sou a Nathy e já ouvi falar de você. A novata, certo?

Déh olhou confusa para mim e só pude entender a fala da minha amiga, quando Mariah e Tâmara se aproximaram de nós.

— Nathy, que demora — Tâmara exclamou, enquanto se aproximava.

— Desculpa, é que eu encontrei uma amiga próxima — Nathy disse olhando para mim. — Essa é a Leh.

Mariah mexeu no cabelo e fixou seu olhar em nós.

— Ela é da nossa sala, Nathy.

— Ah sim. Elas são minhas colegas de quarto! — Nathy se virou para mim, apontando para as populares.

— Hum, entendi. Se você quiser, a gente pode se encontrar depois para conversar — propus, sorrindo.

— Tudo bem. Depois você passa na minha sala. Sou do segundo C.

Nathy se encaminhou para as amigas e saiu de braços dados com as populares.

— Ela é mesmo sua amiga? — Déh me perguntou, enquanto observavamos as meninas saírem.

Cocei a cabeça, com uma certa dúvida em mim.

— Sim, ela só está fazendo novas amizades, assim como eu, pelo menos é isso o que eu acho...

— É verdade, ela não parece ser igual à elas — Déh disse, enquanto voltávamos para a grama.

Os alunos começaram a encher o campus e voltamos a conversar e rir bastante. Fran chegou com nossas mini-pizzas e aproveitamos o momento. Quando o sinal tocou, nos dirigimos a sala de aula, e tive que prestar atenção em tudo, para tirar notas boas naquele semestre.

Quando a quinta aula acabou, fiquei um pouco na quadra, lendo. Tudo estava calmo. Era bom ter um momento de tranquilidade lendo o meu livro. Até que de repente, uma bola veio voando em minha direção e foi parar na minha cabeça. Dei um grito na hora, a dor foi insuportável e a pancada foi tão forte, que me fez cair para o lado de onde eu estava sentada.

— Haaa... Quem foi o idiota que jogou isso em mim?! — Gritei desesperada, e ao mesmo tempo com raiva.

Uma voz meio distante que aos poucos foi ficando mais perto, me respondeu:

— Desculpe, não queria acertar você.

— Mas acertou! — respondi para um garoto alto, tipo, muito alto.

No momento em que nossos olhares se encontraram, senti algo diferente, *algo que nunca senti em minha vida.*

Na mesma hora que o garoto percebeu que eu estava irritada, me deu a mão, na intenção de me ajudar. *Bom, era o mínimo que ele podia fazer, depois de quase ter me matado com aquela bola.*

— Desculpe mais uma vez, senhorita.

— Tudo bem, eu já deveria estar na minha sala mesmo, só preste mais atenção da próxima vez.

— Pode deixar. Você estuda aqui, não é? Em que ano? — O garoto me perguntou, depois fez uma cara de quem tinha esquecido algo muito importante. — Há, que cabeça a minha, nem perguntei seu nome!

— Meu nome é Letícia, mas pode me chamar de Leh, é assim que a maioria das pessoas me chamam. E o seu?

— O meu é Alex, prazer Leh.

— Prazer Alex! — Sorri. — Bom, respondendo a sua pergunta: estou no segundo ano do ensino médio. E você?

— Segundo também — Alex me respondeu, arrumando a chuteira. — Mas, talvez eu não dure muito tempo nesta escola.

— Por que? — arqueei as sobrancelhas.

— A mensalidade é muito cara! — ele exclamou, decepcionado. — Sou bolsista, mas temos que pagar dez porcento da mensalidade. A meses estou fazendo economias para continuar aqui. Penso seriamente em sair dessa escola e procurar uma pública.

Olhei em seus olhos, um pouco aflita.

— Há, que situação...

— Você provavelmente não deve ter problemas com esse tipo de coisa, não é? — ele me perguntou. — Dá para perceber pelo seu jeito, que você não é bolsista.

Dei um suspiro enfadado.

— Está tão na cara assim? — perguntei, surpresa. — Mas é verdade, não sou bolsista. E não, não sou "metida", ou coisa do tipo!

Olhei diretamente em seus olhos.

— Geralmente as pessoas que não são bolsistas, têm algum tipo de "preconceito", com os "não bolsistas." — Fiz uma pausa, ponderando minhas palavras. — Estar aqui, não é uma escolha minha, e sim, dos meus pais! Eles trabalham muito e não são tão presentes na minha vida.

Olhei para o chão e em seguida para a quadra.

— Eles me colocaram nesta escola, porque é a mais renomada, e também, para eu não passar muito tempo sozinha em casa...

— Não se preocupe! Dá para perceber que você não é "metida." — Ele abriu um sorriso. — Você tem sorte de seus pais poderem pagar para você estar aqui. Os meus não tem esse dinheiro todo, por isso estou economizando bastante para sobreviver mais uns anos aqui! — Ele suspirou. — Só não sei se vai valer a pena mesmo.

— Claro que vai! Apesar de não estar aqui por minha escolha, sei que essa escola vai ajudar muito para a minha formação, daqui uns anos.

Um sorriso se esticou em seus lábios.

— Pensando por esse lado, acho que vale a pena aguentar mais um pouco.

Nessa hora o sinal tocou.

— Acho melhor a gente ir — alertei, depois de perceber que uma simples bolada em minha cabeça, que quase me matou, acabou em uma boa conversa.

— Também acho.

Cada um foi para a sua sala. E antes de ir, Alex me deu um abraço para se desculpar pelo o ocorrido. Por algum motivo, naquele instante, eu me senti segura, naqueles cinco minutos de abraço. Eu realmente não entendia o porquê disso.

"*É só um garoto, Leh! Que você acabou de conhecer de uma forma não tão agradável"*, pensei.

Capítulos novos, em breve.

Capítulo 08

Fran
O trabalho.

Lucas não parava de bufar, enquanto o professor de ciências explicava algo. Ignorei suas bufadas irritantes e inclinei minha cabeça para conseguir enxergar a lousa.

— Oh garota, sua cabeleira está atrapalhando minha visão — ele disse, levantando a cabeça.

Endireitei a minha cabeça e batuquei os dedos na carteira. Ele nem estava se importando com a aula, por que estava implicando comigo?

— Pronto? — perguntei.

Ele revirou os olhos.

— Falta quanto tempo para a aula acabar? — perguntou, sem reação.

— Faltam alguns minutos.

Ele deu de ombros, como se fosse óbvio.

— Então, ainda tenho que assistir a aula e se você não tivesse esse cabelão, não estaria me atrapalhando.

Respirei fundo, tentando conter minha irritação diante de tamanha tolice.

— Desculpe Lucas, mas você nem estava assistindo a aula.

— E como sabe? — Dava para perceber o seu desdém de longe.

— Porque estou do seu lado.

Lucas apoiou o queixo em sua mão.

— Está do meu lado, sim. Mas não sabe nada sobre mim — disse, retomando seu ar seco e misterioso.

Olhei para seu rosto e seus olhos azuis me intimidaram.

— Lucas, hello. — Tâmara apareceu em nossa frente e me encarou com um olhar cortante.

Lucas se recostou na cadeira.

— Oi, que foi?

— Não está prestando atenção na aula, lindinho? — ela disse, tirando mais uma revirada de olhos de Lucas. — O professor pediu para fazer *duplas*, posso ser a sua?

Lucas arqueou as sobrancelhas.

— Dupla de quê?

Tâmara arrumou seu cabelo para trás e abriu um largo sorriso.

— Trabalho de ciências, queridinho.

Ele deu de ombros — pouco se importando —, e eu arregalei os olhos.

— Foi isso que o professor passou?! — perguntei desesperada.

— Oh garotinha, não está prestando atenção no que eu estou falando? — disse ela, com um olhar de deboche. — E então, Luquinhas?

— Senhorita Lopes — o professor interrompeu —, que reunião é essa?

— Não é nada professor, só estou comunicando aos meus colegas de classe, sobre o trabalho de ciências.

O professor nos olhou atentamente e em seguida, se dirigiu para Tâmara:

— Tudo bem senhorita Lopes, agora volte para a sua dupla.

Tamara pigarreou e em seguida apontou para Lucas.

— Irei fazer o trabalho com ele, professor.

— Sinto muito senhorita, quem é sua dupla em sala de aula? — o professor perguntou, e ela apontou para Mariah, que lixava as unhas. — Então ela será sua dupla.

Tâmara esboçou uma expressão indiferente e lançou um olhar para mim.

— Nos vemos por aí, Lucas — disse, se retirando.

O professor abaixou os óculos que usava e nos observou.

— Quanto a vocês, espero que façam um bom trabalho, isso valerá uma nota alta.

Assenti com a cabeça, sem ao menos saber do que se tratava o trabalho. Observei o professor voltar para frente da sala e anunciar:

— Quero que o trabalho comece hoje, e se quiserem, posso falar com os instrutores dos cursos, para libera-los mais cedo.

Olhei novamente para a folha de papel, tentando entender do quê o trabalho se tratava. Virei o rosto e observei Lucas, que estava debruçado sobre a carteira.

— E então? Temos que marcar um horário para fazer o trabalho.

Lucas estalou a língua e fez cara de tédio.

— Tanto faz, que fique a seu critério.

Desde que eu o vi, sabia que ele não ia ser um parceiro de dupla fácil, mas acabei provando desse pensamento, todos os dias em que ficava ao seu lado. Lucas era muito frio e indiferente, e isso era algo notável em sua personalidade.

Tivemos finalmente a conclusão de todas aulas e quando finalmente me juntei as meninas, Tâmara passou ao meu lado e apertou meu ombro.

— Francinete? — ela perguntou, se fazendo de desentendida.

— É Franciele — retruquei.

Ela olhou para as meninas ao meu lado, e depois dirigiu seu olhar medonho para mim.

— Ah sim, Franciele. Hum, aparência notável, olhos escuros e um cabelo formidável.

Ergui as sobrancelhas, sem entender suas palavras.

— O que quer dizer com iss...

— Que você não faz o tipo dele. — Ela me interrompeu. — Então é melhor nem tentar se aproximar do Lucas.

Levantei os meus olhos e dei um passo para trás.

— Sinto muito Tâmara, mas não sou de ficar no pé de um garoto — disse, a encarando.

— Ah que bom garota, porque o Lucas Cavalier já tem sentimentos por mim, e espero que saiba disso.

Arqueei as sobrancelhas e mantive minha postura séria.

— Sei.

— Huuum, que bom.

Tâmara entrelaçou os braços nos de Mariah e as duas saíram cochichando.

— Tudo bem Fran? — Déh perguntou quando começamos a andar.

Dei de ombros, sentindo um misto de emoções dentro de mim. Eu estava principalmente indignada com as palavras peçonhentas de Tâmara.

— Sim, é só essa garota que tem uma obsessão pelo Lucas e fica achando que eu gosto dele.

Leh deu uma risada, se divertindo com o assunto.

— Isso parece coisa de novela, ou aquele livro onde a mocinha se apaixona por um cara frio.

— É, mais eu não gosto dele — falei calmamente. — Aliás, tenho que fazer o trabalho de ciências com ele, vocês sabem sobre o que é?

Déh parou diante de um banco de pedra e nós nos sentamos ali, tentando nos esconder do sol quente.

— É um projeto, para um evento da escola — ela disse simpaticamente. — Eu e a Leh vamos fazer sobre vulcões.

— Hum, que interessante. Não acredito que minha dupla vai ser o Lucas...

Respirei fundo, observando os jovens que andavam pelo campus, sorrindo e conversando. Era bom estar naquela escola, mesmo com perseguições e problemas cotidianos. Continuei observando o campus, até que nossa atenção, foi desviada para um garoto loiro, que veio falar com a Déh.

— Ah, oi Noah — Déh disse, com um sorriso de orelha a orelha, quando ele tocou seu ombro.

O menino abriu um sorriso gentil e acenou para nós.

— Oi, sou Noah Leblanc.

Eu e Leh retribuimos o sorriso e olhamos para a Déh — que parecia estar sem jeito.

— Olá, eu sou a Leh e essa é a Fran.

Acenei na direção do loiro. Noah apurou a garganta e correu a mão pelo o cabelo.

— Posso roubar a Déh por alguns minutos de vocês?

Abrimos um sorrisinho e nos entreolhamos.

— Claro — respondi. — Só chegue na hora certa do curso, Déh — avisei.

Déh assentiu com a cabeça — meio envergonhada —, e saiu ao lado do garoto que sorria para ela; os dois andavam lado a lado.

— Hummm — Leh sorriu —, tão bonitinhos.

— Se ela me ouvir dizendo isso, ela me mata — falei —, mas estão parecendo um casalzinho.

Nós duas rimos e ficamos conversando até chegar a hora do almoço.

♡♡♡♡♡♡♡

Fiz um coque e peguei meu avental; tia Sunny já tinha dado o veredito de que chegaríamos mais cedo naquele dia, e foi isso que fizemos.

— Já chegaram, ainda bem meninas. — Tia Sunny nos observou e pareceu contar mentalmente. — Duas... está faltando uma.

Eu e Leh nos entreolhamos, pteocupadas pela Déh.

— Ah sim, a senhorita Millicent. Onde ela está?

Bateu um nervosismo na hora, mas antes que pudéssemos responder, Déh apareceu na porta, ao lado de Noah e Sabrina.

— Oi tia Sunny. — Noah cumprimentou e entrou dando um abraço nela.

Tia Sunny não se deteve do abraço e retribuiu. Em seguida, bateu com um pano no braço do garoto.

— Sabe que não pode entrar aqui sem a touca, não é?

O garoto sorriu e apontou para Déh que arrumava seus cabelos dourados em sua touca.

— Desculpe, só vim acompanhar a Déh, já que a roubei mais cedo. — Noah sorriu e depois focou em Sabrina. — E a Sabrina, é claro.

Tia Sunny afagou a bochecha do garoto, enquanto ele sorria, e depois de um breve aceno, saiu. Nos juntamos na frente do balcão e Tia Sunny repreendeu Sabrina por chegar muito cedo:

— Ah tia Sunny, prometo não atrapalhar nada. Deixa eu ficar!

— Tudo bem, mas as meninas farão as coisas sozinhas, entendeu?

Ela assentiu e tia Sunny escreveu no quadro o que deveríamos preparar sozinhas: *massa coringa*. Ficamos anotando tudo, e em seguida, colocamos a mão na massa.

— Precisamos de uma tigela? — perguntei, enquanto a massa escorria pela minha mão.

Leh fez uma careta, olhando para a mão suja de clara de ovo.

— Eca, o que eu fiz?

— Deixa que eu pego a tigela e um pano — Déh se encaminhou para o armário.

Quando voltou, nos duas sem querer trombamos e derrubados a xícara. Graças a Deus ela não quebrou, e acabamos nos atrapalhando para pega-la do chão.

— Três mosqueteiras — Tia Sunny bravejou e pegou a xícara. — Porque acham que chamei vocês para estarem aqui mais cedo?

Nós três arqueamos as sobrancelhas, confusas e preocupadas.

— Porque desejo que vocês aprendam! Sei que são um desastre na cozinha, mas pelo menos tentem.

Sabrina ao longe nos olhava com pena. Tudo estava saindo fora dos eixos, *tudo*. Mas tínhamos que nos esforçar. Eu não tinha feito minha matrícula atoa! *Eu tinha um sonho.* Um sonho que não seria desfeito por um curso não desejado ou por uma inimiga irritante, nem muito menos por um garoto frio.

Nosso trabalho para acertar a massa, foi longo e determinante. Mas depois de muito tentar, preparamos uma esfirra fechada, que mesmo pelos olhares de avaliação de tia Sunny, parecia estar boa. Fomos autorizadas a comer o lanche — já que daquela vez foi apenas um teste desastroso.

Enquanto saboreávamos nosso lanche, os garotos começaram a chegar. Manuel apareceu primeiro, com seus cachos balançando pelo ritmo de como ele andava.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou, arqueando uma sobrancelha.

Leh ergueu o olhar e depois de suspirar, respondeu:

— Pedidos da tia Sunny, Manuel.

Léo vinha atrás, e vendo o lanche posto na mesa, já tentou pegar um pedaço.

— Esse é para a Sabrina. — Déh reprovou a atitude.

Léo ergueu as sobrancelhas, em forma de deboche e indignação.

— E daí?!

— E daí que esse é meu lanche — Sabrina puxou o prato, aparecendo de repente.

Léo revirou os olhos e tentou tomar o prato das mãos de Sabrina, sendo repreendido pela tia Sunny. Ele saiu emburrado para preparar sua própria esfirra e Manuel seguiu junto.

Tia Sunny nos liberou logo em seguida — para nosso trabalho de ciências e isso foi um alívio. Descíamos as escadas e conversávamos.

— Como foi o "encontro"? — Leh perguntou com um meio-sorriso.

Déh abriu a boca, surpresa.

— Não foi um encontro, por favor.

— Sei — provoquei.

Ela ergueu as sobrancelhas, e cruzou os braços.

— Não foi, até porque passamos o resto do passeio com a Sabrina. Foi um encontro de amigos, a-m-i-g-o-s.

Enquanto Déh dava suas explicações, avistei Lucas debaixo de uma árvore, com as mãos no bolso. Ao chegar no último degrau da escada, me despedi das meninas:

— Até mais tarde.

— Até, boa sorte. — Déh acenou.

Andei calmamente em direção a Lucas, que olhava para algum lugar, distraído.

— E então? — perguntei.

Ele levou aos mãos aos cabelos escuros e se virou para mim.

— Nunca mais faça isso, o.k?

— Isso o quê?

Lucas revirou os olhos e colocou novamente as mãos no bolso.

— Isso — afirmou. — Não gosto que me assuste.

— Mas eu não te assustei.

Ele respirou longamente — até em seu respirar, ele fazia com que me sentisse boba diante dele.

— Quando vamos começar aquele trabalho?

— Como você sabe que eu faço confeitaria? — Mudei a pergunta.

Lucas estalou a língua e levantou as sobrancelhas, com um ar sarcástico.

— Fácil, eu vi aquele showzinho seu e das suas amigas em sala de aula.

— Do quê você está fala... — Me toquei do que ele se referia. — Ei, não foi um "showzinho"!

— Tanto faz.

Tanto faz. Okay. Voltei a ficar calada, não queria conversar, não com ele. Ficamos calados enquanto íamos para a biblioteca. Acabei por ficar observando sua jaqueta escura por todo o percurso; ela combinava com seus cabelos escuros e ao mesmo tempo com seus olhos azuis. *Ele era muito estiloso, com certeza.*

Escolhemos um lugar tranquilo na biblioteca. Ele arrastou sua cadeira e ficou ao meu lado, enquanto batucava a mesa.

— Será sobre o quê? — perguntei, mexendo em um livro.

Lucas retirou os dedos da mesa e os colocou no bolso.

— Não sei.

— Não sabe?

— Não.

Grandes respostas. Folheei alguns livros e enterrei a cabeça em minhas mãos.

— O quê que foi, *quietinha?*

Virei para olha-lo nos olhos. *Quietinha?*

— Não sou "*quietinha",* e não sei sobre o que será nosso trabalho.

— Tanto cabelo e tão poucas ideias — provocou, sarcástico.

Mantive a calma, para não responde-lo com ignorância.

— Tem alguma ideia? — perguntei, indiferente as suas provocações.

— Talvez pudéssemos falar sobre plantas medicinais. — Ele se ergueu na cadeira. — Seria ótimo, aprender a salvar vidas.

Observei seu rosto, algo nele parecia doer ao falar: "*salvar vidas*". Não perguntei o porquê da ideia, mas foquei em alguns livros sobre o assunto proposto.

Saímos da biblioteca quando já era de noite. Eu levava um punhado de livros sobre os braços e ele andava tranquilamente com as mãos nos bolsos. Durante nossas pesquisas na biblioteca, não falamos muito e eu preferi que fosse assim.

— Quer ajuda? — ele perguntou, enquanto me olhava sem expressar nada.

Assenti com cabeça e ele rapidamente pegou os livros dos meus braços e os carregou pelo resto do trajeto, ao meu dormitório. *Talvez Lucas Cavalier não fosse tão durão, quanto aparentava ser.*

Capítulo 09

Déh
Ketchup e fotos zoadas.

Nunca pensei que ficaria empolgada para receber uma mensagem. Eu já estava no meu dormitório, com o celular em mãos. Achei que Noah tinha se esquecido de mandar mensagem para mim, mas logo desisti da ideia. Nossa conversa naquele dia mais cedo, tinha sido muito promissora.

Eu e as meninas estávamos no banco de pedra, quando Noah se aproximou de nós, e tocou meu ombro gentilmente. Não pude evitar um sorriso.

— Ah, oi Noah — cumprimentei, sorrindo.

Noah esboçou um sorriso gentil para mim, e acenou para as meninas que estavam ao meu lado.

— Oi, sou Noah Leblanc.

As meninas abriram um sorriso gentil.

— Olá, sou a Leh e essa é Fran — Leh disse, apontando para Fran que acenou.

Observei a cena com um sorriso nervoso; elas provavelmente iriam me zoar mais tarde.

Noah apurou a garganta e passou as mãos pelos seus fios de cabelo loiro.

— Posso roubar a Déh por alguns minutos de vocês? — perguntou um pouco desconcertado, o que me fez rir.

As meninas se entreolharam e abriram um sorrisinho — que me deixou sem graça na hora.

— Claro — Fran assentiu. — Só chegue na hora certa do curso, Déh.

Assenti com a cabeça e me levantei, seguindo Noah. Andamos lado a lado, e eu demorei um pouco para me dar conta que estava do lado do capitão do time de basquete; por isso tantos olhares sobre nós.

— Pensei que suas amigas não deixariam — ele começou a falar, enquanto esfregava as mãos.

— Não via motivo para elas não deixarem. — Sorri. — Estávamos ficando sem assunto, e basicamente... Elas já sabiam quem era você.

Noah parou de caminhar, surpreso.

— Sério? Como?

— Am... talvez o conheciam por: " O garoto com quem fui fria"?

Noah deu uma gargalhada.

— Achei que elas me conheciam por: " O causador de acidentes." — Ele brincou.

— Ah sim, esse o definiria melhor.

Sorrimos. Noah continuou caminhando tranquilamente, e entramos no campus.

— Como são seus colegas de quarto?

— Ah, eu tenho sorte — ele respondeu, descontraído. — Um deles é o meu melhor amigo: o Alex. E o outro é o Lucas, eles são caras legais.

Fiquei surpresa por ouvir um nome conhecido.

— Lucas Cavalier?

— Sim, o conhece?

Ergui as sobrancelhas, com uma expressão de normalidade.

— Sim, ele é da minha sala — comentei. — Ah, e faz dupla na sala de aula com a Fran e é bem calado. Ele conversa com você?

Pisamos na grama verdinha do campus, que se estendia e mostrava as mesas espalhadas pelo gramado, e os jovens que estudavam debaixo das árvores.

— Sim, no começo ele era bem na dele, mas agora, virou nosso amigo. Até toca comigo e com o Alex.

Sorri e observei seu rosto.

— Você toca?

— Ah sim — ele respondeu sorrindo —, um pouco de violão, nada de mais.

— Que legal, Noah.

Voltei meu olhar para o campus e observei as pessoas conversando, enquanto outras estavam ocupadas com seus trabalhos. Era divertido pensar na reação do meu irmão, se ele estivesse lá, e me visse andar com um garoto. Ele iria encher o Noah de perguntas, como sempre fazia com meus amigos. Percebi que já estava sentindo falta da minha família, dos meus antigos amigos e da minha pequena cidade.

Continuamos andando em direção a quadra livre. Noah parecia a vontade com o sol batendo no rosto. Alguns meninos populares passaram por nós e nos cumprimentaram.

— E aí, Noah? — Um rapaz de cabelos ruivos, que eu já tinha visto diversas vezes no refeitório com sua turminha, o cumprimentou.

— Oi Darlan, tudo bem?

O garoto assentiu e acenou para mim. Retribui o gesto. Só que ao mesmo tempo, andei pensando que quando se anda com um popular, você se torna algum tipo de "subcelebridade", e não era isso que eu queria.

— Então? Porque me trouxe aqui? — perguntei, quando os meninos se afastaram.

Noah ergueu a cabeça e me olhou por debaixo dos cílios dourados.

— Hum, bem...para me desculpar.

— Pelo o quê? — Parei diante de uma árvore.

— Por tudo — ele disse, ajustando o uniforme que combinava com seu estilo. — Acho que desde de que a conheci, fui bem intrometido com você, e fui...estranho. Enfim, ainda não tive a chance de me retratar pelo ocorrido da rodoviária.

Sorri. Quando o encontrei pela primeira vez na rodoviária, senti uma vontade enorme de chama-lo de: "riquinho metido a besta". Mas naquele momento, vendo sua humildade de se desculpar por algo que nem foi ele que teve culpa, vi que seu título não importava, e sim, sua capacidade de ser humilde.

— Já estava desculpado muito antes de me pedir desculpas — respondi.

— Fico aliviado, de verdade.

Ficamos nos olhando, sem saber o que falar. Eu também tinha o tratado com indiferença, mas já tinha pedido desculpas. Será que eu deveria pedir desculpas novamente? Olhei para o lado e observei ao longe, um time de basquete correndo para a quadra.

— Hum, quando vai jogar novamente?

Noah arqueou as sobrancelhas.

— Você não é o capitão do time de basquete?

— Ah, sou. — Ele se lembrou. — Estamos treinando para jogar novamente no sábado da semana que vem, se você quiser ir me ver jogar, ficarei alegre.

— Nunca assisti a um jogo de basquete completo — comentei, enquanto voltávamos a andar.

— Tá brincando? — Ele levou as mãos aos cabelos. — Você precisa!

— Hum, e por que?

Noah ficou empolgado.

— Tem muita adrenalina e emoção, sério. Já levei alguns tombos quando comecei no basquete, mas fui confiante até o fim — ele explicou, enquanto gesticulava com as mãos.

Noah continuou explicando suas táticas no basquete e fiquei atenta a cada palavra. Era legal, vê-lo falando de algo que tanto apreciava. Se eu começasse a falar de desenhos, cartas, livros, cantar, quadros, e principalmente de *Jesus*, eu demoraria muito tempo, só contando do que tanto gostava.

Quando o campus começou a esvaziar, senti minha barriga roncar.

— Desculpe, estou com fome — disse, rindo.

— Não é nada, eu também estou. — Ele deu de ombros. — Acho que perdemos o horário do refeitório.

— Poxa, sim. Hoje iriam servir almôndegas.

— Tenho uma ideia — Noah disse, olhando ao redor e segurou minha mão, correndo para uma banca à direita.

— Está não é a banca onde você trabalha? — perguntei, olhando o lugar.

— Sim, mas hoje estou de folga.

Noah se aproximou do balcão e pediu dois *hotdogs*. Ele se voltou para mim e me entregou um.

— Não precisava.

— Claro que precisava.

Sentamos em um batente do chão mesmo, degustando o lanche. O engraçado e mais improvável, era ver aquele garoto rico e popular, com atitudes simples. *Isso era admirável.*

— Tem *ketchup*, você quer? — ele perguntou, estendendo a mão com um sachê de *ketchup.*

Dei uma risada.

— Quero, mas acho que seu nariz está sujo de *ketchup.*

Noah voou com a mão em direção ao nariz — para retirar qualquer sujeira. Aproveitei a sua distração para bater algumas fotos com meu celular dele, sujo de *ketchup*. Noah percebeu e deu uma risada.

— Você acabou de fotografar um momento de idiotice minha. — Ele franziu o cenho, fingindo estar bravo e depois abriu mais um sorriso. — Deixa eu ver como ficou.

Noah pegou o celular de minhas mãos e admirou sua foto.

— É, acho que não estou tão ruim assim, mas não vale.

Peguei o celular de volta.

— Vou apagar, prometo — disse com um sorrisinho. — Talvez semana que vem.

Noah ergueu uma sobrancelha em sinal de reprovação, mas mantinha um sorriso nos lábios.

— Hum, aliás... — falei, querendo me retratar pelo dia em que ele pediu meu número. — Estou com o celular em mãos, posso passar meu número.

Noah esboçou um sorriso e me entregou seu celular.

— Ah sim, eu ia te pedir mais tarde. — Ele sorriu. — Quero te indicar alguns livros da biblioteca.

— Livros de quê? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— De receitas, sei que você faz confeitaria e não é fácil.

— E como você sabe que não é fácil? — Abri um sorriso meigo.

Noah iria responder, mas Sabrina apareceu diante de nós toda feliz, e cumprimentou:

— Oi Déh — ela disse, sorrindo. — Oi Noah.

Me levantei com um pulo.

— Oi Sabrina, você está indo para o curso?

— Estou sim.

Noah também se levantou.

— Como estão as coisas Sabrina?

— Bem — ela disse, se aproximando de nós. — A tia Sunny ainda continua bem... rígida.

— Ainda? — perguntei, confusa.

— Sim, o Noah fez confeitaria semestre passado — ela disse, apontando para o Noah. — Era um dos melhores em preparar pão.

— Era isso que eu ia te dizer. — Ele deu de ombros, relutando com um sorriso que queria aparecer em seu rosto.

Olhei para o horário do meu celular.

— Falando nisso, eu estou atrasadíssima. Tia Sunny pediu para eu chegar mais cedo.

Noah se aproximou, guardando o celular.

— Eu acompanho vocês, tenho uma partida de futebol para jogar, junto com o Alex, e é perto da sala da tia Sunny.

Sorrimos, e Noah nos acompanhou até a sala do nosso curso. Ele foi recepcionado com um pouco de carinho e bronca da tia Sunny, e foi embora. Eu e as meninas ficamos fazendo uma massa que a tia Sunny pediu — o que foi bem complicado para todas nós. Quando fomos liberadas, Fran foi encontrar com o Lucas, para fazer o trabalho de ciências.

Eu e Leh ficamos no corredor do nosso dormitório, lendo alguns livros para fazer o nosso trabalho.

— Acho que se a gente incluir como funciona a erupção vulcânica, vai ser mais interessante — Leh comentou, lendo um artigo em um livro de ciências da natureza.

— É uma boa ideia.

Os livros que eu havia pegado, explicavam algumas coisas sobre vulcões, mas não nos ajudava totalmente.

— Leh... — chamei. — E se, pesquisássemos sobre o assunto?

Leh ponderou por um tempo a ideia.

— Hum, sei não, em?

Saquei o celular do bolso e comecei a digitar.

— O acesso à pesquisa na internet é bloqueado — comentei, triste.

Leh se reconfortou no Puff, enquanto escrevia algo no caderno.

— E então? Como foi a conversa com o "Noah"? — perguntou sorrindo e olhando para mim.

Guardei o celular no bolso.

— Foi boa. Ele até se desculpou pelo dia da rodoviária...

Leh arqueou as sobrancelhas, intrigada.

— Que rodoviária?

— É uma longa história...

— Eu estou escutando... — ela disse em tom de brincadeira.

Abri uma revista e comecei a procurar informações.

— Am... Eu quase fui atropelada por causa do chofer dele.

Leh começou a rir, se divertindo com o assunto.

— Desculpa, é que isso está me lembrando do dia em que eu quase morri com uma bolada na quadra.

— E foi quando isso? — Me endireitei no banco.

Leh passou a mão no cabelo e fez uma cara de quem tenta se lembrar de um acontecimento.

— Um garoto foi o culpado disso.

— E você nunca ia contar isso para mim? — perguntei, rindo.

— Ah, não foi nada demais.

Voltei minha atenção ao livro e continuei de cabeça baixa. Foi aí que escutei a voz de Mariah ecoar pelo corredor:

— Tá meio para baixo essa historinha de vulcão, não?

Revirei os olhos.

— Oi Mariah. — Voltei a cabeça em sua direção. — Você não devia estar fazendo o seu trabalho?

Ela riu com escárnio.

— Isso não te diz respeito!

— Ah sim, como isso não te diz respeito também — respondi.

Ela nos olhou de cima a baixo, tentando nos intimidar.

— Olha querida, vocês estão na frente da porta do meu dormitório, então saiam daí.

— Meu Deus Mariah, já chega! — A encarei.

— Hum, o que foi? Tá cansada de fracassar em tudo?

Leh se levantou do Puff e me puxou.

— Acho que o ar ficou ruim — ela comentou. — E você, Mariah, é a culpada!

Entramos em nosso dormitório e terminamos nossas pesquisas ali. Não valia a pena discutir com pessoas que nunca iriam nos deixar em paz. É melhor preservar nossa paz e paciência, do que discutir com tolos.

******

Já se passava das nove, e eu e Leh estávamos esperando a Fran voltar.

— Meu Deus, aonde essa garota está? — Leh perguntou apreensiva.

Me endireitei na escrivaninha.

— Calma Leh, ela deve estar na biblioteca, pesquisando algo.

Voltei a atenção a mais uma de minhas cartas. Nela, me senti inspirada em contar um pouco ao meu futuro namorado, como as coisas estavam indo. Contei sobre as garotas, sobre o curso e... *sobre Noah*. Seria estranho eu contar sobre um garoto, para meu futuro namorado? Ri comigo mesma, isso era besteira minha. Finalizei a sexagésima carta com alguns enfeites e a guardei na minha gaveta.

— Ela tá vindo! — Leh avisou, de olho na janela.

Me aproximei e observei a Fran andando ao lado de Lucas. O garoto de cara fechada, levava um punhado de livros nas mãos. Fran parou diante da porta e abriu um sorriso, e pelo menos, conseguimos escutar o que ela disse:

— Obrigada Lucas, isso foi de grande ajuda.

O garoto devolveu os livros para seus braços.

— Só fiz o que me cabia fazer.

Fran olhou para os lados e voltou seu olhar ao garoto.

— Nos vemos amanhã?

Ele revirou os olhos, um pouco irritado.

— É claro, fazemos dupla na aula!

Fran colocou a mão na maçaneta da porta, pronta para entrar no dormitório.

— Tchau, *quietinha* — ele disse, colocando as mãos no bolso da jaqueta escura.

— Eu não sou quietinha — ela resmungou e entrou no dormitório.

Levamos um susto quando ela nos viu, paradas na janela.

— Estavam espiando? — perguntou, colocando os livros na escrivaninha.

Leh abriu um sorriso sem graça.

— Não, claro que não.

— Jamais — emendei.

Fran andou mais uns passos e se lançou na cama. Me direcionei à ela:

— E, como foi o desenvolvimento do trabalho?

— Surpreendente e silencioso — ela disse, com a cara no travesseiro. — Boa noite meninas, vou dormir.

— Boa noite — respondemos em uníssono.

Leh voltou para sua cama e abriu um livro para ler, enquanto eu me aconcheguei na cama, com o celular em mãos. Observei a caixa de mensagens, esperando uma notificação de Noah. Achei que ele havia se esquecido de mandar mensagem para mim, mas logo desisti da ideia. Meu celular recebeu uma notificação: *era ele.*

Chat oon.

Noah: Oi, Déh. Desculpa incomodar uma hora dessas da noite, mas pode me enviar aquelas fotos zoadas? 21:17

Déh: Oi, não tem problema. Vou te enviar sim, mas por que você quer aquela foto? 21:17

Noah digitando...

Noah: Tenho uma coleção de fotos minhas zoadas, aquelas vão entrar para a história. 21:19

Déh: Kkkkkk. Só você mesmo Noah. 21:19

Noah: Kkkkk 21:20

Noah: Desculpa a demora para mandar mensagem, joguei futebol até tarde. 21:20

Déh: Não tem problema. 21:20

Déh enviou uma foto. 21:22

Déh: Só deixei essa salva no meu celular. 21:23

Noah: Muito obrigado, mesmo. 21:23

Déh digitando...

Déh: Ah, de nada. 21:24

Noah: Eu não me esqueci de te enviar sobre os livros. 21:24

Déh: Que bom, algum em específico? 21:25

Noah: Espera aí, que eu vou procurar na minha escrivaninha. 21:25

Noah digitando...

Noah: O nome é: " Bolos e café". 21:28

Noah: Tem várias receitas de confeitaria e vai te ajudar. 21:28

Déh: Ufa, salvou minha pele. 21:29

Déh: Muito obrigada, vou amanhã mesmo buscar ele na biblioteca. 21:29

Noah: Não há de quê. 21:30

Déh digitando...

Déh: Então é isso, até amanhã. 21:33

Noah: Até, durma bem. 21:34

Chat off.

Desliguei o celular e peguei minha Bíblia — que ficava ao lado da minha cama —, para fazer meu devocional. As luzes do dormitório foram apagadas e eu liguei o abajur.

— O que você está fazendo, Déh? — Leh perguntou.

Abri minha Bíblia e a olhei de soslaio.

— Devocional.

Leh piscou os olhos e deixou o livro que estava lendo de lado. Ela se aproximou e sentou na minha cama.

— O que é "devocional"?

Ergui a Bíblia e apontei.

— É um momento seu com Deus — comentei, apontando para ela. — Onde você fala com Jesus e lê sua palavra.

Leh pareceu interessada e sorriu.

— Sério? — perguntou. — Ofélia, a moça que cuida de mim, também faz "devocional".

— E você não quer fazer também? — perguntei. — Sério, é muito bom você falar com Deus.

Leh se aproximou e lemos a bíblia juntas. Eu estava feliz por estar mostrando a fonte de água viva: a palavra de Deus, à ela. Assim como diz em *Provérbios 11:30:*

" *O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio."*

Esse era meu papel mais importante: *ganhar almas*. E eu estava crendo que Deus tinha grandes planos reservados a mim.

Capítulo 10

Leh
Amizade e seus conflitos.

Era domingo a tarde, e eu estava sentada no campus junto com a Déh e a Fran. Nós tínhamos terminado de sair da aula de ética, que tinha sido muito interessante. Eu estava respondendo umas questões de matemática, e estudando algumas receitas que a tia Sunny havia passado para nós.

— Meninas, essa receita de panquecas é um pouco difícil — comentei, fazendo careta.

— Há, eu até que achei fácil — Déh disse, e olhou para o chão. — Difícil mesmo é ter paciência para aguentar as chacotas daqueles meninos do nosso curso!

Na semana que havia se passado, Léo tinha zoado muito a gente, e principalmente a Déh — pelo incidente antigo do chantilly.

— É mesmo, nossa eles são insuportáveis! — exclamei. — Não sei muito bem o que pensar do Manuel, já que ele nunca zombou de mim, mas os dois ficam atrás da gente toda hora, e fazendo perguntas nada a haver!

Déh assentiu e eu continuei repassando a matéria.

— E você Fran, não fica incomodada com isso? — ela perguntou para a Fran, que estava concentrada em uma receita do seu caderno.

Fran levantou o olhar e respirou fundo.

— Há, não acho nada de mais.

Arregalei os olhos, um tanto surpresa pela a sua normalidade.

— "Nada de mais"?? — eu e Déh perguntamos juntas.

Fran balançou a cabeça, indicando um "sim", e depois voltou sua atenção para o caderno.

— Como assim, "nada de mais"? Fran, hello, tudo bem? — brinquei.

— Há, sinceramente? Eles não me atrapalham em nada, estou mais preocupada em fazer tudo o que a tia Sunny passa para nós. E, eles são bobos demais para receberem a minha atenção!

— É, você tem razão, Fran. Mas muitas das vezes, eu tenho que me acalmar para não ficar brava com tantos comentários sem noções do Léo — Déh confessou, exalando calma.

Ajeitei a postura e me virei para elas.

— Nossa, eu também! Principalmente com o Manuel, não sei se devo confiar nele... Não estou reclamando quando ele me ajuda com as coisas da cozinha, mas as vezes ele pergunta demais — falei, terminando de anotar a receita.

Ficamos mais um tempo conversando e estudando, até que Alex se aproximou e parou ao meu lado. Seu suéter azul-escuro deu um destaque especial para os seus óculos. Aliás, era a primeira vez que eu o via de óculos — talvez porque fosse a segunda vez que eu o via, de fato.

— Oi Leh, faz tempo que não te vejo. Que bom encontrá-la aqui — ele disse, com um aceno.

Sorri e olhei rapidamente para as meninas, depois me virei para olha-lo nos olhos. *Aqueles olhos.*

— Oi Alex, verdade, quanto tempo — falei, abrindo um sorrisinho. — Bom, essas são minhas amigas: Déh e Fran.

Apontei para elas, apresentando ele as meninas.

— Oii — Déh sorriu.

— Olá, como vai? — Fran disse, ainda anotando sua receita.

— Oi meninas, prazer — Alex falou, com um sorriso simpático nos lábios.

Com um pulo rápido, me levantei.

— Bom meninas, acho que já estudei o bastante por hoje, vou andar um pouquinho pelo Campus com o Alex, para me distrair. Volto em breve!

As meninas assentiram e logo em seguida, eu e Alex saímos dali e fomos andar pelo campus.

O observei novamente. Da última vez que eu o tinha visto, ele estava com o uniforme de educação física, então não dava para saber qual era seu estilo. Mas, o vendo naquele momento, já dava para perceber que ele era aquele nerd educado, que se veste muito bem.

— Bom, eai, como vai a vida social aqui na escola? — Alex se voltou para mim, com as mãos no bolso.

Dei de ombros, *não estava indo mal.*

— Há, até que vai bem, estou conseguindo me adaptar, isso é bem estranho!

Alex arqueou as sobrancelhas grossas.

— E por que? Você tem um jeito tão simpático de ser, é normal as pessoas quererem ser próximas a você, tipo eu — ele disse, apontando para si.

Dei um sorriso meigo em sua direção, sua educação era adorável.

— Muito obrigada, Alex.

— Disponha.

Coloquei as mãos no bolso e respirei fundo, pronta para desabafar:

— Me sinto assim, porque pela primeira vez na vida, estou me sentindo bem, sendo quem eu sou de verdade. Não sendo só: "a menina rica que não é bolsista", digo isso porque em poucos dias, virei muito amiga das meninas: a Déh e a Fran. Tenho aprendido tanto com elas, tenho visto o mundo ao meu redor. — Suspirei, feliz.

Observei o rosto de Alex; ele parecia concentrado ao me ouvir falar, então continuei:

— Por mais que tenhamos nos conhecido a pouco tempo, eu amo a amizade delas. Me aceitaram como eu sou, e não me julgaram pela minha condição financeira! Elas me veem além do dinheiro que meus pais possuem e sucessivamente, que eu possuo também — falei, lembrando no quanto considerava as meninas, mesmo em tão pouco tempo.

Alex olhou para frente e abriu um belo sorriso, me deixando admirada.

— Isso é muito bom Leh, fico muito feliz por você! Sei que você é uma pessoa boa, espero te conhecer melhor. Se você quiser e se não importar, é claro — ele disse com um sorriso amigável.

Esfreguei as mãos; alegre.

— Claro que eu quero! — disse animada demais. — Digo, sim, acho que seria legal a gente se conhecer melhor. Eu ia achar muito legal ser sua amiga, só para aprender a chutar uma bola tão bem quanto você chuta como um ótimo jogador de futebol! — Ri, lembrando que Alex quase tinha me matado com uma bola de futebol.

Ele pareceu meio envergonhado e se voltou para mim.

— Há, desculpa mais uma vez. Não foi minha intenção te acertar aquele dia, de verdade, você me desculpa?

— Claro que sim, relaxa, só estou brincando.

Ele suspirou aliviado, parecia mais tranquilo.

— Além de jogar bola, você tem algum outro hobby, Alex?

Ele pareceu super satisfeito com a pergunta.

— Às vezes, nas horas vagas, gosto de tocar baixo. Inclusive, eu até me inscrevi no curso de música, só para poder tocar, já que aqui na escola a diretora nunca deixaria eu tocar sem ter um motivo. — Ele deu de ombros. — A música é incrível, Leh, incrivel!

— Que legal, um dia queria ver você tocar, se não se importar.

— Quem sabe um dia? Mas, e você, se inscreveu em algum curso? — Alex perguntou, colocando as mãos no bolso.

— Sim e não.

Ele arqueou as sobrancelhas, novamente.

— Como assim?

Relembrar de tudo aquilo só iria me dar mais dor de cabeça, mas afinal, eu queria que ele se tornasse meu amigo.

— É uma longa história... Eu e as meninas iríamos nos escrever no curso que queríamos, mas acabou que ficamos em um curso que não desejávamos, tudo por culpa de uma menina da nossa sala... — disse, um pouco ressentida e explicando a situação a Alex.

— Que complicado, mas sabe, tente ver o lado bom de tudo isso — ele disse, tentando me acalmar.

— Lado bom? — Ri, me divertindo com o assunto. — O curso é sobre comida, ou seja, a única coisa boa é a comida, porque a professora é muito rígida, exige muito de nós, e ainda as pessoas que estão na nossa turma, não são muito legais.

Alex endireitou o óculos e olhou para mim.

— Há, tente focar na comida então, que é o lado bom — finalmente ele disse, descontraído.

Ficamos mais um tempo conversando. Era bom conversar com Alex, ele era uma boa pessoa, e eu estava começando a sentir que me daria muito bem com ele.

Voltei para meu dormitório minutos depois de nossa conversa, e só a Déh estava lá. Fran aproveitou que era domingo, para terminar seu trabalho com o Lucas. Fiquei um bom tempo lendo, enquanto Déh pintava alguma coisa em seu cavalete. Por fim, quando já estava de noite, fomos ao refeitório. O jantar foi uma salada bem nutritiva e escolhemos uma mesa distante do refeitório.

— Am, o Noah me convidou para assistir ao jogo de basquete em que ele vai participar, nesse sábado — Déh comentou, enquanto limpava os lábios com o guardanapo.

— Isso é muito legal, sério. Ele está sendo super amigável sabia?

Déh colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— O problema é que eu não sei se devo ir... — disse, meio cabisbaixa.

Arquei as sobrancelhas, não via motivo para ela não ir.

— E por que não?

— Ah Leh, com certeza só vai ter pessoas populares... E eu sou meio insegura com a vida social!

Olhei para ela confiante, ela não deveria se sentir assim.

— Ei, ei. Você é brilhante garota, ânimo.

— Ah obrigada, mas quero que você e a Fran venham comigo assistir ao jogo.

— Eu vou, não tem problema!

Seria legal ter algo de interessante para fazer no final de semana.

— E então? Quem é o Alex? — Déh perguntou com um sorrisinho.

— Lembra do garoto que eu te disse, que quase me matou com uma bolada na quadra?

Ela riu e muito. Não podia negar, foi engraçado. Virar amiga do garoto que quase fez com que eu não abrisse mais os olhos, foi ironia do destino.

— Bem, se eu não me engano, ele é do dormitório do Noah — ela disse, limpando as lágrimas que escorriam em seu rosto de tanto rir.

Levantei as sobrancelhas, impressionada.

— Nossa, essa eu não sabia.

Déh se levantou, deixando os talheres na mesa.

— Bom, vou ao banheiro e já volto.

Assenti e voltei meu olhar para o prato. Era tão engraçado ver o quanto o mundo era pequeno. Se passou pouco tempo e eu escutei uma voz próxima a mim:

— Oi Leh. — Era Nathy, que se aproximou com uma bandeja.

Observei o grupinho das populares — constituído principalmente por Mariah e Tâmara —, passarem ao lado dela.

— Não demora, Natália Viana — Tâmara pediu, revirando os olhos.

Nathy abriu um sorriso para as "amigas", e se sentou ao meu lado.

— Oi Nathy, meu Deus, desculpa eu não ter ido na sua sala — falei olhando para ela, com um olhar arrependido.

Ela deu de ombros e passou a mão no cabelo.

— Não tem problema, pelo que vejo esqueceu da sua amiga...

Levei as mãos ao peito, surpresa.

— Claro que não Nathy, jamais. Você é minha amiga de infância, minha primeira amiga, e eu nunca iria te deixar de lado!

Ela balançou a cabeça, negando.

— Sério, eu só te vejo com essas suas novas amiguinhas. — Ela abaixou o tom de voz. — E ainda por cima, são bolsistas, Leh.

— E o quê que tem?

Nathy arrumou a gravata do uniforme e olhou para mim.

— Você tem que fazer amizade com pessoas do seu nível, né? Olha para mim, fiz amizade com as meninas mais populares daqui, você ganha tantas vantagens...

— Eu... Eu não acredito, Nathy — exclamei surpresa. — Você não sabe como essas meninas são!

Ela deu de ombros, não se importando.

— Claro que eu sei. Eu convivo com elas, e até arrumei uma vaga para você no nosso dormitório. Sério, ia ser tão legal Leh, igual nos velhos tempos!

— O quê?

— É, você pode pedir transferência para nosso dormitório, aí não precisa conviver com bolsistas, é bem melhor.

O que estava acontecendo com ela? Minha amiga de infância tinha se tornado tão mesquinha e amarga, quanto aquelas garotas populares.

— Desculpe, Nathy. Mas se ser amiga das populares, que dizer que eu terei que aparentar ser feliz, maltratando os outros, eu prefiro ficar sozinha e em paz!

Nathy pareceu surpresa e se levantou quando avistou a Déh.

— Puxa Leh, eu não queria ser inconveniente. Eu só...só queria que você voltasse a conviver comigo.

Olhei para ela, preocupada.

— Eu não vou levar em consideração o que você me disse, nem o que você me propôs. Eu entendo que talvez eu esteja longe, mas, não fica assim.

Nathy abriu um sorriso amargo, mas simples.

— Podemos nos ver amanhã — propôs, já se retirando. — Nossas salas vão se juntar na educação física, vai ser legal passar um tempo com minha velha amiga.

— Claro que sim, Nathy.

— Então até mais — ela sorriu, saindo em direção das populares.

— Até — sussurrei para mim mesma.

Déh voltou para o seu lugar e olhou ao redor.

— Perdi alguma coisa?

Voltei meu olhar para o prato.

— Muitas coisas...

******

Suspirei ao colocar minha cabeça no travesseiro.

— O que foi Leh, você está tão pensativa... — Fran comentou, reconfortando-se nos travesseiros.

Eu não queria comentar com elas, as palavras cruéis que Nathy desferiu contra as duas.

— Ah, não é nada demais. Só muito estudo e preocupações...

Déh que estava escrevendo em um papel na escrivaninha, levantou seu olhar e perguntou para a Fran:

— Você e o Lucas terminaram de fazer o trabalho?

— Ai, mais o menos — confessou. — Ele estava tocando guitarra quando cheguei no local onde íamos terminar o trabalho.

— Sério? E como foi isso? Peraí, ele toca?

Fran começou a contar sobre seu dia complicado para a Déh, e eu recebi uma notificação do Alex.

Chat oon

Alex: Oi Leh, fiquei sabendo que minha sala vai ter uma aula junta com a sua! 20:30

Leh digitando...

Leh: Oi Alex, boa noite. 20:32

Leh: Sério? Havia me esquecido de qual sala você é, desculpa. 20:32

Alex: Não tem problema. 20:33

Alex: Na real, eu queria saber se a gente pode ir junto para a aula. 20:34

Leh digitando...

Leh: É uma ótima ideia, Alex. 20:36

Alex: Então nos vemos nas arquibancadas da quadra ao lado do campus. 20:36

Leh: Claro, até amanhã. 20:37

Alex: Combinado. 20:37

Chat off

Dei um sorriso e coloquei o celular no criado mudo, depois abracei uma almofada e dormi.

No dia seguinte, eu já estava na arquibancada, arrumando o cadarço do tênis, depois de ter me aquecido para aula de educação-física, quando Nathy se aproximou.

— E ai Leh, já está pronta?

Me levantei da arquibancada e coloquei as mãos na cintura.

— Sim, só deixa eu terminar de me alongar, Nathy — falei meio esbaforida. — Isso cansa muito, não sei se vou aguentar fazer esses exercícios toda semana! Na minha outra escola, não era tão puxado assim!

Nathy se aproximou e se alongou um pouco.

— Há, eu não acho amiga, até gosto, já fazia tempo que eu não praticava nenhum tipo de exercício, ou algo do tipo. É sempre bom estar em forma.

— Eu também acho, mas é cansativo, sabe? Agora já acabei, vamos.

Começamos a caminhar, até que parei de repente, me lembrando do Alex.

— O que foi Leh? Já estamos atrasadas, se demorarmos mais um minuto, o professor vai nos dar uma bronca — reclamou ela.

Suspirei e peguei o celular do bolso.

— Tenho que esperar um amigo.

— Mas você tinha me mandado mensagem dizendo que suas "amigas", foram na frente.

— Não estou falando das meninas. Estou falando de um amigo que eu fiz! Você acredita que eu virei amiga desse menino, depois de levar uma bolada no rosto, por culpa dele? — Ri.

— Ah, é sério isso? — Ela me olhou sem reação.

— Sim.

Abri o chat de mensagem do Alex e mandei uma mensagem para ele.

— Sério, me desculpa te fazer esperar. Mas é que eu combinei de esperar o Alex hoje, só que ele demorou tanto que acabei esquecendo que ele viria.

Nathy ficou surpresa ao ouvir o nome dele.

— Alex? O nerd idiota que é fanático por futebol? Sério que você virou amiga dele Leh?

Arquei as sobrancelhas ao ouvir suas palavras grosseiras a alguém que nunca tinha feito nada à ela.

— Não fala assim dele, Nathália! — A encarei. — Ele é uma boa pessoa e é um ótimo amigo. Não entendo o porque de você está falando mal de

alguém que nem conhece!

Ela bufou, irritada.

— Eu conheço o Alex Smith, ele é da minha sala, Leh! Eu acho ele um bobo, mas já que você está falando tão bem dele...

— Confia amiga, ele é legal você vai perceber com o tempo, dá uma chance para ele, sério — falei, enquanto Alex se aproximou correndo exausto, com uma chuteira nas mãos.

— Aí meu Deus! Estou muito atrasado? Desculpa ter demorado tanto, mas justo hoje, minha chuteira resolveu se esconder. Demorei literalmente um ano para acha-la.

— Eu percebi, estamos atrasados mas ainda dá tempo de chegar — Sorri. — Há, essa é a Nathy.

— Natalia, não é Leh? Meu nome é Natália! Nathy é só pros mais íntimos — Nathy disse, olhando Alex de cima a baixo, e depois olhando para mim com um olhar não muito agradável.

Alex não se sentiu muito confortável ao ver a Nathy.

— Oi Natália — disse meio sem jeito.

Nathy forçou um sorriso.

— Oi.

— Bom, vamos? — disse na esperança de quebrar aquele clima estranho.

Seguimos caminho até a quadra. Pelo visto, Nathy não gostava mesmo do Alex. O clima entre eles era estranho, mas não quis questionar o porque dessa rivalidade.

Capítulo 11

Fran
Solos de guitarra

O dia estava quente, e eu estava em uma das arquibancadas da quadra central. A aula de educação-física naquele dia era livre, já que o professor estava dando aula para duas salas ao mesmo tempo. Optei por ficar terminando o meu trabalho de ciências.

— E aí, Fran? Você não vai jogar queimada? — Déh veio me perguntar.

Coloquei o cabelo para trás e suspirei.

— Tenho que terminar esse trabalho logo, faltam poucos dias para entregar.

— Ah é mesmo — Déh se lembrou. — Se mudar de ideia, me avisa.

Observei ela correr para o meio da quadra, e voltei meu olhar para o caderno. Minha busca por mais informações estava sendo inútil! Eu escrevia duas linhas no máximo, e em seguida apagava tudo. E só o que eu queria, era entregar um trabalho bem feito ao professor. Mas afinal, aquele trabalho não era só da minha responsabilidade. Lucas também tinha a obrigação de me ajudar!

Corri os olhos pela quadra e o encontrei. Lucas estava do outro lado da arquibancada, de cabeça baixa. Pensei em ir lá, pedir para que ele me ajudasse com o trabalho, mas fiquei parada olhando para ele. Lucas, de repente, virou o rosto em minha direção, e me flagrou o observando. Abaixei a cabeça na hora, quebrando qualquer contato visual. Toda vez que eu olhava para ele, me lembrava de que eu tinha o visto tocando guitarra na

sala de música, e do quanto fiquei admirada com sua habilidade para com a música.

Tudo aconteceu no dia anterior, quando decidi terminar o trabalho de ciências com o Lucas. Eu e Déh, tínhamos ficado sozinhas no campus, quando Leh saiu com Alex para caminhar.

— Déh, tenho que terminar o trabalho de ciências. É uma pena ter que suportar o mau humor do Lucas, mas é a vida. Bom, vou ter que te deixar sozinha...

— Não tem problema, pode ir.

— Obrigada, então eu já vou indo.

Fui ao dormitório e juntei todos os meus cadernos e livros que estavam lá, em seguida, comecei a andar pelo corredor do segundo andar. Quando me dei conta de que não sabia onde Lucas estava, dei meia volta, indo em direção à biblioteca. Acabei passando ao lado da sala de música, e escutei um som de solo de guitarra ecoando por todo o corredor. Sem ser muito curiosa, me aproximei das portas abertas e fiquei meio escondida. Aquele solo de guitarra era fascinante e produzia uma melodia adorável; resolvi espiar.

Era ele! Eu não podia acreditar que Lucas Cavalier tocava guitarra!

Lucas estava em um canto da sala, tocando guitarra, e com seu pé apoiado em uma mesinha de canto. Seus cabelos escuros se moviam quando ele voltava o seu olhar para a guitarra que tinha em mãos, e seus dedos fluíam sobre as cordas da guitarra. *Era tão estranho*! Ele sempre era fechado com todos, mas sabia expressar seus sentimentos através da música. Fechei os olhos, aproveitando aquele som magnífico de guitarra, até que de repente, tudo ficou em silêncio.

— Quem está aí? — a voz grave dele soou.

Respirei fundo e apareci diante da porta. Ao me ver, Lucas revirou os olhos e colocou a guitarra de lado; parecia irritado.

— O que você quer? — perguntou, passando a mão no cabelo escuro.

— Nada, eu só estava passando por aqui e escutei alguém tocar.

— Ah, e você costuma espionar atrás da porta?

Fiquei sem reação.

— Eu não estava te espionando, só gostei da melodia da guitarra!

Lucas olhou para a janela e arrumou o moletom escuro que usava.

— Bom, temos um trabalho para terminar — anunciei, entrando de fato na sala.

— Eu sei disso.

— E é por isso que estou aqui!

Lucas voltou seu olhar para mim.

— Como sabia onde eu estava?

— Vamos dizer que te achei por acaso. E eu não vim espiar você tocar!

— Que bom, porque a sessão de música, acabou. — Ele levantou as duas mãos, e as jogou para o lado.

— A porta da sala está aberta Lucas, qualquer um podia te ver tocar.

— É, mas eu não queria que você me visse tocar! Pode me dar azar.

Ficamos em silêncio, ele era tão convencido!

— Você tem autorização para ficar aqui?

— Essa pergunta eu faço para você — ele respondeu friamente, apontando o dedo para mim.

— Eu... Eu...

— Gaguejando? Perdeu os argumentos?

— Lucas eu estou aqui para terminar o trabalho, se você não quer me ajudar, avise ao professor. — Encarei.

Lucas não desviou o olhar e se levantou, colocando as mãos nos bolsos.

— Eu vou terminar esse trabalho, está bem? Agora você pode parar de falar comigo?

Olhei para a janela e depois de alguns minutos, disse:

— E então? Podemos ir à biblioteca?

— Podemos. E eu não estou aqui sem autorização, que fique bem claro, entendeu?

Lucas pegou sua guitarra e a colocou em um armário com seu nome.

— Você...

— Faço aula de música — ele me interrompeu. — A professora Lana, deixou eu usar a sala para treinar alguns acordes.

— Ah, entendi — balbuciei.

Notei que mais ao fundo da sala, alguns alunos estavam ajustando instrumentos e ajudando a limpar o lugar.

— Você toca algum outro instrumento?

— Não tem algo mais interessante para perguntar?

— Não — respondi, dando de ombros

— Onde a *quietinha* aprendeu a ser ousada?

Contive um suspiro de enfado, ele era tão sem-noção! Lucas se virou para mim, e pegou alguns dos meus livros.

— Vai ficar parada aí por quanto tempo?

— Eu já estou indo.

Pegamos caminho pelo pátio, que estava lotado! Lucas se desviava das pessoas facilmente, e eu fazia o contrário. Sem perceber, acabei esbarrando em Tâmara.

— Aí, está louca garota? — perguntou, passando a mão pela blusa.

— Mil perdões! Lucas, me espera. — gritei para ele.

Lucas que já estava na frente, voltou alguns passos e se virou para mim.

— O quê que foi agora?

— Ah, oi Lucas — Tâmara sorriu ao vê-lo e olhou para mim. — Então foi você que se esbarrou em mim, né?

— Foi sem querer, desculpa.

Ela me olhou com desdém e sorriu sutilmente.

— Tudo bem, Francinete.

— É Franciele.

Lucas estava com alguns livros nos braços — parecia ainda mais irritado —, e reclamou:

— Então, vai demorar quanto tempo aqui?

— Tudo bem, vamos.

Tâmara interrompeu nossa passagem.

— Precisa de alguma coisa, Tâmara? — Lucas perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Não lindo, eu só estava indo para à biblioteca. Vocês vão para lá, não é? Vou acompanhar vocês.

— Então vamos logo, estamos perdendo muito tempo!

Tâmara saiu ao lado de Lucas e riu o trajeto inteiro. Foi bem irritante, para falar a verdade. Quando chegamos na biblioteca, organizei meus livros e comecei a anotar algumas ideias. Tâmara não parava de falar e flertar com Lucas — que a ignorou todo o tempo.

— Como está progredindo o seu trabalho, Lucas? — Tâmara finalmente fez uma pergunta normal, enquanto sorria.

— A Franciele está tomando conta da maior parte do trabalho de ciências — ele respondeu. — Não é, Fran?

Ergui a cabeça ao ouvi-lo me chamar pelo apelido. A única coisa que pude perceber, foi Tâmara me fulminando com os olhos.

— Estou me esforçando — falei, e voltei meu olhar para os meus estudos.

Tâmara riu como se aquilo não passasse de nada.

— Não tente se mostrar tanto, queridinha. Bolsistas não precisam provar o tempo todo para nós, do porquê de estarem aqui...

— É verdade, eu não preciso provar nada para ninguém!

Tâmara abriu a boca para responder, mas foi interrompida pelo toque do celular.

— Oi. Estou na biblioteca — falou, ao atender a ligação. — Eu já entendi. Eu já estou indo, não atrapalha!

Ela guardou o celular e bufou um tanto irritada.

— Tenho que ir, lindinho... Você sabe como é difícil ser líder de torcida, né?

— Não sei.

Ela forçou um sorriso.

— Até mais, lindo.

Em seguida se retirou, saindo toda pomposa, e eu suspirei aliviada.

— Que foi? Não vai com a cara dela? — Lucas me perguntou, quando saí em direção à uma estante de livros.

— Não é nada disso! Eu não estou nem um pouco ofendida pelos comentários dela.

Voltei meu olhar para ele, e não percebi quando um livro caiu em meu pé com força.

— Aii — gritei, cambaleando para o lado.

Lucas se levantou rapidamente, e se aproximou de mim.

— Tá tudo bem com você, garota?

Coloquei a mão em meu pé, e voltei meu olhar para ele, que mantinha uma certa distância de mim.

— Está tudo bem.

— Se está tudo bem, por que fazer esse alarde todo?

Caminhei em direção aos meus livros, cansada de escutar tantos comentários insuportáveis. Era incrível que além de ter que aturar Tâmara, ainda tinha que aturar o Lucas. *Dois chatos.*

— Viu? Você está até andando.

— Você pode parar de falar um segundo? — pedi, juntando meus livros.

Lucas levou as duas mãos a cabeça; despreocupado.

— Não, porque você não manda em mim, entendeu?

— Espero que tenha uma boa noite — falei, saindo da sala de biblioteca.

— Não vai terminar o trabalho?

— Não.

Lucas se aproximou e pediu, sussurando:

— Não quero que ninguém da nossa sala saiba que eu toco guitarra, entendeu?

— Tenha uma boa noite — respondi, ignorando seu pedido.

Saí dali irritada e mais tarde, contei toda a situação para a Déh. Lucas era um garoto tão antipático, isso era nítido.

Esse tinha sido meu dia complicado, e relembrar de tudo aquilo, me fazia notar que por mais talento que Lucas tivesse com a música, ele continuava sendo um arrogante.

Suspirei, voltando a minha realidade: terminar o meu trabalho.

— O que aconteceu, garota? — A voz de Lucas me assustou.

Virei a cabeça em sua direção, notando que ele estava parado diante de mim, com as mãos nos bolsos.

— Nada.

— Porque estava olhando para mim?

— Eu não estava olhando para você.

— Eu não sou cego!

— Bom, quer saber a verdade? — perguntei. — O trabalho também é obrigação sua, é por isso que eu estava te olhando. Você não faz nada, só fica reclamando!

Com um passo rápido, ele puxou meu caderno e o segurou em mãos.

— Eu vou terminar esse trabalho bobo, e espero que você pare com esse "mi, mi, mi," entendeu?

— Ótimo — respondi.

Bufei, e saí de perto dele, indo para o meio da quadra, para jogar queimada.

— Déh — chamei. — Posso entrar no seu time?

— Claro, vem. Meninas vamos reiniciar a partida — Déh que estava super animada, gritou para as garotas que jogavam basquete.

Foi mil vezes melhor, e bem mais divertido jogar queimada, do que ter a companhia de Lucas. Eu não precisei me preocupar tanto com o trabalho, isso era um fato. O que me deixava preocupada, era se Lucas ia estragar o trabalho ou não.

Quando a aula encerrou, Leh veio até nós, com uma carinha de arrependimento.

— Oi meninas, perdão por não ter passado a aula com vocês! Não ficaram chateadas, né?

— Tudo bem Leh, mas com quem você passou a aula? Você estava jogando vôlei, né? — perguntei.

— Sim, sim. Prometi passar essa aula ao lado da Nathy, minha amiga de infância, então fui jogar vôlei com ela.

Déh deu um sorrisinho.

— E veio junto do Alex, eu vi, tá?

— Sim, eu tinha combinado de vim junto com o Alex também. Que pena que não passei muito tempo com ele...

Déh se aproximou de Leh, e apoiou uma das mãos em suas costas, fazendo-a andar em direção a saída.

— Você vai poder ver ele no intervalo Leh, fica tranquila. Agora vamos?

— Esperem aí — pedi e saí correndo para as arquibancadas.

Elas me seguiram juntas, e me observavam correr feito doida, com olhares confusos.

— O que foi, Fran? — Leh perguntou.

Bufei, ao ver que Lucas tinha levado meus cadernos embora.

— Lucas levou meus cadernos com ele, era para ele usar o caderno dele! Onde já se viu? Ah, não acredito!

As meninas riram copiosamente, achando super engraçado aquela situação.

— Do quê vocês estão rindo?

— Achei fofo — Déh disse, sorrindo feito boba.

Revirei os olhos e apoiei as mãos na cintura, lançado um olhar repressor para elas.

— Agora eu que digo: vamos embora?

Elas riram novamente, e eu saí dando bronca nas duas por rirem de algo totalmente sério.

****

— Pronto, isso é um pão trançado — Tia Sunny falou, orgulhosa pelo trabalho bem feito.

Todos nós estávamos concentrados e prestando atenção em cada detalhe de como trançar um pão.

— Vamos Sabrina, sua vez. — Tia Sunny pediu.

Suspirei aliviada por não ter sido escolhida. Sabrina se direcionou até o balcão e começou a trançar o pão, toda entusiasmada.

— E vocês? Quero pães trançados agora!

Nós três suspiramos, sem ânimo. Comecei a preparar a massa do pão e o trancei, logo em seguida o coloquei para assar, e no final, até que me saí muito bem. Antes de irmos embora, tia Sunny pediu para que arrumássemos a dispensa — que estava uma bagunça —, e foi isso que fomos fazer.

— Eu gostei da aula de hoje — Déh comentou, enquanto arrumava as barras de chocolate. — Meu pão trançado saiu tão bonitinho...

— Eu também gostei, mas o Manuel ficou toda hora me atrapalhando — Leh confessou. — Sério, estou perdendo a paciência!

— É só vocês imaginarem que eles são iguais aos outros meninos dessa sala!

Déh arqueou as sobrancelhas, aparentando surpresa, e olhou para mim.

— Impossível Fran! O Christopher, Renan, Gael e o Nicolas são calmos e não interferem em nada no nosso trabalho. Já o Léo e o Manuel vivem fazendo coisas sem-noções.

Leh concordou, terminando de arrumar as caixas de leite.

— Sim, eles são completamente diferentes.

De repente, Léo apareceu na porta da dispensa, para a nossa surpresa. Nos calamos na hora.

— E aí, três mosqueteiras?

Déh suspirou, e Leh virou as costas para não olhar para ele.

— Quem vai ser a atrapalhada do dia? — ele perguntou, dando uma risada sarcástica.

Ninguém o respondeu, e ele entrou na dispensa. Léo se sentou na cadeira de repouso, atrapalhando a passagem da Déh.

— Com licença? Você está atrapalhando.

— Não estou não. — Ele colocou a touca de cozinha no rosto e descansou os pés na prateleira.

Déh inspirou, mantendo a calma e se aproximou de mim.

— Viu Fran? Ele faz isso de propósito!

— Deixa eu tentar te ajudar.

Andei na direção de Léo, e pedi calmamente:

— Léo, você poderia deixar a Déh passar para limpar a prateleira?

— Não sou obrigado.

— Mas...

Léo estalou a língua e se levantou, olhando para os meus pés.

— Porque você não vai atrás da sua meia perdida?

Não entendi na hora, mas depois de alguns minutos percebi que eu estava com meias trocadas.

— Manuel, vem aqui ver! — Léo chamou, rindo.

Quando Manuel chegou na porta, também caiu na gargalhada e eu me afastei deles.

— Fica quieto Léo, deixa ela em paz — Leh pediu.

— É mesmo, sai daqui — Déh interferiu.

Os dois ainda estavam caindo na gargalhada, quando tia Sunny dispensou todos nós. O mais chato foi que, enquanto descíamos as escadas, eles apontavam o dedo para mim, e riam bastante. Não quis olhar para ninguém, até que esbarrei em Lucas que estava no final das escadas.

— Aqui, o trabalho. — Ele estendeu o caderno em minha direção. — Que cara é essa?

— Não é nada, está bem? — Puxei meu caderno e voltei a me juntar com as meninas.

Elas também estavam incomodadas com as chacotas daqueles dois e me acolheram.

— Calma Fran, não liga para eles. — Déh tentou me acalmar.

Levei as mãos aos olhos, frustrada pelos dias exaustivos naquela escola. Tudo estava se cabeça para baixo, e isso era terrível!

Quando anoiteceu, eu resolvi sair sozinha e passear no pátio, para distrair a cabeça, *eu precisava acalmar meus pensamentos.* O pátio estava calmo, então resolvi sentar em um banco isolado, perto de uma árvore. Eu olhava para o céu estrelado, suspirando sempre que podia. Foi quando escutei algumas vozes atrás da árvore.

Uma voz se destacava entre as outras, e me pareceu familiar, então avistei Lucas. Ele estava alterado e parecia irritado ao conversar com uns garotos ― que não consegui distinguir quem eram.

― Vocês entenderam? ― ele repetiu e avançou para eles.

Como aquela área estava escura, eu deduzi que ele deveria estar ameaçando alunos inocentes. Será que ele era um valentão, que fazia *bullying* com pessoas indefesas? Será que era por isso que Lucas se mostrava frio e misterioso?

Me esgueirei para escutar a conversa, mas acabei me enroscando em um arbusto, fazendo barulho. Os garotos começaram a olhar ao redor ― atrás de quem tinha produzido aquele som. Me movi rápido para o outro lado do banco, e Lucas acabou me vendo.

― Não é ninguém, parem de ser burros. Agora vão embora! ― ele gritou.

Respirei fundo, e quando percebi que eles já tinham ido, resolvi sair dali também. Foi aí que Lucas agarrou meu braço.

― Por que você estava escutando nossa conversa?

― Eu só estava passeando, tá? Eu não vi nada, porque isso não me interessa!

― Você está muito atrevida, não acha? E ainda se faz de bobinha. Qual é a sua? Por que está me perseguindo?

Bufei irritada, e o encarei novamente.

— Não tenho motivos para te perseguir, você não é o centro das atenções! E sim, eu tentei escutar a conversa de vocês, e aí, vai fazer o que?

Lucas se calou e olhou para mim com desdém, e dando uma risada sarcástica. Em seguida, saiu e me deixou sozinha. De longe, eu vi ele colocar seu capuz e sair correndo. De uma coisa eu tinha certeza: *eu não suportava aquele garoto.*

Capítulo 12

Déh
Fotografias

— E então, estou aprovada? — perguntei, arriscando olhar para tia Sunny.

Ela contornou a mesa e inspecionou com olhos atentos os *camafeus* feitos por mim.

— Tem que melhorar na aparência deles.... O chocolate tem que cobri-los por inteiro, veja esse aqui, esta faltando chocolate. — Ela fez uma cara feia. — Bom, deixe-os na geladeira e mais tarde vamos ver como ficou.

Arfei, um pouco decepcionada pelo resultado do meu trabalho — era meio óbvio que eu não estava sendo a aluna nota dez.

Peguei o prato que estava cheio, e o levei até uma das geladeiras da cozinha. O ar gélido que saiu da geladeira potente, fez com que eu sentisse calafrios. Dei um passo para trás, fechando-a rapidamente, e andei livremente pela sala, sem me importar com os olhares tortos de Léo sobre mim. Pelo visto, em menos de um mês na melhor escola do país, eu já tinha uma lista de inimigos, sem ao menos ter feito nada à eles.

Mais a frente, vi as meninas sentadas no batente das escadas — que davam entrada à nossa enorme sala de confeitaria —, e me juntei à elas.

— Uau! A semana passou voando, em? — comentei, fazendo-as virar instantaneamente para mim.

— Nem me diga — Leh brincou, virando o seu olhar para as escadas. — Pelo menos conseguimos dar conta do trabalho e realizamos tarefas

importantes aqui. Quando será que teremos uma "folguinha"?

— A apresentação do trabalho é na semana que vem, não é? — perguntei, finalmente me sentando ao lado da Fran.

Leh balançou a cabeça, indicando um "sim". Todas nós estávamos cansadas, além de termos que se esforçar em sala de aula, tínhamos o curso, onde se era muito exigido de nós.

Percebi que a Fran andava mais quieta do que o habitual, o que me deixou preocupada.

— E então Fran, quais são as novidades do dia? — Dei um sorriso em sua direção, que ela retribui de bom grado.

Fran ponderou um pouco e em seguida, colocou uma das mãos no queixo.

— Hum, deixa eu pensar... Não tenho. Acho que dizer que estou exausta, não é uma novidade, né?

— Pois é — concordei. — Mas Fran, você anda muito pensativa, aconteceu algo?

Fran tomou fôlego e o soltou em seguida.

— Ah não, graças ao bom Deus. Mas, para falar a verdade... Eu percebi que o Léo e o Manuel não riram mais de mim, e nem chegaram mais perto. Eu acho isso meio estranho...

Leh arqueou as sobrancelhas.

— E isso não é bom? — perguntou, convincente.

— É, é bom. Mas, e se alguém pediu para eles ficarem longe de mim?

Refleti um pouco a situação e apoiei meus dois cotovelos na perna.

— Você quer dizer, tipo, ameaçar?

Fran levantou as mãos, preocupada.

— Não, não. Não acho que seja isso, até porque, quem ia me defender? Minhas únicas amigas aqui, são vocês...

— Ownt... — Fiz biquinho. — Vocês também são muito importantes para mim, tá?

— Sim — Fran respondeu e coçou a cabeça. — Bom, sobre os meninos... É melhor deixar para lá. Eles provavelmente desistiram das chacotas ou viram que isso não me afetou em nada, e pararam.

— É, pelo menos com você — Leh comentou, meio exausta. — Enfim, chega de falar deles. E aí, Déh?

— Oi? Fiz algo de errado?

— Não — Ela riu. — O jogo de basquete do Noah, é amanhã, não é?

— Aham — concordei. — E eu vou assistir junto com vocês!

— Meu Deus Déh, pensei que a gente iria tirar nosso sábado de folga... — Fran brincou, com um sorriso no rosto. — É claro que eu vou.

Assistir a partida de basquete do Noah, significava estar aos olhares dos populares. Eu não queria decepciona-lo, pois o convite tinha vindo dele, mas eu não estava muito segura de ir para o foco dos ricos e mais influentes da escola; seria estranho. Mas, se as meninas estivessem junto comigo, eu ficaria mais tranquila e isso me ajudou a tomar a decisão de ir.

O restante do curso correu bem, meus *camafeus* não ficaram tão ruins, mas não foram levados nas encomendas das bancas. Eu voltei ao dormitório logo que sai da aula, diferente das meninas, que foram passear pela escola. A primeira coisa que fiz quando cheguei no dormitório, foi tomar um bom banho, para aproveitar o restante do dia.

Eu estava parada em frente ao espelho, enquanto penteava meu cabelo, e cantarolava uma música que tinha acabado de criar.

— *Como um raio de sol... vejo você brilhar....mais claro que as estrelas... você me faz sonhar* — cantarolei, enquanto penteava os fios do meu cabelo.

Olhei-me novamente no espelho, um pouco ansiosa e resolvi orar:

— Oh Deus, me dê forças para vencer todos os obstáculos postos em minha vida. Sabe, Senhor? Eu ando muito preocupada com meu futuro, com minhas notas, com as pessoas que não se dão bem comigo, que acabo me desanimando. Por favor pai, me ajude... Eu quero ser um exemplo de cristã, quero ter a mente de Cristo e fazer a tua vontade.

Coloquei o pente no móvel embaixo do espelho, e me sentei em minha cama, olhando para o cavalete ao meu lado.

— Estou sem inspiração para desenhar... — falei para o meu quadro não acabado. — Será que terei alguém para me inspirar?

Fazia dias que eu estava sem inspiração para desenhar, o que me deixava triste. Meu celular vibrou, notificando uma mensagem de Noah. Não contive um sorriso, o que me deixou meio sem graça. Em sua mensagem, Noah pedia para que eu me encontrasse com ele no campus, ao lado da área de lazer — fiquei confusa.

Fazia dias que eu não o via, e vê-lo naquele momento, me deixaria melhor. Vesti um moletom azul por cima da minha blusa, e sai diretamente para o campus.

Parei diante da localização que Noah tinha combinado, e fiquei observando o lugar. Ele não estava lá, o que me deixou meio triste.

— Aqui. — Noah acenou e se aproximou, com uma câmera fotográfica. — Sorria.

Olhei para ele confusa e fiquei surpresa, quando ele tirou uma foto minha. O flash da câmera me deixou um pouco zonza de inicio e, eu tinha certeza, que a foto havia saído um desastre.

— Noah, porque fez isso? — perguntei, puxando a câmera de suas mãos. — Devo ter saído horrível.

— Claro que não, olhe. — Ele se aproximou mais e mostrou a fotografia para mim. — Sinceramente? Eu preferiria ter capturado o seu sorriso, a foto sairia bem melhor com seus dentes brancos.

Lhe lancei um olhar de desconfiança, mas seu rosto expressava sinceridade.

— Obrigada pelo elogio, mas não vai se safar assim. Porque tirou uma foto minha?

Ele esfregou as mãos, despreocupado.

— Eu tirei uma foto sua desprevenida, porque a senhorita também tirou uma foto minha, com o nariz sujo de ketchup. — Ele sorriu, exibindo suas covinhas. — E, porque gosto de fotografar, essas fotos vão para o meu álbum pessoal. Então achei que seria justo que você também estivesse nele.

Tentei conter um sorriso bobo, ele era tão fofo! Naquela fotografia, meu rosto expressava surpresa, mas mesmo assim, eu tinha gostado da foto.

— Hum, então o riquinho também é fotógrafo... — provoquei.

— Bem, o "riquinho" herdou isso de família — ele disse, pegando a câmera de minhas mãos.

— Isso é maravilhoso, Noah. — Passei a mão em meu cabelo molhado. — E... porque me chamou aqui?

— Eu queria te ver — ele disse, um pouco envergonhado.

— Queria me ver?

— Sim, eu senti sua falta. — Tornou a olhar para mim, seus olhos analisaram meu rosto, em busca da minha resposta.

— Eu também senti sua falta. — Sorri, um pouco sem graça.

Ele ficou parado me olhando, e tossiu para disfarçar.

— Acabei de sair do "trabalho", então não se importe com meu cabelo bagunçado. — Ele pediu.

— Tudo bem, vou ignorar esse pequeno defeito que você acha que tem.

Começamos a andar, e Noah começou a tirar diversas fotos do campus. Observei sua concentração ao tirar as fotografias, seu cabelo o atrapalhava de vez em quando, mas ele não se importava.

— Descobri que você faz quadros... — ele disse descontraído, enquanto focava em sua câmera.

Coloquei as mãos na cintura e lhe lançei um olhar estreito.

— Andou me stalkeando?

Noah voltou seu olhar para mim e segurou a câmera em suas mãos.

— Não. — Riu. — Eu só vi algumas publicações suas. Seus quadros são lindos, sabia?

Dava para perceber que ele estava envergonhado, apenas pelo seu jeito de sorrir e o modo que passava às mãos pelo cabelo.

— Ah, bem... Eu desenho algumas coisas e pinto também, não é nada profissional.

— Se não se importar, posso ver seus quadros algum dia?

Sorri, meio sem jeito.

— Ah, se você quiser, é claro.

— Você desenha pessoas? — perguntou, voltando a tirar mais fotos do lugar.

— Sim — dei de ombros —, mas só desenho alguém, se eu gostar do que a pessoa transmite. É legal saber dos gostos das pessoas e desenhar alguém que tem bons gostos, é maravilhoso!

Noah se virou para mim e ergueu sua cabeleira loira.

— Então, gostaria de saber se você me desenharia, senhorita. — Sua animação me contagiou.

— Hum, vamos ver... — Coloquei a mão no queixo o analisando. — Vou lhe fazer algumas perguntas.

Ele endireitou a postura e deixou a câmera solta em seu pescoço.

— Pode perguntar, senhorita Millicent.

Me aproximei, sorrindo de um jeito cômico. Eu nunca tinha feito perguntas antes de desenhar alguém. Eu apenas me sentia inspirada e desenhava. Para falar a verdade, as únicas pessoas que eu já tinha desenhado na vida, eram a minha família.

— Comida favorita?

Noah passou um bom tempo pensando e respondeu:

— Gosto particularmente de tudo, mas minha comida preferida é pizza, principalmente quando sou eu que preparo.

— Você cozinha? — perguntei, um tanto surpresa.

— Cozinho. — Ele deu de ombros. — E não me diga que é coisa de mulher.

— Claro que não seu bobo, homens também cozinham e eu acho isso um máximo.

Ele sorriu, feliz pelo meu comentário. Eu já sabia que ele era muito alto-astral, só que descobrindo mais dele, dava para perceber que ele era um garoto "Golden retriever".

— Vamos ver... hobby favorito?

— Fotografar, como pode ver — ele ergueu a câmera —, e jogar basquete.

— Ah sim, você é tão cheio de coisas para fazer... Como consegue lidar com tudo isso?

Ele esboçou um sorriso.

— É bem mais complicado do que imagina... — Apertou as mãos, pensativo. — Mais faço das tripas o coração para que funcione bem.

Assenti, ele realmente era muito esforçado. Fiquei tentando puxar mais uma pergunta para fazer a ele, mais nada me vinha em mente.

— Sem ideias?

— Ah, tenho mais uma.

— Vamos lá.

Me perdoe Noah, mas não poderia deixar de te provocar — tive vontade de lhe dizer, mais não o fiz.

— Você costuma quase atropelar uma garota na rodoviária e pagar um táxi para ela? — Sorri, debochando.

Ele pensou por uns segundos e entrou na brincadeira.

— Hum, deixa eu ver... — Ele colocou uma mão no queixo, fingindo seriedade. — Só uma vez que meu chofer quase atropelou uma *loirinha irritadinha*, mas não, isso não costuma me acontecer com frequência.

— O loiro aqui é você, Noah!

Rimos juntos, igual dois bobos. Apesar de nossa situação ser engraçada e complicada quando nos conhecemos, era muito bom relembrar disso.

— E então? Estou aprovado?

— Hum...vou pensar no assunto.

Noah continuou caminhando tranquilamente, enquanto tirava mais fotografias do lugar. Até que paramos em uma ponte pequena — que enfeitava a área de lazer do campus.

— Sorria para a câmera — ele disse com a voz leve.

Me encostei em um dos lados da ponte e ergui a sobrancelha.

— Eu nem estou arrumada, isso vai apagar o brilho da foto — comentei, tocando no moletom azul que eu estava usando.

— O brilho tem que ser você — Noah disse, também se encostando no seu lado da ponte, com a câmera focada em mim.

Apoiei as mãos no corrimão da ponte e abri um sorriso meigo. Os *clicks* foram diversos e Noah virou as câmeras algumas vezes, capturando os melhores ângulos.

— Pronto? — perguntei, com o sorriso quase sumindo do meu rosto.

— Só um segundinho... — Ele pediu. — Pronto.

Finalmente descansei meu rosto, minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Noah começou a ver as fotos e eu me aproximei.

— Gostei dessa. — Ele apontou para uma onde eu sorria descontraída.

— Também gostei, você é um ótimo fotógrafo, obrigada Noah.

— Não há de quê. Aqui, veja as outras. — Ele me entregou a câmera.

Comecei a vê-las uma por uma, e quando já estava terminado, me deparei com uma foto de Mariah. Ela estava sorrindo, em frente à nossa sala.

— Essa é a... — Noah pronunciou e eu terminei sua fala.

— Mariah.

— Já a conhece?

Suspirei.

— Sim, ela é da minha sala.

— E vocês são amigas?

— Ela não gosta muito de mim, mas tudo bem.

Noah ficou um pouco preocupado.

— A Mariah tem uma personalidade muito forte. Nós nos conhecemos desde a infância, então ela é como minha melhor amiga.

Só aí consegui entender, o porquê que ele estava a abraçando no dia em que fui procura-lo para me desculpar. Eles eram bons amigos e eu achei isso legal, mesmo ela não gostando muito de mim.

Devolvi a câmera para suas mãos e seu celular vibrou de repente.

— Humm... — resmungou, quando viu a mensagem no celular. — Treino de basquete.

— E você não fica feliz? Você gosta tanto de basquete.

— Sim. — Ele sorriu, guardando o celular. — Mas eu queria revelar essas fotos que tirei de você na sala de informática, para te entregar.

Fiquei um pouco admirada pelo cuidado e o jeitinho fofo que ele se dirigiu a mim.

— Nossa Noah, isso é muito gentil da sua parte. Mas...você precisa treinar. Amanhã você vai jogar, não é?

— Sim, é amanhã. Posso te dizer algo? — Ele sussurrou e eu assenti. — Estou um pouco apreensivo, mas estou confiante.

— Você vai arrasar, eu tenho certeza. Você é muito bom no basquete Noah, sério.

Ele ficou sem jeito e pareceu meio sem rumo com meu elogio.

— Você vai estar lá amanhã, não vai?

— Sinceramente? Não sei. Eu não acho que vou conseguir ficar em um lugar cheio de populares. Não quero parecer uma "bolsista chata", mas eu sei como a maioria dos populares são.

Noah ficou com o semblante triste. Mas, de repente, segurou minha mão.

— Se você estiver lá, eu vou ficar muito feliz. Você pode levar suas amigas, que tal? Aí vocês podem ficar na primeira fileira da arquibancada, e não vão precisar ficar junto dos populares.

— É uma boa ideia.

Noah soltou minha mão e acenou para mim.

— Eu espero vocês — disse, correndo para o treino.

— Eu estarei lá, por você — sussurei.

Capitulo 13

Déh
O melhor jogador

O aroma das esfirras de frango fazia meu estômago roncar. Eu e as meninas estávamos em uma mesinha do campus — onde um guarda-sol nos protegia dos raios solares —, aproveitando aquela manhã ensolarada.

— Vocês preferiam suco de morango? — Leh perguntou e escolheu uma esfirra.

— O de laranja está ótimo, Leh — respondi.

Fran pegou uma das esfirras e experimentou, feliz.

— Sabe? — perguntou, retirando o canudinho para beber o suco de caixinha. — Eu estou morrendo de saudades da minha família.

— Eu também estou. — Deixei a esfirra de lado. — Eu converso com meus pais pelo celular, mas não é a mesma coisa. Quero vê-los pessoalmente e sei que isso vai demorar um pouco.

Leh mexeu no cabelo e suspirou, um pouco pensativa.

— Vocês ficaram sabendo? — Perguntou. — Já faz mais de um mês que estamos aqui, e a diretora organizou uma confraternização, junto com a entrega dos trabalhos de ciências. Vamos poder fazer ligações para nossa família.

— Aí que maravilha, Leh — Abri um sorriso entusiasmado. — Será que podemos usar vestidos, nessa "confraternização"?

— Seria um sonho. — Respondeu entre suspiros. — Podemos até ir combinando.

Vibrei com a proposta, estava com saudades de usar vestidos. Eu gostava do uniforme, mas era muito mais legal usar uma roupa diferente de vez quando. E era exatamente isso que eu iria fazer na confraternização.

O resto da manhã foi interessante. Andamos um pouco pelo campus, e aproveitamos aquele sol morninho. A tarde fomos ao refeitório e eu fiquei observando o lugar. É, ele não estava lá. Noah devia estar treinando para o seu jogo de basquete, que aconteceria as 15:00h. Um pouquinho mais tarde, voltamos ao nosso quarto para nos arrumar.

Enquanto as meninas escolhiam as roupas, eu fiquei olhando para o meu cavalete, onde já tinha começado a desenhar os olhos verdes do Noah, o que me fez sorrir de repente.

— Quem é? — Leh perguntou, segurando uma calça jeans nos braços.

— Bem, vamos dizer que tive uma inspiração para desenhar ontem.

— Esses olhos me parecem familiar... — Ela observou o quadro. — É o Noah?

Fiquei sem jeito e cobri o quadro com um pano branco.

— É, mas eu só estou desenhando ele, porque ele pediu para mim.

— Ownt... que fofo!

Estreitei os olhos em sua direção e ergui as sobrancelhas.

— Eu posso desenhar você e a Fran também, sabia? E relembrando a você, dona Letícia, foi ele que pediu para que eu o desenhasse. — Ri, perdendo a postura de seriedade.

— Achei fofo mesmo assim. Você se esforçou muito, porque os olhos dele estão muito realistas. Meus parabéns. — Ela bateu palmas, comemorando o meu progresso.

— Eu fiquei impressionada comigo mesma, sabe? — Suspirei e olhei para os meus pincéis postos no criado mudo. — Fazem meses que eu não desenho alguém, ultimamente só estou desenhando paisagens.

— Sabe porque seu quadro está evoluindo? — Perguntou e eu balancei a cabeça, confusa. — Admiração, você é admirada por ele.

— Somos só amigos.

— Tá, tá. — Ela levantou as mãos. — Se você diz...

Ri da sua expressão de convicção e fui me arrumar.

•°•°•°•

O lugar mais cheio da escola, naquele dia, era a quadra. Haviam garotos apostando qual time levaria a vitória e algumas meninas fofocando sobre os astros do basquete. E claro, não podia faltar, as garotas populares com cartazes.

Eu e as meninas estávamos um tanto perdidas, e como eu havia previsto, os populares e os mais influentes da escola estavam ocupando os melhores lugares das arquibancadas.

— Ele falou para ficarmos em qual arquibancada? — Leh perguntou um pouco alto, por conta do barulho das conversas paralelas do lugar.

— A primeira arquibancada!

Leh se aproximou e franziu a testa, sem entender nada do que eu disse.

— O que?

Fran que já tinha escutado, puxou a mão da Leh e a conduziu ao lugar indicado; rápida e precisa.

Do lugar onde estávamos, dava para enxergar a quadra por inteiro. A partida ainda não tinha começado, então ficamos conversando.

— Aqui é um ótimo lugar para assistir o jogo — Fran comentou , dando de ombros.

— É verdade. — Leh concordou. — Nunca assisti um jogo de basquete.

Balancei a cabeca e vi Alex passando por nós, que quando nos viu, sorriu para a Leh.

— Oi, como estão? — Perguntou, sentando-se ao lado dela.

Ela abriu um sorriso meigo e passou a mão no cabelo.

— Oi Alex, estou bem, o que você está fazendo aqui?

— Sou o melhor amigo do Noah. Vim prestar apoio ao time dele. Aquele garoto tem batalhado muito para conquistar essa vitória. —Sorriu, ajustando o óculos. — E vocês?

Leh abriu um sorrisinho e aprontou para mim.

— A Déh é super amiga dele, e estamos aqui por causa dela. O Noah a convidou para assistir o jogo de basquete, e ela aceitou. — Ela disse sem rodeios e vi a Fran concordar.

Olhei para Alex , um pouco sem graça de comentar sobre a minha amizade com o Noah.

— É sim, ele me convidou. — Voltei o olhar para as duas, que sorriam. — Ele queria que eu assistisse a um jogo de basquete, porque eu nunca assisto jogos. Só a copa do mundo! — lembrei. — Então, como eu estava pensando em não vir, as meninas me acompanharam.

As duas concordaram e a Fran fez um sinal de positivo.

— Isso é muito legal, o Noah ama esporte. Nunca vi um cara gostar tanto de esporte!

— Você também não fica atrás, não é, Alex? — Leh provocou.

— Sim, tirando eu, é claro. Eu fico feliz que a Leh, digo, que vocês estejam aqui. — Ele sorriu, sem jeito.

Vi Noah se aproximar. Ele deu uma pequena corridinha, bagunçando seu cabelo loiro, o que lhe deixou engraçado. Vestido com a camiseta de seu time — que era vermelha e tinha alguns detalhes em branco —, ele parecia um tanto nervoso.

— Oi gente. — Ele acenou para todos que estavam nas arquibancadas.

Alguns cochichos tomaram conta das arquibancadas de trás e escutei uma menina dizer:

— Ele não é lindo?

"É, ele é", pensei. Noah se dava bem com quase todo mundo, e estava cumprimentando cada pessoa que via pela frente, até que parou diante de nós.

— Oi Letícia, olá Franciele. — Cumprimentou, e elas acenaram.

Quando viu Alex, foi logo bater na mão do amigo com um sorriso no rosto.

— É aí, Noah? Vai vencer mais essa? — Alex perguntou, brincalhão.

— Vou dar o meu melhor, essa vitória tem que ser do meu time!

Com um movimento rápido ele se virou e me viu.

— Olá senhorita Millicent, como está se sentindo prestes a assistir o melhor jogo de basquete da história?

— Oi, senhor Leblanc. — Dei um meio sorriso e juntei as mãos. — Oh céus, vou mesmo presenciar esse momento histórico? — brinquei.

Noah balançou a cabeça e colocou uma mão no peito, tentando manter uma postura importante.

— Sim, e esse momento será protagonizado por mim. —Ele não conteve uma risada.

— Se rir na quadra, pode perder o jogo, senhor Leblanc, digo, melhor jogador da história — fui irônica, para receber mais um daqueles sorrisos.

— Agora, falando sério... — Ele arrumou a postura. — Ainda bem que você veio, estou muito feliz. Pensei que você não viria, estava preocupado com isso.

— Oras, não sou tão importante assim, Noah.

— Como não? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Nunca mais repita isso, por favor. Leia provérbios 31:10, você se encaixa perfeitamente nele — ele sorriu e eu fiquei admirada por ele citar aquele provérbio.

"Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis." (Provérbios 31:10).

Sorri, como se tudo ao meu redor se tornasse mais belo.

— Se me dão licença, tenho que me juntar ao meu time. — Ele disse, esfregando as mãos. — Torça por mim, Déh.

Noah virou as costas e pude ver que seu uniforme continha o número um, estampado atrás. Mais a cima, seu nome também estava lá. E uma frase em inglês fez meus olhos brilharem: *God is not dead/ Deus não está morto.* Um sorriso se esticou em meus lábios; ele era realmente um garoto fantástico.

Noah correu para o seu time e todos ficamos de olho na quadra. Com um piscar de olhos, as meninas da torcida adversária, apareceram no meio da quadra. Elas seguravam pompons e usavam saias abaixo do joelho — exigido pelas regras e normas da escola —, juntamente de uma blusa azul-marinho. Elas fizeram uma coreografia e todos aplaudimos.

Alguns minutos se passaram e a torcida do nosso time apareceu. Fiquei meio em choque, ao ver Mariah como a líder de torcida. Ela sorriu e jogou o cabelo para o lado, onde o mesmo ato foi imitado por Tâmara. Ela esbanjava de um sorriso vitorioso e usava um uniforme estiloso — na qual a saias eram rosas e as blusas eram vermelhas.

A coreografia dela foi bem feita, com alguns passos que se destacaram. No final, Mariah mandou um beijo no ar para o Noah.

Algum tempo se passou e os garotos entrarem na quadra. Os meninos do outro time eram muito altos, mas Noah não ficava atrás. No começo da partida, o outro time marcou três pontos — o que provavelmente deixou Noah frustrado.

Comecei admirar o modo como ele jogava. Seu cabelo praticamente voou quando ele pulou para marcar ponto. Isso levou a torcida a loucura.

Depois do primeiro período, Noah foi beber água e juntou seus companheiros para motiva-los a vencer, como um bom líder. E no segundo, eles marcaram sete pontos e vencerem a partida. Aplaudi de pé a vitória do seu time. Noah estava muito feliz, dava para perceber pelo seu sorriso meigo. Ele foi levantando pelos amigos, enquanto eles gritavam o seu nome.

— Eu disse — Alex vibrou. — Ele conseguiu!

— Nossa, eu gostei muito de assistir um jogo desses, foi muito emocionante — Leh confessou, impressionada.

Fran balançou a cabeça admirada e observou o lugar.

— Nossa, também gostei. Me surpreendeu.

Quando Noah finalmente conseguiu sair de perto de tanta gente, veio em minha direção, sorrindo. Mas foi interrompido por Mariah que o abraçou e segurou seu rosto.

— Você conseguiu, Noah, você conseguiu! — Ela quase gritou e deu um beijo em seu rosto.

— Obrigado Mariah, você também foi ótima como líder de torcida. — Ele disse com um sorriso e voltou seu olhar para mim. — Se não se importa, tenho que falar com uma pessoa especial.

— Quem pode ser mais especial do que eu? — ela perguntou, se afastando.

Noah coçou a cabeça e olhou para mim. Eu me mantinha em pé, junto das meninas.

— É uma amiga, muito importante.

— Quem? Quem é essa sua "amiga muito importante"? — Questionou com desdém.

— É a Déh, ela está ali. Quero cumprimenta-la.

Virei o rosto, provavelmente ela iria me odiar mais ainda. Suspirei e voltei meu olhar para os dois, ela fazia uma cara feia, mas mesmo assim, acompanhou o Noah, até a mim.

— Oi Déborah, eu consegui — Noah disse feliz.

— Meus parabéns, Noah. — Olhei para o seu rosto e percebi o olhar cortante de Mariah sobre mim.

Noah abriu um sorriso de gratidão e se aproximou de mim, na intenção de me abraçar. Fiquei um tanto nervosa, mais ouvi alguém chamar ele.

— Vamos Noah, tem que dar entrevista ao blog da escola, estão te chamando. — Mariah puxou mão dele.

— Espera aí, Mariah — Alex pediu e abraçou Noah. —Parabéns irmão, coloquei muita fé em você!

— Obrigado, meu amigo. — Noah sorriu e as meninas também o felicitaram pela conquista.

Mariah que já estava impaciente, puxou a mão dele e disse um pouco raivosa:

— Vamos Noah, está perdendo a hora.

Sorri vendo ele dar uma entrevista ao blog da escola, certamente ele devia estar muito feliz pela conquista e ele realmente merecia.

Capítulo 14

Leh
Descoberta

Haviam diversos vestidos espalhados pela a minha cama. Quase todos eram presentes que eu tinha recebido dos meus pais, quando eles voltavam de viagens. Um pouco mais afastado, estava um vestido que Ofélia tinha costurado para mim — antes de eu iniciar minha jornada na nova escola.

Olhei ao redor, procurando alguém que pudesse palpitar sobre qual escolha eu devia tomar. Déh arrumava o cabelo na frente da penteadeira e Fran estava no banheiro, terminando de se vestir.

Não quis incomodá-las e fiquei uns três minutos parada de frente para a minha cama, analisando as opções.
Eu tinha que escolher logo, pois a confraternização que tínhamos naquela noite, era muito importante para os alunos novos; então seria de extrema importância para mim.

Olhei bem para o vestido que Ofélia tinha costurado. Segurei ele em mãos e abri um sorriso. *Era ele*, era aquele vestido que eu queria usar.

Quando terminei de vesti-lo, me olhei no espelho, me sentindo linda. Meu vestido era completamente delicado: rosa e florido e que se estendia até a altura dos joelhos. Para completar, tinha um cinto envolto da cintura — o que realçava o seu caimento.

— Uau Leh — Déh arquejou quando me viu. — Seu vestido é extremamente lindo!

Abri um sorriso gentil e me juntei a ela. O vestido da Déh, era vermelhinho — cor de morango —, e tinha mangas bufantes; seu penteado estava delicado e ela sorria intensamente.

— Igualmente, Déh. Seu vestido super combinou com você! — Nós nos olhamos no espelho. — Será que a Fran já está pronta? Eu só tenho que terminar de arrumar meu cabelo e já podemos ir.

— Ótimo. Acho que ela está terminando de se arrumar — Déh respondeu e pegou uma pulseira. — Já vou preparar o nosso trabalho para levar até o campus. É, acho que vamos nos sair bem.

Concordei plenamente e abri um sorriso, me virando novamente para o espelho. Comecei a passar um creme cheiroso no cabelo e finalizei minhas ondas. De repente, Fran saiu do banheiro com dois vestidos nos braços.

— Aff... — Suspirou e em seguida os jogou na cama. — Acho que definitivamente não vou ir de vestido! O que vocês acham?

— Fran, se você quiser usar vestido, vai ficar linda — Déh argumentou, começando a arrumar o nosso trabalho na escrivaninha. — A sua opinião é o que importa.

Fran crispou os lábios e voltou a pegar os vestidos. Olhou para o seu armário — examinando as opções —, e mexeu no cabelo que estava brilhando e bem definido.

— Eu até quero ir com um. Mas é que eu não uso vestidos com frequência, então não sei qual escolher.

Deixei o pente e o creme de lado e me aproximei dela.

— Há, entendo Fran. Então porque você não usa uma calça? Se você se sentir melhor, é claro.

Ela deu de ombros.

— É, acho melhor mesmo. Mas tenho certeza que a maioria das meninas vão estar de vestido, não quero parecer estranha.

— Claro que não, Fran — Déh ajuntou os papéis e se aproximou também. — Mas... já que posso opinar, prefiro que você use esse vestido azul-marinho, combina com você.

— Também acho — concordei, pegando o vestido de seus braços e rodando com ele. — Olha, vai ficar ótimo com essa jaqueta jeans por cima! — Indiquei uma jaqueta que estava em um dos cabides do armário dela.

Fran aceitou a ideia. Depois de alguns minutos no banheiro, saiu de lá super estilosa, com o vestido combinando com a jaqueta jeans. Ela escolheu um gloss que estava na sua penteadeira e passou nos lábios. Em seguida, balançou o cabelo e seus cachos ficaram ainda mais definidos.

— Muito obrigada, meninas.

— Não há de quê Fran, aqui somos como irmãs! — Déh sorriu e nos apertou em um abraço.

Decidimos que era o momento de sair para o campus, quando o relógio digital notificou que já se passava das 20:00h. Saímos juntas, compartilhando de diversas risadas e comentários.

Quando já estávamos próximas do local, peguei os papéis do meu trabalho com a Déh, e levei até uma das mesas que estavam ao redor de um palco improvisado, no meio do gramado.

O campus estava cheio; como de costume. As pessoas conversavam e se serviam de alguns lanchinhos que estavam em uma mesa grande.

Fran tinha razão! Praticamente a metade das meninas usavam vestidos ou saias. Já os meninos — quase todos —, usavam roupas sociais. Alguns dos populares, até improvisaram uma área para jogar vôlei — mesmo que isso só consistisse em ficar jogando a bola um para o outro.

Eu e as meninas, ficamos na primeira fileira de cadeiras que estavam de frente para o palco. Eu estava alegre. Cada vez que ia ao campus de noite, ficava admirada no quanto ele era lindo com as luzes acesas no gramado; parecia coisa de filme. Aquele lugar me fazia sentir livre — mesmo estando em uma escola cheia de normas e regras.

— Meninas, quando o discurso acabar e os trabalhos forem entregues, aonde vocês querem ficar? Tem tantas mesas aqui. — Déh apontou o dedo para as diversas mesas que estavam espalhadas pelo Campus.

— Há, pode ser aqui na frente mesmo, tem algumas mesas vazias — respondi e descansei as mãos no colo.

Coloquei a mão no queixo e de repente, me vi vasculhando o lugar, atrás de uma figura alta, de óculos brilhantes: Alex. Pelo visto, ele ainda não tinha chegado. Pelo o que ele tinha me respondido em mensagens, estava super nervoso para sua apresentação.

Peguei um copinho de água e enquanto estava me refrescando, um vestido roxo apareceu diante de mim, e quando levantei o olhar, vi que era Nathy, parada ali. O seu colar de brilhantes, era de fato, muito brilhoso.

— Oi Leh, como vai? — Ela acenou e voltou o olhar para a Déh e a Fran.
—Há, Oi meninas.

Déh levou a mão para um aperto e Nathy fez o mesmo. Nossa, como ela estava mudada. Fran só deu um oi, e voltou a procurar algo ou *alguém* pelo campus, com os olhos.

— Você está sozinha Nathy? — perguntei preocupada por vê-la sem as suas amigas. Mariah e Tâmara andavam grudadas com a Nathy em qualquer ocasião.

— Há não! Só estou esperando as meninas terminarem de se arrumar. Na realidade, eu queria conversar com você.

— Ah, Claro. — Me levantei. — Eu já volto meninas, prometo não demorar.

Eu não iria desperdiçar aquela oportunidade de conversar com a Nathy sem as amigas dela. Do mesmo modo que ela não gostava muito das minhas amigas — ou pelo menos aparentou ser no começo —, eu também não me dava muito bem com suas amigas.

Começamos andar juntas pelo campus, contornamos uma árvore e a conversa começou a fluir:

— Você sabe o que vai acontecer nessa confraternização de hoje? — perguntei curiosa para ela. Nathy estudava a mais tempo na escola e devia ter participado mais vezes dessas confraternizações.

— Há, nada de mais! — Ela debochou, dando uma risadinha. — Daqui a pouco a diretora vai fazer um discurso enorme em cima daquele palanque. — Ela apontou para lá. — Vai ter a entrega e apresentação desse trabalho meio tosco, que é novidade para todos, e depois vão nos liberar para podermos comer. Acho que umas dez horas acaba!

Ri da sua "animação", ao explicar em como funcionaria essa confraternização.

— Nossa que entusiasmante!

— Muito, essa é a vantagem de estudar aqui — ela debochou novamente e rimos juntas.

Recuperei o fôlego e coloquei uma mecha do meu cabelo para trás; ele estava quase seco e as ondas já estavam se destacando.

— E vamos poder ligar para os nossos familiares?

— Hurum — Ela concordou e mexeu no colar. — Mas, será que seus pais vão poder te atender? Eles foram para qual país, dessa vez?

Engoli em seco. Meus pais eram as pessoas que eu mais sentia falta. Meu coração se apertava em saber que eles sempre estavam ocupados e não tinham tempo algum para mim.

— Nova York. Eles tiveram uma reunião importante para ir. — Abaixei a cabeça, doía falar da ausência deles na minha vida.

Nathy continuou a falar sobre algumas coisas que ela estava estudando e eu me mantive calada; pensativa. Será que eles iriam me atender se eu ligasse para eles?

Continuei pensativa, até um dos meninos que estava correndo, trombar em mim, e eu quase levei um susto quando percebi que era o Manuel.

— Oi, *querida.* — Ele acenou com um sorriso.

— Oi Manuel. — Massageei meu ombro. — Querida? Por que você vive me chamando de querida?

Nathy nos observou conversando, seu rosto expressava confusão. Manuel jogou os cachos para o lado e deu um sorrisinho.

— Porque você é uma *querida.*

— Obrigada...?

Ele arrumou a postura e se encostou na árvore ao lado.

— Tá fazendo o que aqui, *querida?*

— Acho que todos estão aqui.

— É, estão mesmo.

— Se não se incomoda... — Tossi. — Preciso ir.

— Claro. Amanhã te vejo no curso, *querida.*

Sorri sem jeito e puxei Nathy de lado, andando de volta para as fileiras de cadeiras.

— Quem é esse garoto? — indagou, tentando me fazer andar mais devagar.

— Ele é do meu curso. Bem, como pode ver, ele é bastante intrometido.

Ela deu de ombros concordando, e voltamos a caminhar normalmente. Corri meus olhos novamente pelo campus; nada de Alex. Eu sabia que a Nathy não se dava bem com o Alex, mas já que os dois eram da mesma sala, ela devia saber alguma coisa dele.

— Você viu o Alex por aí?

— Nossa Leh! — Ela bufou e virou o rosto. — Por que toda vez que estamos conversando, você insiste em falar nesse menino?

Me senti desconfortável. Ela não precisava se portar daquela maneira.

— Calma Nathy, só fiz uma pergunta não precisa ficar assim!

— Mesmo assim, não vou muito com a cara dele, já te disse. — Ela revirou os olhos. — E você sabendo disso, não deveria falar dele, não perto de mim.

Parei de caminhar e me virei para ela. Não via motivo para tanto desprezo contra ele. O que tinha dado nela? Eu precisava saber.

— Mas, por que exatamente você não vai com a cara dele? — Disparei. —Eu não entendo, eu faço de tudo para entender, mas não consigo! O Alex é super gente boa, educado, bondoso e pacífico. Porque essa implicância toda, Nathy? Me diz, por que?

Ela engoliu em seco e encarou o chão. Houve um longo silêncio, antes de ela tomar fôlego para dizer algo.

— É porque o Alex é... — Nathy balbuciou e olhou fixamente para mim.

— O Alex é...? Fala Nathy, pelo o amor de Deus, estou ficando nervosa!

— Quer mesmo saber? Tudo bem. O Alex é meu ex-namorado, Leh!

Fiquei alguns segundos encarando seu rosto, pega de surpresa.

— O-o que? — Gaguejei. — Isso é sério, mesmo? — perguntei, sem acreditar.

— Sim Leh. — Ela confirmou e olhou para o campus. — E é por isso que não gosto de ver ele, ainda mais com você!

Tentei entender o peso de suas palavras e fiquei confusa com suas afirmações.

— Como assim: "ainda mais comigo"?

— Ôh Letícia, não se faz de sonsa, a gente não tem mais cinco anos! — Ela cruzou os braços, irritada. — E outra, a gente não está mais na creche, por favor, né?

— O quê? Espera aí Nathy, não vamos brigar, ok? Explica isso direito.

Ela soltou um suspiro enfadado e me encarou.

— Não tem o que explicar, o que se é visto! Você já percebeu o jeito que ele olha pra você?! Nem quando eu estou perto, ele consegue disfarçar.

Por uma fração de segundos, eu senti minhas batidas desconcertadas com essa possibilidade.

— Calma Nathy, eu e o Alex só somos amigos, sério!

— Pffff... — Ela debochou. — Sinceramente Letícia, eu duvido que você não sinta nada por ele. Não é só o jeito que ele te olha, é o jeito que vocês

se olham. Amigos não se olham assim!

Pisquei algumas vezes, preocupada. Ela bufou e continuou:

— Não vou mentir, ainda me dói o meu término com o Alex. Mas tudo bem, eu não sinto mais nada por ele, pode ficar tranquila. Agora, por favor, não me obrigue a ficar tendo que ouvir sobre o Alex o tempo todo!

— Nathy, eu não sei nem o que dizer, eu não sabia, desculpa se te magoei. Um término de namoro deve ser difícil, mil perdões.

Ela andou alguns passos a frente de mim.

— Tudo bem Letícia, não faz diferença. Eu já vou indo, as meninas chegaram!

Nathy se despediu e se juntou com as amigas. Eu fiquei sozinha no meio do campus; ainda sem acreditar em tudo o que tinha acabado de descobrir. Eu nem sabia como ia ser dali para frente, e nem como eu iria conseguir encarar Alex depois daquilo.

•°•

Oi, queridos leitores!

Venho agradecer pela repercussão que o livro está tendo, agradeço muito a Deus e depois a vocês! Obrigada.

Sejam bem vindas (os), e eu espero que estejam gostando da história!

O que acharam dessa descoberta?

°•

Capítulo 15

Leh
É sobre a estrela, ou sobre mim?

Admito. Passei quase todo o discurso observando Alex. Era instigante e inaceitável para mim, me sentir tão incomodada com aquela descoberta inesperada. Eu sentia meu coração se apertar, quando me lembrava das palavras de Nathy. Eu também não entendia o porquê do Alex não ter contado nada, sobre o namoro que teve com a Nathy. Mas, eu tinha o direito de saber? Porque ele me devia satisfação? E mais uma vez, aqueles pensamentos me deixavam apreensiva e confusa.

Virei mais uma vez para o lado, e fixei meus olhos nele. Alex estava concentrado, assistindo o discurso da diretora Salles, ao lado de Noah e Lucas. Os três estavam com roupas sociais e pareciam alunos refinados. Lucas por sua vez, segurava o trabalho dele e da Fran nas mãos.

— Sabemos do esforço e o comprometimento dos nossos alunos. Não é nada fácil estar aqui, sei que é um sonho enorme para todos, mas mesmo assim, é difícil. É por isso que hoje, os homenageados da noite, são vocês! — A sra. Salles finalizou o discurso, estendendo as mãos para a sua "plateia" e todos aplaudiram.

Não só os alunos participaram daquela salva de palmas; mas todos os professores, coordenadores, funcionários, os instrutores dos cursos e todos aqueles que colaboravam para o crescimento daquele lugar.

— Agora teremos as apresentações dos trabalhos de ciências do segundo ano do ensino médio. — Ela bateu as mãos e segurou o microfone. — Chamamos aqui à frente a primeira dupla do segundo ano A.

Com passos rápidos, Anthony e Raissa, subiram no palanque com diversas folhas e um controle-remoto. Dava para perceber o nervosismo deles, pois bem, não era nada fácil encarar aquela multidão. Após algumas explicações rápidas sobre o desmatamento em áreas silvestres e o que deveria ser feito para prevenir essa situação, eles finalizam a apresentação com alguns *slides.*

O relógio no meu pulso, avisava que já estava quase na hora de eu e a Déh apresentarmos o nosso trabalho. Arfei, apertando o vestido com as mãos. A minha cabeça estava confusa e cheia de preocupações. Como eu ia conseguir desenrolar o assunto proposto, se estava tão pensativa?

— Está tudo bem, Leh? — Déh sussurrou, me espantando. — Estou ouvindo as engrenagens da sua cabeça trabalhando agora mesmo.

— Ai, eu estou preocupada. — Confessei, apertando o vestido mais uma vez. — E se, eu esquecer o que devo dizer? Eu não sei... Ai, meu Deus! Eu não posso esquecer.

— Você não vai esquecer nada, fica tranquila. Eu também estou nervosa, para falar a verdade. Mas olha, antes da gente sair do dormitório, eu orei. Então, estou confiando em Deus, vai dar tudo certo!

— Tudo bem, você tem razão. Só vou contar até dez mentalmente para ver se isso me acalma um pouco.

Respirei fundo algumas vezes e decidi não pensar em Alex. Ele também devia estar preocupado com o trabalho que iria entregar e eu, sinceramente, me sentia mal por ter me intrometido em um assunto que não era meu. Espera aí! Eu estava pensando de novo no Alex, esquece! Soltei um longo suspiro e me endireitei na cadeira. Eu daria o meu melhor naquela apresentação, não importa o quão nervosa eu estivesse.

Depois de umas quatro apresentações, eu e Déh nos levantamos e andamos juntas até o palanque. Olhei para as pessoas — que eram muitas —, concentradas em nós e no que iríamos falar. O microfone estava à nossa frente, e a Déh se aproximou para falar. Ouvi alguns cochichos e os ignorei,

fixando o meu olhar nas portas do corredor e nas árvores, para ver se isso me ajudava.

— Boa noite. — Déh puxou o microfone e abriu um sorriso frágil. — Eu me chamo Déborah e tenho dezesseis anos.

Com um passo rápido, ela passou o microfone para mim.

— Boa noite. Eu me chamo Letícia e tenho dezessete anos.

— Esta noite, queremos apresentar a todos, o nosso trabalho sobre vulcões — Déh disse, quando a entreguei o microfone novamente.

Fiquei com alguns papéis em mãos, e Déh folheou algumas folhas reservas que estavam no seu braço.

— Vamos fazer algumas explicações sobre como ocorre as erupções vulcânicas e como as pessoas são afetadas com isso. — Suspirei, ao terminar de falar.

Reservamos as falas. As vezes eu falava três estrofes do trabalho e entregava as folhas para a Déh. Não foi tão difícil quanto eu imaginava. Déh abriu alguns sorrisos e disse direitinho suas falas. Eu também me sai muito bem, me esforcei para não olhar para a multidão e quando me dei conta, já tínhamos finalizado nossa apresentação.

Uma salva de palmas tomou conta do lugar. E os primeiros a se levantar das cadeiras e iniciaram as palmas, foram Alex e Noah. Os dois abriram sorrisos contentes. Noah sorriu especificamente para a Déh, mas acho que ela não notou. Enquanto isso, Alex balançava a cabeça, orgulhoso por mim.

As apresentações seguiram rápidas e objetivas. Só a apresentação de Mariah e Tâmara que demorou mais de vinte minutos, e isso foi bem monótono. Tirando isso, as apresentações do segundo A e do B, acabaram rápido e foram encerradas. Então, a rodada de apresentações do segundo C, foi iniciada.

Fiquei orgulhosa pelo trabalho bem feito da Nathy, ela falou muito bem e soube se expressar. Quando me dei conta, Alex e Noah já estavam no palanque. A apresentação dos dois foi simples, mas muito bem elaborada. Falaram sobre o desperdício de água e como podíamos prevenir isso. Também tive orgulho de os aplaudir de pé.

Depois de uma hora inteira apenas de apresentações, fomos liberados para os *comes* e *bebes* preparados para nós. Sai junto das meninas, me esbarrando em uma pessoa e outra e ouvi Fran reclamar:

— Quê que foi isso?! — Indagou, pondo as mãos no cabelo. — Gente, eu passei dias fazendo aquele trabalho e o Lucas vai lá e fica parado sem dizer nada no dia da apresentação!

— Ele podia estar com vergonha. — Déh sugeriu, com um sorriso de consolação.

— Vergonha?! Vergonha?! Eu não acredito que ele fez isso. Se a gente tirar nota ruim, é culpa dele — choramingou.

Eu até entendia a indignação dela. Fran tinha se esforçado muito para a entrega do trabalho, e apresentou quase tudo sozinha, enquanto Lucas ficou parado de braços cruzados e encarando a todos de cima do palanque.

Chegamos perto de uma mesa que estava cheia de bolos e tortas feitos no nosso curso. Peguei um pratinho e comecei a me servir.

— Olha Fran, vocês treinaram as falas? — Indaguei, pegando um garfinho também.

— Pior que não. Eu e ele estamos brigados.

— Brigados? — Déh arqueou as sobrancelhas e pegou mais um pedaço de torta.

Fran suspirou e andou para uma das mesas.

— Então, é que tivemos meio que uma discussão no dia em que o Léo e o Manuel zoaram de mim. É complicado, *ele* é complicado.

As duas seguiram juntas para a mesa e eu resolvi pegar mais um pedacinho de torta de limão. Peguei um guardanapo de papel e escolhi a fatia. Quando me virei para seguir as meninas, trombei em Alex, que segurou os meus braços para que eu não caísse de cara no chão.

— Desculpa, Leh. — Ele riu e coçou a cabeça. — Que bom te encontrar aqui.

Cravei os olhos no chão. Será que Nathy ia sofrer ao me ver com seu ex-namorado? Mesmo que Alex fosse só o meu amigo, ela podia se sentir muito mal ao ver a amiga de infância, conversando com o seu ex.

— Lehhh — ele me chamou, atraindo a minha atenção. — Devia olhar para o céu, ele está muito lindo hoje, não acha?

— Aham. Eu, eu...preciso ir, Alex. As meninas estão ali me esperando e eu não quero deixa-las sozinhas.

Se dei dois passos, foi muito. Alex segurou o meu punho delicadamente, e me fez olhar automaticamente para ele.

— Você foi incrível na entrega do trabalho, Leh. Na verdade, desde sempre eu te acho incrível e eu... — Alex tossiu e suas bochechas coraram levemente. — Eu... bom, parabéns.

— Muito... Muito.... — Havia um nó na minha garganta. — Agradeço muito pelo seu elogio, você também foi incrível, de verdade.

— Se não se importa, por que não escolhemos uma mesa juntos?

Olhei ao redor e procurei Nathy. Ela não estava lá, aparentemente. Não queria fazer minha amiga sofrer, então suspirei e neguei com a cabeça.

— Eu não sei Alex, seria meio estranho, não?

— Por que? Não tem nada de mais.

— Claro. Você tem razão, que bobagem a minha! — "Eu acho", completei mentalmente. — E qual mesa você quer ficar?

Alex puxou minha mão e saímos andando pelo Campus, cheio de gente. Passei pela mesa onde Noah e Lucas estavam, passei pela mesa de Tamara e Mariah, e graça aos Céus, Nathy não estava lá.

— Que tal essa aqui? — perguntou, apontando para uma mesa perto de algumas árvores. — Tem uma ótima vista para as estrelas.

Ele era mesmo fanático por estrelas, e isso era lindo. "Concentre-se Leh", pensei. Ele arrastou a cadeira para mim e eu me sentei a mesa. Estávamos frente à frente, nos encarando.

— Então? — Ele apurou a garganta e pegou um salgadinho. — Am... O que achou de hoje?

"Um dia confuso, para falar a verdade. Primeiro: descobri que você é o ex-namorado da Nathy. Segundo: ela me fez questionar sobre os meus sentimentos em relação a você. Não, eu não estou apaixonada, não estou!", essa seria minha resposta, mas invés de dizer tudo aquilo, respondi assim:

— Foi incrível! — Forcei um sorriso, que saiu meio improvisado. — E hoje, uau, tudo está muito lindo. A apresentação? Ah, maravilhosa.

— Tem certeza?

— Claro, por que eu estaria mentindo?

Silêncio. Eu e ele nos olhamos mais uma vez. Nenhuma palavra se quer.

— Eu não quis insinuar que você é mentirosa. — Ele quebrou o silêncio, brincando com um copo. — Eu só, estou preocupado com você.

— Mas por que? Está tudo ótimo comigo.

— Não parece. Você está tão... distante. Eu fiz algo que a magoou?

— Não, claro que não. — Balancei as mãos.

De certo modo, sim. Mas ele era apenas um bom amigo, só isso. O que me fazia me sentir culpada, era o fato de eu ter obrigado a Nathy a falar com o ele no dia da aula de educação-física. Ou será, que era porque o Alex havia namorado alguém tão próxima a mim? Eu estava com ciúmes dele? Não, eu só podia estar delirando.

— Viu? Você está quieta novamente.

— As vezes eu gosto de ficar reclusa em pensamentos. Aliás, tenho certeza que você deve ter uma mania.

— Tenho e muitas. O céu a noite, por exemplo. Todas os dias, ou melhor: todas as noites; eu tenho a mania de sair e ficar olhando para a imensidão do céu estrelado, quando não está chovendo, é claro. — Um sorriso se esticou em seus lábios e ele olhou para cima. — É tão lindo observar uma criação tão magnífica de Deus. Já parou para pensar que esses pontinhos pequenos no céu, são enormes no universo?

Olhei para o céu. Alex tinha razão. As vezes, quando eu tinha aproximadamente uns sete anos, subia as escadas do terraço da minha casa, só para observar a lua e as estrelas. Meus pais não viajavam tanto naquele tempo, e por isso, me acompanhavam nesses momentos de paz e tranquilidade. Isso me trouxe muitas memórias afetivas.

— Qual a sua estrela preferida?

— Todas as estrelas são lindas. — Ele balbuciou. — Mas a minha preferida é a Sirius.

— Que nome... diferente. — Ri e olhei para Alex.

Ele me encarou e pôs mais um daqueles sorrisos no rosto.

— Acho que é por isso que ela é a minha estrela preferida. Porque ela é diferente, não igual a todas, não igual as outras, ela é única. É a mais brilhante, a mais bela e que faz meus olhos brilharem quando eu a vejo.

Nunca pensei em como seria quando eu sentisse borboletas no estômago. E de fato, não senti as famosas "borboletas", mais um sentimento mútuo e o meu coração ficando cada vez mais quentinho. Pisquei algumas vezes, era da estrela que ele estava falando. Apenas dela!

— É, pois é. — Suspirei e voltei a comer minha torta.

De uma coisa eu tinha certeza: Alex estava olhando para mim. Ao mesmo tempo que eu me sentia alegre, um sentimento de culpa surgiu em mim, pela Nathy. Mas não, Alex era só o meu amigo e era assim que deveria ser, não é? Eu achava que sim.

●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●
Oii meus queridos leitores, como estão?

Primeiro, muito obrigada por você ter lido esse capítulo!

O que acharam dessa "declaração disfarçada", em? Rsrsrs.

Quero avisar que estou planejando postar 2 vezes na semana. Se der, até 3 vezes.

Que Deus abençoe sua vida♥

○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○

Capítulo 16

Fran
Assim como irmãs

Passei um pouco de creme no cabelo e o penteei. Depois de perceber os cachos definidos — ainda que meu cabelo estivesse um pouco seco —, dei uma olhada rápida no espelho e encontrei um elástico de cabelo na penteadeira. De imediato, fiz um rabo-de-cavalo bem disposto. Abri de novo o pote de creme e passei mais um pouquinho dele no cabelo, arrumando alguns fios que se desprendiam do penteado. Repeti esse processo algumas vezes e foi bem cansativo.

Quando terminei de finalizar meu penteado, me direcionei ao pequeno sofá de tom alaranjado, no fundo do dormitório. Ao lado dele, havia uma janela e eu pensei em abri-la, mas decidi que não seria bom, estava um tremendo frio lá fora. Era incrível, que em quase dois meses naquela cidade, era a primeira vez que realmente fazia frio e chovia. Peguei o agasalho com o brasão da escola e o vesti, era confortável, mas não combinava com o uniforme.

— Será que dá para faltar hoje? — perguntei para as meninas, quando abri a porta do dormitório. Estava chovendo, e muito.

— Infelizmente eu acho que não. — Déh fez uma careta e fixou os olhos na chuva que caia lá fora. —Acho que as faltas só são justificadas, quando a pessoa está doente. — Ela pegou os guarda-chuvas transparentes, no canto da parede. — Aqui. É melhor chegarmos cedo em sala de aula. Pelo menos temos os corredores que vão nos proteger da chuva.

Leh saiu primeiro, ajustando seu agasalho a cada passo que dava. Eu tranquei a porta do dormitório e seguimos todas juntas até a sala. Passamos

reto pelo refeitório. *Sim*, pulamos o café da manhã. Na noite anterior, tínhamos nos aventurado a fazer algumas receitas que aprendemos no curso, para treinar. Não vou dizer que saíram terríveis, mas não estavam lá essas coisas, e claro, nós nos empanturramos de *cookies* e *brownie.*

Quando cheguei na porta da sala, bati os pés no carpete vermelho que ficava na entrada, e me dirigi até a carteira, onde *ele* estava. Faziam dias, que a gente mal se falava. Alguns cumprimentos de: "bom-dia" ou "até mais"; eram as únicas palavras que trocávamos. Eu estava irritada com Lucas e tinha provado mais uma vez, do quanto ele era insensível e impassível. Eu me esforcei muito, dei tudo de mim no trabalho de ciências, para simplesmente no dia da apresentação, ele ficar parado sem dizer nada e eu ter que explicar tudo sozinha. Foi frustrante, admito. E não falei mais com ele depois disso.

Sinceramente? Eu ainda não havia esquecido da discussão que tinha tido com ele, no dia em que o encontrei intimidando alguns garotos. Passei dias ruminando uma ideia improvável. E se, por acaso, aqueles garotos fossem o Léo e o Manuel? Havia possibilidade de ele estar me defendendo? Essas dúvidas pairaram sobre mim por algum tempo, para serem ignoradas no dia da apresentação. Era nítido o quanto ele não se importava com os outros, e muito menos *comigo*.

Me aproximei e arrastei a cadeira, tentando não pensar no meu desgosto ao vê-lo. Lucas levantou a cabeça — sempre vivia dormindo nas aulas — e me observou retirar os cadernos da minha mochila. Me concentrei no lápis e no caderno capa dura, que tinha colocado na carteira. Quando virei o meu olhar para o lado, lá estava ele, brincando com uma borracha do *meu* estojo.

— Aham — pigarreei. — O que está fazendo?

— Não tá vendo? Observando a borracha.

— Sabe que é feio pegar as coisas dos outros, sem pedir, não é?

Ele — sem se importar — jogou a borracha diversas vezes nas mãos, passando de uma para outra e me encarou.

— Por que prendeu o cabelo? — Lucas fixou os olhos no meu penteado e descansou o queixo na mão.

Levei as mãos ao cabelo e me virei para ele, indignada:

— Não entendi. Por que você se importaria com isso?

— Não me importo. Só achei estranho você prender o seu cabelo, vive com ele solto.

— Está frio. E, eu não estou afim de deixar meu cabelo solto, simples — rebati, na lata.

— É, então o problema é seu mesmo.

— Claro que é.

Ele soltou a borracha, sem dizer nada. Colocou seu capuz e voltou a dormir. Recolhi a borracha e a guardei no meu estojo. Aquela conversa era a única que tínhamos conseguido ter direito, em quase três semanas. Não entendia o porquê de, naquele momento, ele querer conversar comigo. Não fazia sentindo. Ele sempre tinha deixado claro que preferia ficar na dele, ficar sozinho com seus pensamentos.

Talvez ele quisesse mudar.

Talvez não.

A aula não demorou para começar, talvez pelo dia chuvoso. Tivemos uma seguida da outra, sem descanso. Algumas foram bem entediantes, outras... até que dava para suportar. Eu observava a chuva cair lá fora, pela janela. As gotas brilhantes se penduravam nos galhos das árvores e deslizavam pelo vidro, como em uma dança silenciosa. O professor explicava algo no quadro, mas me detive observando em silêncio a paisagem lá fora. Era bom ter um momento de tranquilidade e parar de me preocupar com tantas coisas.

— O que tanto você olha aí? — A voz de Lucas me assustou e eu fingi que nada tinha acontecido.

— A chuva. — Continuei com os olhos fixos na janela. — Acho que é a única coisa boa por aqui.

— Tem um ponto.

— Fato. — E voltei a olhar para frente, sem vontade alguma de iniciar uma conversa com *Lucas Cavalier.*

Ele entendeu o meu silencio e voltou a se concentrar no caderno, que era algo raro. Ele sempre tirava notas baixas e isso acontecia pelo seu mau desempenho em sala de aula. E isso automaticamente incluía: passar a maior parte do tempo dormindo ou ligando para coisas aleatórias, sem ser os professores e a própria *aula.*

Os ponteiros do relógio demoravam para mudar de lugar e isso me deixava chateada. As aulas se estenderam por mais algum tempo, entediantes. E o pior para mim, foi quando o professor de Ciências entrou em sala de aula, eu quis esconder o meu rosto. Ele iria anunciar as notas!

— Muito bem, vou passar na carteira de cada um de vocês e dizer a nota que cada dupla tirou. Peço desculpas por ter demorado quase duas semanas para revisar os trabalhos, mas foram muitas duplas.

— Demorou porque é um lerdo — Lucas resmungou do meu lado.

O professor tirou uma pasta da mochila e se encaminhou por cada carteira de duplas e conversou com os alunos. Eu torcia as mãos, preocupada. É, provavelmente eu devia ter tirado um quatro ou cinco; culpa do Lucas. Tanto esforço desperdiçado. Era triste pensar assim, mas era um fato.

Quase pulei da cadeira quando o professor apareceu diante de mim e do Lucas. Ele retirou da sua pasta azul, o "nosso" trabalho.

— Franciele Alencar e Lucas Cavalier. — Tinha soado esquisito nossos nomes juntos. — Devo admitir, o texto está impecável e a explicação textual está ótima.

Sorri, um pouco aliviada. Não por muito tempo.

— Já, o que falar da apresentação? — O professor colocou o trabalho em nossas carteiras. — Não houve quase nada de explicações durante a apresentação, sem falar que só a senhorita Alencar tentou explicar o que está escrito aqui.

"Tentei?", ok, isso era péssimo. Olhei para Lucas de soslaio, e estava na cara que ele não se importava com nada. Ele continuava ali, com os olhos fixados no professor e sem vontade alguma de escutar o que ele estava dizendo.

O professor abaixou o tom de voz e se aproximou de nós:

— Um sete para vocês. Por favor, tentem melhorar da próxima vez. São uma dupla e se não trabalharem juntos, nada irá fluir.

O professor se passou para outra dupla e eu fiquei boquiaberta com tantas informações para processar. Torci o nariz ao chegar a conclusão que eu não tinha ido nada bem. Peguei o trabalho em mãos e fitei os meus olhos nele. Não tinha sido tão ruim assim, pelo menos. Um sete, era um número incrível. Mas naquela escola, um sete ou um oito não eram suficientes.

— Fluir? — Lucas perguntou baixo para si mesmo. — Esse trabalho é bobagem! Só gastei meu tempo.

— Se era bobagem, porque não desistiu logo? Tinha deixado eu fazer o trabalho sozinha, seria mil vezes melhor.

Me arrependi de ter soltado aquelas palavras por impulso, mas não havia como fazê-las voltar para a minha boca. Ele se virou para mim e abaixou o capuz.

— É sério que você se importa com isso? Você também falhou, garota. Aceita.

— Por sua... — Apontei o dedo para ele. — Por sua culpa!

— Não aponte o dedo para mim como se sou eu fosse o errado! Se você não estivesse ocupada em escutar conversas alheias, talvez se sairia melhor no trabalho. Eu fiz minha parte!

— Parte?! Qual parte? De ficar dormindo ou resmungando quando estávamos pesquisando na biblioteca? Ah, não. Sim, você me ajudou! Em quase nada.

— Devia ficar quieta, é melhor assim.

— Claro que não. Você tem que aceitar os seus erros.

Ele me encarou e eu desviei o olhar. Peguei o trabalho assim que o sinal tocou, e sai dali como um relâmpago. Dava para ver que Lucas não tinha um pingo de bom-senso.

•°•°•°•°•

Tia Sunny deixou que chegássemos um pouco mais tarde no curso. A chuva ainda não tinha dado trégua e não dava para atravessar o campus com aquela tempestade. Quando já era por volta das 13:17h, chegamos no curso, um pouco molhadas. Déh tinha quebrado seu guarda-chuva e tentava de todas as maneiras arruma-lo, sem sucesso.

— Nicolas. — Tia Sunny chamou em um grito, e o menino moreno de cabelos escuros apareceu. — Pode ajudar a senhorita Millicent com o guarda-chuva?

Nicolas foi tentar ajudar, mas eu tinha certeza que aquele guarda-chuva não tinha mais jeito. Já e eu Leh fomos direto guardar as louças do curso, todas já estavam secas desde do dia anterior. Nossos movimentos eram rápidos e já estávamos quase terminando.

— Qual nota você tirou Fran? — Leh perguntou, guardando mais uma bandeja.

— Não foi tão ruim assim, mas admito, não foi boa. Leh, eu sinceramente me decepcionei muito com o resultado dos meus esforços.

— Não se cobra tanto assim, Fran. O Lucas também tem culpa nisso.

— Ele tem toda e exclusiva culpa. Que papelão foi aquele?!

Leh deu uma risada e terminou de empilhar suas bandejas.

— Acho que te entendo por um lado. Eu também não estou em uma situação muito legal, sabe? — Ela parecia pensativa, mas balançou a cabeça. — Não tem nada haver comigo, mas eu sinto como se fosse. É algo de pessoas que eu sou próxima e eu me culpo por isso.

Dava para perceber que nenhuma de nós estava em uma situação muito favorável. *Eu queria desabafar, ela também*. Leh tornou a olhar para um pote enfeitado de estrelinhas e prosseguiu:

— Acho que quando vocês dois entrarem em um acordo e aprenderem a trabalhar juntos as coisas vão melhorar. É sério, funciona sempre.

— Não sei se comigo e com o Lucas pode haver algum "acordo", ele é muito frio e indiferente.

— Pensa bem, Fran. As coisas podem melhorar, se você tentar entendê-lo. — Fiz cara de desgosto e Leh tocou meu ombro. — Vai por mim.

Concordei, mas não estava acreditando muito que aquilo seria possível. Faziam dias que a minha convivência com Lucas, não estava sendo das melhores, mas eu podia tentar me tornar uma pessoa próxima à ele, ou não sei: uma *conhecida.* Voltei a me concentrar nos afazeres. Eram as coisas mais importantes naquele momento.

Enquanto Déh lavava a louça — depois de desistir de consertar o guarda-chuva —, eu limpava a batedeira e Leh varria o chão. Era muito tranquilizante estar naquela sala sem o Léo e o Manuel. Eu tinha certeza que eles haviam ficado com preguiça de sair no frio e enfrentar a chuva. Bom, eles iriam baixar de média, mas para todas nós, era um alívio estarmos naquela sala sem eles.

Para ajudar, a sala estava bem calma e os poucos garotos que compareceram, ajudavam a tia Sunny a arrumar a segunda dispensa, que era enorme. Já Sabrina tinha faltado, por estar doente. Então, só estávamos nos três no meio da cozinha. Peguei o meu celular e sussurrei para elas:

— Vamos tirar algumas fotos para guardar de recordação?

Déh riu e se aproximou, passando a mão no avental para secar as mãos.

— Fran, você sabe que é proibido usar celular no curso, né?

— Ah, não faz mal! — Leh soltou a vassoura e se aproximou, arrumando a touca. — Só são fotos, não tem nada de mais.

— Mas, se alguém pegar a gente usando celular no meio do curso, vamos levar uma advertência feia — retrucou.

Eu assistia a cena das duas se contradizendo e era engraçado. Pareciam irmãs, no caso, nós três parecíamos mesmo irmãs. Não de sangue, *mas de coração*. Claro que tínhamos nossos gostos e atitudes diferentes, mas era justamente isso que nos unia. *A reservada e bondosa*, outra que era *intensa e dedicada* e uma que era *esperançosa e alegre*. Nosso trio, nossa amizade. Então, era difícil encontrar garotas como nós.

— Ok, ok, ok. — Me meti no meio das duas. — Dois votos para a foto. Eu e a Leh ganhamos!!

Déh não pode nos contradizer, ela era justa, e aceitou quebrar uma regra por nós. *Ela detestava quebrar regras.*

— Vamos tirar foto de touca mesmo? — perguntou, passando a mão pela touca transparente.

— Não tem problema. Vamos sair lindas do mesmo jeito! — Leh riu e nós também rimos.

Nos juntamos no meio da sala e sorrimos para a câmera. As primeiras fotos não saíram muito bonitas, então nos juntamos novamente. Fizemos praticamente uma sessão de fotos juntas e ficamos bons minutos avaliando a foto que iríamos postar e colocar no nosso grupo de mensagens.

— Não seria arriscado postar uma foto nossa no curso? — Déh abriu um sorriso brincalhão. — Tô brincando! Pode postar.

— Ainda bem. — Leh deixou escapar um suspiro. — Qual a legenda que eu coloco no grupo?

— Hum. Não sei. — Dei de ombros e observei o celular de Leh.

— Já sei. — Déh se aproximou com um sorriso. — Que tal: *para garotas como nós?*

Coloquei uma mão no queixo e franzi as sobrancelhas.

— Como assim?

— Para garotas como nós três. Intensas, esforçadas e que não desistem dos seus objetivos!

Leh balançou a cabeça concordando e voltou a digitar. E sim, realmente éramos tudo aquilo e isso alegrava o meu coração.

●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●
Oiii leitores!!!

Passando aqui para avisar que logo vocês terão atualizações do romance cristão: Noah e Déh

Preparei cenas fofas e apaixonantes dos dois😭

Beijooo.

●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●●○

Capítulo 17

Fran
Vôlei, para quê te quero?!

O burburinho constante na quadra central, chegava a ser estressante. Garotos correndo de um lado para o outro; meninas populares fofocando nos cantos e diversas risadas, *muitas risadas.* Era quarta-feira, portanto, a aula de educação-física estava garantida. E não era apenas uma aula simples — como nas outras escolas —, mas sim, uma aula que requeria muito esforço e dedicação.

Coloquei o cabelo para trás e andei até o meio da quadra; preparada para me alongar. Um grupo de meninas se formava a direita, com o burburinho de fofoca só aumentando. Reconheci Tâmara no meio delas, que cochichou algo quando passei; claro que eu fingi que nem tinha percebido. Corri os olhos por toda a quadra e dei uma aquecida para melhorar minha agilidade.

— Prontas para mais uma aula de educação-física? — Déh que estava ao meu lado, perguntou, também se aquecendo. — Ouvi dizer que o esporte de hoje é vôlei.

— Vôlei?! — Minha indignação era clara. — Ah gente, esse esporte é muito complicado. Não criticando, mas tinha que ser vôlei?

— É só tentar manter o foco. — Leh terminou de amarrar o cadarço e se levantou num pulo. — Se parar para pensar, não é tão ruim assim, comparado a outros esportes.

— Pensando por esse lado...eu acho que dá para suportar. Só espero que não peguem pesado com a gente.

Houve uma concordância entre nós, e faltando quinze minutos para aula começar, as duas correram para ir beber água. Eu continuei lá, me exercitando. De repente, senti alguém tocar minhas costas e me virei num sopapo.

— Ah... Oi, Franciele. — Me deparei com um garoto de sorriso tímido, mas com olhos vividos.

Eu nunca tinha falado com Kaio, mesmo ele sendo da mesma sala que eu, e se sentando à uma carteira atrás de mim. Também não tinha notado sua aparência. Mas logo de cara, vi seus traços marcantes: cabelos castanhos que mais pareciam ruivos e um olhar cativante. Abri um sorriso em sua direção.

— Oi, Kaio. Tudo bem com você?

— Aham, tudo. — O seu jeito era um pouco travado, mas muito gentil. — E com você?

— Tudo extremamente bem. Você precisa de alguma coisa?

Kaio deu um passo em minha direção e seus olhos se iluminaram como velas acesas. Tentei ignorar o entusiasmo em seu olhar — dava para perceber de longe.

— Bom, vim te fazer uma pergunta. — Ele colocou as mãos no bolso, fugindo o seu olhar para a cesta de basquete. — Você...hum...Você já está em algum time?

— Time? Eu...não entendi. Time de quê? — Pendi a cabeça para o lado, o vendo por um outro ângulo.

Kaio deu uma risada baixa e tímida, exibindo uma de suas covinhas.

— Eu vou ser o líder de um dos grupos de vôlei. E acho um cargo muito importante, não que eu seja muito bom no vôlei, eu só... — Ele riu

envergonhado. — Enfim, o que eu estava te perguntando, é se você já tem um time ou coisa do tipo.

Apurei a vista em sua direção; ele parecia amigável e educado.

— Você quer que eu faça parte do seu time, certo?

— Isso! Era exatamente o que eu ia te pedir. Eu ando te observando muito nas aulas e... — Ele parou um instante de falar, quando viu meu rosto pasmo. — Não que eu esteja te perseguindo! — Abanou as mãos e as passou no cabelo liso. — Poxa, estou embaralhando as palavras.

— Prossiga — pedi, amigavelmente.

— Hum, bom. Quer fazer parte do meu time? Sei que as pessoas ainda não estão definidas, mas, você toparia? Tem uma vaga sobrando. — Ele sorriu novamente. — É só um convite, não se sinta pressionada. É legal a gente se aproximar, não sei.

Ponderei sobre o pedido. Por mais que ele tivesse sido educado e fofo ao me chamar para o seu time, eu não ia deixar as meninas de lado. E, eu não sabia o que pensar sobre aquele pedido — tinha sido muito inesperado.

— Bom, eu acho que é um convite que eu...

— Não. — Uma voz grave interrompeu minha fala de supetão, atrás de mim.

Vi o rosto de Kaio se franzir e me virei em direção daquela voz. Fiquei surpresa ao ver Lucas, parado ali, olhando para mim como se estivesse a muito tempo escutando minha conversa.

— Ela vai ficar no meu time — resmungou, encarando Kaio até a alma. Seus olhos tinham tomado um contraste diferente.

— O quê? Espera que não é bem assim. — Dei um passo a frente e ergui uma das sobrancelhas. Ele simplesmente queria que eu fosse do time dele?

Não fazia sentido. — Você não pode achar que manda em mim!

Lucas colocou as mãos nos bolsos e virou a cabeça para o lado, soltando um assovio, nada satisfeito com minhas palavras.

— Não mando. Mas eu só estou avisando ao "galã" aí, que você não vai ficar no time dele.

Kaio, sem medo, se aproximou e chegou bem perto de Lucas — mais do que eu. O moreno sarcástico tirou os olhos de mim, e os centralizou em Kaio, como duas pedras de gelo. A coisa era feia, porque os dois pareciam prontos para uma discussão. *E é claro que eu não ia deixar isso acontecer.*

— Qual o problema da Fran ser do meu time? — Kaio franziu o cenho, aparentemente irritado. — Eu estou aqui pedindo gentilmente para ela ser do meu time e ela já iria aceitar.

Lucas continuou calado, como que tramando suas próximas atitudes. Ele deu uma encarada hostil em direção ao garoto e estalou a língua. Nenhum comentário — até aquele momento.

Kaio recuou um passo e cerrou o punho, preocupado com o que Lucas podia fazer. Mas ele continuava ali, encarando a nós dois. E pela primeira vez na vida, vi um esboço de um sorriso surgir em seu rosto frio. Não um sorriso amigável, um sorriso desafiador, sarcástico.

— Veremos. — Ele deu as costas e nos olhou por cima do ombro. — Franciele não vai ficar no time perdedor.

E simplesmente saiu, como se fosse o dono do lugar. Me virei para Kaio, chocada. Torci as mãos, intrigada e me sentindo estanha com o que tinha acabado de acontecer. *Lucas estava com ciúmes? Não. Claro que não*. Ele era um bobo, que gostava de irritar os outros.

— Como ele ousa? — Kaio permanecia com os lábios cerrados e a mandíbula apertada. — Ele não manda em você, Fran. Não deixa esse maluco querer controlar sua vida.

— Ele não controla! O Lucas só acha que consegue estar no controle, mas a realidade é outra!

Kaio passou as mãos novamente pelo cabelo e soltou o ar pesado que estava em seus pulmões.

— Então... Qualquer coisa, é só me avisar, ok?

— Claro.

Kaio saiu para o outro lado da quadra, talvez temeroso por causa do Lucas. Ninguém se metia com o menino mais frio e calado do segundo ano do ensino médio, e saía impune. Voltei a me exercitar, um pouco impaciente.

□■□■□■□■

Lucas estava certo. Ele não queira que eu ficasse no time dele, *o professor já tinha decidido isso muito antes de nós*. Alunos com o número da chamada ímpar, ficavam no time de Kaio. Já os com número par, ficavam no time do Lucas. Cruzei os braços, quando me direcionei para a fila que se formava atrás dele. Era irritante saber que de alguma forma, ele tinha cumprido sua "promessa". E pior, eu fiquei separada das meninas.

Quando o jogo realmente começou, a tensão na quadra estava à mil. Todos estavam prontos para atacar e vencer. A Déh e a Leh, estavam até que se saindo bem, *diferente de mim.* Eu tive a certeza naquele dia, que o vôlei me odiava! Tentei diversas vezes rebater os saques do time adversário e fracassei. Já Lucas estava sendo tão rápido e ágil, que parecia mais com um atleta renomado. Ele saltava alto para rebater e fazer saques e isso impressionava a todos — principalmente a Tâmara.

Mais um saque, e daquela vez, percebi que o cabelo dele já estava ficando molhado — de tanto ele se movimentar —, mesmo assim, os fios negros de sua cabeça não paravam de se mexer, quando ele saltava para fazer pontos.

Lucas Cavalier tocava guitarra como ninguém e se dava super bem com o vôlei; isso era algumas de suas poucas qualidades. Seu lado frio e indiferente, era o que o deixava chato.

Fiquei parada, na intenção de "ajudar". Se eu não conseguia fazer saques ou rebater, era melhor ficar quietinha ali. Houve mais saques e pontos e o professor gritou:

— Empate!! Vamos galera, quem vai vencer?! É só mais um ponto. Ouviram? Só mais um ponto!

Lucas que era bem competitivo, não iria aceitar a derrota. Todos se aplumaram e ficaram atentos. Alguém do outro time se aprontou e sacou a bola. Não percebi no momento exato, mas quando me dei conta, a bola estava vindo na minha direção. Fiquei paralisada, enquanto as meninas gritaram o meu nome. Fechei os olhos. Poucos segundos se passaram e eu senti um impacto, não tão forte. Abri meus olhos de imediato, e vi Lucas segurando a bola de vôlei. *Ele... Ele tinha tentado me proteger? Sim.* Lucas segurou a bola de vôlei para que o impacto não fosse tão grande e só sua mão bateu na minha cabeça.

— Tá tudo bem? — ele perguntou rápido.

— Minha cabeça dói um pouco.

— Oh meu Deus! — O professor se aproximou, preocupado. — Lucas, leve a Fran para tomar água. E se ela quiser, pode ir à enfermaria. A partida está encerrada.

Era estranho estar aos olhares de todos, mas sai ao lado do Lucas. Primeiro fui beber água e passei um pouco de gelo na cabeça. Lucas não insistiu para que eu fosse na enfermaria e de fato, eu não fui. Caminhei e me sentei na área verde ao lado da quadra. Lucas fez o mesmo.

— Muito obrigada, Lucas.

— Pelo o quê? — Ele franziu a testa.

— Por ter me defendido do saque.

— Ah, isso. Eu não "defendi" você do saque, eu só não queria que o time adversário fizesse ponto — disse, seco.

Porque ele tratava as pessoas daquele jeito?! Ele não poderia ser mais educado e menos mau humorado?

Eu poderia responder ele a altura também, mas me lembrei sobre a conversa que tinha tido com a Leh. Eu precisava tentar me aproximar daquele menino ranzinza.

— Ah, entendo. Você gosta de vôlei? Você joga muito bem. — Tentei soar gentil, para conseguir entendê-lo melhor.

— Jogo. — Ele levantou as sobrancelhas, em sinal de tédio. — Porque? Quer aprender a jogar vôlei?! — Havia sarcasmo em sua voz. — Aliás, você joga muito mal! Imagina se tivesse ficado no time daquele "galanteador barato".

Respirei fundo, irritada. Tentei manter a calma.

— É que na maioria das vezes, os meninos se gabam das suas habilidades esportivas.

— Eu não sou igual esses caras exibidos e chatos da sala — ele respondeu, colocando o seu capuz.

— Bom, só assim para você conversar com alguém. — Tentei fazer graça, para melhorar o clima.

Lucas levantou a sobrancelha e se virou para mim:

— O que você quer dizer com isso?

— É que você não fala muito com as pessoas, você não se abre para as pessoas te conhecerem de verdade. É meio difícil descobrir coisas sobre

você.

Ele me encarou com um olhar firme. Abaixei a vista, não conseguia encarar aqueles olhos azuis profundos por muito tempo. Me levantei rápido de mais e me desequilibrei para trás. Lucas pegou em minha mão, me ajudando a não cair.

— Cuidado, garota! Você é tão desastrada que me soa patético. — Revirou os olhos.

— O único "pateta" aqui é você. — Puxei minha mão e sai pisando forte.

— Então da próxima vez, se vira sozinha! — Ele gritou alto o suficiente para eu escutar.

Porque Lucas Cavalier era tão chato e arrogante? Eu não podia acreditar que ele tinha um coração mole, pelo contrário, ele era frio, indiferente e sem sentimentos.

A cada passo que eu dava, sentia vontade de gritar. Ele sempre foi assim, porque aquilo me incomodava? Chega! Naquele momento eu não quis mais me preocupar com aquilo. Meus pensamentos se afastaram, assim que meu braço foi puxado para trás.

— O que você disse para o lindinho, em? — Tâmara me encarou e apertou meu braço. — Vamos, fala!

— Quer saber? Pergunta para ele. — Puxei meu braço e retornei a caminhar sem olhar para trás.

— Insolente, você é uma insolente.

Dei de ombros, andando firme. Eu não iria mais ficar calada perante coisas assim, eu era forte e sabia disso.

•~•

Oiii leitores!!

O que vocês acharam do capítulo de hoje?

O próximo capítulo será da personagem Déh, então fiquem ligados(as) aqui!

Que Deus te abençoe.

•~•

Capítulo 18

Déh
Eu vejo Jesus em você

Me concentrei no cavalete mais uma vez. Os potes de tinta ao meu lado, me davam a esperança de continuar aquele retrato. "*Talvez se eu misturar um pouco de amarelo com tons claros, formaria a cor perfeita do cabelo de Noah"*, pensei. Peguei um dos meus pincéis e comecei a pintar os fios loiros — que ficaram idênticos ao dele.

Era muito bom estar melhorando na arte da pintura e fazer aquilo que eu gostava, alegrava meu coração. Eu não sabia como a arte tinha surgido na minha vida, mas ela simplesmente surgiu. Era um dos meus hobbys favoritos no mundo, e só perdia para escrever cartas. Assim como nas cartas, a pintura revelava coisas sobre mim, sentimentos profundos do meu coração: *gratidão, alegria, paixão e dedicação.* O amor pela arte foi um dom que recebi de Deus, e tudo o que Senhor faz e traz em nossas vidas, é maravilhoso. O meu progresso com a pintura, estava me deixando impressionada, principalmente com o retrato de Noah que ainda não tinha ficado pronto, mas já estava ficando idêntico a ele.

Bocejei, o silêncio do dormitório estava sendo um tédio. Leh e Fran tinham ido ao refeitório naquele noite de sábado e eu fiquei estudando para as provas do fim de mês e escrevendo mais uma carta para o meu *amado desconhecido.* Podia parecer algo clichê e brega para algumas pessoas, mas para mim, era como um voto de confiança e espera em Deus. Eu sabia que Jesus estava preparando um futuro bom para mim e que os planos dEle eram melhores que os meus.

Deixei os pincéis de lado e passei a mão na testa. Peguei o pano branco para cobrir o retrato do rosto de Noah. Provavelmente mais tarde, eu iria

terminar de pintar aquele quadro, mas precisava encontrar as meninas para repassar a matéria. Antes de cobrir o quadro, me concentrei nos olhos verdes e intensos da pintura, eles haviam ficado muito parecidos com os olhos de Noah. Terminei de arrumar minhas coisas e peguei meu fone e o celular. Sincronizei em um louvor e quase saí dançando pelo campus.

Em minha singela opinião, era um evento maravilhoso escutar um louvor e observar o lugar onde se estava. Era como sair dali e entrar em um mundo só meu. As árvores e o gramado tomavam um contraste diferente, como se estivessem me dizendo que até na natureza Deus está. Era um sentimento bom, aquecendo meu coração.

Passei por alguns corredores e quando cruzei o pátio, reconheci Noah, sentando em um dos bancos de pedra; isolado. Quis voltar a caminhar, mas me detive ali. Faziam dias que eu não o via, mas era incrível que seu semblante não sumia da minha cabeça. Eu queria vê-lo por aqueles dias, mas estava ocupada com meus estudos e ele também era cheio de responsabilidades. Não devia ser fácil trabalhar na escola e ainda ser capitão do time de basquete.

Me esgueirei para observa-lo e era notável que Noah estava lendo a Bíblia. Apreciei sua atenção ao grifar sua Bíblia marrom, que estava um pouco gasta. Ao seu lado, haviam diversos marcas-textos, que ele deixou desorganizados. Sua expressão era calma, e ele parecia concentrado na palavra do Senhor, com os olhos fixos na Bíblia. Um sorriso teimoso apareceu no meu rosto. Eu tinha que parar com aquilo! Sempre que via ele, andava sorrindo que nem boba e isso não fazia sentido. Ele era o meu amigo, e era alguém significativo na minha vida. *Noah Leblanc:* o provocador do meu "quase-atropelamento", o "riquinho metido a besta", o "desconhecido: senhor Leblanc" e o único que me dedicou *Provérbios 31:10*. Ele era mesmo cheio de significados para mim.

Meu coração acelerou de repente, quando vi ele balbuciar algo na minha direção. Retirei os fones de imediato. Minhas bochechas deviam estar corando por ele ter me visto parada o observando.

— Só não vou dizer que me assustou, porque você não é assustadora. — Pude escutar sua voz doce e calma.

— Desculpa Noah, se eu te assustei. — Cocei a cabeça e ele balançou as mãos; negando. — Eu estava passando por aqui e te vi. Percebi que você estava muito concentrado na sua leitura Bíblica, e não quis te incomodar.

— Olha, acho que o erro foi meu. Eu deveria ter escolhido um lugar mais calmo para fazer meu devocional. Mas, não vejo problema de você ficar aqui.

Noah deu espaço no banco, e com um sorriso, pediu para que eu me juntasse a ele. Ficamos um do lado do outro e ele se virou para mim. Ainda com um sorriso nos lábios, Noah desviou o seu olhar para o meu rosto e esticou a mão para tocar o meu cabelo. Não sei o que deu em mim, mas eu estava sentindo meu coração *latejar nos ouvidos.* Nossos olhares se sincronizaram, e era incrível que eu não conseguia encarar ninguém por muito tempo, mas eu estava ali, olhando para os olhos de Noah. Eu podia ver a profundidade da sua alma, *quieta e doce,* e eu realmente me sentia bem.

— Tem...tem tinta no seu cabelo — ele balbuciou, ainda olhando nos meus olhos.

Essa não. Toda vez que eu encontrava com ele, eu sempre estava muito natural, e isso chegava a me irritar. Já não bastava o dia em que meu coque estava bagunçado e o dia que eu fui encontrá-lo de moletom e cabelo molhado?

— Não se preocupe, você ficou muito fofa. — Noah sorriu, ainda tocando no meu cabelo.

— Qual livro da Bíblia você está lendo? — Apurei a garganta e ele tirou a mão do meu cabelo e a passou no seu cabelo loiro, totalmente envergonhado.

— Provérbios. — Folheou algumas páginas da sua Bíblia, que estava bastante grifada. — Já é a terceira vez que eu leio e aprendo cada vez mais.

— Provérbios é um dos meus livros favoritos.

Noah voltou o seu olhar para mim e me encarou por um tempo.

— Você é cristã?

— Sou. E fico imensamente feliz em dizer que *Jesus me salvou de todas as formas possíveis.* — Abri um sorriso. — O Senhor me escutou quando ninguém me ouvia, me viu quando ninguém me via. Seguir a Ele foi a minha melhor decisão.

Senti meus olhos se encherem de água. Toda vez que eu falava do Senhor Jesus, eu sentia uma paz imensa. Então era sempre assim: se alguém me perguntasse sobre o *Altíssimo,* eu ia passar horas e mais horas contando sobre sua infinita misericórdia.

— *Jesus me transformou de uma forma tão linda e tão intensa, que eu nunca seria capaz de descrever* — continuei. — O amor de Deus está em cada detalhe, e aqueles que o buscam, o veem em tudo.

Eu podia ver o impacto das minhas palavras sobre Noah. Ele ameaçava sorrir, depois olhava para mim, aparentemente intrigado; e repetiu isso umas três vezes.

— É tão lindo o jeito que você fala de Jesus. Eu sei bem o que você quer dizer, Déh. Jesus nos ama e nos acolhe mesmo com nossos erros e imperfeições, *somos salvos pela graça.*

— Você tem toda razão, Noah. E é por isso que eu amo o Senhor e o sigo. A vida não tem sentido, sem Ele.

— Eu sabia...sabia... — Noah balbuciou com um sorriso enorme no rosto. — Desde que te vi pela primeira vez, *eu sabia que você era diferente.*

— Fico lisonjeada. — Crispei os lábios. — E eu tive a certeza que você é cristão, quando fui assistir ao seu jogo de basquete.

Ele se arrumou no banco e se aproximou mais, passando a mão pelo cabelo novamente.

— Como você descobriu?

— Bom, eu vi o que tinha escrito no seu uniforme do time, parabéns, que frase linda! As suas atitudes também chamaram a minha atenção, digo, chamam atenção.

— Eu... Eu... Fi-fico... — Ele gaguejou, um pouco surpreso por minhas palavras. — Eu fico tão feliz em escutar isso, ainda mais de *você*.

— Ainda mais de mim...?

— *Você é diferente*, muito. E é por isso não errei em dizer que você se encaixa perfeitamente em Provérbios 31:10. Sabe o que está escrito lá?

Balancei a cabeça, afirmando. Eu saberia citar aquele versículo até de olhos fechados.

— *"Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis."* — Encarei no fundo de seus olhos verdes. — Eu esqueci de te agradecer. Isso significou muito para mim.

Automaticamente seu rosto começou a corar. Ele levou as mãos as bochechas e as bateu de leve, em seguida, baixou seu olhar e depois de alguns segundos, voltou a me encarar.

— Eu quero que saiba, que eu não disse isso da boca para fora, Déh! *Eu vejo Jesus em você.*

Meu coração se transbordou de felicidade naquele exato momento! Escutar aquilo, me deixou infinitamente mais feliz. *Jesus sempre foi o motivo da minha vida*, e ouvir alguém falar que via Deus em mim, me fez sorrir intensamente.

— Eu estou muito grata, Noah. — Apertei os lábios e lhe lancei um olhar de gratidão. — Muito obrigada mesmo.

Seu sorriso dócil, estava ali em seus lábios. Não queria ficar admirando seu rosto por muito tempo, mas falhei.

— Quer ler a Bíblia comigo?

— Sim!! Nossa, eu ainda não fiz o meu devocional hoje.

Me aproximei dele, mas sem querer, *nossos dedos midinhos se tocaram*, e um sorriso se estendeu em meus lábios. Era bom ter ele ao meu lado, compartilhando da minha fé e adorando o mesmo Deus que eu servia. Noah abriu sua bíblia novamente e começou a ler em voz alta *Provérbios 30:05:*

— *"Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele."*

Lemos outros trechos da Bíblia e comentamos vários ensinamentos que tínhamos aprendido com aqueles versículos. Noah contou sobre suas experiências com Deus e aprendizados que estava tendo em sua jornada cristã. Ele me explicou que não era cristão de berço, mas se converteu na infância, quando seus pais começaram a seguir a Cristo. Me disse que frequentava uma igreja perto da escola e sempre ia aos cultos de jovens quando estava de férias. Eu notei seu semblante se iluminar cada vez que ele contava mais sobre sua vida. Eu nunca tinha tido uma conversa tão profunda com ele, como naquele dia. Ainda tinha muitas coisas que eu queria descobrir sobre sua vida, mas saber de fatos importantes da sua história me alegrou bastante.

— E o meus livros favoritos da Bíblia são: Salmos e Gênesis. Eu gosto muito de ler o primeiro livro da Bíblia, porque ali é começo de tudo, a gente descobre tantas coisas importantes.

— Ownt... Achei muito bonito tudo o que você me disse. Deus tem um plano lindo na vida de cada um de nós. — Soltei um ar profundo e esperançoso. — Meus livros favoritos da Bíblia são: Provérbios e Matheus.

— Livros ótimos, tem ensinamentos valiosíssimos.

Soltei as mãos no colo e abracei meus joelhos, virando a cabeça para observar Noah.

— Agora que descobri que você também é cristão, é ótimo saber que tenho um amigo que compartilha da minha mesma caminhada.

Noah observou meu rosto por alguns segundos, ele queria dizer algo, mas não disse. Ao invés de falar, começou a organizar seus marca-textos.

— Poderíamos nos organizar para fazer um devocional junto com nossos colegas de quarto. — Ele propôs. — Eu estou falando da palavra de Deus constantemente para eles.

— Sério?! Que ideia maravilhosa Noah, como não pensei nisso antes? — Quase pulei de alegria. — Eu vou chamar as meninas com certeza.

— Vamos marcar um dia. Aí a gente prepara um lanche para galera e vamos fazer um devocional no campus. O que acha? — perguntou com um sorriso de derreter o coração.

— É fantástico. Posso pedir pra tia Sunny deixar a gente utilizar a cozinha dela.... Hum, acho melhor não.

Noah arqueou as sobrancelhas e tocou meu ombro gentilmente.

— O que foi? Qual é o problema?

— Você sabe como a tia Sunny é, principalmente comigo. — *"E eu também sou quase um desastre na cozinha"*, completei mentalmente.

— Então vamos dar um jeito nisso, fica tranquila.

Nos viramos para o pátio e eu comecei a observar os corredores com algumas pessoas. As escadas imponentes a direita e os armários ao lado, tudo aquilo era lindo.

— Nunca te perguntei isso, mas quais são seus planos para o futuro? — Quebrei o silêncio que se fazia entre mim e Noah.

Ele pareceu pensar.

— Bom, terminar meus estudos é o foco. E eu quero fazer faculdade depois de sair dessa escola. Antes eu pensava em fazer faculdade de gastronomia, mas como você sabe, eu sou apaixonado por fotografia, então quero ser um fotógrafo bem sucedido como meus pais.

Fiquei surpresa por descobrir mais coisas sobre a família dele. Pelo visto, ele era um garoto que se dava muito bem com os pais. Noah era esforçado, e eu tinha certeza que ele se daria muito bem no futuro.

— E você? Algum plano mirabolante para o futuro?

— Bom, sobre a faculdade... Eu sempre gostei de artes, mas não sei se vale a pena, sabe?

Noah se virou para mim, e balançou a cabeça diversas vezes.

— Oh, oh, não. Você é uma ótima artista Déh. Seu talento é incrível, e eu tenho certeza que você já percebeu isso, assim como eu. Não vá achar que não vale a pena ir em busca de um sonho tão lindo como o seu. Aliás... ainda estou esperando pelo meu retrato.

Revirei os olhos e sorri para ele. É claro que eu não ia dizer que já estava fazendo seu retrato. Tinha que ser surpresa.

— *Você pretende se casar?* — Ele perguntou assim do nada.

Arregalei os olhos um pouco surpreendida. A pergunta tinha sido muito direta e objetiva.

— Mas é claro! Meu maior sonho é constituir uma família, que prioriza a Deus acima de tudo e de todos. Eu até... — Ponderei sobre a ideia de contar sobre minhas cartas, mas me calei. — Então, e você?

— Com certeza! Acredito que *Deus não une apenas pessoas e sim, propósitos!* Então, ele sabe onde está minha Rebeca agora, e cuidando muito bem dela.

Não vou mentir: fiquei boquiaberta. Então esse era o nome da namorada dele? Rebeca. *Hum, que legal.*

— Hum. — Meu pensamento virou um resmungo. — Finalmente alguém ganhou seu coração, em? Não é de se admirar, já que você tem muitas "admiradoras" por aqui.

Noah franziu a testa e fez uma cara de riso. Eu tinha falado algo de errado? *Eu tinha*. Meu Deus, como eu pude arruinar nossa conversa daquele jeito?

— Na realidade, a Rebeca está na Bíblia. E eu não acredito que tenho muitas admiradoras por aqui não.

Que sonso! Mas pelo menos ele me fez sentir menos mal por minhas palavras. Mesmo assim, eu não entendi na hora, o que ele quis dizer com essa "Rebeca".

— Rebeca...?

— Isaque e Rebeca, livro de Gênesis.

— Ahhhh. — Ri da minha lerdeza.

Noah riu, provavelmente de mim, e pareceu empolgado para começar a falar:

— Eu gosto muito da história de Rebeca e Isaque. Eles foram o casal mais apaixonado da Bíblia. E Deus os uniu com um só propósito. *Eu quero achar uma garota que seja a resposta das minhas orações.*

— E já a achou? — Nossos olhares se encontraram.

Ele balançou a cabeça meio relutante e pareceu triste.

— Eu só namorei uma vez na vida, e sinceramente? Eu me decepcionei muito com ela. Desde aí, eu fechei meu coração. Eu tenho tentado vencer essa barreira, mas é difícil. — Ele me olhou de forma carinhosa. — Tenho medo de me decepcionar outra vez. O coração é enganoso.

Um coração quebrado. Eu não conseguia entender o que ele sentiu e passou, porque eu nunca tinha namorado na vida. Claro que eu já tinha lido muito sobre romances na minha coleção de livros, mas nada se comparava a decepção na vida real. Apertei seu ombro, seus olhos começavam a marejar. Eu não ia tocar naquele assunto, dava para perceber o desgosto de Noah só de relembrar aquela ferida antiga.

— Eu sinto muito, muito mesmo. Tenho certeza que seu coração vai se recuperar logo.

— Com a garota certa — ele balbuciou e nós dois sorrimos um para o outro.

Com a garota certa, Noah.

《♡》 ♡ 《》 ♡ 《》 ♡ 《》 ♡ 《》 ♡》 ♡ 《

Oii pessoal, confesso que fiz esse capítulo de aquecer o coração, rsrsrs.

Foi um dos capítulos que eu mais gostei de escrever. O que acharam? Eu senti um clima romântico pairando no ar, em? Rsrs.

Só fiquei com pena do meu protegido: Noah. Tadinho do bixinho. Nós te amamos Noah, você é um fofo! ❤

Avisando aqui, que em breve vocês terão novos capítulos.

Votem na estrelinha, pliss.

Obrigada e que Deus lhe abençoe.❤

~•~

Capítulo 19

Déh
Cookies, panquecas e risadas

— Que horas vai ser mesmo, Déh? — Leh se aprumou na escrivaninha e me observou atentamente.

— É daqui a pouco. Eu e o Noah vamos aproveitar que hoje tem faxina na escola, para fazer um devocional com vocês.

— Não vou perder, prometo.

Vibrei com a ideia de que eu faria um devocional junto das meninas, aquela era uma oportunidade única. Confesso que eu tinha passado a semana inteira planejando em como ia ser aquele dia. Alguns salgadinhos, sucos, refrigerantes e *cookies* foram os escolhidos para o lanche — depois do devocional. Uma toalha listrada ia ficar estendida no gramado ou a gente podia ficar na grama ou em uma mesa do campus. Eu ia levar minha Bíblia e alguns livros cristãos, enquanto Noah se responsabilizou em levar algumas cópias dos versículos que íamos citar no devocional. Mesmo que eles lessem conosco a Bíblia, seria bom todos terem um papelzinho com os versículos.

Fran que estava em frente a penteadeira — fazendo um delineado —, me olhou pelo espelho.

— Você sabe quem são os colegas de dormitório do Noah?

— Ah, ele me disse por alto uma vez. Um deles é o Alex... — Mandei um sorriso em direção da Leh, que ela facilmente ignorou. Dei risada. — E o outro é o... Lucas.

— Lucas?! — Fran arregalou os olhos se desconcentrando do delineado. — Ele vai estar lá?

— Provavelmente sim, Fran. Ainda tenho que confirmar com o Noah, mas tenho certeza que sim.

— Pffff... — Ela suspirou e em seguida se virou para mim. — Fica tranquila, Déh. Eu vou ir com toda certeza. Só que vou ficar bem incomodada de ele estar lá.

Eu sabia do porquê dos dois não se darem bem, mas sempre pensei na possibilidade deles estarem apaixonados. Besteira. *Será?* Ainda bem que a Fran não escutava pensamentos.

Resolvi checar meu celular para ver se tinha recebido alguma mensagem. *Nada.*

— Ih gente, em breve vamos entrar de férias. Será que é possível ficar na escola? Eu acho que sim, né? — Leh levantou uma hipótese pouco provável.

— Hum, não sei. Acho que a escola fica fechada. Temos que perguntar para a diretora— respondi, deixando o celular de lado. — Mas, ainda faltam alguns meses para isso acontecer. Até lá, vou ter que me aguentar de saudades da minha família. Eles vão vir se hospedar em algum hotel ou hospedaria daqui da cidade, para me verem.

— Eu espero que meus pais também venham. — Fran se virou para conversar conosco. — Acho que por mim e pelo meu irmão, eles vão vir. Liguei para o meu irmão por esses dias, e ele me disse que pode nos acolher na hospedaria que ele está ficando.

Leh nos observou silenciosamente, enquanto falávamos sobre nossas famílias. Então, fixou seus olhos nos pés, angustiada.

— Eu queria muito ver meus pais, muito mesmo. Mas da última vez que eu liguei para os dois, eles me avisaram que vão ficar um bom tempo no

exterior. Talvez eles voltem por mim, não sei... — Ela passou os dedos pelo livro que estava lendo. — Acho que vou ficar na escola mesmo, qual a graça de voltar para casa?

— Ei, ei. — Pulei da minha cama e me aproximei. — Você tem a mim e a Fran. Não tem nenhum problema de você ficar com minha família se quiser, e outra, você tem a Ofélia, lembra?

— Oh céus. A Ofélia. Onde eu estava com a cabeça? — Ela riu e fechou o livro. — Vou ligar para ela agora. Nem lembro qual foi a última vez que ouvi a voz dela.

Leh tateou a gaveta e pegou um papelzinho com um número. Discou no celular e foi atendida por uma voz alegre e otimista: Ofélia. Primeiro uma comoção do outro lado da linha, *achei fofo*. Alguns gritinhos de felicidade da parte da Leh e felicitações de Ofélia. E aí, muita conversa e várias risadas compartilhadas.

Não quis atrapalhar a ligação dela e nem distrair a Fran do seu delineado, *de novo*. Então fui me refugiar na minha gaveta de cartas. Antes que eu encontrasse a chave— que estava perdida em um potinho —, meu celular vibrou e eu rapidamente fui ver quem era.

Notificação:

Noah/loirinho: Oii deh, tô esperando você no campus. Temos que comprar os lanches. 11:58

Peguei meu dinheiro, minha Bíblia e os meus livros cristãos, acenei para as meninas e saí para o campus. Eu estava bastante ansiosa para saber o que Noah pretendia comprar ou que nova ideia ele tinha tido para o devocional. Baixei os olhos para o celular, pronta para mandar mensagem para ele — avisando onde estava —, mas meus olhos seguiram os passos de Mariah que passou do meu lado. Ela deu uma risada e correu ao encontro de Noah — que estava encostado em um poste. Fiquei alguns segundos encarando o rosto dele de longe. Ele usava uma camiseta branca que brincava com o constrate de sua calça bege. Seu cabelo estava uma completa bagunça, e ele

segurava algumas sacolas no braço. Noah também estava com o celular nas mãos, aparentemente procurando alguém. Que cabeça a minha! Noah estava *me* procurando.

Mariah acenou com os braços na direção dele, e ele sorriu para ela. A loira então, correu para um abraço. Foi um abraço rápido, mas Mariah sorria intensamente na direção de Noah. Apurei a vista e os ouvidos, queria escutar o que eles estavam conversando. *Sem sucesso,* eles estavam um pouco longe.

Ela passou um bom tempo tagarelando para Noah e ele escutava tudo, mas olhava para os lados a todo momento. Depois de quase uns dez minutos, Noah começou a falar — acho que fazendo um pedido a ela —, e Mariah abanou as mãos em frente ao corpo, negando. Não pareceu interessada na proposta de Noah. Ela pegou o celular e depois de responder uma mensagem, mandou um beijo no ar para ele e saiu caminhando pelo campus.

Suspirei, será que eu devia ir até ele? E se Mariah voltasse, e o abraçasse novamente? Com que cara que ia ficar? Afastei esses questionamentos da minha cabeça e voltei meu olhar para o celular, checando o horário: *12:14h.* Soltei um ar de enfado e voltei a olhar para o poste onde Noah estava. *Tudo deserto, ele não estava mais lá.* É, parabéns Déh! Deixou o coitado esperando até desistir de te encontrar.

— Bu. — Dei um pulo para frente e me virei na direção daquela voz, com a mão no coração.

Noah quase caiu na gargalhada, mas dei um tapa de leve no seu braço, sorrindo.

— Tá ficando maluco?

— Estava me espionando? — Ele tentava conter mais risadas irritantes.

— Quê? Eu não. — Neguei com as mãos. — O que deu em você?!

Noah cruzou os braços em frente ao corpo e fez bico, fingindo estar desapontado.

— Me deixou esperando feito aquele poste. — Apontou na direção de onde ele estava anteriormente.

— Você já tinha companhia. — Dei de ombros.

Ele fez cara de desentendido, mas tornou a sorrir.

— Ah, a Mariah. Ela tinha ido me dar um *oi*. — *"E te abraçar também, queridinho"*, completei mentalmente. — Chamei ela para o devocional .

Dei um passo em sua direção, o susto que ele tinha me dado, já havia passado. Eu estava curiosa e queria saber a resposta da Mariah — mesmo ela não gostando de mim, ia ser bom tê-la no devocional.

— Ela aceitou? — Queria um *sim* como resposta, *toda alma é importante para Deus.*

— Não, infelizmente. Disse que tinha uma reunião de representante de sala de aula, enfim... — Ele colocou as mãos no bolso. — Queria que minha amiga conhecesse a *Cristo.* Mas tudo tem seu tempo determinado.

— Tem razão. Bom, aonde vamos comprar os lanches?

— Eu trouxe salgadinho, refri e suco. — Ele ergueu as sacolas que estavam no seu braço direito. — Mas acho que é melhor prepararmos o lanche.

Ergui as sobrancelhas e ri.

— Não tô brincando. — Ele fixou os olhos no meu cabelo. — Vai ser uma pena não te ver de cabelo solto, mas vamos para a sala de cozinha da tia Sunny. Então, vamos usar toucas, acho que você sabe disso.

— Quê? Nãoooo... — Arquejei sem acreditar. — Como você conseguiu esse prodígio?

— Não foi charme, sério. — Ele brincou, sorrindo. — Eu só...pedi?

— Eu vou reclamar com ela, viu? Isso é acepção de pessoas!

Noah bagunçou meu cabelo e sorriu radiantemente na minha direção. Tentei não notar o seu rosto corando, *assim do nada.*

— Pode parar de reclamar? *Irritadinha.* — E me puxou em direção ao curso.

— Não sou *irritadinha.*

— É sim, e é *nervosinha* também.

•°•°•°•°•

Eu tentava me concentrar no livro de receitas da tia Sunny, enquanto Noah pegava os aventais e as toucas.

— Depois, quero todas as louças, vasilhas e tudo o que forem usar para preparar os lanches, limpos, escutou Noah? — Tia Sunny gritou da dispensa, enquanto organizava os ingredientes para preparar um bolo confeitado. Ela não parava nunca, sempre estava trabalhando em alguma encomenda.

— Tudo bem, Tia Sunny — ele gritou de volta.

Continuei com os olhos nas receitas. Eu devia procurar algo fácil de preparar, para não passar vergonha. Minha concentração foi ofuscada por Noah que tocou em minha cabeça e me faz olhar automaticamente em sua direção. Ele estava com os aventais e as toucas nas mãos. Quando fui pegar a touca e o avental, Noah ergueu a touca, me impossibilitando de apanha-la. Ele sorriu de lado, exibindo suas covinhas.

— Isso não é justo, Noah. Você é alto, se nunca percebeu isso. — Cruzei os braços e ele continuou com sua brincadeirinha. — Oh, não vai mesmo parar com isso? Sou uma dama, *uma dama.*

— Ah não vale. Chantagem emocional também não é justo.

— Chantagem emocional? — Me virei na sua direção. — Isso é um fato Noah, fato.

— Hurum, sei. — Ele riu, feito bobo.

Tentei pular para pegar a touca e ele ria ainda mais. Por mais que eu estivesse um pouco irritada, era bom ouvir sua risada.

— Vão começar a preparar esses lanches quando, em? — Tia Sunny apareceu na porta da dispensa com as mãos na cintura. — Desocupem logo minha cozinha, vamos.

Noah finalmente deixou que eu pegasse a touca e nos viramos para o fogão e para a mesa. Tínhamos diversas opções de lanches para preparar, mas eu não fazia ideia do que fazer. A mesa estava cheia de ingredientes, que talvez pudessem iluminar a minha mente para ter alguma ideia.

— Vamos preparar o que? — perguntei.

— Que tal... *Cookies?* — Ele pegou um saquinho com gotas de chocolate e apontou para mim. — Ou panquecas, não sei.

— Os dois, pode ser?

Noah concordou e eu percebi o quanto ele era habilidoso na cozinha. Primeiro, eu o observei escolher as frigideiras e as formas de assar. O mais incrível, é que ele ficava mil vezes mais elegante com a touca de cozinha na cabeça, e isso era até engraçado.

— Quer preparar os *cookies?* — Ele me entregou a bandeja.

Eu estava um pouco ansiosa para preparar aqueles *cookies*, mas me concentrei. No final das contas, os *cookies* ficaram fofinhos. Quando já tinha colocado as gotas de chocolate neles, vi Noah pegar um pouco do meu chocolate e colocar nas panquecas.

— Panquecas com gotas de chocolate? — Me aproximei da frigideira posicionada no fogão.

— Para dar um toque especial nessas panquecas que estão sem graça. Também vou adicionar morangos e calda, vai ficar bom. — Ele deu de ombros e se virou para mim.

Sua falta de atenção lhe rendeu um avental todo sujo de farinha e um pouco de massa de panqueca no canto de sua boca.

— Se estão tão "sem graça" assim, por que andou experimentando a massa da panqueca?

Noah deu um passo para trás, surpreso.

— Ei, eu não fiz isso não! — Se defendeu.

— Você sabe que mentir é pecado, né?

Noah soltou um ar de enfado e se rendeu, levantando as mãos.

— Eu só queria ver se as panquecas estavam boas, não me julgue por isso, por favor.

Dei um sorriso meigo em sua direção e ficamos concentrados um no rosto do outro. Isso estava se tornando constante para nós: os olhares. Trocas de olhares sem motivo algum, que loucura! Olhos não mentem, não é? Me concentrei no seu rosto, até que um cheiro de queimado tomou conta da cozinha: *as panquecas.*

— Estão querendo colocar fogo na minha cozinha? — Tia Sunny resmungou e eu e Noah rimos.

Por mais que tivéssemos tido prejuízo com uma panqueca queimada, as outras saíram muito bem feitas. Ajudei Noah na cozinha — por mais que ele nem precisasse de ajuda —, e preparamos além das panquecas e cookies, um *guacamole.* Depois de termos feitos os lanches, fomos lavar as louças juntos.

— Até que você fica engraçada com a touca de cozinha.

— Engraçada? — Joguei água em sua direção e ele se desviou.

Noah sorriu e voltou a lavar a louça.

— Sempre irritadinha.

— Riquinho.

— Ah...riquinho? — Noah se virou na minha direção. — Então esse é meu apelido para você?

Balancei a cabeça negativamente e o encarei.

— Na realidade eu salvei seu contato como: *Noah loirinho.*

— *Loirinho?* — Ele riu consigo mesmo, me deixando envergonhada. — Gostei. Apresento a vocês o meu grande e querido amigo: loirinho. — Ele estendeu os braços, com graça.

— Pffff... — Revirei os olhos. — Eu não vou dizer isso. Até porque meu apelido para você é "*irritadinha*."

— É, mas é *só seu* apelido. Eu não vou te chamar assim na frente de outras pessoas. — Noah voltou a lavar a louça que faltava.

Coloquei as mãos na cintura e o observei.

— E como você vai me chamar?

— Pode ser raio de sol.

— Raio de sol combina com você, Noah.

— Tudo bem então. — Ele segurou o queixo; pensativo. — Então eu prefiro te chamar de... ***ma chère mademoiselle.***

Minhas sobrancelhas se franziram e eu fiz uma careta meio engraçada.

— E... o que que é isso??

Noah riu e cobriu a boca com uma das mãos; parecia estar se divertindo a beça com minha falta de entendimento.

— É Francês. Bom, o significado é melhor do que: “irritadinha.”

— E o que significa?

Antes de Noah responder, Tia Sunny apareceu com um molho de chaves na mão; precisávamos desocupar o lugar. Terminamos de enfeitar as panquecas com morangos e calda. E quando tudo já estava guardado em potes e dentro das sacolas, saímos todos juntos. Confesso que passei o resto do tempo, ruminando o significado daquele apelido.

— Nossa, eu estou viajando na maionese! Esqueci do mais importante: minha Bíblia. — Noah bateu de leve na testa, quando chegamos no último degrau da escada. — Me espera aqui? Vou correndo no meu dormitório para buscar a Bíblia e as cópias dos versículos, eu já volto.

Acenei positivamente e quando Noah já estava saindo, parou e tomou minhas mãos.

— Vamos orar? — perguntou, fechando os olhos. — Quero consagrar a Deus esse devocional.

— Sim, vamos pedir para Jesus nos guiar.

Fechamos os olhos e em sintonia começamos a orar:

— Senhor, desde já entregamos tudo o que será ministrado e falado para os nossos amigos — Noah disse, confiante. — Que o *Senhor Jesus* venha tocar no coração de cada um deles e que venha iluminar os caminhos e passos desses jovens. Nos guie *Senhor* e que sejamos instrumentos usados por ti.

— Sim, meu pai. *Jesus*, nos guie na tua palavra e que venhamos espalhar o teu evangelho para todos. Nos conduza e nos direcione, em nome de Jesus, amém. — Soltei as mãos de Noah e trocamos olhares felizes.

Lembrei de imediato daquele versículo que está em *Matheus 18:20:*

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí eu estou no meio deles."

Eu estava feliz por ter alguém que compartilhava dos meus mesmos valores e pensamentos. Dei um sorriso de repente, quando vi Noah correndo para o seu dormitório. Resolvi aproveitar aquele momento para pesquisar o significado do apelido improvisado que Noah tinha dado a mim.

Ma chère mademoiselle/ Minha querida senhorita.

O sorriso que se estendeu em meus lábios, demorou para sair do meu rosto por um bom tempo.

♡><♡><♡><♡><♡><♡><♡><♡><♡>
Oiii leitora ou leitor, vocês também estão apaixonadas(os) por eles? Porque eu estou ❤😭

Os próximos capítulos vão ser bem mais centrados e com muitas novidades, então fiquem ligadas(os)

Talvez meu ritmo de postagem aqui no wattpad possa diminuir um pouco; as aulas vão voltar e eu estou fazendo cursos. Mas prometo postar toda semana.

Até mais, que Deus te abençoe.♥

>< ♡>< ♡>< ♡>< ♡>< ♡>< ♡>< ♡>< ♡><

Capítulo 20

Leh
O Senhor me vê

Eu e Fran estávamos descendo para o campus juntas. A maior animação partia de mim — seria a primeira vez que eu participaria de um devocional coletivo e eu acreditava que a Fran também. A única coisa que apertava o meu coração, era saber que eu ia ver Alex, depois de dias. Ele provavelmente estava preocupado por eu ter me distanciado.

Ao passar por mais um corredor do pátio, meu celular vibrou.

Chat oon

Alex: Oi. 15:01

Leh: Oi. 15:01

Alex digitando...

Alex: Algum plano para hoje? 15:03

Leh: Sim. 15:03

Alex: Sem ser indiscreto, posso saber qual? 15:04

Leh: Combinei de participar de um devocional com as meninas e o Noah. 15:05

Alex digitando...

Alex: Pois é, eu estou aqui no gramado. Bom, a Déh e o Noah já chegaram, estamos esperando vocês.☺ 15:07

Leh: Tá, estou chegando. 15:07

Chat off.

Me senti mal por estar evitando ele e principalmente por estar longe da sua companhia. Não era justo comprometer uma amizade daquele jeito, por assuntos que nem eram meus. A questão era, que desde de que Nathy me disse que eu via Alex com intenções amorosas, comecei a me questionar sobre meus sentimentos.

Na realidade, eu estava preocupada de ter me apaixonado pelo ex-namorado da minha amiga de infância. Seria correto isso? Mas, eu estava mesmo gostando do Alex? Isso era só coisa da minha cabeça, certeza.

— Já estou vendo a Déh ali. — Fran apontou para o gramado. — Tem mais gente lá.

— É mesmo, vamos nos juntar a eles.

Tudo estava impecável. O lugar escolhido, era ao lado de diversas árvores e uma toalha listrada estava dobrada ao lado da árvore mais bonita do campus. Déh estava organizando alguns livros e a sua Bíblia, enquanto Noah arrumava lanches apetitosos do outro lado. Alex também estava lá, olhando para o céu; pensativo.

Quando Déh se virou para o nosso lado, sorriu.

— Vocês vieram, que ótimo!

Os olhares caíram sobre nós e especificamente o de Alex caiu sobre mim. Sorri sem jeito, e comecei agradecendo:

— Obrigada pelo convite Déh, é gratificante para mim ter uma amiga como você.

— Eu também fui agraciada pelo Altíssimo, por ter conhecido vocês. *Todos* vocês.

Ela olhou ao redor; especificamente para Noah, que estava distraído. *Hum, que bonitinho.*

— Então? O que devemos fazer?

Ela apontou para a grama e voltou aos seus afazeres.

— Fiquem a vontade. Só estamos esperando o Lucas chegar.

— Aliás, ele está muito atrasado — Noah replicou.

Fran maneou a cabeça, e seus cachos acompanharam o movimento.

— Não é de se admirar. *Nada* nele é de se admirar, na verdade.

— Ai Fran, esquece esse garoto! Vem, vamos para grama.

— Eu não ligo para ele.— Ela deu de ombros.

Eu e Fran nos acomodados na grama confortável e verdinha, e sem querer, o meu braço enroscou no braço de Alex. Ele virou a cabeça e pôs-se a sorrir.

— Muito ocupada com os estudos?

— Sim. Você sabe que a rotina de estudos não é fácil. — Observei minha mão que estava na grama. De repente, me veio uma vontade enorme de esclarecer tudo o que estava acontecendo. Suspirei. — Eu... Bom... Alex, eu... Ah, nada.

— Pode falar, é bom te ouvir. Aliás, fazem tantos dias que a gente não troca nenhuma palavra.

Sua confissão fez com que eu olhasse para o seu rosto.

— É, parece que sim. Não acho que seja nossa culpa, ainda continuamos bons amigos.

— Sim, com certeza. — Alex arrumou o óculos e apoiou as duas mãos na grama, declinando sua cabeça para trás e olhando para o céu. — Só acho que você anda muito estranha.

Meu olhar se perdeu pelo campus. *"Como não posso ficar: estranha, pensando na possibilidade de estar tomando alguém de outra pessoa?"*

— Você também anda muito estranho.

— Eu? — indagou, voltando a olhar para mim.

— Sim. Se estivesse interessado verdadeiramente em falar comigo, teria me procurado. Mas, você também ficou distante. Não estou colocando a culpa em você, não é isso. Eu só... — Bufei. — Somos complicados, não acha?

Alex balançou as mãos em frente ao corpo e se aproximou, me dando um abraço. Um abraço que me fez quebrar todo aquele gelo que tinha se formado entre nós. O abracei de volta e ele disse baixo:

— Não quis incomoda-la. Sei respeitar as decisões de uma garota. Eu também sei que nem em todo momento a pessoa está afim de conversar. Só me diga, fiz algo que a deixou triste?

Me afastei de seu abraço e o encarei fixamente.

— Não. Eu só estava com a cabeça a mil, por isso me distanciei.

— Não tem problema. Eu estou aqui para qualquer coisa, tudo bem?

— Eu sei que está — concordei, tendo a plena certeza disso.

Todo aquele desentendimento que eu mesma tinha criado, sumiu da minha cabeça. Alex não era mais o namorada da Nathy e era o meu amigo,

portanto, não havia problema nenhum de eu estar próxima à ele. Eu tinha tantas perguntas para fazer: *Como ele se sentia depois do termino com a Nathy? Foi ela quem terminou? Ele já tinha superado?* Soltei o ar, não ia perguntar essas coisas.

Quando Lucas chegou ao campus — de jaqueta jeans escura, com uma calça azul e camiseta polo —, vi o clima se fechando entre ele e a Fran. Ela deu desprezo ao "cara fechada" e ele, não fez questão de cumprimenta-la. Para piorar a situação, os dois tiveram que ficar lado a lado — por falta de opção. Eu ri, foi até engraçado ver a Fran se afastando dele, subitamente.

O devocional começou com uma oração, feita por Noah. Depois disso, Déh abriu a Bíblia e começou a falar:

— Somos filhos amados pelo Senhor. Deus, em sua infinita misericórdia, entregou seu *único filho* para nos salvar. Nos salvar de toda aflição, de todo medo, de tudo o que nos abala e principalmente de *nós mesmos.*

— Sim, isso mesmo. — O loiro apontou para a Bíblia. — O mesmo Deus que transforma vidas, pode transformar a sua! Não apenas por um momento, mas por toda a eternidade. A única coisa que temos certeza nessa vida, e que um dia ela vai acabar. E onde você vai morar depois de sua morte? Céu ou inferno?

— Não estamos aqui querendo amedrontar vocês. Mas estamos espalhando sobre o amor que me salvou e salvou o Noah. O amor que se chama: *Jesus. O Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores.*

Noah concordou com a cabeça e se aproximou de nós.

— *"Mas Ele foi transpassado pelas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados". (Isaías 53:5).*

Me concentrei naquelas palavras. Era algo novo para mim, e aquele dia estaria marcado na história da minha vida. Depois de ensinamentos sobre mansidão, prudência e principalmente: perdão — o que fez Lucas e Fran se

entreolharem —, Noah entregou versículos contidos em folhas de papel, brancas e grossas. O versículo que recebi era marcante e revelava o que eu estava passando:

"Ainda que meu pai e minha mãe me abandonem, o SENHOR cuidará de mim" (Salmos 27:10)

Meus olhos marejaram e eu não contive as lágrimas impiedosas durante a oração que se iniciou. Todos estavam de mãos dadas e olhos fechados. Dava para se ouvir e sentir o fervor da nossa oração que subia até o céu.

Eu nunca antes tinha ficado tão emocionada assim, como naquele dia. Eu sentia algo profundo no meu coração, então entre soluços, sussurrei:

— Senhor, eu quero desesperadamente te conhecer. Não sei o que fazer... — As palavras me faltavam e as lágrimas quentes escorriam pela minha bochecha. — Eu quero ser forte, Deus. E ainda que eu sinta falta dos meus pais, eu sei que tenho o Senhor. Preencha essa lacuna infindável que é a ausência dos meus pais, que sempre estão distantes de mim. Sei que tudo podes e eu entrego o meu ser em tuas mãos, tendo certeza de que cuidará bem do meu futuro.

Depois de alguns minutos de oração, senti meu coração se aquecer, senti como se eu tivesse recebido um abraço do Senhor Jesus. *Deus é incrível, Jesus é lindo!*

Quando a oração terminou, vi que todos tinham se emocionado com aquela oração forte. Até mesmo o Lucas — que estava escondendo o rosto. Desviei o olhar para Alex e ele agradecia a Deus pela oportunidade daquela oração. Quando todos foram desfrutar dos lanches, eu continuei parada observando o campus.

— É aí, Leh? — Déh se aproximou. — Conseguiu falar com Deus?

— Sim, *Ele* me vê, Déh! Deus me entende! — Minha voz continha confiança e alegria. — *Ele* é real e é perfeito!

— Sim, o *Senhor* é perfeito e os planos *dEle* nunca falham!

Eu sentia a intensidade daquelas palavras e elas eram verdadeiras.

•°•°•°•

Era por volta das 20:00h, quando escutei meu celular vibrar —não queria atendê-lo, pois já tinha terminado o meu devocional e ia dar uma olhada rápida nas minhas tarefas escolares. Era óbvio que se eu fosse checar meu celular, aquilo me distrairia.

De repente, meu celular começou a vibrar sem parar, e resolvi ver o que era ou *quem er*a. Com certeza devia ser algo muito importante para quase bugar meu celular de tanto tocar. Quando abri a caixa de mensagens, vi que era Alex. Ele estava me chamando para encontrá-lo no pátio da escola, mas calma, naquela hora? Na mensagem dizia que era importante.

As meninas já estavam se preparando para dormir, já que tínhamos que estar na cama por volta das 22:00h. Resolvi avisar a elas onde iria, para não preocupa-las:

— Meninas vou sair um pouco, já volto.

— Só não demora. Você sabe que a diretora não quer ninguém andando pela escola depois das 20:30h. — Déh alertou, dobrando algumas de suas roupas.

— Eu sei, não vou demorar.

Saí do dormitório com agasalho e tudo. Não estava tão frio, mas eu não ia me arriscar de pegar um resfriado. Fui para o pátio, onde Alex pediu para nos encontrarmos.

— Alex? — chamei, ao ver sua figura alta e de cabelos bagunçados se aproximando.

Alex estava com um sorriso maroto e um ar brincalhão. *Estava bonito, de fato.* Seu pijama consistia de um calça moletom escura, com uma camiseta

de algodão azul. Ele carregava um livro em suas mãos e na mesma hora em que se aproximou, pude reconhecer o livro:

— Aventura nas estrelas!

— Eu estava lendo agora antes de dormir e, lembrei de você — ele afirmou, fechando o livro e olhando para mim.

— Há! Que legal... Mas você não podia esperar amanhecer para me dizer isso, ou simplesmente ter me mandando uma mensagem?

Fiquei preocupada da minha pergunta ter sido um pouco seca, mas me detive na expressão de tranquilidade dele.

— Acontece que de manhã não dá para perceber um evento maravilhoso. — Ele deu de ombros. — Vem comigo.

Alex segurou meu pulso e saiu me conduzindo. Passamos pelo pátio, onde havia alunos conversando entre si normalmente. Ao chegar no campus, percebi que ele costumava ficar trancado a noite — com algumas barras de isolamento —, mas pelo visto, haviam esquecido ele aberto. Inspecionei o local, e é claro que os responsáveis por terem achado um jeito de ficar no campus à noite, estavam lá. Eram alguns jovens, todos rindo e conversando.

— Alex, espera! — Parei de caminhar e olhei em volta. — A gente não deveria nem estar aqui fora a essa hora, quanto menos entrar no campus.

Alex me analisou em silêncio e sorriu.

— Te trouxe aqui por causa das estrelas! — Ele parou no meio da grama e estendeu os braços. — Com certeza não daria para perceber as estrelas de manhã, não acha? — me perguntou, com um sorriso sarcástico.

— Tenho que concordar. — Nós dois rimos. — Mas, você está quebrando regras, sabia?

— Por você vale a pena!

Deitamos na grama do campus, e ficamos olhando as estrelas. Ó céu estava tão lindo naquela noite, e o ar fresquinho era aconchegante, junto com o vento leve que batia em meu rosto. Como eu amava o campus, como eu amava as estrelas! Ficamos calados, olhando as estrelas por um bom tempo, até que Alex resolveu falar algo, para quebrar o silêncio:

— Eu devia ter trazido meu telescópio, mas seria arriscado demais sair do quarto com ele e não ser pego.

— Seria bom, mas ver as estrelas ao vivo, também é maravilhoso.

— Sim, inclusive, hoje tem bastante constelações no céu, olha! — Ele apontou especificamente para uma constelação, naquele céu de pontilhados infinitos.

— Eu amo constelações, mas minhas estrelas preferidas são as três Marias.

Alex virou a cabeça e crispou os lábios, depois voltou a observar a imensidão do céu.

— Ótima escolha! Acho que são irmãs, ou amigas, assim como você e as meninas! — Ele riu e eu o acompanhei em sua risada.

Minha atenção foi tomada novamente pelo mar de pontinhos brancos: o céu estrelado. As risadas sinceras das pessoas que estavam no campus, deixava o lugar mais autêntico. Então percebi que já tinha passado da hora da gente entrar. Me sentei no chão novamente, e suspirei. Queria ficar vendo as estrelas, principalmente na companhia de Alex. Mas, precisava voltar para o dormitório.

— O que foi? — Alex perguntou, levantando-se do chão e exibindo sua camiseta toda suja de grama.

— Precisamos ir, estamos muito atrasados, tipo muito!

— Calma. — Alex pediu e endireitou os óculos. *Esperai, calma?!*

— Alex, não tem motivo para eu ficar calma!

Ele riu simpaticamente e apoiou os cotovelos nas pernas, me observando.

— Você fica linda até quando está brava, sabia? — Como ficar brava com um ser humano desses, Deus? — Na verdade, você sempre está linda, de qualquer jeito, só que hoje você está mais.

Alex me encarou com um sorriso; eu estava vermelha, com certeza. Ficamos nos olhando por uns segundos. Aquele sorriso, aquele jeito que ele tinha, de se arriscar por mim, por saber que eu gostava de estrelas e de livros... Naquele momento, só existia nós e as estrelas, como em uma valsa silenciosa. Eu estava apaixonada por ele? Foi aí que me lembrei de Nathy, e que aquele garoto que estava sorrindo para mim, era seu ex. Eu estava tentando mudar minha percepção sobre isso, mas decidi voltar a realidade.

— É melhor nós irmos, Alex.

— Tem razão, Leh. — Ele me estendeu a mão e me ajudou a levantar do chão.

Em seguida, nos abraçamos. Eu estava grata por tê-lo em minha vida e isso era nítido. Depois, saímos do campus e cada um seguiu seu caminho.

Cheguei ao dormitório e as meninas já estavam dormindo. O tempo passou voando! Deitei em minha cama, mas quando coloquei a cabeça em meu travesseiro, comecei a lembrar do lindo céu estrelado e do lindo sorriso de Alex. *Por que ele era tão difícil de se esquecer?* Acho que observar as estrelas ao seu lado, foi algo incrível! Pensei no quanto ele era especial e depois de meia hora, consegui pegar no sono.

□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□

Oii leitoras, o que acharam desse capítulo?

Fiz esse capítulo puro torrão de açúcar, aqui para vocês! Leh se rendeu ao Senhor Jesus e ainda tivemos cenas fofinhas e românticas.

Agora se preparem para capítulos bombásticos! Várias novidades e novos personagem que irão chegar *em breve* na história, prontos para acabar com os romances principais deste livro!

Me digam aqui, de quem vocês querem que seja o próximo capítulo?

( ) Leh

( ) Fran

Que Deus abençoe sua vida!!❤□□□

■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□■□

Capítulo 21

Fran
Está com ciúmes de mim...?

A sala estava super lotada e o professor ainda não havia chegado; então a bagunça estava garantida para os alunos mais "agitados" da sala. Os ventiladores ligados, faziam um barulho irritante e isso só piorava porque as janelas estavam fechadas. Abri o caderno, buscando refúgio por um tempo. Analisei com olhos atentos, minhas anotações da aula anterior. Questões de matemática avançada, português e história... Batuquei o lápis na carteira, tentando entender a metade das tarefas difíceis que estavam ali, até que alguém bateu de leve com a mão na minha carteira.

— Oi Fran — Kaio acenou com um sorriso e puxou uma cadeira para ficar ao meu lado. — Como estão as coisas?

Dei um sorriso simples e me virei para ele. Ainda bem que Lucas não estava na sala, assim evitava conflitos. Fechei o caderno e descansei o queixo na mão, olhando para Kaio.

— As coisas estão indo bem, na medida do possível. Só acho que estamos tendo muitas aulas ultimamente, talvez seja porque as férias estão chegando, né?

— Também acho — comentou, reclinando a cabeça para me observar melhor. — Pretende viajar para algum lugar?

— Ainda estou pensando, mas provavelmente vou continuar na cidade, é a melhor opção.

Kaio sorriu e passou a mão pelo cabelo sedoso e hidratado; que brilhava contra a luz forte da sala de aula.

— Tem razão. Pensei em viajar para minha terra natal, mas vou gastar um dinheirão — ele disse, pensativo.

Não fazia sentido. Kaio era um dos garotos mais ricos da sala. Será que ele só disse isso porque não queria que eu me sentisse mal, por ser bolsista?

— Puxa vida, tem isso também! — exclamei, afastando aquela dúvida de mim. — Mas, minha família vai vir para cá, então eles vão gastar bastante dinheiro no final das contas.

— Pensa pelo lado bom: vão rever você. Isso é o que mais importa.

Concordei com a cabeça e olhei para a sala; todo mundo estava conversando. Pelo menos, a bagunça já estava diminuindo. Kaio arrastou a cadeira para perto de mim, e desviou a minha atenção da sala, para ele.

— Fiquei preocupado com você desde daquela aula de educação-física. Aquele saque de vôlei foi do meu time, mas tenho certeza que ninguém quis te acertar.

— Eu sei disso. Não se preocupe, não estou ressentida.

Ele suspirou aliviado, e sem querer, esbarrou no meu lápis — que quase caiu no chão. O pobrezinho saiu escorregando pela minha carteira e se manteve parado, antes que se espatifasse no chão. Quando fui buscar o lápis — preso no final da carteira —, alguns fios do meu cabelo caíram para o lado, me deixando engraçada. Endireitei a cabeça e percebi que Kaio arrumava aqueles fios atrás da minha orelha; sorrindo.

— Fica bonita de qualquer modo, sabia?

Um sorriso tímido surgiu em meu lábios e me virei para o lado. Foi aí que percebi que Lucas assistia tudo de longe, parado ao lado da porta, com os braços cruzados e a cara fechada. Nossos olhares se encontraram por breves

segundos. *Por que Lucas andava me observando? Que bobo da parte dele!* Suspirei — pouco me importando —, e voltei a olhar para Kaio.

— Já viu? — Ele apontou com o queixo em direção a Lucas.

— Vi sim. Não acha melhor voltar para o seu lugar? — pedi, gentilmente.

Ele negou com a cabeça e tomou minhas mãos, voltando a me fitar.

— Não me importo com ele. — Deu de ombros e olhou para Lucas. — Mas, esse garoto age como se fosse seu namorado, Fran. Vocês, por acaso...namoram?

— Quê? — Puxei minhas mãos e cruzei os braços diante do corpo. — Não, nem pensar!

Kaio soltou uma risada abafada e se levantou.

— *Que bom*. Vou indo para minha carteira então, o sinal já tocou. Até mais tarde, *cachinhos*.

Não entendi o que ele quis dizer com: *"que bom"*, mas voltei a ler as minhas anotações. Peguei meu outro caderno e comecei a repassar toda a matéria para ele. O som de passos firmes ecoaram pela sala, e quando levantei o olhar, vi que era Lucas. Ele puxou a cadeira com a mão e basicamente se "jogou" nela, bufando irritado.

— Bom dia.

Fiquei quieta; ele nem devia estar falando comigo mesmo.

— Bom dia, Franciele. — Sua voz tinha um tom mais calmo ao pronunciar meu nome.

— Bom dia.

Minha resposta talvez tenha sido direta e seca, por que ele ficou incomodado. Lucas se virou para mim e eu olhei para o seu rosto, que exibia uma carranca.

— O que foi? Não tem nada melhor para fazer do que ficar me olhando?

Lucas arqueou as sobrancelhas escuras, bufou e desviou o olhar; *ele nunca fazia isso*. O que me deixava confusa, era que fazia dias que Lucas não me cumprimentava ou sequer notava a minha existência. O que tinha dado naquele garoto?

— O que o *"playboyzinho"* queria aqui? — perguntou baixo, enquanto arrumava a gola de seu uniforme.

— O *"playboyzinho"*, tem nome, ouviu?

Lucas se voltou na minha direção, e me encarou fixamente. Fiz o mesmo.

— Tá defendendo aquele garoto por que?

— Porque eu quero?

O *"carrancudo"*, revirou os olhos e se debruçou na carteira, fazendo com que seu cabelo escuro esconde-se seus olhos azuis gelados.

— Tá gostando do "chiclete", né? — Sua voz estava tão pessimista, que eu não conseguia distinguir se era deboche ou não.

— O que deu em você? Por que está falando do Kaio?

— Aquele cara não sai daqui.

— Qual o problema?

Ele não respondeu, escondeu o rosto sobre os braços fortes e aparentemente dormiu.

No decorrer das aulas, Lucas me ignorou o tempo inteiro. Parecia mil vezes mais irritado e isso era estranho. Com certeza ele se sentia assim, porque eu passei a confronta-lo. Na última aula, Tâmara chegou em nossas carteiras e chamou por Lucas. Diferente das outras vezes, ele sorriu para ela. Sorrindo...? *Ele nunca sorria.* Que jogo era aquele?

— Então Luquinhas, a gente podia almoçar no campus juntos, que tal?

Ele me olhou de soslaio, mas fingi que não estava nem aí. Lucas suspirou e encarou Tamara; sem ânimo.

— Pode ser.

— Isso é sério?! Um almoço romântico?! — Ela gritou e eu revirei os olhos.

— Não é roman... — Ele parou de falar, quando percebeu que sua conversa tinha a minha atenção. — Talvez.

Tâmara parecia querer gritar de alegria para os quatro cantos do mundo. Colocou o cabelo cacheado e escuro para trás, e digitou algo no celular.

— Já fiz uma reserva na melhor mesa do campus, um *"almoço a dois"* — Frisou suas últimas palavras, como se todo mundo estivesse interessado naquilo.

— Ok — ele respondeu e voltou a dormir.

Que ridículo! *"Almoço romântico"...?* Como...? Porque Lucas estava dando atenção a Tâmara? Que palhaçada era aquela? Eu estava desacreditada, não, nada daquilo fazia sentido!

Tâmara deu mais um gritinho de felicidade e passou por mim. Seu olhar era puro desprezo, então com passos rápidos, se aproximou.

— Escutou? — Tâmara sussurrou para mim, com um sorriso de vitória nos lábios cheios de gloss. — Ele vai a um: encontro romântico comigo;

não é incrível? *Eu venci.*

— Estava competindo sozinha? Porque eu não sabia que estava disputando a atenção dele...

Ela se aproximou mais — aparentemente a ponto de gritar comigo.

— Olha, eu não "disputo a atenção dele", ouviu?

— Tá bom, aproveite seu almoço romântico. Agora...pode sair da frente da lousa?

Ela soltou um som de desprezo e saiu andando para seu grupinho de garotas intrometidas. Voltei a me concentrar na lousa e nem cogitei na ideia de olhar para Lucas Cavalier.

♡◇♡◇♡

— Almoço romântico? — Leh arqueou as sobrancelhas e olhou pelo vidro do refeitório. — Acho que está mais para: "almoço fracassado". Tá na cara que ele está odiando a companhia dela.

Déh riu e cortou mais um pedaço de carne de seu prato.

— Relaxa Fran, olha para ele, revira os olhos sempre que pode.

— Ei! Eu não estou nem aí pro Lucas.

As meninas tinham razão. Da mesa onde estávamos, dava para ver o "almoço romântico" do Lucas e da Tâmara. Ela falava e ria o tempo inteiro, tirava fotos e acenava para praticamente todo mundo que passava por eles. Já Lucas, parecia uma estátua...*de gelo.* Com a mão no queixo e revirando os olhos — entediado —, ele procurava alguém com o olhar. *"É, se esse alguém for eu, falhou garoto."* Pensei. Eu não estava com um pingo de ciúmes — se essa era a intenção dele.

— E então? — Déh continuou. — Você e o Kaio estão bem próximos, talvez seja por isso que o Lucas aceitou almoçar com a Tâmara.

— Verdade, Fran. Olha a cara dele, está tão felizzz. — Leh apontou para a cara de tédio do Lucas.

— Oh meu Deus, parem com isso, ok? Ele não gosta de mim, já disse. Pelo contrário, Lucas me detesta. Ele e a Tâmara se merecem!

Déh tossiu e escondeu um sorrisinho com o guardanapo de papel.

— Olha o ciúmes... Fran, admita! Você tem uma queda por ele, não tem?

— Ela tem sim!! — Leh riu do meu silêncio. Eu estava irritada, por isso não respondi de imediato.

— Epa, epa. Se vamos falar de quem está apaixonada aqui nesta mesa, vocês não estão livres dessa conversa.

As duas ficaram surpresas. Eu me aproximei e ri delas.

— Déh, você não pode negar: está apaixonada por Noah Leblanc!

— Que?! — Ela tossiu de verdade. — De onde... — Mais uma tosse. — De onde tirou isso, Fran?

— Você e o Noah estão apaixonadinhos que eu sei. Só não admitem isso para si mesmos.

Leh começou a rir do rosto corado da nossa amiga e eu apontei o dedo para a dona "sorriso".

— E você, está apaixonada pelo Alex Smith, dá para perceber, todos já perceberam! Enfim, o amor está no ar.

As duas estavam de boca aberta, abismadas e sem palavras. Me levantei com a bandeja em mãos, e com um sorriso engraçado em meus lábios,

afastei a cadeira de mim.

— Volto já. Vou ao dormitório pegar meus livros para estudar.

As duas estavam chocadas demais para falar ou se defender. Então, deixei minha bandeja no lava-pratos e andei em direção ao dormitório.

Avistei de longe, Léo se aproximar. Ele assobiava e estava distraído, com as mãos no bolso da calça jeans. Era chato demais passar do lado daquele garoto, e pior ainda: ter que atura-lo na sala do curso de confeitaria. Quando ele passou por mim, sorriu sarcasticamente e impediu minha passagem.

— E aí, ainda está com as meias trocadas?

— Pode me deixar passar? Não tenho o dia todo.

Ele riu e me impediu de novo de passar para o outro lado do pátio.

— Quero saber se a Sunny deu falta para mim, ontem.

Aquele garoto era tão sem-noção. Ele tinha faltado no curso três vezes seguidas e ninguém sabia o porquê. Eu estava ocupada demais preparando as receitas, que nem prestei atenção se a tia Sunny justificou a sua falta para a coordenadora dos cursos.

— Olha, eu não sei — respondi baixo.

— Ah, qual foi garota? O gato comeu sua língua? Porque você nunca fala? É muda por acaso? Eu em, vai logo, diz se levei falta ou não.

— Já falei que não sei.

Léo se aproximou e me encarou. As pessoas que passavam ao nosso lado, achavam que estávamos conversando normalmente.

— Aí garota, você é tão chata. Foi você quem delatou que eu andei pulando as aulas essa semana, não foi?

— Nãoo... — Me afastei. Que garoto tonto. — Eu não relatei nada para ninguém, está bem?

— Como você ousa mentir para mim?

Tentei mais uma vez seguir caminho, mas ele impediu minha passagem. Que chatice! Eu estava a ponto de gritar com ele, quando a voz de alguém me sobressaltou:

— Ela disse que quer passar, é surdo por acaso?

Era Lucas, de punhos cerrados e dentes trincados. Léo deu um passo para trás e ficou assustado. Lucas se aproximou com passos lentos e determinantes, agarrando o menino pelo punho esquerdo e o levantando de leve.

— Se você por acaso, pensar em gritar com ela de novo, isso terá consequências, está me entendendo? — Lucas o encarava com tanta frieza que parecia que estava nevando, mesmo que o sol estivesse rachando. — Não quero repetir isso novamente, então espero que tenha limpando os ouvidos.

Léo parecia um gato indefeso e pequenino, comparado a Lucas — que tinha praticamente o dobro do seu tamanho.

— Mas... Eu não gritei com ela...

— Não quero saber. Já é a segunda vez que você é avisado. *Não se aproxime mais dela.*

— Tu-tudo bem.

Lucas soltou o braço esguio de Léo e ele abaixou a cabeça — em sinal de respeito.

— Não chego mais perto da sua namorada.

— Não somos namorados — falamos em uníssono e Lucas me olhou pelo canto do olho.

Léo se afastou devagar, exibindo a personificação do medo. Continuei parada, tentando entender tudo o que aconteceu. Lucas *havia* me defendido. Ele citou que já tinha avisado ao Léo, para não se aproximar mais de mim... Eu estava certa! Os garotos na qual ele intimidou — no dia em que Léo e Manuel zoaram de mim —, eram eles: os dois amigos bobos do curso de confeitaria! *Lucas andou me defendendo o tempo inteiro, será que eu estava errada?*

Fiquei chocada ao chegar a essa conclusão. Lucas colocou as mãos nos bolsos e andou na direção contrária. Corri até ele e segurei sua mão por impulso.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. — Ele continuou olhando para a frente, enquanto andava.

O sol estava alto e pela primeira vez vi seu rosto se iluminar, com os raios solares batendo em sua pele.

— Claro que preciso agradecer.

— Onde está o playboy para te defender agora? — debochou, voltando a ser frio e arrogante. — Agora espero que o "conselho" que dei para aquele garoto mirrado, sirva para você.

— Hum...?

— Não se aproxime de mim. Você já tem a amizade de seu coleguinha novo. O *"playboyzinho chiclete"*.

Parei de caminhar, mas ele não, continuou caminhando até o campus.

— *Está com ciúmes, Lucas?*

O moreno sarcástico se virou com tudo na minha direção e parou no meio do caminho. Estávamos um pouco longe um do outro, e nossas vozes ecoavam pelo corredor. Lucas passou as mãos pelo cabelo escuro; sorrindo sarcasticamente.

— Ciúmes?! Eu? — Ele riu mais uma vez, apontando para si. — Talvez em seus sonhos, garota.

— Então pare com essas cenas ridículas, aproveite seu "almoço romântico" e viva sua vida!

Ele balançou a cabeça lentamente e colocou dois dedos na testa, soltando um ar de enfado.

— A pergunta serve mais para você do que para mim, não acha? *Está com ciúmes de mim, Franciele Alencar...?*

Bufei, pronta para responde-lo. Mas me lembrei que no devocional que a Déh fez conosco, eu ganhei um papel com um versículo que falava diretamente comigo.

"Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra". (Matheus 5:3)

Desde que entrei na escola: Celente Marina; aprendi a me defender e responder a altura, mas nem tudo se resumia a respostas, mas sim, ter discernimento e sabedoria com nossas palavras.

Suspirei e me virei, indo embora. Há coisas que não valem a pena serem discutidas.

— Não deixe esse garoto entrar no seu coração, ele não está nem aí para você. Lucas Cavalier nunca será meu namorado. Nunca — sussurrei para mim mesma.

Depois de passar a tarde inteira no curso — onde Léo sequer olhou para mim —, fui junto com as meninas para o jantar. As duas levaram na

brincadeira o assunto que levantei mais cedo naquele dia, ou melhor: aparentaram não terem ligado para aquilo. *Mas, estava na cara! Noah gostava da Déh, assim como Alex gostava de Leh. Simples*. E era amor recíproco, só eu via isso?

— Achei tão estranho o Léo não ter se aproximado de nós, vocês não acharam? — indagou Déh, se servindo do purê de batatas. — Ele sempre arranja um jeito de nos zoar.

Um pouco do purê — que Déh tinha acabado de colocar no prato —, voou em direção ao uniforme da Leh que se assustou.

— Agora é meu uniforme que ficou estranho. Mas, tem razão, Déh. O Léo estava muito sério, parecia amedrontado.

Engoli em seco. Era minha culpa ele estar daquele jeito. Mas, Léo mereceu, não vou mentir. Seguimos juntas para uma mesa, e quando me acomodei em meu lugar, Kaio se sentou do meu lado.

— Boa noite, senhoritas. — Ele sorriu para as meninas. — Boa noite, *cachinhos.*

Sorri de volta para ele, e Kaio parecia contente por estar ao meu lado. Ri e conversei bastante, até notar que Lucas estava olhando para nós — do outro lado do refeitório, sozinho e com uma expressão enciumada no rosto. Ele suspirou, colocou as mãos no cabelo e voltou a olhar para o jantar. *Parecia frustrado*. Kaio não notou, mas eu sim.

É, Lucas estava com ciúmes mesmo. Ele viu que sua "provocação" de ter um encontro "romântico" com Tâmara, não funcionou comigo. Ele era frio demais para sentir ciúmes de alguém. *Talvez fosse só a minha imaginação.*

•°•

Oii leitoras, alguém avisa para o Lucas que ele já está apaixonado?

*Enfim o capítulo mais pedido chegou ksksksk

Novidade: pretendo fazer um livro separado contando a história dos meninos; o passado deles; a visão deles e como eles se apaixonaram pelas meninas!!

Obrigada por todo o carinho pessoal, que Deus esteja com vocês! ☺

°•°•°•

Capítulo 22

Déh
Apenas amigos?

Tudo estava pronto. Embalei alguns dos meus livros e pincéis, e os coloquei na mala apertada. Dei uma olhada rápida no dormitório, e notei o cavalete solitário — com o retrato inacabado de Noah —, no canto de uma das paredes. Não tinha como levar um quadro na mala, ou tinha...? Continuei guardando minhas coisas. Agora era a vez das minhas cartas; aquelas que continham as minhas doces declarações para o meu futuro marido. Quando tudo estava organizado, passei a mão pela testa; exausta. *É, eu estava mesmo preparada para partir da escola...* As férias estavam chegando!

— Déhhh — Leh chamou, com uma pilha de livros no queixo. — Tem plástico bolha por aí?!

— Também vou precisar! — disparou Fran, do outro lado do dormitório. — Minhas maquiagens podem acabar quebrando!

Arranjei os plásticos para as duas e elas se puseram a empacotar tudo o que iam levar para casa. Acabei por me sentar na beirada da cama e me calar por breves segundos. *Eu estava grata.* Grata porque em poucos meses eu tinha conhecido pessoas incríveis, vivido experiências maravilhosas, evangelizado minhas amigas e vivido a vontade de Deus. Eu nunca desprezei as dificuldades enfretadas, elas provavam a minha fé no *Senhor. Ele* e somente *Ele* pode transformar vidas.

Quando as meninas terminaram de arrumar suas malas, o dormitório ficou vazio. Era estranho ver um lugar que sempre foi cheio de risadas e conversas, ficar vazio e silencioso. Eu sentiria muita falta dali, quando fosse embora de verdade.

Já que tudo estava organizado, resolvemos ir caminhar. A noite estava calma e serena, com a lua brilhando no horizonte. Os tons alaranjados do entardecer, já desapareciam por completo, e as estrelas tomavam o seu lugar no céu. Por ser o último dia de aula — antes das férias —, todas as atividades do fim de semana estavam liberadas. O cinema levou vários jovens para assistir a um lançamento de um romance, mas eu perdi a sessão. Haviam skatistas por toda parte, e na quadra os garotos esportistas jogavam vôlei, basquete e outros esportes. As bancas estavam abertas, com as pessoas lanchando nas diversas mesas espalhadas pelo gramado.

Eu estava distraída, quando avistei uma fogueira ao longe, com alguns alunos ao seu redor. Leh notou primeiro, e parecia a mais entusiasmada de nós três. Ela levou uma das mãos a boca e com a outra, apontou para lá.

— Vocês já leram aqueles livros que se passam no exterior, e que tem acampamentos ao ar livre? Pois é, na história sempre tem uma cena romântica onde todos ficam ao pé da fogueira, assando marshmallows. Olha lá, parecidíssimo!

— Que...inspirador. — Fran disse, cruzando os braços. — A gente vai dar uma passada lá?

— Vocês querem ir? — Indaguei.

Leh acenou positivamente e Fran deu de ombros.

— Tomara que tenha marshmallows mesmo — avisou ela.

— Só por garantia... — Dei risada. — Vamos comer alguma coisa antes. Minha barriga está roncando, sério.

— É, parece que tem um leão aí dentro. — Leh provocou, rindo.

Demoramos uns vinte minutos para escolher e receber o nosso rocambole recheado de doce de leite. Quando finalmente estávamos de barriga cheia, nos aproximamos da fogueira. A cada passo que eu dava, conseguia escutar uma melodia:

— *"O Senhor é bom, o Senhor é benevolente. Sua misericórdia é infinita e com as nossas orações fervorosas, Ele nos atende."* — Eram alunos cantando ao redor da fogueira. Aquilo parecia um "acampamento cristão improvisado".

— Ei — Fran me cutucou. — Aquele não é o Noah?

Apurei a vista e sua imagem para sempre ficou gravada na minha memória. Seu cabelo combinava com as brasas avermelhadas da fogueira e seu violão amarelo deixava seu rosto mais iluminado. Ele tocava, tocava como ninguém. Um sorriso se estendia em seus lábios fartos e uma covinha se destacava em um dos cantos de sua boca. Meu coração disparou, me deixando acuada. Que sentimentos eram aqueles que eu sentia por ele?

Desde que eu tinha descoberto que ele também era cristão, comecei a enxerga-lo de uma forma diferente. Na verdade, acabamos ficando muito próximos. Fazíamos devocional juntos, falávamos sobre Jesus o tempo todo, orávamos, e sempre andávamos juntos. Nossa proximidade, me fez questionar sobre meus sentimentos. *Será que eu gostava dele só como amigo? Éramos apenas amigos?*

Essa dúvida pairou sobre mim por um bom tempo. No começo, achei que era bobeira minha, até a Fran dizer que eu estava apaixonada pelo Noah. Então, resolvi fazer um propósito de oração, pedindo a direção do *Senhor.* É importante sempre buscarmos a ajuda do *Pai*, em qualquer ocasião. *Ele* sempre sabe o melhor para nós. Orei, pedindo à Deus que me revelasse se o Noah era mesmo o rapaz ideal. E eu estava esperando a resposta do Senhor com fé.

— Virou uma estátua? — Leh riu, me tirando dos meus pensamentos e me puxou. — Vem, vamos dar um oi para o seu *"amigo"*.

Caminhamos juntas até a fogueira; os alunos deram espaço para sentarmos em um dos bancos de madeira. Quando eu já estava acomodada, me concentrei na melodia que o violão de Noah produzia. Ele estava de cabeça baixa, com o cabelo cobrindo boa parte do seu rosto. Noah concentrava-se apenas nas cordas de seu violão, e estava tão bonito...

Os alunos louvavam a Deus com tanta intensidade, que eu conseguia sentir meu coração se aquecer. *Ali era o meu lugar!* A melodia foi cessando aos poucos e todos bateram palmas, entusiasmados. Noah terminou de tocar e levantou a cabeça, correndo a mão pelo cabelo claro. Ele então, olhou ao redor *e me viu.* Seus olhos verdes aparentemente se iluminaram, e ele sorriu de lado, para...*mim.*

— Olha o sorrisinho — Leh sussurrou e eu cutuquei ela. — Que foi? Ele tá sorrindo para você, boba.

— Para com isso Leh, ele está sorrindo para todos.

— Hurum sei... — Fran riu e voltou a bater palmas. — Ele está apaixonadinho.

Minhas bochechas estavam coradas, eu tinha certeza. Suspirei, e escondi o rosto em minhas mãos. Como eu podia estar tão confusa assim? Como...? Meus sentimentos estavam tão turvos, que eu nem sabia distinguilos. E a dúvida voltava: "*Noah é apenas o meu amigo?"*

Novamente, escutei mais acordes do violão de Noah. Ele continuava tocando calmamente, se dedicando a cada nota da canção. Daquela vez, a música era dedicada aos casais cristãos — que haviam muitos. Foi meio frustrante ver a maioria dos jovens de mãos dadas e ficar de vela. *É, faz parte*.

— *"Deus une propósitos, e se você está do meu lado, você é um presente do Criador para mim. Sonho meu, pedido que fiz à Deus, realização das minhas orações."*— Todos repetiam em coro.

Noah também cantava, com aquele sorriso típico no rosto. Ele voltava a cabeça algumas vezes para o violão e depois olhava para mim. Abri alguns sorrisos bobos em sua direção. *"Oh céus, o que é que está acontecendo comigo?"*

As canções continuaram, era louvor atrás de louvor e tudo foi perfeito. Algumas pessoas se emocionaram, e eu fui uma delas. Quando os louvores

se deram por encerrados, houve o momento de assar marshmallows na fogueira — a Fran ficou toda feliz. O melhor que podia me acontecer, era ver que todos ali, compartilhavam da palavra do Senhor Jesus e isso era lindo.

Já havia se passado quase meia-hora que estávamos lá, e quando todos se levantaram, resolvi procurar Noah no meio da multidão. Esbarrei em alguns jovens e caminhei para perto da fogueira, dando de cara com ele. Noah parecia estar me procurando também, e quase batemos nossas cabeças. Ele segurou seu violão com a mão esquerda e com a outra, coçou a cabeça; seus olhos me analisaram por um tempo.

— Oi — cumprimentei.

— Oi.

— Tudo bem?

— Sim — respondeu, arfando.

Um minuto de silêncio.

— Eu... — Falamos em uníssono.

Noah sorriu — um sorriso meio suspeito. Ele parecia nervoso, queria falar algo para mim.

— Pode falar primeiro se quiser, uma dama deve sempre ser tratada de forma gentil.

— Já pensou em ser poeta? — sugeri, brincando.

— Não sei. Você leria meus poemas?

— O que acha?

Ele deu de ombros e me puxou para andar com ele. Andávamos lado a lado e nossos braços se encostavam de leve.

— Você brigaria comigo se eu te chamasse de irritadinha no poema?

— Prefiro o outro apelido. — Cruzei os braços, fingindo seriedade.

— Raio de sol, é?

Levei as mãos em frente ao corpo e fiz uma careta.

— Nãoo. Nem irritadinha, nem raio de sol. Você não se lembra do outro apelido que deu a mim?

Ele pareceu pensar por breves segundos.

— Ah sim. Ma chère...

— *Minha querida senhorita.*

Noah arregalou os olhos e parou de caminhar. Encarou o campus por algum tempo, engoliu em seco e olhou para mim.

— Como sabe a tradução?

— Pesquisei. — Dei de ombros, como se aquilo fosse óbvio. — Eu estava curiosa para saber o significado.

— E...? — Seu rosto expressava preocupação. Mas, porquê?

— Para de ser bobo! Eu amei o apelido, de verdade Noah. É um apelido carinhoso... — Olhei no fundo de seus olhos e ele tocou minha mão de leve.

Não consegui afastar minha mão da sua, *eu não podia.* Noah se aproximou e apoiou seu queixo no meu cabelo, suspirando longamente. Nós estávamos quase abraçados.

— Vou viajar, Déh — ele disse quase em um sussurro, sua respiração bagunçava alguns fios do meu cabelo. — Talvez eu demore para voltar.

— O quê?

Mais silêncio, e eu escutei ele suspirar novamente.

— Pode repetir? — supliquei em um sussurro.

Noah se afastou um pouco e me fitou intensamente.

— Meu pai tem uma reunião de negócios fora da cidade e eu vou ter que acompanha-lo. Eu não queria viajar, principalmente porque não sei quando vou voltar, presumo que antes que as férias acabem, mas... Eu quero muito conhecer sua família.

— Conhecer minha família?

Ele tocou minha mão novamente e fez com que meu coração disparasse. Noah olhava para mim como se eu fosse uma obra de arte, ou uma melodia adorável.

— Eu... Bom, eu... Puxa vida, não sei o que falar. Eu, só quero conhecer mais sobre você, conhecer quem te criou tão bem assim.

Sorri de lado, envergonhada. Ele queria mesmo conhecer meus pais.

— Você sempre tem os melhores elogios, sabia?

— Eu também quero te perguntar uma coisa, mas... Bom, você se importaria de esperar um pouco para saber o que tenho para falar à você?

— Tudo bem, não tem problema.

— Eu prometo que te falo! — Ele suspirou e brincou com meus dedos. Sua mão era quente e aconchegante. — Gostou de me ver tocando violão?

— Se eu gostei? Eu amei! Você parecia tão concentrado ao tocar, eu achei tudo muito lindo. Aquelas pessoas são cristãs, não são?

Ele voltou a caminhar, segurando meu dedo mindinho. Era engraçado, *estávamos parecendo namorados.* Não, nada a ver!

— São sim! Entrei em um grupo de mensagens de jovens cristãos esses dias. Lá a gente sempre compartilha mensagens de fé! Eles me chamaram para tocar hoje e eu vim. — Ele olhou para o céu. — Sabe? É tão bom fazer a obra do Senhor! Sei que a música é usada muitas vezes para coisas ilícitas, mas eu estou a usando para espalhar o amor de Cristo.

— Isso é tão bonito, Noah. — Virei a cabeça para o lado e o observei. — Sei o que quer dizer; as vezes coisas que para os outros não importam, Deus transforma em ferramentas para o obra *dEle.*

Noah voltou o seu olhar para mim e sorriu.

— Tem razão. E...sou grato por Deus ter colocado você na minha vida.

— Também sou grata por sua vida.

Mais uma troca de olhares. Corri meus olhos pelo seu rosto, observando cada traço seu. Suas sobrancelhas bem desenhadas e douradas, seus olhos verdes como uma campina, seu nariz bem feito, seu sorriso de arrasar *um coração ou corações...* Desviei o olhar.

— Posso tirar uma foto com você? — Ele pigarreou e tirou o celular do bolso. — Quero ter seu rosto gravado no meu celular também.

Dei uma risadinha e concordei. Noah passou a mão pelo meu ombro e me aproximou de si. Seu perfume era de um aroma doce e ao mesmo tempo, uma essência que seu corpo exalava. Sorrimos para a câmera e Noah bateu uma foto nossa. Acho que passei um bom tempo observando nosso retrato, quando ele me enviou a foto.

◇◇◇◇

— Prometo mandar mensagem para vocês, as férias inteiras! — Leh prometeu, levando uma mão ao coração. — Não vão enjoar de mim, ok?

Fran sorriu e também colocou uma mão no coração.

— Amigas sempre, escutaram?

— Sim, senhoras. — Ri para as duas e também coloquei uma mão no coração. — Nos vemos daqui alguns dias.

Depois de uma longa despedida, adentrei o táxi. Fran ia pegar um ônibus para chegar até a hospedaria — onde sua família estava —, e Leh esperava seu chofer chegar. Observei a escola ficar pequena pelo vidro do táxi, cada vez que o carro se afastava.
Eu sabia que um dia eu iria embora daquela escola, e pensar nisso era estranho. Na realidade, toda vez que paramos para pensar que tudo passa, isso faz com que tenhamos vontade de guardar os melhores momentos que vivemos.

Peguei meu celular e conferi a localização da rodoviária onde eu esperaria meus pais e meu irmão — nosso ponto de referência. *Minha família estava vindo me ver!* Sorri sozinha, e de repente, recebi uma notificação. Fiquei um pouco irritada com o solavanco do táxi, ele me atrapalhava de mandar mensagem para um *garoto importante.*

Chat oon

Noah/loirinho: Já chegou em casa? 09:04

Déh: Não. Você já pegou o vôo? 09:04

Noah/loirinho: Ainda não, estou no carro agora. Você pegou um Uber? 09:05

Déh digitando...

Déh: Não. Estou no táxi. 09:07

Noah/loirinho: Ainda não acredito que você dispensou a carona do meu chofer. É sério, não seria incômodo leva-lá até a rodoviária. 09:08

Déh: Ia ser sim, você poderia perder o vôo! 09:08

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: Seria uma boa desculpa para não ir viajar, não acha? 09:11

Déh: Engraçadinho. 09:11

Noah/loirinho: É sério, irritadinha. 09:12

Déh: 09:12

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: Cheguei agora no aeroporto. 09:14

Noah/loirinho: Mando mensagem para você, assim que eu chegar em Brasília, prometo. 09:15

Déh: Promessa é divida. 09:15

Noah/loirinho: Então estou endividado com você. 09:16

Noah/loirinho: Até mais, Déh. 09:16

Déh: Até, boa viagem. 09:16

Noah: Amém. 09:17

Chat off.

Voltei a me concentrar na paisagem lá fora, e orei mentalmente:

"Senhor, me guie sempre, para que eu venha ser um instrumento em tuas mãos aonde eu for. Consagro a Ti, tudo que sou e todos os meus pensamentos e anseios do meu coração. Em nome de Jesus, amém."

Os minutos passaram voando, e quando dei por mim, já estava na rodoviária, sentada em uma das cadeiras de espera. Não demorou muito, e eu consegui avistar o carro dos meus pais. Eles circularam boa parte da rodoviária e estacionaram em uma parte do local. De dentro dele, saiu minha mãe. Ela vasculhava o lugar com olhos atentos, enquanto meu pai carregava a chave do carro em uma das mãos. Sam bebia um suco com canudinho e levava sua mochila nas costas. As lágrimas lotaram meus olhos e escorreram pelo os meus cílios; levei as mãos ao alto e acenei.

— Aqui! Família Millicent, aqui!

Minha mãe cobriu a boca com as mãos e soluçou, vindo ao meu encontro. O abraço dela foi tão forte e acolhedor, que pensei que eu ia perder os fôlegos.

— Oh céus, como está linda!! — Ela me apertou mais um pouco e me trouxe para me olhar nos olhos. — Se cuidou direitinho, meu amor?

— Sim, mãe. Eu estou tão feliz de poder revê-los. — Voltei a abraça-la.

Minha mãe arrumou alguns fios do meu cabelo atrás da minha orelha e sorriu; ela parecia extremamente feliz e orgulhosa por mim. Observei meu pai vir ao meu encontro; ele me abraçou forte também, e disse com a voz embargada:

— Como cresceu, sentimos tanto a sua falta, querida.

— Ownt pai, eu não aguentava mais de saudades, sério.

Meu pai sorriu e apontou para o meu irmão.

— Esse daqui, estava super animado para te ver novamente.

— É verdade. — Sam se aproximou e me abraçou em seguida. — É chato não ter ninguém para irritar.

— Bobo, também senti sua falta. — Bati de leve na suas costas. — Bom, estão preparados para conhecer a cidade?

Minha mãe sorriu positivamente e meu pai pegou minhas malas para levar até o carro.

— Tô ansioso, vamos! — Meu irmão terminou de tomar seu suco, e jogou o copo no lixo.

Começamos a andar em direção ao carro — que nos levaria ao hotel escolhido pelos meus pais.

Sam grudou no meu braço e quis saber:

— Sem namoradinho, né dona Déborah?

— Sim, meu filho! — Bufei. — Ainda não estou namorando!

— Ainda...? — Sam fez careta.

— Hurum. — Dei risada.

♡>♡<♡><♡>♡<♡><♡><♡><♡>♡<
Oii leitoras, o que acharam do capítulo de hoje?

Mil perdões pela demora de entregar esse capítulo, minha vida tá muito corrida!! Faço dois cursos (manhã e tarde) é muita carga horária, e ainda tem a escola😭

Mas podem ficar tranquilas(os), tem capítulo novo toda semana!

Me ajudem aqui, devo começar publicar o livro dos garotos quando?

Obrigada, que Deus abençoe vocês!

Vote na estrelinha, pliss❤

♡<♡><♡>♡<♡>♡<♡>♡<♡>♡<♡>♡

Capítulo 23

Leh
Decepção

Rolei para o outro lado da cama mais uma vez; o sono não queria vir. Eu sabia que era porque eu estava frustrada de meus pais não terem vindo — até aquele momento —, me visitar nas minhas férias. As reuniões de negócios estavam tomando cada vez mais o tempo deles...

Fui até a estante de livros do meu quarto, e escolhi um específico: *Aventura nas estrelas*. Comecei a folhear o livro, enquanto caminhava até a janela para observar as estrelas brilhantes.

— Espero que também esteja vendo as estrelas, Alex — sussurrei para mim mesma, abrindo a janela e respirando o ar fresco.

Voltei a olhar para o livro que tinha em mãos. *"Aventura nas estrelas, o livro preferido de Alex"*, pensei ao observar a capa. Minha atenção foi tomada pelo meu celular tocando na escrivaninha, atravessei o quarto e fui atender:

— Alô? Quem é?

Silêncio na linha. Bufei.

— Não vai responder? Olha, eu não estou com paciência par...

— Calma. — Era a voz intensa de Alex. Ele ia rir de mim. Dito e feito: ele riu. — Me desculpa Leh, não queria te incomodar uma hora dessas da noite...

Sorri de lado e me lancei sobre a cama confortável, abraçando uma almofada.

— Não tem problema não. Estou sem sono, para falar a verdade.

— Sério?! Eu também — ele disse, com uma nota de alegria na voz. — Estava pensando em você, e acredita que eu liguei sem querer?

— Que prodígio foi esse, Alex?

— Eu não sei também.
— Riu. — Agora me diga: o que tem feito de bom nessas férias?

— Vale dizer que... Nada?

— Ah, então falar comigo não é bom? — Brincou entre risos.

— Não, não é nada disso! — Balancei a cabeça e torci o nariz. — Só não tenho novidades. Estou passando boa parte do meu tempo estudando.

— Por que não marca de sair com suas amigas? — sugeriu.

— Verdade... — Olhei para o teto, pensativa. — Mudando de assunto, como foi rever a sua família?

— Foi incrível! Teve um "pequeno almoço" em família. Minha mãe preparou a comida e eu fui comprar refrigerante com meu pai!

— Nossa Alex, que bom. Você é muito querido, em?

— Acho que sim! E como foi para você?

— Eu, bom... — Suspirei longamente. — Meus pais não vieram me ver.

Houve silêncio do outro lado da linha.

— Como eu fui inconveniente, me desculpe. — Alex disse. — Eu sou tão sem-noção, me desculpa mesmo, eu não queria fazer papel de bobo, não devia ter te perguntado isso...

— Não precisa se desculpar, é a verdade. — Fiquei em silêncio e arfei. — Mas, por outro lado... Eu fui recebida com muito carinho pela Ofélia!

Agora era silêncio dos dois lados da linha. Meu coração se apertou. Ele era uma das pessoas mais importantes para mim, não era justo nos distanciarmos do nada. Demorou pouco tempo para sua voz ecoar novamente no meu celular:

— Sabia que escutar você, me acalmou um pouco?

— Por que? — Arqueei as sobrancelhas. — Estava nervoso com alguma coisa?

— Então... Quero te convidar para assistir ao meu jogo de futebol, amanhã. Eu estava nervoso para te perguntar isso. Sei que é uma coisa boba, mas eu quero que torça por mim. Vem você e a Ofélia, vai ser legal!

— Eu vou sim, obrigada pelo convite. Estou muito feliz de poder conversar com você depois de dias.

— Também estou, e não tenho dúvidas disso.

Fitei o espelho, fascinada com suas palavras. Era bom escutá-lo, e saber que ele também se sentia assim, me alegrou. De repente, escutei uma voz mais velha gritando seu nome. *Sua mãe*.

— Já vou mãe — respondeu. — Tenho que desligar. Vou colocar a roupa para lavar, sabe como é!

Nós dois rimos juntos.

— Boa noite Alex, até amanhã.

— Até, pensarei em você mais vezes!

Desliguei a ligação e respirei fundo, olhando para o teto. Perdida em pensamentos, nem notei quando Ofélia entrou no quarto. Ela estava vestida com seu pijama listrado e de pantufas rosas. Seu cabelo longo, estava solto — feito uma cachoeira de ondas.

— Pensei que estava dormindo, pequena. — Ela sorriu e acomodou uma bandeja com um copo de leite e cookies, no criado-mudo. — Trouxe esse lanche para você, coma tudo.

Me sentei na cama — dobrando os joelhos —, e comecei a molhar um dos cookies no copo de leite. Ofélia se sentou ao meu lado. Ela passou a mão no cabelo — arrumando alguns fios rebeldes —, e questionou:

— Que carinha é essa? — Riu e cutucou minha barriga. — Me conte tudo, não me esconda nada!

— Então... — Enrolei uma mecha do meu cabelo e mordi o lábio inferior. — Posso pedir conselhos amorosos à você? Sei que está noiva com o Júnior... Como descobriu que estava apaixonada por ele?

Ofélia tampou o rosto com as mãos; surpresa. Então, se virou para mim e com a voz doce, perguntou:

— Está apaixonada, querida? — Seu sorrisinho não mentia: ela estava achando tudo aquilo um máximo.

— Não é bem assim... — Contornei o copo de leite com o dedo e olhei para ela. — Eu acho que sim, Ofélia. Eu gosto dele, muito mesmo — confessei por fim.

Ela bateu palmas e apertou minhas bochechas.

— Oh céus, você cresceu mesmo!

— Ofélia... — Virei o rosto para o lado e sorri envergonhada. — Vamos, me diga!

— Ok então. O que sente exatamente quando está ao lado dele?

Meu coração deu um pulo.

— Eu amo o sorriso dele. — Senti minhas bochechas corarem.— Amo quando ele fala das estrelas e quando me indica livros. Amo seus valores e sua companhia. Me sinto acolhida e protegida ao lado dele, me sinto especial, única...

— Bingo! — Ela deu um leve pulo e apontou o dedo para mim. — Está apaixonada, sim senhora!

— Tem certeza? — Puxei minhas mãos e as passei no rosto. — Estou tão confusa em relação aos meus sentimentos...

— Pense nisso... — Ela colocou uma mão no queixo. — Imagine que você pode perde-lo para outra pessoa. Mas ele é só o seu amigo, sim?

Balancei a cabeça; afirmando. Ofélia continuou:

— Então, você pensa que ele não vai ser mais a *sua pessoa; a*quele que te faz sentir especial, que te fala coisas lindas, que faz seu coração se aquecer... — Ela fez uma pausa e eu pisquei os olhos; prestando atenção. — Pense que ele vai se tornar *a pessoa* de outra garota. Que vai falar de estrelas e livros para ela, que vai fazer daquela pessoa especial, não você. Como se sente?

Pensei nos abraços que eu recebia de Alex, em suas palavras acolhedoras, em sua voz calma, em seu sorriso... Pensei no quanto ele era atencioso comigo, no quanto eu gostava de estar ao seu lado. Eu não queria perde-lo, *para ninguém.*

— Péssima. — respondi, olhando para o chão. — Não posso ficar longe dele, *não mais.*

Ofélia deu mais um sorrisinho. Então, ergueu as mãos ao alto e me abraçou.

— O amor te achou, querida. *É ele.*

— Acha que estou apaixonada? — sussurrei com medo.

Ofélia me soltou do abraço e apertou as minhas mãos.

— Imagine se não estivesse! — Rimos juntas. — Agora venha cá, como é esse garoto?

Dei um dos meus melhores sorrisos e descrevi ele à Ofélia.

°•°•°•

Meu guarda-roupa estava uma bagunça, e minha penteadeira também. Quando finalmente achei minha jaqueta jeans, me olhei no espelho, dando uma voltinha. Eu estava linda para assistir ao jogo de futebol do Alex. Voltei para a penteadeira e escolhi um perfume cheiroso. Congelei ao perceber — da janela —, o carro dos meus pais estacionando na minha casa... Eles... haviam voltado?

Desci as escadas como um vendaval. Havia cabelo no meu rosto e meu coração pulsava forte. Tomei cuidado para não deslizar no último degrau da escada, e continuei correndo.

Me detive a centímetros da porta e suspirei, ouvindo as batidas do meu coração. A maçaneta virou e eu me preparei. Primeiro surgiu minha mãe, que passava a mão pelo cabelo ondulado, colocando um grampo solto em seu lugar. Observei meu pai entrar depois, segurando uma pasta e algumas sacolas no braço.

— Pai...? — Minha voz mal saia. — Mãe...?

Eles olharam na minha direção; continuei parada. Os olhos dos dois se iluminaram e um sorriso se esticou nos lábios da minha mãe. Ela andou rápido e me abraçou, vindo meu pai logo em seguida.

— Oh querida, mil perdões... — sussurrou ela, com o rosto enterrado no meu cabelo. — Demoramos mais do que o planejado, nosso voo atrasou e ficamos sem internet para avisa-la da nossa volta.

Continuei abraçada a ela, sem dizer nada. Talvez se eu não tivesse conversado com Jesus, eu ficaria revoltada com a ausência dos meus pais... Mas, o *Senhor* sabe o que faz, *Ele s*abe o melhor. *Ele* cura qualquer ferida do nosso coração.

— Não está brava conosco, pequena? — Meu pai deu um passo para trás e esticou o braço, exibindo várias sacolas. — Passamos no shopping e compramos tudo do seu agrado. Tem livros, vestidos, perfumes e...

— A presença de vocês já basta.— Me afastei e os fitei. — Como é bom vê-los novamente!

— Desculpa o papai e a mamãe? — Minha mãe perguntou, tocando meu ombro. — Vamos ficar boa parte das suas férias com você, ok?

"Boa parte...?". Balancei a cabeça e sorri, eu tinha Jesus e *Ele* já preenchia qualquer lacuna do meu coração.

— Não tem problema mãe. Mas quero muito conversar... — Eles ficaram atentos. — Por favor se aproximem mais de mim. Sei que o trabalho é pesado e eu não reclamo dele, a gente tem uma vida sucedida, e isso é ótimo!

Os dois se entreolharam; preocupados.

— Mas, eu sinto falta dos meus pais. Passei tempos escondendo a falta que sinto, e não quero mais passar por isso! Amo vocês e quero que estejam ao meu lado.

Meu pai assentiu e tocou minha mão.

— Esta certa, querida. Não estamos sendo muito presentes e isso vai mudar, prometo.

— Sim, minha filha! — Minha mãe emendou. — Vamos nos aproximar, meu bem. Nosso tempo vem sendo muito corrido, mas nós te entendemos.

— Eu sei que sim, e priorizo que me entendam, obrigada.

Nos abraçamos novamente. Senti paz, alegria e conforto. Ali eu tive a certeza de que, se eu não tivesse amadurecido espiritualmente, nunca teria forças para demonstrar o que estava sentindo.

Passei um tempo com meus pais, aproveitando a companhia deles. Quando já estava próximo do jogo de Alex começar, pedi para sair e eles autorizaram. Eu e Ofélia fomos juntas, sendo levadas pelo o meu chofer.

O carro parou em um sinal, próximo à quadra de futebol. Continuei olhando para fora e percebi que alguém batia de leve no vidro do meu carro. Era Nathy. Seu cabelo loiro estava bem disposto em uma trança boxeadora e ela vestia jeans, de camiseta rosa e uma jaqueta.

— Leh, me dá carona? — pediu a mesma, com a mão colada no vidro.

— Thomas pode abrir a porta! — Toquei no ombro do meu chofer, que abriu a porta do carro. — Obrigada.

Nathy entrou no carro com porte e elegância, arrumando a jaqueta que usava.

— Oi Nathália! — Ofélia saudou, no assento da frente. — Como vai?

— Bem, espero que com você também — respondeu. — Obrigada pela carona, Leh. — Ela se virou para mim, sorrindo.

— O que você tá fazendo aqui? — questionei, quando o carro voltou a correr pela pista.

— É assim que você trata sua amiga?

— Desculpa Nathy. — Dei uma risada; ela não riu. — Não me leve a mal, só é uma dúvida.

— Tudo bem. Bom, eu... — Suspirou e olhou para mim. — Fui convidada para assistir a partida de futebol do Alex.

Meu queixo caiu, como as mãos que soltei no colo. Alex tinha convidado a Nathy...? Aquilo não fazia sentido, os dois não se falavam mais!

— Mas, você disse que não gostava de ficar ao lado dele.

— E não gosto — resmungou, revirando os olhos. — Mas, precisamos acabar com esse relacionamento de verdade.

"*De verdade...?*", *Eles ainda namoravam?* Meu coração se comprimiu dentro de mim, e a dor em meu coração era a pior. Justamente quando eu tinha me dado conta que estava apaixonada por Alex?

— Nathy... — Chamei e segurei as lágrimas. — O Alex ainda é apaixonado por você?

Nathy arfou e cruzou as pernas.

— O Alex é confuso, de verdade. — Limpou as unhas, pouco se importando. — Só que ele quer reatar o namoro, Leh. O Alex achou meu número não sei aonde, e encheu minha caixa de mensagens de desculpas!

Engoli em seco. Ele havia ligado para mim no dia anterior. Ele disse que estava pensando em mim...

— Mas — continuou ela —, eu não sei se quero voltar a namora-lo. O Alex é de fato super protetor, mas ele fala muito sobre estrelas e livros, nada de assunto importante!

Senti as lágrimas brotarem dos meus olhos. Ofélia tinha razão: ele não era mais a *minha pessoa*, tinha se tornado a pessoa de outra garota...

— Leh — chamou ela. — Eu falei que me sentia mal ao ver ele com você, lembra?

— Sim.

— Não vou mentir: estou pensando em me reconciliar com ele. Você me abriu os olhos!

Aquilo foi demais. Virei o rosto, com as lágrimas descendo silenciosamente. Eu não podia estragar o relacionamento da minha amiga. Os dois se gostavam... e eu devia aceitar. Eu já havia me sentido mal por ter obrigando a Nathy a conversar com ele, imagina toma-lo dela? Eu não era assim! Eu estava apaixonada pelo o Alex, mas não ia ser uma amiga traíra.

O silêncio nos fez companhia a viagem inteira. Ofélia até tentou puxar assunto, mas eu estava sem cabeça para conversar. Quando chegamos ao endereço, Nathy e Ofélia saíram atrás de um bebedouro e eu fiquei parada de frente para as arquibancadas.

— Leh? — Me virei para ver quem era. — Chegou no horário, em?

Era Alex, com um sorriso no rosto, um par de chuteiras na mão, e vestido com o uniforme de seu time.

— Nossa, eu estava te procurando, sabia? — continuou a falar.

Fiquei calada. Olhar para ele, fazia com que eu me sentisse pior. Eu sabia que não podia exigir nada de Alex. Ele nunca tinha me dito sobre o namoro dele com a Nathy; nem dito que sentia algo por mim.

— É, ainda bem.— Olhei profundamente para ele.

— Tá tudo bem? — questionou, dando um passo à frente. — Você me parece meio cabisbaixa.

— Eu? — Apontei para mim. — Estou bem, *muito bem.*

— Não parece, Leh. Por favor, não me omita nada, não quero que a gente volte a ficar longe um do outro.

"Ah, é mesmo?", pensei. Apertei as mãos; eu tinha que pelo menos saber o que estava acontecendo.

— Você não deveria me impor isso.

— E não estou! Só não quero que me esconda o que está sentindo.

Franzi o cenho; indignada.

— Você me esconde coisas o tempo inteiro, Alex! — Levantei um dos braços.

Seu rosto era total confusão. Alex se aproximou com a chuteira nas mãos, e tocou minha mão de leve.

— Precisa conversar? Não me parece que você está bem, de verdade...

— Alex, você não confia em mim!

— Oras, mas do quê está falando? — Ele deu um passo para trás. — Você está agindo de forma infantil, sabia?

Virei o rosto para o lado.

— Eu já sei que você é o ex-namorado da Nathy, ok?

Houve um longo silêncio, e quando me virei para olha-lo, Alex parecia pasmo.

— Como... Como sabe disso?

— Ela é minha amiga Alex. Só que eu pensei que *você* confiava em mim! Porque não me contou?

— Isso faz alguma diferença? — Seus olhos se voltaram para mim automaticamente. — Você se incomoda com isso?

Me calei, tentando entender tudo o que estava acontecendo.

— Me responda, por favor... Você se importa com isso?

Senti as lágrimas querendo vir. Por que Alex continuava agindo como se estivesse apaixonado por mim? Por que ele mentia? Suspirei, eu deveria libera-lo para ser feliz!

— Por que deveria? — perguntei, sentindo as lágrimas descendo pelo o meu rosto. — *Somos só amigos Alex.*

Ele desviou os olhos, mordeu o lábio e encarou fixamente o chão. Parecia mais decepcionado do que eu.

— Eu já entendi — balbuciou. — Não entendo os motivos para me tratar assim, mas não vou pedir para me explicar. — Alex arfou e me encarou. — Sinto muito que você tenha mudado.

— Como pode achar isso? — indaguei e obtive silêncio de sua parte.

Nos olhamos mais uma vez. Meu coração latejando e meus olhos marejando. Tudo parecia estar quebrado, assim como o meu coração. Alex me olhou uma última vez e deu as costas, indo embora. Fiquei sozinha, no meio da multidão que chegava para assistir ao campeonato de futebol. *Aquela com certeza tinha sido a minha pior decepção.*

****

Oiii leitoras, o que eu disse sobre os capítulos bombásticos? Ksksks

Se preparem porque o próximo capítulo é da Fran (mais bombas vem por aí) kkkk

O que acharam do capítulo de hoje? Vocês preferem capítulos longos ou curtos?

Um beijo e que Deus te abençoe!! ❤

Vote na estrela ★♥

****

Capítulo 24

Fran
O guarda-chuva

— Fran, me empresta uma das suas makes? — Minha irmã perguntou, admirada com meu estojo de maquiagem.

— Claro, mana. — Me olhei no espelho e arrumei meu cabelo com o pente, passando um pouco de creme nele.

— Aonde você vai mesmo? — questionou ela, sentada em sua cama, vasculhando minhas makes.

Olhei ao redor, e abri a gaveta, pensando naquele mês divertido que eu estava vivendo. Eu tinha ficado acomodada em uma hospedaria, junto com a minha família. Fiquei em um quarto com minha irmã, meus pais em outro, e meu irmão continuou no dele. A presença da minha família nas minhas férias, estava sendo de extrema importância para mim.

— Marquei de encontrar minhas amigas em uma cafeteria da cidade Florência, faz dias que a gente não se vê.

— Nossa, vai ser legal, em? — Ela abriu um sorriso gentil e pegou um dos meus gloss. — Vou usar o rosa, tabom?

— Tudo bem. — Fui procurar meu agasalho. — Será que vai esfriar?

— Acho que sim. Pelo menos vou ficar aqui, na minha cama quentinha, assistindo um filme, boa sorte para você!

— Vai dar tudo certo, Florência. — Cruzei os braços e ela deu uma risada. — Eu já estou indo, não esquece de guardar minhas maquiagens.

Florência sorriu e passou o gloss nos lábios. Balancei a cabeça, rindo, e peguei meu celular para mandar mensagem para as meninas.

Chat oon

Grupo: Para Garotas como Nós ❣

Fran : Oi, vocês já estão saindo? 14:06

Déh❤: Sim, no caso eu já estou a caminho. Kkkkk 14:08

Leh digitando...

Leh : É na cafeteria do centro, né? 14:10

Déh❤: Simm, não vejo a hora de reencontrar vocês! 14:12

Fran : Também. Daqui a pouco a gente se vê! 14:14.

Déh❤ digitando...

Déh❤: Sim, até mais! 14:16

Leh : Até. 14:16

Chat off.

Fechei a porta do meu quarto e desci as escadas. Acabei encontrando meus pais e meu irmão na porta da saída.

— Boa tarde, irmã! — Meu irmão saudou e bagunçou meu cabelo. — Tá indo para onde?

— É dona Franciele, está indo para onde? — Meu pai arqueou uma sobrancelha e eu ri, indo segurar o braço da minha mãe.

— Vou ir na cafeteria para rever minhas amigas, combinei de encontra-las.

— Hum, que bom. Só não volte tarde — minha mãe advertiu, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Qualquer coisa é só ligar.

— Tudo bem, prometo chegar cedo! — Acenei e saí.

A cafeteria não ficava muito longe, mas mesmo assim, resolvi pegar um ônibus para chegar até lá. Fiquei um tempinho na parada, e quando o ônibus coletivo passou — com destino ao centro da cidade —, entrei nele. Escolhi uma das cadeiras do fundo, e fiquei observando as casas e os prédios no meio do percurso. Desci em uma parada próxima à cafeteria e dobrei a esquina, andando tranquilamente.

Não demorou muito para eu avistar Déh e Leh, paradas em frente ao estabelecimento. Déh vestia uma jardineirinha jeans com uma blusinha branca por debaixo, e seu cabelo estava solto, se movimentando com a brisa atípica do dia. Já Leh, usava uma calça jeans e uma blusa azul marinho, com seu cabelo envolto em uma trança com algumas mechas soltas.

As meninas acenaram para mim e eu dei uma breve corridinha para me juntar à elas. Quando cheguei na calçada, as duas me puxaram para um abraço amigável e acolhedor.

— Nossa, parece que fazem anos que não nos vemos... — Déh sorriu, se afastando do abraço. — A Leh chegou a pouco tempo, só estava faltando você.

Virei o rosto para o lado e observei a expressão de tristeza no rosto da Leh. *O que tinha acontecido?* A ideia de que a gente se encontrasse, tinha sido dela, então por que Leh aparentava estar desmotivada? Levantei a mão e acenei perto de seu rosto.

— Oii, terra chamando Leh — brinquei, sorrindo.

Leh levantou o olhar e abriu um sorriso fraco. Ela realmente não parecia bem.

— Me desculpem. — Soltou uma breve risada e ajeitou a postura. — Só estou um pouco pensativa, só isso.

Ficamos as três em silêncio. Déh me perguntava com os olhos o que íamos fazer para anima-la, e eu apertava os olhos, mostrando dúvida.

— Gente, vocês não precisam falar por sinais. — Leh levantou os braços e os deixou cair. — Está tudo bem, fiquem tranquilas.

— Pode nos falar o que realmente você tem, se não for um incômodo? — Déh se aproximou dela. — Estamos aqui, pode contar conosco.

— Eu vou contar para vocês, prometo. Mas, eu realmente preciso me sentir bem para relembrar esse assunto... — Leh juntou as mãos, e se virou para contemplar o prédio atrás de nós. — Que cafeteria linda.

Eu e Déh nos viramos também. Enquanto Déh comentava sobre a entrada do lugar, eu fiquei ruminando ideias do que teria acontecido com a Leh. Talvez ela estivesse triste pela ausência dos pais — ela sempre comentava sobre isso. Respirei fundo e chamei as duas para entrar.

A nuvem de tristeza e dúvidas, desapareceu rápido, quando entramos. O lugar era todo enfeitado com flores e pinturas. A bancada era rodeada por máquinas de café e nas prateleiras ficavam alguns bolos e pãezinhos apetitosos.

— Que lugar lindo — Déh comentou, observando tudo com apreço.

O aroma de leite quente com café cremoso, preencheu a cafeteria e eu me aproximei de uma mesa.

— Vamos esperar alguém nos atender, hoje está bem cheio, em?

— Verdade — Leh concordou e arrastou uma cadeira para se sentar. — Eu nunca tinha vindo aqui, me parece um lugar incrível!

Déh pegou um dos aperitivos que ficavam na mesa — bolachinhas recheadas com goiabada —, e experimentou.

— Hum — arquejou, amparando as migalhas que caíram em sua mão. — Meninas, como estão indo as coisas? Estão ansiosas para o volta as aulas? — perguntou, quando terminou de comer.

Me endireitei na cadeira e coloquei os cotovelos na mesa. Abri um sorriso.

— Super. Olha, eu amei reencontrar minha família! Eles vieram do Rio de Janeiro só para me ver, e isso é gratificante para mim! A hospedaria onde eu estou, é linda e eu amo as refeições de lá, são super recheadas na hora das sobremesas!

— Deve ser incrível mesmo! — Déh sorriu prontamente. — Para mim, está sendo maravilhoso ficar junto da minha família. Amo passar meu tempo com eles... — Ela se virou para conversar com a Leh. — E você Leh, como está sendo?

Leh fazia círculos com o dedo na mesa, e suspirava assim que podia. Ela levantou o olhar, e encarou uma das janelas de vidro do estabelecimento.

— Meus pais estão em casa, finalmente.

— Sério Leh? Que bom, nossa, eu fico muito feliz! — Déh felicitou e bateu palmas.

— Isso é ótimo Leh, você deve estar muito feliz! — emendei.

Leh abriu um sorriso e fixou os olhos em nós.

— Isso é maravilhoso mesmo. — Suspirou. — Sabe, Déh? Tudo o que você e o Noah disseram no devocional coletivo, tocou meu coração de uma

forma... Decidi que queria conhecer o amor de *Deus*. Eu Orei muito, e o *Senhor Jesus* me guiou e me ajudou a conversar com meus pais, me fez sentir livre de qualquer opressão ou carência...

Olhei para o lado e percebi que a Déh estava emocionada, ela limpava os olhos e sorria.

— Meu Deus, Leh... Eu...eu fico tão feliz de escutar isso, de verdade. Só *Deus* sabe o quanto eu peço a *Ele*, para que eu consiga espalhar o evangelho para todas as almas sedentas e que precisam de ajuda. — Ela apertou minha mão e a mão da Leh. — Meninas, escutem! *Jesus* ama vocês, *Ele ama vocês!* Nunca se esqueçam do valor que temos para o *Soberano Deus*, *Ele* ama cada uma de nós, *Ele é o nosso pai!*

Era tão lindo o jeito que a Déh falava de *Jesus*. Ela não tinha medo de ser excluída ou injuriada por falar do evangelho. Eu via a vontade de salvar almas em seus olhos! Tive vontade de experimentar daquela alegria que a transbordava, *eu queria conhecer á Cristo.*

— A Leh tem razão, Déh. Desde que você fez aquele devocional conosco, eu pensei muito nas minhas atitudes. Tenho me aproximando de *Deus*, e sei que *Ele* pode me escutar — comentei, sorrindo.

Mais comoção, agora era de nós três. Uma vez, Déh me disse que existiam amizades com propósitos, e a amizade delas, *foi enviada por Deus para mim.*

— Nossa, que demora de atendimento! — comentei, quando já havia se passado mais de vinte minutos que tínhamos chegado.

Déh olhou no relógio e suspirou, apoiando a bochecha na mão.

— Nem me fale, acho que é porque tem muita gente aqui.

Passeei os olhos pelo estabelecimento. Notei que ao fundo, havia um rapaz de costas terminado de anotar alguma coisa — ele parecia ser o atendente do lugar.

— Ei! Pode nos atender, por favor? — Chamei por ele, que continuou de costas para nós e foi conversar com outras pessoas em uma mesa.

— Tem alguma coisa de errado! — Déh se recostou na cadeira. — O atendente está evitando nossa mesa sempre que pode...

— Vai que ele não nos viu? Pode ser, né? — Leh levantou uma hipótese. — Por que não vamos no balcão? Mesmo que não tenha ninguém lá, acho que vamos chamar atenção.

Eu tinha gostado da ideia. O café estava lotado, e os atendentes acabaram esquecendo de deixar alguém no balcão, para atender os clientes. Antes que eu me levantasse para ir até lá, uma moça de cabelos ruivos passou ao lado da nossa mesa, com um bloco de anotações.

— Oii — Déh chamou e esticou o braço. — Pode nos atender?

A moça se virou para nós e sorriu, deixando o bloco de anotações debaixo do braço.

— Olá, ainda não foram atendidas?

Me aproximei da mesa e balancei a cabeça.

— Não, faz tempos que estamos esperando...

— Oh mil desculpas, o meu auxiliar já devia ter passado aqui, onde que ele está com a cabeça?! — ela resmungou para si mesma e se aproximou, já tirando o lápis do bolso de seu uniforme. — O que desejam?

— Café cremoso para todas? — Me virei para as meninas.

— Pode ser sim. — Leh acenou positivamente.

— E você Déh?

— Café cremoso também e, uma porção dessas bolachinhas recheadas!

A moça — que aparentava ser mais velha que nós — anotou os pedidos e apoiou o lápis no coque do seu cabelo, verificando o que tinha escrito.

— Hum, certo — balbuciou. — Três cafés cremosos e uma porção de bolacha com goiabada...?

— Sim. — Balancei a cabeça.

— Tudo certo, então. Meu auxiliar já vem trazer os pedidos, tenham uma boa tarde.

Nós três sorrimos agradecidas e acabamos por ficar jogando conversa afora, enquanto nosso pedido não chegava. Foi aí que notei que a Déh observava algo, e fiquei curiosa para saber o que era. Me esgueirei na cadeira e tentei espiar...*não vi nada.*

— Que foi, Déh? Parece chocada...

— Pior que eu estou mesmo. — Ela tampou a boca e riu. — Meu Deus, isto não está acontecendo...

— O que foi? — Leh quis saber também.

— Nossa... — Ela riu de novo e olhou para mim. — Você não vai acreditar, Fran...

— Não vou acreditar no quê?!

Déh se aproximou de nós e baixou o tom de voz:

— Acho que vi o Lucas — sussurrou para mim e para a Leh. — Olha, ele deve trabalhar aqui...

— Quê?! Pfff... — Dei risada. — O Lucas? Trabalhando aqui?! Ele é tão frio e tão cara fechada, que ia assustar os clientes. Não tem como! Ele sempre tem aquele jeito azedo de ser, super ignorante, isso é tão

insuportável que... — Me calei diante dos rostos perplexos das meninas. — O que foi? Eu disse alguma mentira?

Percebi então, que elas não estavam olhando para mim, mas para outra pessoa. Escutei alguém pigarrear. *"Devo estar falando alto demais"*, pensei. Resolvi falar mais baixo, até que vi Lucas parado na minha frente, com uma bandeja nas mãos e me encarando fixamente. Seu olhar era severo e ele parecia ofendido.

Se o momento não fosse tão sério, eu ia rir tanto... Lucas estava diferente, e engraçado. Ele usava um uniforme engomadinho, com uma gravata borboleta o enfeitando — o que nada combinava com o seu jeito —, e seu cabelo escuro estava penteado para o lado.

— Continua falando de mim... — balbuciou, ainda me encarando. *É... Lucas parecia mil vezes mais ofendido naquela hora.* — Não me importo que me ache insuportável Franciele... Porque penso a mesma coisa de você.

— Pois estamos kits, acredita? — Me virei para responde-lo na hora.

— Ótimo. Porque a insuportável é *você.* — Ele revirou os olhos. — Deu para me perseguir agora?

— Quê?! Eu não. Tá ficando maluco garoto?

— Ah...quer falar de maluquice? — debochou com sarcasmo. — Você é que está invadindo o meu trabalho!

Eu já estava pronta para rebate-lo, até Déh intervir no nosso meio.

— O café vai esfriar... — cantarolou. — Pedimos café, não discussão.

Lucas — provavelmente temoroso de perder seu emprego —, se calou. Ele segurou a bandeja e se aproximou de mim, me encarando profundamente; seus olhos azuis como gelo, pareciam brilhar. Vendo que eu não ia quebrar nossa troca de olhares — *claramente olhares de afronta e não de apaixonados* —, Lucas bufou, virou o rosto para o lado, e entregou

os nossos pedidos na mesa. Seu cabelo escuro caiu sobre seus olhos, quando ele despejou a porção de bolachas na tigela.

Observei meu café... Lucas *tinha trocado o pedido*. Levantei os ombros e segurei seu punho, quando ele estava prestes a sair. Lucas se voltou para mim e me olhou confuso.

— O pedido veio errado.

— Fui eu que te atendi por acaso? — resmungou, puxando seu punho.

— Que grosseria!

Os olhos das meninas se alternavam de mim para Lucas.

— Eu não tenho nada a ver com seu pedido não, só vim entregar! — Rebateu ele, se achando o máximo.

— Você trabalha aqui ou não?!

— O que acha que estou fazendo? Brincando de ser atendente?

— Talvez, você é cheio de deboches, vai que isso só seja mais um deboche seu? — Dei de ombros e ele fechou a cara.

— Quem sabe? — Ele me encarou. — Você sempre caí nos meus deboches mesmo...

Se Lucas achava que tinha me ofendido, estava muito enganado.

— Hum — resmunguei. — Você acha que eu me importo? Ops, eu que faço você acreditar nisso.

Vi o rosto dele se franzir. Lucas não tinha palavras para me contradizer...

— Ah... — Leh levantou o braço e apontou para uma pessoa que pedia para ser atendida. — Não é melhor você continuar a trabalhar?

Lucas virou as costas e saiu bufando, enquanto as meninas se aproximavam de mim.

— Deixa isso para lá Fran, pode ficar com meu café! — Déh entregou seu café para mim e eu continuei seguindo Lucas pelo olhar.

— Não precisa Déh, ele é que é um tonto!

Depois da minha "quase discussão" na cafeteria, decidimos que seria melhor irmos para o parque da cidade, e foi isso que fizemos. Passamos o resto da tarde conversando perto da fonte, e isso foi um ótimo passatempo. Quando já era por volta das *18:25h* nos despedimos com abraços e saudações.

Fui para o ponto de ônibus, notando que já começava a serenar. Bufei, irritada por ter esquecido o guarda-chuva, por ter encontrado Lucas no café e principalmente por ter falado com ele. A chuva começou a engrossar e eu tentei me proteger das gotas grossas. Consegui me abrigar na parada, mas a chuva começou a respingar em mim. Apertei os braços, sentindo frio.

O ônibus parecia que não ia chegar nunca... Eu observava as pessoas passando nas calçadas com seus guarda-chuvas, e isso me deixava mais angustiada. Olhei para o outro lado da pista e vi uma figura alta se aproximar, segurando um guarda-chuva. Esse "alguém" começou a me parecer familiar... Pois é, *era Lucas.* Que chatice! Por que eu sempre me encontrava com ele? Por que aquele garoto sempre estava na minha vida? Era na sala de aula — sendo minha dupla —, no trabalho escolar, na aula de educação física, quando ele foi o meu defensor do Léo, e sendo o atendente da cafeteira...

Suspirei e fingi que nem o tinha visto. Lucas se aproximou e invés de seguir seu caminho, parou na minha frente e me observou.

— Quer pegar um resfriado? — questionou com desdém.

— O que você quer, Lucas? — Bufei.

O moreno sarcástico bateu o pé no chão algumas vezes e me encarou fixamente. Ele fechou o guarda-chuva e virou o rosto na minha direção.

— Aqui. — Lucas estendeu o guarda-chuva para mim.

Pisquei os olhos e o fitei por breves segundos. *Por que ele estava me tratando bem?* Ele tinha discutido comigo na cafeteria e simplesmente se preocupava em me entregar um guarda-chuva?

— Mas é você que vai acabar pegando um resfriado...

— Você vai aceitar o guarda-chuva ou não? Não sou uma estátua para ficar parado aqui até amanhã.

Ele ainda continuava sendo um enigma para mim... Seu jeito frio e indiferente era algo notável, mas por debaixo daquela camada de amargura, será que existia alguém com um coração bom....?

Estendi o braço para pegar o guarda chuva e nossas mãos se tocaram de leve. Lucas me olhou de soslaio, mas afastou sua mão imediatamente. "*Que ridículo Franciele, ele não vai entrar no seu coração!"*, pensei.

— Tenha uma boa noite, garota. —Ele colocou seu capuz e saiu andando no meio da chuva.

Por que Lucas era assim? Eu não entendia. Abri o guarda-chuva e não demorou muito para meu ônibus chegar. Passei o resto do caminho pensando em Lucas, ele era *um cavalheiro ou um garoto insuportável...?*

WWWWWWWWWWWWWWWWWWWWW
Oii leitoras, o que acharam do capítulo de hoje?

Me desculpem pela demora para postar, meu tempo está corrido, trabalho e estudo; não é fácil ksks
Mas me digam: qual dia fixo de postagem vocês preferem?

( ) Quarta

( ) Quinta

Ahh, vocês gostariam que eu criasse uma conta no Instagram, para postar spoilers deste livro e do livro dos meninos? Lá eu também ia postar recadinhos, avisos e ia conversar com vocês!

Obrigada por ter lido este capítulo, que Deus esteja com vocês.

Vote na estrelinha

WWWWWWWWWWWWWWWWWWWW

Capítulo 25

Déh
A*paixonado por mim?*

Batuquei o lápis na escrivaninha, tentando decifrar algumas questões de matemática, que eu estava estudando. Amassei algumas folhas, e as joguei na lixeira, onde uma delas, caiu perto do meu cavalete.

Observei o quadro finalizado, sorrindo que nem boba. Era nítido a minha evolução com a pintura. Os traços do rosto de Noah, haviam se saído parecidos a ele — talvez pela a minha dedicação em desenhar seu rosto.

Seu rosto não saía da minha cabeça. Mesmo sem vê-lo, eu podia lembrar de seus olhos verdes e intensos, de sua voz marcante, de suas palavras doces e até mesmo sentir a sua essência de ser. *Ele estava fazendo falta.* As férias já estavam acabando, e Noah ainda não tinha voltado de viagem.

Eu queria vê-lo novamente, queria esclarecer meus sentimentos, queria abraça-lo — nunca tínhamos nos abraçado —, queria saber se ele sentia algo por mim...

Fiquei ruminando meus pensamentos, e senti meu coração bater forte ao pensar em Noah. *Eu estava mesmo apaixonada?* Dei risada. Justamente eu? A garota difícil de se conquistar? Nunca ninguém tinha mexido tanto com meus sentimentos, assim como Noah. Meu coração acelerava só de pensar nele.

Observei a janela ao lado, e mudei meus pensamentos para Deus.

— Senhor, mais uma vez venho pedir a sua confirmação. Sei que tu és um Pai bondoso e justo, e que se alegra com a união dos teus servos. O

Senhor mesmo disse em *Genesis 2:18: "Não é bom que homem esteja só";* então confirme se o Noah, é o garoto certo para mim. — Pressionei os olhos. — Desejo que ele priorize o Senhor antes de mim, que saiba que nosso relacionamento terá o Senhor como base, e que te ame muito mais do que a mim. Cuide dele por mim Senhor, amém.

Depois da minha oração, senti meu coração ficar mais calmo. *Ter Jesus em sua vida é incrível*! É tão bom orar e sentir que Deus está do seu lado, escutando cada palavra que sai da sua boca. É algo que nem o ouro e nem a prata podem comprar, é mais valioso que os rubis e os diamantes. A Presença de Deus é tudo o que sempre tive de mais valioso... *Não há outro como o nosso Deus!*

Sorri e agradeci a Deus por saber que Ele já tinha me escutando, então fui atrás da minha mãe para conversar. Meu irmão e meu pai tinham ido jogar bola na área de lazer do hotel, e minha mãe terminava de preparar o almoço.

— Mãe — chamei e ela olhou para mim. — Lembra que eu lhe falei de um garoto?

Minha mãe sorriu de lado e pegou uma faca para cortar algumas verduras.

— Aquele da foto que você revelou, e guardou no álbum de fotografia?

— Que vergonha, mãe! — Escondi meu rosto com a tábua de cortar. — Sim, esse mesmo.

— Deixa eu adivinhar... — Ela começou a cortar as verduras. — Andou pensando nele?

— Eu nem penso muito nele... — omiti.

— Hum, não pensa não... Querida, você já falou dele diversas vezes, só nesse mês!

Deixei escapar um sorrisinho.

— Eu... Bom... Eu estou apaixonada! — Apoiei os cotovelos na bancada e suspirei. — Ele é cristão, um rapaz de bom caráter, fala de Jesus o tempo todo, é atencioso, engraçado, carinhoso, cavalheiro...

— Bonito... — minha mãe acrescentou, dando risada. — Sabe que eu ainda não conhecia esse seu lado apaixonado? Você sempre é tão reservada em relação aos seus sentimentos.

— Por que o amor é tão complicado, mãe? Eu estou confusa e com medo desse sentimento... — Bufei. — E se ele não sentir o mesmo por mim?

Minha mãe se sentou ao meu lado, e segurou minhas mãos. Eu não conseguia mais guardar aqueles sentimentos dentro de mim, precisava desabafar.

— É só que... O Noah deve ter mais experiência com relacionamentos. E, eu tenho medo de me decepcionar, aliás, eu nunca namorei na vida! Não que eu duvide de sua conduta, ele nunca quebraria meu coração, porque ele é... Ah mãe, o Noah é incrível! — Soltei as mãos no colo. — Ele é o rapaz mais admirável que eu já conheci na vida. Mãe, ele me dedicou *Provérbios 31:10!*

Minha mãe escutou tudo em silêncio, pensando por breves segundos.

— Sabe, querida? Eu passei anos esperando em Deus, orando incessantemente para que o Senhor me abençoasse com um companheiro vindo dEle. Então seu pai chegou, pedindo meu número sem nem me conhecer direito. — Ela deu risada, se divertindo ao lembrar.

— E o que a senhora disse...?

— Não, eu nem o conhecia. Para falar a verdade, não fui com a cara dele, mas o Senhor me mostrou que seu pai era o homem da minha vida. Passamos por muitas perseguições para ficarmos juntos, mas valeu a pena! — Ela sorriu e passou a mão pelo o meu cabelo. — Tenho dois filhos maravilhosos, minha família serve ao Senhor, e eu tenho o marido que sempre quis. A realidade é que muitas das vezes, ficamos indecisos ou

preocupados com coisas que somente o Senhor pode resolver. Escute: o que é para ser seu, *já é seu!*

Meus olhos brilharam ao escutar aquelas palavras; um conforto para meus anseios e preocupações. *Se Noah era para ser meu namorado e futuro marido, ele seria!*

— Eu só quero que você ore pedindo a confirmação de Deus, e o traga para eu e seu pai o conhecermos.

— Trago sim. Mas estou chocada em saber que a senhora não ia com a cara do papai. Vocês se amam tanto...

— Há, há, pois é!

Escutei a história de como meus pais se conheceram e foi incrível. Eles haviam orado por dois anos, apenas para Deus confirmar o namoro — eu também desejava fazer isso.

Ajudei minha mãe com o almoço, e foi divertido passar um tempo com ela. Quando tudo estava pronto, minha mãe desceu para chamar meu irmão e meu pai para almoçar, e eu fiquei organizando os pratos lavados.

Aproveitei a pausa para desamarrar as tranças que tinha feito no meu cabelo — que ficou um pouco ondulado por causa das tranças apertadas.

Depois de meia hora, escutei a campainha soar e fui abrir a porta — convicta de que seria minha família. Tomei um susto quando dei de cara com Noah. Sua pele estava um tanto bronzeada, destacando seu cabelo loiro que formava algumas ondas, e seu velho e admirável sorriso estava ali, em seus lábios. Em uma de suas mãos, Noah segurava uma rosa vermelha. Ele me analisou por breves segundos, correndo os olhos pelo meu rosto e pelo o meu cabelo solto.

— Para você — disse, entendendo a rosa para mim. — Um pedido de desculpas, por demorar para vim te ver.

As batidas do meu coração pulsaram mais rápido; um sorriso se esticou em meus lábios; nossos olhares se encontraram. Era como se estivéssemos trocando palavras em silêncio, dizendo um ao outro que estávamos mortos de saudades.

Segurei a rosa em minhas mãos, e fiquei emocionada por tamanha demonstração de afeto. Era um sonho para mim receber flores, ainda mais sendo a minha favorita.

Olhei novamente para Noah: ele continuava parado na porta e me observava silenciosamente. Parecia que ao nos olharmos, ficávamos presos em um mundo só nosso.

— Não vai dar obrigada, querida? — Me deparei com a minha mãe ao lado de Noah e sorri.

— Obrigada Noah, é a minha preferida. — Desviei os olhos de seu rosto.

— Eu devia ter trazido um buquê, mas achei que você ia ficar constrangida. — Noah sorriu de lado, exibindo uma covinha.

Minha mãe deu um sorrisinho e tocou no ombro de Noah, pedindo para ele entrar em nosso Apart Hotel.

— Encontrei seu amigo na recepção, acredita? Estava perguntado de você! — Vi Noah esconder o rosto; com vergonha. — Convidei o rapaz para almoçar.

Noah seguiu minha mãe até o sofá e eu busquei um jarro. Admirei aquela rosa; tudo nela era delicado, desde as pétalas vermelhas, até as folhas verdes ao seu redor. Muitos dizem que ela significa: *o poder da profundidade dos sentimentos duradouros.* Será que Noah tinha pensado nisso ao comprar a rosa? Balancei a cabeça, ignorando o pensamento.

Voltei a fitar Noah: ele parecia super nervoso por estar conversando com a minha mãe — e ela estava se dando muito bem com ele.

— Pode ficar a vontade Noah, vou preparar um refresco para vocês — minha mãe disse, carismática.

— Muito obrigado sra. Millicent, é um grande prazer conhece-la.

Noah se encostou no sofá e respirou aliviado. Ele observou o teto por alguns minutos, enquanto eu o olhava de longe, ouvindo as batidas do meu coração. Eu ainda estava com o jarro nas mãos, quando ele virou a cabeça, aparentemente me procurando. Nossos olhares se encontraram novamente, revelando *um sentimento puro, uma admiração secreta, uma paixão...*

Por que ele estava tão calado?

Ele queria dizer algo?

"Diga Noah, apenas diga que sente algo por mim."

— Aham — Pigarreei. — Como você descobriu minha localização? — Andei em sua direção, tentando quebrar o silêncio.

— Cheguei de Brasília faz algumas horas. — Ele me seguiu com o olhar.

— Sério? Por que não me avisou?

— Bom, eu mandei mensagem para você, mas você não retornou. — Ele passou as mãos pelo cabelo e sorriu. — Pedi sua localização para a Leh. Eu disse que ia conhecer sua família, não disse?

— Disse. — Abri um sorriso. — Ah, e me desculpa por ter deixado meu celular no mudo. Vou arrumar isso agora.

— Não tem problema. — Noah voltou a me observar profundamente. — Seu cabelo está diferente... Você está linda. — Percebi que ele tinha dito isso por impulso. — Na realidade, você já é linda todos os dias, acho que já sabe disso.

Oh céus, não me diga essas coisas lindas!

— Você sentiu minha falta? — Noah perguntou, olhando no fundo dos meus olhos.

Pisquei algumas vezes, sem saber o que falar. E se eu gaguejasse? Porque eu estava nervosa só de falar com ele? *Só responda!*

Sem obter a minha resposta, ele abriu a boca para falar algo, mas o barulho de chaves e a entrada do meu pai com o meu irmão — que tinham chegado para almoçar —, interromperam sua fala.

— Ah, que pena que a gente não venceu essa partida, mas nosso time é massa! — Sam deixou a bola de futebol de lado, enquanto sorria.

— Não foi dessa vez, mas vamos jogar mais vezes filho! — sugeriu meu pai, indo dar um abraço na minha mãe.

Sam caminhou alguns passos, rindo, e se deparou com Noah ao meu lado. Meu irmão levantou uma sobrancelha e cruzou os braços, mostrando indignação.

— Ué, quem é esse aí, Déh?

Noah deu um pulo do sofá, se aproximando do meu irmão e estendeu a mão para um aperto amigável.

— Muito prazer, sou Noah Leblanc.

Sam lhe lançou um olhar desconfiado e apertou sua mão.

— Sam Millicent, irmão da Déh. — Ele declinou a cabeça para me observar. — É seu namorado, Déborah?

Arregalei os olhos, morrendo de vergonha. Meu pai provavelmente tinha escutado o Sam falar aquilo!

— Não Sam! Já disse que não tenho namorado, garoto. — Cruzei os braços, sentindo meu rosto corar. — O Noah é meu amigo.

— Hum, amigo, sei...

Sam encarou Noah, que mexia no cabelo sempre que podia; o coitado devia estar envergonhado.

— O que você está fazendo aqui?

— Ah, eu vim visitar sua irmã! — Noah se virou para mim e sorriu. — Você gosta de futebol, Sam? Achei muito maneiro o jeito que você valorizou o seu time.

Sam continuava desconfiado. Cruzou os bracinhos e soltou um assovio.

— Ah, obrigado cara. O que não fazemos pelo o nosso time? Dei tudo de mim na partida, é complicado.

— Te entendo, é normal. Eu também sou bem competitivo quando o assunto é esporte. Você é goleiro ou atacante?

— Centroavante, sou muito bom — se gabou, balançando o cabelo claro, molhado de suor. — Temos assuntos a resolver: senhor Leblanc. Vem cá, você gosta da minha irmã? Tá afim dela?

Noah ficou extremamente vermelho com aquelas perguntas indevidas. Ele pigarreou e olhou para mim — que desviei o olhar. *Por que nós dois estávamos tão envergonhados com uma simples pergunta?*

— Já vou avisando que você precisa da permissão dos meus pais e da minha, para namorar ela, viu?

Suspirei, e andei na direção dos dois, dando uma cotovelada em Sam, que caiu para o lado.

— Qual é maninha? — Ele massageou o braço, fazendo drama.

Forcei um sorriso para Noah, que tentava esconder o rosto corado.

— Vai tomar banho agora — sussurrei para Sam —, ou eu não vou responder por mim.

— Já tô indo estressada! — Bufou, e se dirigiu para Noah: — Tô de olho em você, rapaz.

Sam saiu, me deixando totalmente sem graça. Virei a cabeça para o lado, e percebi que Noah nem tinha coragem de olhar para mim. Ficamos em silêncio, sem saber o que falar. *Por que expor seus sentimentos é tão difícil?*

— Pensei que só você era irritadinha, mas pelo o que eu vejo... — Noah provocou. Rimos juntos.

— Desculpa o meu irmão, é que ele é muito...

— Protetor — respondeu, olhando para mim. — Admiro muito isso. Ele não quer que qualquer cara fique atrás de você, deseja que alguém te ame de todo o coração.

Soltei mais um sorriso encantado para Noah e notei que meu pai se aproximava para falar com ele.

— Querido, esse é o amigo da nossa filha, ele vai almoçar conosco! — Minha mãe avisou da cozinha.

— Ah sim. Como vai meu jovem? — Os dois apertaram as mãos.

— Vou muito bem senhor. Me chamo Noah, é muito bom conhece-lo.

Não pude deixar de rir, vendo Noah todo nervosinho ao conversar com meu pai, e fiquei aliviada de ver os dois rindo juntos. Não quis atrapalhar a conversa, e fui ajudar minha mãe a pôr a mesa.

— Seu pai gostou dele, em? — Ela sorriu, arrumando os copos. — Ele é um rapaz excelente, muito educado.

Fiquei feliz dos meus pais terem gostado do Noah. Se eu tivesse a aprovação deles, já seria um grande passo para mim. Mas primeiro, eu precisava saber se era da vontade de Deus.

Quando a mesa ficou posta, eu escolhi os pratos e os talheres, e minha mãe levou a carne bem assada para a mesa. Meu pai e Noah vieram conversando, parecendo bons amigos. Nos juntamos a mesa, onde minha mãe se sentou ao lado de papai e do Sam, e eu, ao lado de Noah. Naquele momento me toquei: *eu e Noah estávamos mesmos parecendo um casal.*

— Vamos orar para o *Senhor Deus*, abençoar este alimento. — Meu pai levantou as mãos para o céu. — Obrigado Pai, pelo o seu amor e pelo o seu cuidado conosco. Que este alimento seja consagrado a ti Jesus, nos proteja de todo mal. Amém.

Começamos a degustar o almoço que minha mãe tinha preparado; tudo impecável e saboroso.

— E então, meu jovem? — meu pai indagou, perante o silêncio que se fazia. — Trabalha mesmo na escola?

Noah abriu um sorriso vantajoso que exibia suas covinhas.

— Ah sim, mas é bem estressante para falar a verdade — respondeu, enquanto cortava um pedaço de carne.

— E pelo que me disse, é um jovem destaque? — Foi a vez da minha mãe questionar.

Noah olhou para mim e eu foquei meus olhos no prato.

— Bem, sim. E tenho certeza que a Déh vai conseguir se tornar uma jovem destaque. Ela é muito inteligente, sábia e esforçada!

Meus pais se entreolharam e sorriram.

— E você conheceu o loiro aonde? — Sam perguntou, deixando os talheres de lado.

— O "loiro" se chama Noah, Sam. E o conheci na escola, ou melhor: na rodoviária.

— Bom... — Meu irmão tossiu. — Noah, sabia que minha irmã tem uma queda por garotos loiros?

Quase cuspi a carne no meu prato. Me entalei, tossindo feito doida. Agora meu rosto estava mil vezes mais corado. Noah tentou me acudir, mas eu fingi que estava tudo bem. Quando recuperei o fôlego, levantei as mãos.

— Para com isso, Sam! — Não tive coragem de encarar ninguém. — Meu irmão é tão engraçado...

— Oras, mas é verdade. — Sam cruzou os braços, sorrindo. — Você sempre escolhe os personagens loiros. E você me disse uma vez que os loiros fazem o seu tipo. Como era mesmo? Ah sim: *"um varão dos cabelos cor de mel"*, era isso que você dizia.

— Quê?! — Tossi de novo. — Sam Millicent, pare de falar coisas absurdas e da sua imaginação!

— São só verdades, maninha.

Olhei de soslaio para Noah — ao meu lado —, e percebi que ele tentava conter um sorrisinho bobo. Ele apoiou um dos cotovelos na mesa e passou a mão pelo cabelo, escondendo um sorriso.

— Sam — minha mãe chamou. — Está deixando sua irmã sem graça.

Ele abriu um sorriso maroto, e voltou a sua atenção para o prato.

— Bom — meu pai deu risada —, vamos continuar falando de você, rapaz.

Noah se arrumou na cadeira, pronto para responder qualquer pergunta direcionada a ele.

— Me disse que segue os caminhos do Senhor, você é cristão?

— Sim senhor. Tenho buscado todos os dias me aproximar ainda mais do Criador, e para mim é uma experiência única. — Noah suspirou e sorriu. — Ele tem me transformado todos os dias, Deus é o único que me amou, quando nem eu podia me amar!

— Tão jovem, mas tão cheio de sabedoria — admitiu meu pai.

Fiquei admirada com as palavras de Noah direcionadas ao Senhor. No fundo do meu coração, *eu já sentia que Noah era o enviado de Deus para mim*.

Continuamos almoçando, e meus pais fizeram diversas perguntas para Noah — ele respondeu todas com entusiasmo. Já perto da sobremesa, Noah ficou mais familiarizado com meus pais, e os três riram bastante. Não conversei muito com ele, mas foi bom vê-lo conhecer a minha família.

Por volta das *16:12h*, Noah recebeu uma ligação dos pais; eles iriam para o culto, e ele devia chegar mais cedo em casa. Ele se despediu dos meus pais, e eu conduzi Noah até a saída da recepção.

— Hurum — Noah apurou a garganta, já perto da saída, o sol brilhava forte lá fora. — Acha que me saí bem?

— Convenhamos que você estava super nervoso, loirinho. — Dei risada e parei de caminhar.

— Ah, não é para menos! Seu irmão me encarava sempre que podia.

Demos risada daquela situação engraçada.

— E... Aquela história de você ter uma queda por loiros, é verdade?

Parei de rir na hora.

— Hum, bom.... E-eu, bom é que...

Noah soltou uma gargalhada e colocou a mão na barriga.

— Devia ver o quanto seu rosto está vermelho agora!

— Não tá não! — retruquei, morrendo de vergonha.

Noah parou de rir e ficamos em silêncio.

— Déh — ele chamou, levantando o olhar. — Eu quero te apresentar para a minha família.

— Ah sim, seria ótimo — respondi, sorrindo.

Ele passou um tempo admirando o meu sorriso.

— Sabe? Na viagem que eu fiz, percebi o quanto você faz falta... É isso que eu quero dizer desde que cheguei aqui.

Fiquei calada, tentando raciocinar suas doces palavras.

— O que sinto por você, vai muito além... — Noah parou de falar e suspirou longamente, correndo a mão pelo cabelo.

Diga Noah, apenas diga.

— Muito além...? — balbuciei.

Abaixei a cabeça, pronta para escutar suas palavras. *Apenas amigos ou muito mais do que isso*?

O silêncio continuava, me deixando acuada. *O que ele sentia por mim?* Noah segurou minha mão, fazendo com que eu olhasse automaticamente para ele. Seus olhos estavam em sintonia com o meu olhar. Ele passeou os olhos pelo o meu rosto e suspirou.

— Você... Não vai dizer o que é? — perguntei, com medo de sua resposta.

Noah deu um passo a frente, chegando bem próximo a mim, — desejei que ele não escutasse as batidas do meu coração.

Ficamos calados, um olhando para o outro, desejando revelar os segredos guardados em nossos corações. Noah então, deu mais um passo e beijou minha testa, fazendo com que eu sentisse as famosas "*borboletas no estômago"*.

— Você tem extremo valor para mim. — Noah deu um passo para trás e acariciou minha bochecha com o polegar. — Te enxergo como uma bênção que eu tanto pedi ao Senhor.

— Uma... bênção?

— Sim Déh, você é valiosa para mim. Você pode achar que eu estou me precipitando em falar isso, mas...

— Sim...? — Desejei que ele se declarasse para mim.

— *Você me fez amar de novo*, Déborah Millicent. — Ele analisou meu rosto por alguns minutos e corou. — Eu, bom, eu...

De repente, meu celular tocou. Eu não queria atender; *eu queria que ele continuasse a falar.*

— Pode atender, Déh. Te vejo em breve. — Ele soltou minha mão e saiu, sem nem me dar tempo de dizer algo.

Não me importei com o toque do celular. Levei a mão ao coração, pedindo para ele se aquietar. Aquilo só podia ser uma declaração, era uma declaração! *Noah Leblanc estava apaixonado por mim!!*

~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●~●

Oii leitoras e amigas!!! Quem ficou emocionada por causa desse

capítulo?!!

Tomei a liberdade de fazer um capítulo longo (o mais longo até hoje), e deixar o capítulo 26 para a Déh também. Será que as declarações vem aí? He,he.

Uma dúvida... Qual história dos meninos vocês querem que eu comece a contar?

Ah, em breve vou criar o Instagram do livro, e estarei avisando para vocês.

É isso, um beijo e que Jesus esteja com vocês!!

Vote na estrelinha ⍰♥

⚠ Capítulos novos todas as quartas ⚠

~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆~☆

Capítulo 26

Déh
A chave do meu coração

Respirei fundo, ainda sentindo minhas mãos trêmulas, e com um sorriso que teimava desaparecer do meu rosto. O som da ligação ecoou no meu celular, e as meninas atenderam a chamada de vídeo.

— Quem é a aniversariante do dia, em? — Leh bateu palmas, assim que seu rosto apareceu em um quadradinho. — Felicidades Déh, que o Senhor esteja contigo sempre!

— Parabéns, Déh. Que você continue sempre sendo essa garota iluminada por Deus! — felicitou Fran, escovando o longo cabelo no espelho.

Tampei a boca com uma das mãos, sentindo as lágrimas de emoção querendo vir.

— Obrigada meninas, isso alegra tanto o meu coração!

Leh sorriu também, e deixou um de seus livros em sua estante de ébano, voltando o seu olhar para mim, e arqueando as sobrancelhas.

— Que pulseira linda Déh, super detalhada! — ela arquejou, notando a pequena pulseira banhada em ouro que estava em meu pulso. — Ganhou de presente?

Sorri mais uma vez, e corri os dedos pela palavra gravada naquela pulseira: *Inseparáveis.*

— Esse silêncio quer dizer novidade, viu? — Fran brincou, deixando o pente de lado.

— Eu ganhei de presente. — Mordi o lado inferior, e sorri feito boba.

As duas aguçaram os ouvidos, querendo saber mais das "novidades".

— Desculpa a pergunta, mas, foi de quem? — Leh não deixou de perguntar.

— Ganhei do Noah. — Elas se mantiveram caladas, ainda me escutando. — Bom, além de ganhar este presente, ainda ganhei uma declaração dele... Estamos comprometidos em oração! — Deixei escapar um gritinho de felicidade.

As duas abriram a boca, tomadas pela surpresa. Quando Leh se deu conta do que eu estava falando, se levantou do puff onde estava, e bateu palmas, toda feliz por mim, enquanto Fran apontou o dedo para a câmera.

— Eu disse, eu disse que vocês estavam apaixonados um pelo o outro! Ahhhh, eu estava certa o tempo todo, não acredito nisso! Que maravilha.

— Meu Deus! — Leh tampou a boca, enquanto sorria. — Vocês estão mesmo namorando?

Me arrumei na cadeira da escrivaninha, e apoiei os cotovelos na mesa, pensando em Noah.

— Namorando ainda não. — Coloquei uma mão no coração. — Estamos em um propósito de oração para Deus confirmar nossa intenção de namoro. Vai ser um processo de entrega dos nossos corações ao Senhor. Foi assim com meus pais, e vai ser assim conosco também!

— Que ótimo Déh, mas como funciona isso, aliás seus pais autorizaram? — Fran perguntou, enquanto abria o pote de creme.

— O tempo da espera é o que sempre priorizei na minha vida. — Suspirei, lembrando de todas as vezes que eu havia guardado o meu coração. — O compromisso de oração é para Deus abençoar o futuro relacionamento, e se ele tem a aprovação do Senhor. Como eu posso ser feliz em um relacionamento que não é aprovado por Deus? Como posso me comprometer com alguém que não tem o mesmo propósito que o meu?

— Que profundo, Déh... — Leh piscou os olhos, fascinada.

— Bom, já estamos basicamente "comprometidos", só que em oração. — Olhei para o lado e sorri. — E, os nossos pais já sabem da decisão que tomamos e autorizaram. Eu conheci a família dele hoje, e foi simplesmente incrível!

— Ahhh, que maravilha Déh! — Fran segurou o celular e sorriu para mim. — Estou tão feliz por você estar quase namorando! Agora, nos conte como foi essa declaração.

Senti meu coração bater forte, por lembrar das palavras dele.

— Ele me entregou a pulseira, e eu sinceramente achava que era o meu presente de aniversário, mas Noah começou a falar que me notava fazia tempos, e que eu tenho a chave do coração dele! — As meninas gritaram juntas de felicidade. — Como Deus é perfeito... Noah se declarou para mim no dia do meu aniversário, e eu pedi isso ao Senhor!

Leh sorriu, e colocou uma mão na cabeça.

— Vocês são tão lindos juntos, que pena que agora vamos ficar de vela.

Todas rimos e continuamos a conversar, atônitas e alegres pela a minha conquista. Quando desliguei a chamada, me lancei sobre a cama, sorrindo para o teto, e acabei escutando meu celular vibrar novamente. Fui até a cômoda e abri o chat.

Chat oon

Noah/loirinho: Oi Déh, acabei de orar por você, por nós. 21:39

Déh: Eu já estava indo orar também. Estava pensando em você. 21:39

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: Não acredito que você me fez sorrir sozinho para a tela do celular. 21:41

Noah/loirinho: Também não paro de pensar em você. 21:42

*Noah/loirinho: Ainda não acredito que tomei coragem para me confessar. 21:*43

Déh digitando...

Déh: Você é especial para mim. 21:45

Noah/loirinho: E você é perfeita, querida. 21:46

Déh: Não sou mais a irritadinha? 21:47

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: É sim, mas agora posso te chamar de querida também. 21:50

Déh: Rsrsrs. 21:51

Noah/loirinho: Que o Senhor esteja com você. Sua vida é importante para mim, feliz aniversário. 21:52

Déh: Amém, obrigada pela pulseira.

Noah/loirinho: Não há de quê, Déh.

Chat off.

Deixei o celular de lado, e sorri olhando para a janela. As estrelas deviam estar dançando pelo o vasto céu, com cada sorriso bobo que eu dava. Peguei um ursinho da minha cama, e o abraçei, sentindo meu coração se transbordar de felicidade. Aquele aniversário estava sendo um dos melhores da minha vida, e me peguei pensando em como Noah se declarou para mim.

Naquela dia mais cedo, eu *estava apreensiva. Eu estava ansiosa. Eu estava chateada comigo mesmo.* Eu estava mil coisas, só de pensar em Noah. Meus pensamentos e sentimentos estavam emaranhados, como em um nó cego. Eu queria parar de encher minha cabeça de pontos de interrogações, e entender o que estava sentindo. *Eu apenas queria entrar em acordo com o meu coração.*

Eu e Noah estávamos sem se falar à dias, e eu não entendia o porquê de seu silêncio. Se ele estava mesmo apaixonado por mim, por que se calar e se afastar? Cansada de tantas incertezas, resolvi orar:

— Senhor, Tu que sondas os corações, Tu que és o criador da vida, meu Pai, que a sua paz esteja comigo, que a sua tranquilidade habite dentro de mim. O Senhor tem o tempo certo para todas as coisas, e sei que tens planos perfeitos para o meu futuro. — Apertei as mãos. — Confio no Senhor, ainda que as ondas se revoltarem contra mim, sei que estás comigo. Que seja feita a tua perfeita e agradável vontade, amém.

Eu não imaginava que o futuro que Deus estava me preparando, ia superar minhas expetativas. Ainda naquela tarde, Noah convidou minha família para conhecer a sua. Me aprontei, e obriguei o meu irmão a ir comigo.

Eu andava de um lado para o outro da calçada, onde eu e Sam esperávamos Noah vim nos buscar de carro. Sam me olhava sem entender nada, mas eu não parava de dar voltas pela calçada.

Meu celular vibrou, notificando uma mensagem de Noah.

Chat oon.

Noah/loirinho: Oii Déh, estou a caminho. 16:03

Déh: Oi. Sério? Eu e o Sam estamos na calçada esperando você chegar. 16:04

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: Seus pais não vão vir também? 16:06

Déh: Não. Os dois foram evangelizar junto com o pessoal da igreja. 16:07

Noah/loirinho: Ah. Não vou dizer que é uma pena, porque eles estão ganhando almas para Jesus, e isso é o mais importante. 16:08

Déh: Sim. É o mais importante. 16:08

Noah/loirinho: Te vejo em breve. 16:09

Déh: Até, Noah. 16:10

Chat off.

Guardei o celular no bolso e inspirei, pensando em como seria encarar Noah depois de dias sem vê-lo.

— O que foi, Déh? — Sam perguntou, cruzando os braços. — Você parece tão perdida em pensamentos... Hoje é seu aniversário, você devia estar muito feliz!

— E estou! — exclamei e passei a mão no cabelo. — É só que...não sei se quero ver o Noah.

— Ué... — Ele franziu as sobrancelhas. — Você não queria ir conhecer os pais dele? Até me aperreou para eu vim acompanhar você. Por que está desse jeito?

— Eu sei, eu sei. É que... Você acha melhor voltarmos? E por...

Não tive tempo de terminar de falar, o carro de Noah já se aproximava. O sol resplandecia nas portas e no teto escuro e elegante do carro, que vinha a

nosso encontro.

Parecia que eu estava vivendo um flashback, porque notei que era o mesmo carro do meu: "quase atropelamento". *O dia em que conheci Noah*. Para a minha *eu* de meses atrás, eu só podia ver que um simples "desentendimento" com um "riquinho metido a besta", resultou no encontro da minha grande paixão.

O carro parou próximo à calçada, e o chofer de Noah saiu primeiro, trajado de um terno escuro, e se portando de um jeito formal. Meu irmão ficou entusiasmado para entrar no carro, e eu vasculhei a calçada e a pista, em busca daquele par de olhos verdes.

— Estou aqui! — A voz de Noah me sobressaltou, mas fiquei feliz por escutar *aquela* voz.

Me virei num giro, e dei de cara com ele. Meu coração vacilou — ao ter certeza que era ele mesmo ali parado. Noah estava com um braço apoiado no carro, vestido com uma camisa social branca de mangas dobradas, que destacava seus braços fortes.

— Oi Noah.

— Olá Déh.

Nos observamos de longe, com o silêncio nos fazendo companhia. Apenas as batidas do meu coração quebravam aquele silêncio interno, comprovando o quanto eu estava apaixonada.

Olhando para ele, a apreensão, dúvida ou preocupação sumiram, existindo apenas eu e Noah, presos em nossa "bolha de sabão".

Noah caminhou até mim, e parou em minha frente. Ele sorriu de lado, e eu observei cada traço do seu rosto. *Aquele sorriso, aqueles olhos, aquele jeito de ser que eu só encontrava nele.*

Ele parou de sorrir de repente, e segurou minhas mãos entre as suas. Noah observou nossas mãos juntas, e levantou a cabeça.

— Feliz aniversário Déborah. Que o Senhor continue usando sua vida para espalhar o amor dEle, como já tem feito. — Um sorriso surgiu em meus lábios, acompanhado pelo o olhar marcante dele. — Esse dia é especial para você, então se torna especial para mim também.

— Obrigada Noah. Obrigada por me apoiar em tudo, obrigada por ser gentil e atencioso. Obrigada por ter "quase me atropelado" naquela rodoviária! — Dei risada e ele me olhou confuso. — Acho que se isso não tivesse acontecido, não teríamos nos conhecido.

— É isso que eu mais admiro nos planos de Deus. — Ele suspirou, e foi sua vez de correr os olhos pelo o meu rosto. — Aquilo que não entendemos no começo, faz sentido no futuro.

Seus olhos continuaram focados nos meus olhos. Ele parecia conversar comigo pelo o olhar, não precisávamos de palavras para nos comunicar, nossos olhares já falavam por nós.

— Vocês não vão vir? — Sam gritou de dentro do carro. — Estão de mãos dadas?!

Balancei a cabeça, e soltei as mãos de Noah. Ele sorriu prontamente, e começou a andar na frente. Noah abriu a porta do carro para mim, e curvou a cabeça gentilmente, como um cavalheiro.

— Primeiro as damas — sorriu de lado, exibindo uma covinha no canto direito de sua boca.

Virei o rosto, sentindo minhas bochechas corarem apenas por observar o seu rosto, e entrei no carro. O espertinho do meu irmão, não tinha perdido a oportunidade de pegar o assento da frente. Então, eu e Noah ficamos lado a lado no banco de trás.

O trajeto até sua casa, nos rendeu diversas risadas e lembranças antigas, sendo uma delas: *o dia da rodoviária.* Meu irmão ficou chocado quando descobriu que no começo, eu tinha sido fria com Noah. O engraçado era ver

Sam — que não tido ido muito com a cara do Noah —, interagindo com ele, e contando sobre suas habilidades no futebol.

Não demorou muito, e logo estávamos na propriedade dos Leblanc. Quando desci do carro, percebi que Noah morava em um condomínio almejado por muitos. Observei a enorme casa, com alguns tons detalhados de amarelo e dourado nas paredes. O terreno era enorme, e tudo parecia bem mais vasto, visto de perto. A garagem era próxima ao jardim, onde havia uma linda fonte no centro, e uma sacada belíssima, dando destaque a um canteiro de rosas.

— Vou tocar a campainha, esqueci as chaves — Noah disse, depois de passar um bom tempo procurando a chave em seu bolso.

Poucos minutos se passaram, e uma garota de cabelo loiro acinzentado e de olhos tão verdes quanto os de Noah, apareceu na porta. Sam parecia fascinado ao ver a garota sorridente em nossa frente. Cutuquei ele, rindo.

— Essa é Melina, minha irmã. Ela tem a idade do Sam, sabia? — Noah comentou, apresentando sua irmã para nós. — Melina, essa é a Déh e esse é o Sam.

— Olá Déh. — Ela apertou minha mão. — É um prazer conhecer a garota que o meu irmão tanto fala!

— É um prazer conhece-la também. — Dei risada, e notei Noah desconcertado com o comentário dela.

Sam deu um passo a frente, e estendeu a mão.

— Sou Sam Millicent, como vai? — E acabou por tirar mais sorrisos de Melina; os dois entraram na casa conversando.

Fiquei alguns segundos parada, e Noah me convidou para entrar. Então, minha atenção foi desviada de seu rosto, para uma garotinha de cabelos loiros bagunçados, que apareceu correndo. Ela deu pulo e abraçou as duas

pernas de Noah. Ele por sua vez, pegou a menina no colo com um lindo sorriso no rosto.

— Estava com saudade, maninho. — Choramingou a pequena, limpando os olhinhos sonolentos.

— Maninho também sentiu sua falta. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Essa é Pérola, minha irmã caçula, e ela...

— Essa é a moça bonita que está com você, na foto do seu papel de parede? — A pequenina virou a cabeça para mim, e sorriu. — Oi.

— Oi lindinha. — Sorri, derretida por tamanha fofura. — Seu irmão tem um papel de parede com a nossa foto? — Apoiei as mãos na cintura em tom de bronca, só para ver como Noah iria ficar.

Pasmo. Ele estava pasmo e vermelho. Dei risada.

— Ele tem sim, uma foto de vocês dois sorrindo no celular!

Noah pigarreou e bagunçou o cabelo de Pérola com a mão — que deu risada de tudo o que estava acontecendo.

— Por que você não vai brincar, hum? — Noah sorriu para ela, apontando para algumas bonecas no sofá. — Olha lá, não vai dar atenção para as suas bonecas?

A garotinha deu um pulo, e saiu correndo para pegar suas bonecas para brincar de "chá da tarde".

Noah se aproximou de mim, com as mãos nos bolsos.

— Acho que nossos irmãos se deram muito bem. — Ele riu, observando Sam contar piadas para Melina.

— É, parece que sim. Ele é péssimo em contar piadas, só quero ver o que Melina vai achar quando ele começar a rir! — debochei, ao ver Sam todo

entusiasmado.

— Não está falando isso para se vingar do seu irmão porque ele falou que você tinha uma queda por loiros, não é?

Ele ainda lembrava daquilo. Oh céus, eu havia passado uma baita vergonha com Sam revelando o "meu tipo de garoto". Dei risada daquilo, e Noah me observou de soslaio.

— Então é isso, senhorita Millicent?

— Eu não disse nada, senhor Leblanc. — Lhe lancei um olhar estreito, e ele deu risada.

Dei uma olhada na sala da sua casa. Um sofá se estendia por boa parte do lugar, enquanto a TV ficava no centro. As paredes eram de tons pastéis e tudo estava perfeitamente organizado. Do outro lado, havia uma mesa com diversas guloseimas de encher os olhos.

— Aham — Noah pigarreou. — Minha mãe preparou um "café da tarde", bem exagerado para falar a verdade.

— Eu não achei nada "exagerado", está ótimo para mim.

Demos risadas juntos, e observei um casal se aproximar. Uma crise de nervos tardia, formigou em minha barriga.

— Esses são meus pais, eles estão vindo para cá — sussurrou Noah. — Não está nervosa, está?

— Não, claro que não.

Torci as mãos, *é claro que eu estava.*

— Nossos convidados chegaram! — Uma mulher elegante, de cabelo loiro acinzentado e olhos castanhos, se aproximou sorrindo, acompanhada

de um homem loiro, parecidíssimo com Noah. — Você deve ser a senhorita Millicent, certo?

— Sim, sim. E a senhora deve ser a mãe do Noah.

Ela balançou a cabeça afirmando, e me deu um abraço apertado e amigável. Seu jeito era tão alto-astral, que notei que Noah havia herdado isso dela.

— Muito prazer sou Lia, mãe desses três loirinhos abençoados — Ela riu. — Me dão trabalho, mas são umas bênçãos!

Quando ela se afastou do abraço, o pai de Noah veio me cumprimentar:

— Olá, sou Heitor, pai do Noah. Seja bem vinda, preparamos um café da tarde para a senhorita.

— Oh, muito obrigada.

Nos aproximamos da mesinha com algumas cadeiras. Tudo estava esplêndido! Havia café, bolachas, iogurte, bolo, marshmallows, entre outros doces e salgados.

— Meu filho fala muito de suas qualidades — Lia disse, ao se sentar em uma cadeira, e piscou para Noah, que sorriu envergonhado. — Você é cristã?

— Sou sim, e sei que vocês também seguem a mesma fé que eu. É gratificante saber que tem tantas pessoas que buscam ao Senhor.

O pai de Noah balançou a cabeça com um sorriso, e pensou por breve segundos.

— Sei o que quer dizer. — Ele segurou a mão de Lia. — O mundo em que vivemos hoje, se tornou ainda mais incrédulo e pessimista. Existem tantas pessoas que não acreditam no amor de Deus, mas mesmo que elas

não se importem ou não acreditem, o Senhor está presente em todos os lugares, e cuida de cada pessoa da face da terra.

Arrastei a cadeira para mais perto da mesa, prestando atenção a cada palavra dita.

— Meu pai tem razão. — Noah concordou. — Mesmo assim, devemos fazer nossa parte de ganhar almas para o céu.

— Isso — falei, exibindo um sorriso. — O amor de Deus deve ser espalhado para todas as pessoas desse mundo, até que Jesus volte. Enquanto houver vida, há esperança de um novo começo com Cristo.

Todos concordaram com minhas palavras. Lia acabou por chamar suas filhas e Sam para a mesa, e todos começamos a conversar, compartilhando ensinamentos e palavras de fé. Os pais de Noah transmitiam uma paz tão grande... *Eu via Jesus neles, assim como via Jesus em Noah.*

Tudo foi perfeito! Descobri até que, seus pais eram donos de uma das maiores agências de fotografia do Brasil — então era esse o motivo do Noah gostar tanto de fotografia. Acabamos falando de objetivos, ideais e eu contei um pouco sobre mim para eles.

No final das contas, estávamos todos rindo e se divertindo com as piadas do meu irmão — até que ele sabia contar piadas. Melina foi super receptiva comigo também, e passou boa parte do seu tempo conversando com Sam, enquanto Pérola dormia nos braços de Noah.

— Bom, temos uma reunião de negócios para ir, então teremos que deixá-los, vamos querida? — O sr. Leblanc se levantou, e cumprimentou a todos nós.

— Sim, só tenho que levar a Pérola para dormir no quarto, vou pedir para a Heloísa cuidar dela. — Lia se levantou, e pegou Pérola dos braços de Noah. — Ela capotou! Bom, vocês poderiam ir ao parque, o que acham?

Melina saltou de sua cadeira e arrumou alguns fios do seu cabelo, puxando Sam pelo o braço.

— Isso, ótimo. O Noah pode ir na frente com a Déh, eu e o Sam vamos comprar sorvete ali na esquina!

— Quê?! — Sam franziu o cenho. — Mas, não íamos junto com eles?

Melina cutucou Sam, que cedeu aos pedidos dela. Meu irmão forçou um sorrisinho, e saiu arrastado por Melina.

— Bom passeio para os dois bonitinhos! — Ela piscou para Noah e saiu batendo a porta.

A mãe de Noah se despediu de mim, e foi deixar a pequenina no quarto. O silêncio se fez novamente, me deixando angustiada pela a distância que se fazia entre mim e Noah. Não quis me virar para olhar para ele, temia que ele estivesse incomodado com a minha presença. *Queria entender meus sentimentos, eu queira esclarecer o que sentia.*

O chiado da cadeira de Noah ecoou pela sala, ele ficou incomodado com o barulho que sua cadeira fez, mas se levantou mesmo assim. Noah se aproximou de mim, e estendeu a mão. Olhei para os seus olhos, que se mantinham focados em mim.

— Aceita passear comigo, senhorita? — disse, com a voz calma.

— Sim, senhor Leblanc. — Toquei sua mão, o fitando.

Saímos juntos em direção ao parque da cidade, a lua já brilhava profundamente no céu, e permanecíamos calados o trajeto inteiro. *Havia certa distância entre nós.*

Nossos passos ecoavam pela a calçada, enquanto uma brisa calma — daquela noite de outono —, pairava sobre nós. Noah caminhava com as mãos nos bolsos, perdido em pensamentos.

Eu sempre tentava não olhar para ele, mas acabava fazendo isso. Noah passou a mão pela nuca e suspirou. Olhei para o lado; queria entender o porquê de estarmos calados demais. Por que estávamos tão perto, mas tão distantes?

Eu estava perdida em questionários, quando de repente, Noah segurou minha mão e saiu correndo comigo até a área verde do parque.

— O que está fazendo? — perguntei, sentindo o vento bater em meu rosto.

—Venha, ali tem uma bela vista para o céu! — Ele apontou para o topo da área verde, com diversas flores ali.

Nós dois corremos feito duas crianças, enquanto davamos risada sem motivo algum. *Como era bom escutar sua risada novamente.* Quando finalmente alcançamos o topo, nos sentamos na grama verde. De lá, dava para ver melhor a lua, e as pessoas conversando e correndo pelo o parque.

— Corremos demais! — disse ele, rindo até não se aguentar mais, fiz o mesmo.

Quando paramos de rir, o silêncio voltou novamente. Apoiei uma das mãos na grama e levantei o olhar, percebendo que Noah já estava olhando para mim.

— Acho que o silêncio não combina conosco — brincou, se aproximando de mim. — Não aguento mais isso entre nós!

Voltei meu olhar para ele, sentindo as batidas do meu coração palpitarem. Era tudo o que precisavamos para quebrar aquele gelo entre nós: *comunicação.*

— Acha que temos motivos para se distanciar tanto um do outro? — questionei.

Noah se virou completamente para mim, e arfou, apoiando uma mão no cabelo.

— Acho que sei o motivo... — Ele suspirou, e olhou para o chão. — Foi o que eu disse naquele dia, não foi?

— Não Noah! — respondi de imediato. — Você não fez nada de errado, você disse palavras lindas, disse algo que a muito tempo eu gostaria de ouvir.

Seus olhos se fixaram nos meus, ele olhava para mim com atenção. Noah parecia surpreso pela a minha resposta, mas resolveu manter o silêncio. Ele correu os olhos novamente pelo o meu rosto, e eu senti as batidas do meu coração latejarem em meus ouvidos.

— Déh... — Sua mão tocou a minha de leve. Não recuei. — Não sabe o quanto eu sofri esses dias, preocupado com sua reação.

Engoli em seco, *ele estava afirmando seus sentimentos?*

— Noah...eu gostaria que me esclarecesse o que quis dizer aquele dia. — Meus olhos não fugiram dos seus. — Eu... eu preciso saber. *Eu fiz você amar de novo... como assim?*

Ele se aproximou um pouco mais, e levou a mão até seu bolso, retirando dali uma pulseira. Observei a delicada pulseira banhada em ouro, com alguns detalhes gravados nela, e com um pequeno cadeado na ponta.

— Isto é um presente, para você. Comprei em minha viagem até Brasília, e só lembrei de você ao vê-lo.

Noah pediu para que eu estendesse o braço, e fechou a pulseira em meu pulso.

— Consegue ver esta gravura? — Ele correu a mão pela pequena gravura na pulseira.

Apurei a vista, conseguindo enxergar o que estava escrito.

— Inseparáveis — balbuciei, tomando noção do peso daquelas palavras. — Inseparáveis?

Noah apurou a garganta e me observou atentamente, olhando para mim com apreço, com o brilho da lua refletindo em seus olhos.

— Não considere isso apenas como o seu presente de aniversário, *mas como uma declaração do meu amor por você*. — Minha respiração ameaçou faltar. — Pode fazer isso por mim?

— A-amor? — gaguejei.

— *Eu estou apaixonado por você* Déborah Millicent. Estou apaixonado como nunca antes estive por outra garota. — Noah segurou meu rosto com as duas mãos. — Você é diferente, você é a resposta das minhas orações! Eu orei muito para que o Senhor me desse coragem para revelar isso a você, e tomei coragem para me confessar.

As batidas do meu coração aceleraram, e nossos olhos se encontraram novamente. A intensidade de nossos sentimentos era nítida. Suas palavras haviam me impactado tanto, a ponto de eu não conseguir pensar, e muito menos falar.

— Sei que pode estar surpresa, mas é isso o que sinto por você. — Noah soltou meu rosto e respirou fundo. — Desde de que te conheci, eu sabia que você era diferente. Eu estava fechado para o amor antes de te conhecer, *mas você tem a chave do meu coração, Déh.*

Pisquei os olhos, absorvendo cada uma de suas palavras. Seus olhos ainda não haviam abandonado os meus. A brisa da noite soprou e bagunçou seu cabelo, o deixando tão natural...

— Venho notando você a muito tempo. Você compartilha do mesmo propósito que o meu: *ganhar almas para Jesus*; esse é o meu objetivo de vida. — Ele abaixou a cabeça. — Sei que tudo isso pode parecer surpreendente, e tudo bem você não sentir o mesmo por mim, mas...

— *Eu estou apaixonada por você Noah Leblanc* — o interrompi, e ele automaticamente tornou a olhar para mim. — Você se tornou muito mais que um amigo para mim.

Noah segurou minha mão, e entrelaçamos nossos dedos. As batidas do meu coração estavam mais rápidas, apenas por observar o sorriso que se formava em seu rosto.

Ele arrumou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, e acariciou meu rosto, olhando para mim.

— Você deseja orar para Deus confirmar o *nosso... namoro?*

Mordi o lábio inferior e sorri; *sorri com toda a minha alma.*

— Sim, Noah. Eu estarei comprometida em oração com você.

— Déh, eu estou recuperando meu coração, e quero que o Senhor sare ele primeiramente, para que você o tenha por completo — ele disse, ainda segurando a minha mão.— Eu sofri uma grande decepção amorosa, porque não esperei no Senhor. Mas agora, olhando para você, sei que Deus tem planos lindos reservados para *nós.*

Noah suspirou, e passou uma das mãos no cabelo loiro. Ele então, apoiou sua testa na minha, e fechou os olhos.

— Tenho tantas coisas que desejo te falar, mas quando o Senhor aprovar nosso namoro, eu me declararei por completo para você.

— Eu vou te esperar, Noah — sussurei, de olhos fechados também.

— *Eu te esperarei no Senhor, Déh.*

Lembrar de todas as palavras de Noah, me deixava ainda mais alegre, tirando o fato de que era o meu aniversário! Suas palavras já estavam gravadas em meu coração, mas deveriam ser gravadas em um papel. Pulei da cama, e comecei a escrever uma nova carta. De uma coisa eu tinha

certeza: eu iria orar incansavelmente pela a vida do meu futuro namorado *Noah.*

♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡
AHHHHH, oi leitoras!!!!

Sem condições emocionais para esse capítulo!😭😭

Enfim, nossos tesourinhos estão quase namorando!!!!!

Me desculpem pelo atraso do capítulo, foi uma luta para eu conseguir postar. Perdi o arquivo do meu capítulo, além de que comecei a trabalhar essa semana (graças a Deus), e fiquei sem tempo para escrever. Então, quando eu atrasar na entrega de capítulos, vocês já sabem o motivo. 😿

Ahh, e eu quero parabenizar e agradecer a @Sammya, por ter feito essa obra maravilhosa da capa do meu livro e ter me presenteado. Obrigada, eu amei muitooo, que o Senhor te abençoe!

É isso, que Deus esteja com vocês e abençoe sua vida!

Vote na estrelinha (eu sei que você amou o capítulo ksks)
⭐❣
♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡°

Capítulo 27

Leh
Razão VS Emoção

Adentrei o dormitório, com a mochila nas costas — cheia de livros —, e dando de cara com as meninas. *Era bom voltar de férias*. Para mim, minhas férias tanto haviam sido decepcionantes, como tinham sido as férias nas quais me aproximei dos meus pais. Era estranho voltar a rotina de estudos, e pensar que Alex não estaria mais do meu lado — isso apertava e comprimia meu coração.

Eu ainda não conseguia assimilar todo o nosso desentendimento, e muito menos conseguia chegar em uma resposta significativa por tudo ter desabado em um piscar de olhos. Eu me sentia mal, *me sentia mal comigo mesma.* Era direito dele ser feliz com quem quisesse, ele era apenas o meu amigo — mesmo que eu não o visse dessa forma. Além de tudo, a ex-namorada dele, era a minha melhor amiga de infância... *Isso piorava tudo.*

Respirei fundo, tentando afastar todo sentimento ruim do meu coração, buscando manter a calma e a serenidade. Era simples: eu deveria parar de pensar naquele assunto, e sair daquela rotina de estresse que me fazia sentir pior ainda. Atravessei metade do dormitório — ainda pensando no quanto me sentiria mal quando visse Alex novamente. Andei mais alguns passos, e observei Déh conversando animadamente com a Fran, enquanto as duas compartilhavam de um papo bom, e de risadas.

— Nossa Leh! — Fran se levantou de sua cama quando me viu, e caminhou até mim. — Pensei que você não ia chegar.

Déh também se aproximou, exibindo um sorriso de orelha a orelha.

— Cheguei! E então, dona Déh? — perguntei, sorrindo. — Como está indo o "quase namoro"?

Déh deu uma risadinha e tampou o rosto, envergonhada. Parecia corar por apenas citarmos: "quase namoro". A pulseirinha em seu pulso, era como um tipo de "comprovante" do que ela estava sentindo. E ela estava muito, *muito feliz!*

— Então...eu ainda não vi ele. Bom, nem mandei mensagem para ele também, e é isso!

— Meu Deus, e como você consegue? — perguntei, deixando minha mochila na escrivaninha. — Vocês não se declararam um para o outro?

— Sim, mas combinamos de não ficarmos juntos o tempo todo. — Ela sorriu para a parede. — Isso pode dificultar de sabermos se o nosso namoro é aprovado por Deus, então é melhor não ficarmos o tempo todo trocando mensagens. Corações entregues ao Senhor, lembram?

Nós três concordamos juntas, tínhamos conversado muito sobre isso na chamada de vídeo da semana que havia se passado. Déh observou sua pulseira, enquanto Fran começou a abrir sua bagagem, cuidando de enfeitar sua área do quarto — um tanto animada. Ela até retirou de lá um guarda chuva, e o observou por alguns segundos, o fitando intensamente. Quis saber o motivo de tanto "apego", por um guarda chuva.

— Gostei muito de saber como os namoros cristãos funcionam, é bem interessante para falar a verdade! — Ela se acomodou em sua cama e cruzou as pernas, deixando o guarda chuva do lado de sua cama.

— Eu também — concordei, piscando os olhos. — Achei muito lindo tudo o que você nos explicou, Déh. É sobre ter muita fé para esperar no Senhor, e isso é lindo.

Déh sorriu e passou as mãos pelo cabelo — que já estava batendo em sua cintura. Ela parecia mais iluminada com tudo o que estava vivendo, e eu também me sentia feliz por ela.

— É bom compartilhar isso com vocês. Apesar de saber que ele também gosta de mim...preciso deixar meu coração por inteiro nas mãos de Deus. — Ela suspirou e ajeitou os travesseiros. — Eu nunca namorei... E ele, bom, está sendo curado por Deus e eu vou esperá-lo. Aliás, passei a minha vida inteira esperando pelo meu prometido!

— Tem razão! — Fran deu um leve pulo na cama. — É bom esperar, e o certo é confiar nos planos do Senhor, né?

— Sim! Nossa meninas, como vocês estão sábias, gloria a Deus!

Sorrimos juntas. A certeza de que existe amizades que te aproximam de Deus e te levantam, é incrível.

— Então? — Fran perguntou. — Estão preparadas para uma nova fase aqui na escola? Fiquei sabendo que abriram inscrição para novos cursos, em?

— Ah que ótimo, uma fase surpreendente e importante está por vim! — Déh concordou, deixando escapar um suspiro de esperança.

— É, um nova fase... — suspirei, alto.

°●°●°

A manhã do volta as aulas, foi calorosa e cheia de jovens por todos os cantos da escola. No campus, haviam diversos garotos populares que treinavam, enquanto outras pessoas estudavam para as provas. Parecia que eu estava revivendo meu primeiro dia de escola, e para mim era como um sentimento bom inundando meu coração devagar.

As meninas conversavam a todo momento no refeitório, enquanto meus olhos passeavam pelo local. Eu não sabia o que estava procurando, até avistar Alex. Ele estava lá, com seu par de óculos brilhantes e todo perfeitinho em seu uniforme. Sua beleza era algo irrelevante, comparado ao Alex que um dia eu achava ter conhecido.

Brinquei com o bolinho em meu prato, desviando meus olhos para Alex. Era difícil vê-lo novamente; era difícil lembrar de nossa pequena briga; era difícil pensar nele sem me lembrar do quanto eu estava decepcionada.

— O que tanto olha aí? — Déh perguntou, caçando com os olhos a figura que me chamava a atenção.

— Não é ninguém. — Tornei a olhar para o meu prato, sentindo um nó em minha garganta se formando.

— É sim! Você está procurando ou visando alguém, dá para ver nos seus olhos. — Ela se virou para mim, com um sorriso brincalhão no rosto. — É o Alex?

Soltei o garfo e passei as mãos pelo o cabelo, sentindo um aperto.

— Não importa Déh, não quero pensar nele, e acho que ele não liga para isso também!

— Ei! — Déh tocou meu ombro. — Por que você está assim?

Não queria relembrar de nosso desentendimento, e muito menos encher a cabeça das meninas de preocupações. Olhei fixamente para a mesa do refeitório, lutando contra mim mesma.

— Acho que perdemos o grande contato e amizade que tínhamos... Não sei se devo falar com ele, não sei o que devo fazer.

Fran que tinha se ligado na conversa depois de alguns minutos, apoiou o cotovelo na mesa e olhou para um ponto fixo do refeitório.

— Ele está olhando para cá, sabia?

— O que?! — Escondi o rosto nas mãos. — Ele não tem motivo para olhar para mim!

Déh puxou a cadeira para mais perto de mim, enquanto Fran trouxe o prato para o meio da mesa.

— Você vai ter que nos contar o que está acontecendo! — disse ela, com um olhar preocupado. — Eu e a Déh estamos aqui para te escutar.

Suspirei, escutando tudo ao meu redor; desde as risadas conectadas entre amigos, até o som dos pratos sendo colocados para lavar.

— Eu e o Alex nos desentendemos, é isso.

As meninas ficaram em silêncio. Enquanto Fran tornava o seu olhar para Alex — que estava do outro lado do refeitório —, Déh ruminou minhas palavras.

— Vocês brigaram... por que? — Arqueou as sobrancelhas. — Se não estiver confortável de compartilhar isso, não precisa.

— Olha... — Arfei, experimentando de todos os sentimentos possíveis. — A realidade é que, nossa conexão foi quebrada, Déh. Mas eu ainda gosto tanto dele...

Fran se virou para o nosso lado, e deu um sorrisinho maroto.

— Eu estou certa pela segunda vez! — Comemorou. — Temos outra apaixonada aqui.

Suspirei, minha vontade era desabafar sobre tudo o que estava sentindo. Eu precisava disso, *eu necessitava.*

— Não é bem assim... Somos amigos, apenas.

Déh e Fran me olharam atravessado, sem entender o porquê de eu estar falando aquilo. Mas eu também não podia dizer que estava apaixonada por ele — Alex não sentia nada por mim. Olhei para o outro lado do refeitório, para observa-lo. Alex olhava para os lados, e até passou aos mãos pelo

cabelo bem cortado. De repente ele olhou em minha direção. Seus olhos mostravam o quanto ele parecia arrependido, mas ofendido.

— Leh — Déh me chamou, desviando minha atenção. — Ainda não entendi bem o que está acontecendo. Você e o Alex sempre tiveram um bom convívio...

— Não brigamos de fato. — Observei a toalha de mesa. — É complicado, tudo está tão complicado. Acho que não soubemos nos comunicar, eu também fiquei muito brava com ele. — Cerrei o punho. — Agora, ele me olha com um olhar tão arrependido, e eu não sei o que pensar, não sei se devo falar com ele...

— Oh Leh, não fica assim não! Pensei que vocês estavam tão bem, é triste saber disso.

Fran olhou para mim, e depois para o refeitório, apoiando o queixo na mão.

— Lembra do conselho que me deu? Você disse para mim, que era bom eu me comunicar com o Lucas, para o entender melhor. — Ela suspirou alto, com certeza pensando no moreno sarcástico. — Por que não faz isso? Tenta conversar com ele, assim você vai entender melhor o que está acontecendo.

Levantei o olhar, lembrando de minhas próprias palavras. A diferença era que eu estava com meu coração quebrado, cheia de preocupações e ainda por cima, me sentindo boba por um dia ter achado que Alex não sentia mais nada pela Nathy.

— Leh, estamos aqui, ouviu? — Déh disse com um sorriso. — Para qualquer coisa, ok?

— Sim, eu sei disso meninas. Sei que posso contar com vocês.

Não toquei mais naquele assunto durante o café da manhã, e passei a aula inteira pensando no que deveria fazer. Ir conversar com Alex seria o mais

adequado a fazer? Ou será que eu devia falar com a Nathy? Eu sinceramente não sabia o que fazer, e não podia me meter no relacionamento de ninguém, isso ia contra os meus princípios.

Quando a quarta aula acabou, a professora Christie adentrou a sala, com uma pasta na mão. Ela se sentou em sua cadeira, e começou a chamar aluno por aluno. Fiquei rabiscando algo no papel, enquanto a Déh terminava de escrever.

— Nossa... — disse ela, se virando para mim. — A Mariah está com uma cara tão feia para mim...

— Será que ela já sabe que você e o Noah estão quase namorando? — perguntei, deixando o lápis de lado.

Déh deixou a folha dentro do caderno, e pensou por breves segundos.

— Mas... como? Eu ainda nem falei com o Noah. Tomara que ela não esteja aprontando nada.

— Tomara mesmo. Olha que a Tâmara está toda chateada porque o Lucas não veio hoje. Coitada da Fran, com certeza ela vai encher a Fran de perguntas.

Antes da Déh conseguir responder, a professora chamou a mim e as meninas. Andamos até lá, sobre os olhares das populares. A professora entregou um papel para cada uma de nós: nossas notas no curso de confeitaria.

— Notas do primeiro semestre, parabéns meninas. — Ela deu um sorriso vantajoso. — Vocês se lembram que me pediram para entrar em um outro curso no começo do ano?

— Sim, o curso de confeitaria acabou? — perguntou Fran, com um sorriso surgindo no rosto.

— Não meninas. — Christie riu. — Bom, esqueci de avisa-las que os cursos tem duração de um ano.

Ficamos boquiabertas. Teríamos que aguentar Léo e Manuel por mais seis meses. Olhei para minha folha de nota; com certeza ia ser desgastante.

— Mas... — A professora nos chamou a atenção. — Consegui uma exceção para vocês. Bom, terão que se comprometer para conseguir dar conta de tudo.

— Sim? — perguntei, ansiosa para saber o que era.

— Vocês continuarão no curso de confeitaria, mas vão poder fazer um segundo curso.

Dei um sorriso de felicidade, isso ia ser maravilhoso.

— A carga de horário no curso de confeitaria vai diminuir, para vocês poderem fazer o segundo curso, se quiserem. Mas, vocês vão ter que ter muita disposição, o que acham?

— Ótimo — Déh apertou as mãos, em sinal de felicidade. — Podemos escolher o curso que quisermos?

— Podem sim, mas tarde vocês podem ir na diretoria e levem esse papel que entreguei a vocês. — Ela apontou para as nossas mãos. — Avisem que eu autorizei, ok?

— Sim, sim. — Observei a folha em minha mão. — Obrigada.

Voltamos para as carteiras, alegres. Por mais que eu me sentisse um pouco para baixo, aquela notícia foi de extrema importância para mim. Tentei não lembrar do meu desentendimento com Alex, e foquei no curso que eu desejava.

Quando estávamos em nosso dormitório — já nos aprontando para ir para o curso de confeitaria —, fiquei refletindo sobre minhas decisões.

— E então? — Déh perguntou, enquanto fazia um coque no cabelo. — Qual curso vocês vão escolher?

— O curso de beleza, eu sempre quis! — Fran suspirou feliz, e ajeitou o cabelo. — E você, Leh?

— Acho que vou continuar com minha vontade de fazer inglês. — Peguei o papel. — Vai ser chato estar longe de vocês a metade da tarde, mas é bom termos conseguido alcançar nossos objetivos.

— Sim, eu estou feliz em conseguir fazer o curso de teatro! — Déh terminou de amarrar o cabelo, e sorriu para o espelho. — Não vejo a hora de contar essa novidade para o Noah.

Fran deu risada e se aproximou de mim, com uma mão na testa.

— Oh, cuidado! Apaixonada na área!

— Há, há. — Déh debochou. — Quero ver quando você se apaixonar também Fran, se você já não estiver apaixonada...

— Quê?! De onde você tirou isso?

— Está apaixonada pelo L-u-c-a-s — cantarolou.

Fran cruzou os braços, como se aquilo fosse uma ofensa horrível a sua pessoa.

— Você não viu nosso desentendimento na cafeteria?!

— Sei não em, Fran? — Dei risada. — Vocês não aparentam se detestarem tanto assim...

— Isso é calúnia, eu não estou apaixonada por aquele cabeça oca! Jamais, eu jamais me apaixonaria por ele, e nem ele por mim. Não combinamos!

Déh deu risada, voltando seu olhar para o espelho, enquanto Fran bufou e se "lançou" sobre a cama. Caminhei até a porta, com o papel em mãos.

— Vou indo na frente, ok?

— Tudo bem Leh, nos encontramos no curso. — Déh se esgueirou para me dar um tchau.

Saí de lá, ruminando meus pensamentos. Pensei diversas vezes em falar com Alex, mas decidi que não era o correto a fazer. Andei pelos os corredores, indo em direção a diretoria, confiante de que daria tudo certo. Congelei, ao ver Alex parado de costas, ao lado da porta da secretaria — ele parecia esperar alguém.

Suspirei, sentindo meu coração se comprimir dentro de mim. Meus passos não queriam seguir em frente, me sentia sem condições para me deparar com Alex. Meu coração ainda estava ferido demais, mas mesmo assim, *eu ainda era apaixonada por ele.*

Venci o medo, e comecei a caminhar até ele. Cada passo que eu dava, era como um obstáculo vencido em um torneio. *O torneiro da vida.* Me detive a alguns passos de distância dele. Alex continuava em pé, com as mãos no bolso e com um livro debaixo do braço. Eu deveria conversar com ele, eu devia esclarecer nosso desentendimento.

Eu estava prestes a chama-lo, quando de repente — de dentro da secretaria —, saiu Nathy. Seu cabelo loiro e seu look completamente estiloso, não mentia que era ela. Continuei parada, observando tudo. Alex deixou o livro de lado — em uma cadeira de espera —, e Nathy caminhou até ele, se apoiando em seu ombro. O que era mais difícil de entender, era que ele não havia recuado, mas continuava em pé, com Nathy ao seu lado. Estavam quase abraçados, *como namorados.*

Senti um nó em minha garganta e segurei o choro. Eles estavam mesmo namorando novamente? Isso só confirmava que verdadeiramente Alex não gostava de mim. Apertei uma das mãos, brigando comigo mesma. Por que

para ele era mais fácil abraçar Nathy, do que esclarecer nosso desentendimento?

Fiquei com vontade de ir até ele, e falar tudo o que estava sentindo. Chama-lo de mentiroso, dizer o quanto me sentia ressentida, o quanto ele havia me decepcionado, mas... respirei fundo. Eu estava com um conflito interno para resolver: a razão versus a emoção. Eu tinha que pensar nas consequências dos meus atos, e entender melhor o que deveria fazer. Segurei o choro por alguns segundos, querendo desaparecer dali.

Eu precisava fugir um pouco dos sentimentos triste que me rondavam. Não queria ser egoísta, mas também eu não era feita de ferro. Corri até o banheiro, com as lágrimas escorrendo pelo o meu rosto. Corri incansávelmente e parei diante do espelho, observando meu rosto molhado.

— Ele não é apaixonado por você! — sussurrei para mim mesma, querendo me convencer daquilo. — Mas por que?

Ouvi meu celular vibrar naquele instante, e percebi que era um dos meus aplicativos de devocional, com um versículo:

"*Eu lhes deixo um presente, a minha plena paz. E essa paz que eu lhes dou é um presente que o mundo não pode dar. Portanto, não se aflijam nem tenham medo." João 14:27.*

Entendi de imediato que Deus queria falar comigo, e eu precisava. Só *Ele* poderia tirar aquele sentimento de impotência de dentro de mim, aquele ressentimento, aquela amargura.

Me aproximei de uma das janelas e levantei as mãos. Eu não me importaria de que alguém entrasse no banheiro e me visse orando.

— Senhor, me ajude. Meu coração está quebrado, e me sinto impotente em relação aos meus sentimentos. Não sei o que fazer, não tenho forças para lutar contra isso. Mas, o Senhor me prometeu a plena paz que vem de *Ti*, então, por favor ajude-me, por favor.

Respirei fundo, limpando as lágrimas. Joguei o cabelo para trás, e apertei as mãos contra o peito. Eu estava me sentindo perdida, mas ainda assim confiava em Deus. Era tudo uma questão de confiar, acreditar que para as coisas fluírem eu teria três respostas de Deus: *sim, não e espere.* Talvez para mim, naquele momento, eu não entendia o porquê da resposta: esperar. Mas eu tinha aprendido com a Déh, que Deus sempre fala conosco através de sinais, e isso é o mais lindo em confiar nos planos dEle.

Voltei para me inscrever no curso de inglês e depois de algum tempo, me encontrei com as meninas no curso, e fiquei calada boa parte do tempo. Tudo o que eu queria era apenas chorar, para pelo menos tirar todos aqueles sentimentos ruins, mesmo sabendo que só Jesus podia tirar aqueles sentimentos de mim. O tempo parecia correr devagar, e quando terminei minhas tarefas, fui me refugiar na dispensa. Me encolhi em um canto, e escondi o rosto com os braços.

— Tá tudo bem? — Manuel caminhou até mim, e se sentou ao meu lado. — Tá tão para baixo.

Ainda com os braços envoltos em meu rosto, respondi:

— É só o meu dia que não está muito legal.

— Eh, me conta o que foi.

— Não é nada. — Levantei o olhar para ele. — Só não estou em um dia legal.

Manuel deu risada e olhou para o lado.

— E suas amigas nem ligam, né?

— O que?! — Levantei uma sobrancelha, observando as meninas preparando uma receita. — É claro que elas ligam, o problema é que eu quero ficar sozinha.

— Uh, então fica tranquila.

— Não tem como ficar tranquila Manuel, estou me sentindo triste.

— Fica assim não, tô aqui para você, querida.

— Aham. — Revirei os olhos, sem que ele visse.

— Tuuudo bem. — Ele se levantou e estendeu a mão para mim. — Só não fica isolada, vamos lá ajudar suas amigas.

Notei a confiança de Manuel. Eu sempre achava que ele era intrometido, mas ele estava sendo legal comigo. Me levantei, e fui terminar de ajudar as meninas na receita. Eu não podia mentir: ainda me sentia mal. Mas, resolvi descansar em Deus, e essa era a decisão mais linda e mais sábia que eu podia tomar.

~°~

Oii, como estão?? O que acharam do capítulo de hoje?

Eu sei que ele está bem emocionante, mas entramos nos capítulos super decisivos do livro rsrs.

O próximo capítulo é da Fran, e promete, viu?

Estou decidindo de qual história dos meninos eu conto primeiro, e preciso da ajuda de vocês! Noah, Lucas ou Alex??

Perdão pelo atraso de postagem do capítulo!😭

*Um beijo, e que Jesus venha habitar no coração de cada um de vocês! *

*Vote na estrelinha *

°~°

Capítulo 28

Fran
Eu, preocupada?

O som da chuva caindo lá fora, me tirava a atenção da aula — sempre que eu parava para escutá-la. Além de não perder o foco na paisagem do céu fechado, eu observava da minha carteira, as gotas deslizando pela janela silenciosamente, enquanto uma brisa leve soprava sobre o topo das árvores. Apoiei o cotovelo na carteira — em sinal de tédio perante aquela aula de história, e de mais um trabalho para entregar. Eu estava tentando me acostumar a ficar sem dupla durante as aulas, já que Lucas havia decidido faltar a semana toda, e justamente nestes dias, eu havia entregado diversos trabalhos. Por mais que eu estivesse chateada por ficar fazendo os trabalhos escolares sozinha, era estranho não saber do paradeiro de Lucas, e isso me intrigava a maior parte do tempo.

Por que eu me preocupava? E, por que ainda cuidava com tanto zelo daquele guarda chuva? Aliás, eu devia devolve-lo ao dono com urgência, mas eu não via Lucas a dias. Era tão estranho Lucas ter ficado na chuva apenas para me entregar o guarda chuva... Ele havia se preocupado comigo, e isso me intrigava mais do que seu paradeiro.

Suspirei, e observei a chuva novamente, processando minhas ideias sobre sua pessoa, e me questionando o porquê de Lucas ser tão misterioso. *Por que Lucas Cavalier era tão indiferente e frio?* Ele se mantinha calado e fechado para todos ao seu redor, pronto para atacar ou se defender, lutando constantemente pelo o que achava ser melhor para ele mesmo. *Lucas era complicado.*

Apoiei o queixo na mão e fitei a lousa, sem vontade alguma de copiar o que estava escrito ali. Já tinha preocupações demais para uma semana só. É

claro que eu estava progredindo muito com tudo ao meu redor, mas andava muito pensativa. *Pensando em Lucas.* Que ridículo da minha parte!

— Oi Fran. — Escutei a voz de Kaio e tomei um susto, me virando para olha-lo de perto. — Tá afim de lanchar alguma coisa no intervalo?

E lá estava ele, sorrindo enquanto se aproxima. Era incrível que em menos de um mês, Kaio tivesse mudado completamente. Diferente daquele menino calado e de sorriso tímido — que eu havia conhecido até pouco tempo atrás —, ele havia se tornado um garoto confiante e que esbanjava de um porte excepcional e extremamente refinado. Ele parecia mais seguro de si, com um brilho nos olhos, e falando de forma mais intelectual.

Apurei a vista, observando ele se aproximar. Kaio sorria de lado, com seu uniforme estiloso e customizado, sem falar no seu cabelo arrumado e alinhado, que partia para um tom mais ruivo do que o normal.

— Lanchar? — perguntei, fechando o caderno. — Mas...a aula já acabou?

Kaio puxou a cadeira — que devia ser de Lucas —, e me observou com um belo sorriso nos lábios.

— Sim, a aula acabou. Mas acho que você estava tão distraída que nem percebeu. — Deu risada. — Mas é normal, essa rotina de estudos está bem pesada.

— Nem me fale! — Bufei e soltei as mãos no colo. — É bom estudar, mas ultimamente a rotina de estudos está sendo demais!

— Ah, mas você é uma das mais inteligentes da sala, é gentil e honesta. Uma boa aluna! — Seu sorriso lhe rendeu uma covinha no canto de sua boca. — Bom, eu pago o seu lanche.

Olhei para a sala. Realmente a aula já tinha acabado, e eu estava tão distraída com a chuva, que nem havia percebido isso. Apenas Déh e Leh terminavam de anotar a lição da lousa, preocupadas com o horário.

— Você vai esperar as meninas? — Ele virou a cabeça na direção delas. — Eu pago o lanche delas também, se quiserem.

— Oh, muito obrigada Kaio. Mas, vai ser incômodo demais, sério. Acho que vamos ir para o refeitório mesmo.

Agora o seu sorriso tímido e doce, escapou de seus lábios.

— Não tem problema algum de eu pagar o lanche de vocês, tá tudo bem.

Diferente de Lucas, Kaio era nobre e gentil. Seu jeito cavalheiro e verdadeiro, aparecia sempre que ele estava disposto a fazer um favor, e claramente ele estava disposto a se sacrificar pelos os seus ideais.

— Não precisa Kaio. Além do mais, hoje vou iniciar o curso de beleza. Não posso chegar atrasada no curso de confeitaria, porque isso vai acabar atrapalhando minha entrada no outro curso. — Peguei a mochila e comecei a guardar as coisas.

Enquanto eu arrumava meus livros e cadernos, acabei esbarrando no guarda chuva de Lucas. O observei por um tempo, e o coloquei na carteira.

— Também tenho que devolver esse guarda chuva para o dono. — Bufei, lembrando de Lucas e de seu jeito antipático.

Kaio me observou atentamente, e apoiou um cotovelo na carteira; parecia pensativo.

— Está preocupada com o Lucas? — perguntou, depois de algum tempo em silêncio.

Olhei de imediato para o seu rosto. Sua expressão era de medo, *medo do que eu iria responder.* Mas, por que? Ele sabia que Lucas não fazia diferença alguma em minha vida. Olhei para o chão, e depois tornei meu olhar para ele.

— E por que eu estaria?

— Ah, porque ele faltou quase toda essa semana? — Kaio se arrumou na carteira. — Você anda bem pensativa e calada, desde de que ele resolveu não vir mais para a escola.

— O que? Ele desistiu da escola?! — Arregalei os olhos.

— Viu? — Seus olhos se voltaram para mim automaticamente. — Está preocupada com ele sim, Fran.

Fechei a mochila e afastei o guarda chuva de Lucas, olhando para Kaio com determinação.

— Não, não estou. Kaio, o Lucas nunca gostou de mim, e tenho certeza que você sabe disso. E, se estiver achando que eu gosto dele, está muito enganado. Pelo o contrário, ele é o garoto mais insuportável que eu já conheci em toda a minha vida.

Kaio balançou a cabeça confirmando, e segurou minhas mãos — me fitando intensamente.

— Eu sei disso, Fran. Acho que seja normal você se preocupar com ele, no fim das contas ele é sua dupla. — Ele observou nossas mãos. — É só que, o Lucas é muito arrogante com você, e falando a verdade, aquele carinha irritante não merece sua atenção!

— Mas eu não estou dando atenção a ele.

— Sim, você está certa. — Kaio suspirou e me observou. — Só acho que você deveria se importar mais com quem verdadeiramente está do seu lado, *cachinhos.*

— E quem seria esse alguém? — Arquei uma das sobrancelhas.

Kaio olhou para o chão e crispou os lábios, voltando a olhar para mim.

— Me responda por favor: você não gosta mesmo do Lucas Cavalier...?

— *Jamais. Eu nunca estaria apaixonada por Lucas Cavalier*. — Virei o rosto. — Eu quero um garoto verdadeiro, autêntico, que seja protetor, audacioso e inteligente. Não um garoto frio e indiferente!

Encarei a janela repensando em minhas palavras. Eu estava certa: *Lucas nunca ia entrar em meu coração. Jamais.* Ele nunca havia apresentado preocupação comigo, de verdade. Estava tudo bem traçado em minha cabeça: Lucas tinha me defendido do Léo, para que todos vissem o quanto ele era "forte e imponente". Esse era Lucas, um rapaz de coração frio e insensível. Entre um cavalheiro e um garoto insuportável, *ele era a segunda opção.*

— É isso que sinto e penso, Kaio. Esse é meu tipo de garoto, não um rapaz frio igual o Lucas.

Voltei o rosto na direção contrária, observando Kaio. Seu sorriso não vacilava. Ele parecia ainda mais confiante com minhas palavras ditas, e até seus olhos pareciam cheios de brilho. Ele juntou nossas mãos novamente, e acariciou a palma da minha mão com o polegar.

— Tem razão em tudo o que diz. — Kaio olhou no fundo dos meus olhos. — Merece alguém que além de ser seu namorado, seja o seu amigo, seu confidente e que seja totalmente apaixonado por você.

— Não posso pedir menos que isso.

Ele me encarou novamente, prestes a dizer alguma coisa, mas se calou. Kaio soltou minhas mãos, e sorriu para mim, enquanto as meninas se aproximavam.

— Oi. — Déh acenou, enquanto Leh sorriu. — Vamos para o refeitório, Fran?

Kaio deu um pulo, e se levantou. Ele arrumou o cabelo — que já estava alinhado —, e estendeu a mão para mim.

— Bom, eu queria pagar um lanche para vocês, mas... — Ele olhou para mim, rindo. — A Fran disse que vai ser incômodo.

— Ah, assim... — Leh começou a falar. — Seria um baita incômodo para você, comprar lanche para todas nós. Além de que está chovendo lá fora, e vamos ter que entrar no campus para comprar.

Déh deu risada, e juntou as mãos.

— É, a Leh tem razão.

— Tem problema não, eu vou lá comprar. — Kaio se prontificou e sorriu.

Observei seu jeito proativo de ser. Ele pegou um cartão de sua mochila e guardou no bolso.

— E então? Vão querer o lanche?

Nós três demos risada de sua confiança, mas ele estava mesmo determinado à pagar o lanche para todas nós.

— Se é assim então... — Déh deu de ombros. — Olha, vai ter reembolso, viu? Você está sendo muito gentil, obrigada.

— Ah, não precisa não, podem ficar tranquilas. Vão querer um x-salada?

— Então tá bom! — Dei risada.

Saímos juntos da sala de aula, Kaio estava super entrosado conosco. Ele sorriu algumas vezes para mim, claramente parecia contente por estar ao meu lado, e eu me sentia incrível por isso. Abrimos os guardas chuvas quando estávamos perto do pátio — que não tinha teto —, e por ironia do destino, eu estava justamente com o guarda chuva de Lucas.

— Que chuva, em? — Kaio me alcançou, deixando Déh e Leh para trás, conversando.

— Sim, verdade — comentei, levando uma das mãos para tocar as gotas impetuosas que caíam e se chocavam contra o chão.

Kaio levantou o olhar e molhou o cabelo sem querer.

— Argh, odeio me molhar com a chuva! — exclamou, sacudindo o cabelo.

Nossos passos ecoavam pelo o chão cheio de poças d'água.

— Não gosta da chuva?

— Ah, eu sinceramente prefiro o sol. Na chuva você pode se molhar, e estragar tanto a roupa quanto o cabelo!

Dei de ombros. Eu praticamente gostava muito de chuva, só detestava pegar um resfriado por causa dela.

— Eu gosto da chuva. Ver as gotas brilhantes escorrendo pela a janela, ou caindo no chão, é simplesmente fascinante. É mais uma das criações perfeitas de Deus. — Levantei o guarda a chuva e sorri para o céu.

— O jeito que você enxerga o mundo é tão doce, *cachinhos*.

Kaio sorriu para mim, exibindo uma covinha no cantinho de sua boca, e exibindo seus dentes brancos. Kaio de repente, tocou minha mão e a beijou, um sorriso escapando de seus lábios.

— Amo seu jeito de ser.

Ele então, parou no meio do pátio e tirou o cartão do bolso.

— Me esperem aqui, vou comprar o lanche para a gente. Eu já volto! — avisou, andando apressadamente até o campus.

Acenei, e observei Déh e Leh se aproximarem de mim, com seus guarda chuvas.

— Olha, eu esqueci meu estojo na sala! — Leh balbuciou, vasculhando a mochila. — Vou ter que voltar lá, vocês vem comigo?

— Claro Leh, vamos lá. — Déh se prontificou, e se juntou a Leh novamente. — Você vai esperar o Kaio, Fran?

— Vou, se não ele vai achar que deixamos ele sozinho aqui — respondi, dando um sinal de tchau a elas, enquanto as duas voltavam para a sala.

O intervalo estava mais silencioso do que o normal — talvez por causa da chuva. Vasculhei o campus e o corredor com os olhos, e não, *Lucas não estava em nenhum lugar do qual observei.* Dei de ombros, ignorando meus pensamentos voltados a Lucas, *mas fracassei*.

Fiquei parada no meio do pátio, a chuva caindo sobre todo o local. As gotas grossas escorriam pela copa transparente do guarda chuva, enquanto os respingos de chuva molhavam a minha calça. Observei a chuva — silenciosa e centrada —, com o pensamento voltado no paradeiro de Lucas. Nem ao menos no intervalo ele aparecia. Será que ele estava se escondendo de algo, ou de alguém?

— Sabe que deve devolver o que é alheio, certo? — Meus pensamentos foram interrompidos pela a voz de Lucas, tão fria e amarga quanto a sua personalidade.

Me virei automaticamente para vê-lo. *Seus olhos azuis eram tudo o que se destacava em seu rosto.* Ele estava debaixo da chuva que caia, sem se preocupar com o frio ou com as gotas geladas que caíam do céu, se protegendo apenas o capuz de sua blusa de frio.

— Não vai responder? — Lucas segurou a ponta do guarda chuva.

O encarei profundamente, tentando decifrar todo o mistério que o envolvia. *Ele sempre aparecia de repente*, para se portar do mesmo jeito, e falar de modo arrogante. Para mim, era uma grande audácia de sua parte aparecer apenas para se portar grosseiramente, com certeza queria se passar

por um rapaz imponente. Ah, pois ele estava muito enganado. *Lucas não era imponente, era um chato sem limites.*

Continuei calada, e observei suas sobrancelhas se juntaram, revelando o quanto ele estava intrigado com meu silêncio.

— Sei disso — respondi finalmente, encarando seus olhos azuis. — E iria te devolver guarda chuva, está bem?

— E por que não devolveu? — Lucas arqueou uma das sobrancelhas escuras, soltando o guarda chuva.

Um relâmpago junto de um trovão, estrondou no céu nublado, clareando tudo ao nosso redor. Percebi que Lucas já estava todo molhado pela a chuva, mas não se importava de ficar no meio do pátio.

— Que coisa patética, por que está me interrogando? — exclamei.

— O guarda chuva é de quem? — perguntou sarcasticamente, arrumando o capuz. — E, então? Responda.

— Ah, faça mil favor! — resmunguei, revirando os olhos. — Parece que fica mais amargo a cada dia que se passa!

— Não me chame de amargo. — Se aproximou de mim, me encarando. — Você não me conhece, e não tem o direito de opinar sobre mim.

— Não estou "opinando" sobre você, estou afirmando!

A chuva ainda caia impetuosamente do céu, mas Lucas resolveu retirar o capuz, molhando assim todo o seu cabelo.

— Eu só quero que me responda. Por que não devolveu o meu guarda chuva?

Suspirei e passei a mão pelo o cabelo.

— Você por acaso apareceu nas aulas?

— Eu ia apa... — Lucas tossiu, e levou a mão até a boca. Observei ele segurar um espirro.— Eu tentei ir para a aula.

— Ah, é mesmo? Pois não parece, viu? Você com certeza não queria me ajudar com os trabalhos escolares. Você não sabe como essa semana foi corrida!

Lucas levou uma mão até a testa, e virou o rosto rapidamente.

— Ah, você é tão estranha, garota! Além de ser insuportável, tinha que ser estranha também? — disse, com a voz rouca.

— Como ousa me chamar de insuportável?!

— Não vou gastar minhas palavras com você. — Sua voz parecia falhar algumas vezes.

Franzi a testa e dei um passo em sua direção, observando seu rosto. Suas bochechas estavam vermelhas, assim como o seu nariz. *Ele não parecia muito bem.*

— Por que está olhando para o meu rosto? Não chega perto de mim não! — Lucas deu um passo para trás, enquanto tampava a boca.

— Você pegou um resfriado, não é mesmo?

— Por que quer saber, em? — Ele levantou o olhar, esfregando o nariz.

— Eu fiz a pergunta primeiro.

— E eu não vou responder.

Lucas tossiu novamente, tampando a boca com a manga do agasalho. Em seguida, passou a mão pelo cabelo molhado, encarando o horizonte.

— Lucas, por que me entregou o guarda chuva, sabendo que podia pegar um resfriado? — perguntei, intrigada.

Ele se manteve calado, pensando no que iria dizer.

— Há, acha que fiz isso porque me importo com você? — Lucas deu risada. — Está enganada.

— A questão não é essa, Lucas! — Levantei uma das mãos. — Eu não acho que se importe comigo, assim como eu não me importo com você.

Ele se virou em minha direção e franziu a testa.

— Parece preocupada agora.

— Pareço, mas não estou — rebati de imediato.

Lucas revirou os olhos e virou as costas, andando na direção contrária. Acompanhei seu caminhado e segurei seu punho, levando o guarda chuva até ele, para protege-lo das gotas impetuosas.

— Se pegar mais chuva, vai piorar.

— Disse que não estava preocupada, e por que está agindo assim? — questionou, fechando a cara.

— Porque não sou uma pessoa ruim. O guarda chuva é seu, não meu.

Ele me encarou e segurou o guarda chuva, andando até o corredor com uma expressão de indiferença. O acompanhei, até o corredor que tinha teto.

— Olha, tem remédio para resfriado na enfermaria, você pode ir lá para alguém cuidar de você — falei, quando chegamos ao corredor.

Lucas se sentou em um banco de pedra do corredor, e abaixou a cabeça. Ele estava todo molhado pela a chuva, parecia abatido e se sentindo mal.

— Não preciso que ninguém cuide de mim — sussurrou ele, encarando o chão atentamente.

Ficamos em silêncio profundo, apenas o som das conversas de alguns jovens espalhados pelo corredor. Eu estava indgnada e chateada com tudo o que estava acontecendo, então segurei o guarda chuva e bati de leve em sua perna. Lucas voltou o olhar para mim imediatamente, me encarando até a alma.

— O que há, em?!

— Para de ser teimoso! Você precisa se cuidar.

— Ah, e você se importa com isso? — Ele balançou a cabeça. — Isso também é culpa sua, sabia?

Me sentei ao seu lado, e observei a chuva. Eu me sentia culpada por ele ter pegado um resfriado por minha causa, mas eu não podia fazer mais nada. Soltei o guarda chuva e olhei para ele.

— Eu sei disso. Por isso quero que você vá para a enfermaria, ouviu?

— Já disse que não.

— Por que não? — Levantei as duas mãos.

— Já chega! — resmungou, virando o rosto para o outro lado.

Bufei, *ele era tão irritante.* Ele nunca abaixava a cabeça para nada, por isso era tão isolado e antissocial. Não aguentava mais ter que suportar seu jeito, mas não podia largar ele doente ali. Me levantei e lhe entreguei o guarda chuva, sentindo uma vontade enorme de gritar com ele.

— Tudo bem, então eu vou buscar remédio para você — disparei, e sai andando até a enfermaria.

Não tinha dado mais que dois passos, quando meu pulso foi segurado e eu fui puxada para trás.

— Não precisa ir a enfermaria. — Lucas resmungou e me observou. — Eu já me consultei hoje cedo. Eu estou bem Franciele, não precisa ir buscar remédio para mim.

— Menos mal.

— Por que está tão preocupada assim?

— Não estou, só me sinto culpada por você estar doente.

Ele se manteve calado, com o rosto fechado e o cabelo escuro molhado. Mais um relâmpago e um trovão ecoaram por todo o lugar, enquanto as pessoas começavam a lotar o pátio.

— Você não tem culpa.

Olhei para seus olhos, neles não haviam acusação, mas sinceridade. Seu rosto havia se suavizado, e Lucas não desviava o olhar de mim, esperando minha resposta.

Não pensei em nada para lhe responder, então virei o rosto, notando Kaio no meio da multidão do pátio, procurando a mim e as meninas.

— Acho que o "playboyzinho chiclete", está atrás de você, como sempre — sussurrou Lucas, voltando seus olhos para Kaio. *Um olhar de raiva.*

— Por que detesta tanto ele?

Lucas soltou meu pulso e me observou atentamente. Ele queria falar algo, eu tinha certeza, mas suspirou e colocou as mãos no bolso.

— Não precisa saber disso. — disse friamente, e foi pegar o guarda chuva.

O moreno sarcástico passou por mim e parou de caminhar, me olhando com determinação.

— Te entreguei o guarda chuva por que, por mais que não goste de você, não sou insensível. Agradeço por sua preocupação, mas isso não nos torna amigos, entendeu?

— Que bom que isso ficou claro para você.

— E para você também — disse com os olhos cheios de indignação.

Lucas passou a mão pelo cabelo e saiu andando. Perdi ele de vista na dobra do corredor, e fiquei ruminando suas palavras. Lucas era mesmo um enigma para mim, um quebra cabeça impossível de se decifrar. Suas decisões e falas eram sempre pensadas, ele era como um caixinha de mistério.

Ignorei todos os pensamentos relacionados a ele, e fui me encontrar com as meninas e Kaio para lanchar. O resto da tarde foi divertida, cheia de risadas compartilhadas e com a companhia deles. Antes de ir para o curso de confeitaria, eu havia chegado a conclusão de que, eu sempre parava para pensar em qual era a minha opinião sobre Lucas, e nunca chegava em um acordo comigo mesma. A verdade era que, ele queria ficar recluso em um mundo só dele, e nunca iria deixar as pessoas se aproximarem de sua pessoa, *muito menos eu*. Talvez com o tempo, ele descobrisse que não era preciso se isolar daquele jeito para se defender, só bastava ter bons olhos para as coisas ao seu redor, enxergar as pessoas com um coração bom, e se dispor a entender o próximo.

●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●

Oiii leitoras, o que acharam do capítulo de hoje??

Perdão pelo atraso gigantesco de postagem, mas estou sem tempo😭
Só gosto de escrever quando estou super inspirada, então por causa da rotina corrida e sem tempo, só consigo me sentir mais inspirada nos finais de semana. Então estou sem dia fixo de postagem, mas fiquem ligadas nos finais de semana!

Ah gente, vocês preferem o Lucas ou Kaio? Rsrsrs (Já até sei a resposta)

E, de onde vocês estão lendo o meu livro? Comenta aqui!

Obrigada por terem lido esse capítulo, Deus abençoe a sua vida!

Vote na estrelinha ⭐⭐

○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○●○

Capítulo 29

Déh
Um velho amigo...

O som calmo dos ponteiros do relógio, brincavam com o silêncio do dormitório, tornando o ambiente ainda mais calmo. Enquanto as meninas deviam estar sonhando profundamente, eu estava acordada desenhando algo. Contornei o lápis na folha de papel — que estava em cima da minha escrivaninha —, terminando de desenhar os detalhes de uma rosa. Meu cabelo estava solto e bagunçado, e as meias com coraçõezinhos davam um charme especial para o meu pijama. Larguei o lápis e suspirei, pensando e refletindo um pouco sobre tudo o que estava acontecendo.

Minha vida estava evoluindo tão rápido, que eu mal podia acreditar que estava me aprofundando ainda mais no meu relacionamento com Deus, nem o quanto eu havia melhorado com minhas notas, e que estava quase namorando Noah Leblanc.

"*Noah Leblanc: meu futuro namorado"*, eu repetia isso para mim mesma, e ainda por cima sorria, sentindo meu coração se inundar de carinho. Desde que tínhamos assumido o compromisso de orar um pelo o outro — para Deus aprovar nossa intenção de namoro —, havíamos nos falado poucas vezes. Era meio difícil vê-lo só de vez em quando, mas nós desejávamos que a voz do Senhor fosse mais nítida do que as vozes dos nossos corações.

Apoiei a cabeça no topo da cadeira e dei um meio sorriso, pensando em como os planos do Senhor são melhores que os nossos, e que sempre supera nossas expectativas. Nossa alma é simplesmente lavada pelo amor de Deus, e nossas feridas são curadas e transformadas em cicatrizes para comprovar que nenhuma luta dura para sempre.

Me direcionei até a escrivaninha para pegar a xícara de chá quente e terminar de desenhar, quando meu celular vibrou em uma ligação.

— Alô?

— Oii, posso falar com a irritadinha? — A voz de Noah não podia se passar por despercebida, nem sua risada achando graça do que estava falando.

— Ah, não sei. — Resolvi entrar na brincadeira. — Se o riquinho estiver na linha, diga para ele que a suposta "irritadinha", não gosta de ser chamada assim.

— Ahhhh, tadinho dele, ama chamar ela assim. Ah, e ele não é muito fã de ser chamado de riquinho não.

Rodei na cadeira, tentando conter um sorrisinho, mas falhei. Dei um sorriso sincero, *feito boba apaixonada.*

— Nossa, mas riquinho passa uma vibe tão refinada, tão intelectual... E ele não fica atrás não! Mesmo que pareça um pouco mimadinho, ou intrometido.

— É, refinado talvez e um pouquinho intrometido, mas mimado nunca. Bem que "irritadinha" passa uma vibe delicada e bravinha ao mesmo tempo, viu?

— Há, há — caçoei, tentando não rir de verdade. — Para de graça Noah!

— Sério mesmo que *minha prometida* não gosta de ser chamada assim?

Mordi o lábio inferior, me sentindo lisonjeada por ter sido chamada de "*prometida*".

— Eu gostei de ser chamada de *sua prometida.*

— Não vou parar de te chamar assim, se acostume. — Ele riu. — E nem de irritadinha.

— Engraçadinho, também não vou parar de te chamar de riquinho.

Noah deu uma gargalhada boa de se ouvir e que eu sentia falta, mas logo em seguida ficamos em silêncio.

— Temos nos visto tão pouco... — retomou a falar, mais sério dessa vez. — Tem pensado em mim?

Senti meu coração acelerar novamente, e andei até a minha cômoda para guardar o desenho da rosa.

— Sabia que eu queria ver como seu rosto está agora?

— Há quem diga que meu rosto está vermelho de vergonha, acho que são apenas boatos.

Dei risada de seu jeitinho irônico.

— Noah, tenho pensando e orado por você constantemente, é incrível que mesmo te vendo tão pouco, *vivo pensando em você.*

— Sabe que me descreveu agora? — Escutei ele suspirar. — Ah, como seu sorriso faz falta! E nem me diga do seu olhar, encantador. Não, não, seu olhar é estarrecedor!

Revirei os olhos, em um tom descontraído e brincalhão. *Eu amava quando ele falava coisas do tipo.*

— Mas nada supera seu cavalheirismo! — Vasculhei a gaveta da minha cômoda.

— Você sempre me faz sorrir feito bobo, sabia? Como consegue me deixar assim?

— Tenho um diagnóstico.

— E qual seria?

— Paixão.

Escutei sua risadinha, e tinha certeza de que seu sorriso doce e gentil — com a covinha que o privilegiava —, estava em seu belo rosto.

— Está totalmente certa. Sei que por enquanto não podemos nos tratar como namorados, mas... *Eu sinto que é você.* Entende o que quero dizer? Não me vejo com nenhuma outra, *eu me vejo com você.* — Ele suspirou profundamente. — Só peço que me espere, espere que meu coração se cure por completo. Não quero entregar meu coração com inseguranças, temores... quero que ele seja exclusivamente seu.

Em nenhum momento da minha vida, eu tinha escutado uma declaração tão sincera como aquela.

— É bom escutar isso Noah, é maravilhoso. Sabe o quão profundo são suas palavras? — Dei um sorriso, sentindo meu coração se esquentar. — Você não deseja ferir seus sentimentos, e muito menos os meus! Você quer que o Senhor sare sua alma, seu coração, para amar novamente. Você é um rapaz honrado, Noah.

Houve um silêncio na linha, e eu pude entender que aquele silêncio era de reciprocidade, reflexão e de sentimentos verdadeiros.

— Você é uma moça honrada e incrivelmente cheia da Presença de Jesus, foi isso, isso que me conquistou em você senhorita Millicent. — Sua voz carregava um misto de cumplicidade e principalmente de admiração. — Sabe o quão difícil é achar alguém como você?

Sorri, lembrando de todas as vezes na qual eu havia guardado meu coração, esperando pelo rapaz certo. Sempre almejando alguém que me entendesse, que pensasse em Cristo e amasse a Ele muito mais do que a

mim. Noah havia enxergado meu compromisso com o Altar, muito antes de me enxergar como sua pretendente.

— Um garoto como você também não é fácil de se encontrar. — Segurei a pulseirinha em meu pulso, sorrindo.

— Tenho tantas coisas para te falar, mas... Corações entregues ao Senhor acima de tudo. — Ele riu, e em seguida arfou. — Bom, eu te liguei para perguntar se você topa de ir ao cinema comigo? Claro, a Leh e Fran podem ir também.

— Cinema? — Dei risada, super empolgada. — Tem sessão no meio da semana?

— Tem sim, passo para buscar vocês depois do meu expediente na banca, amanhã, tudo bem?

— Sim, tudo sim. — Enrolei uma mecha do meu cabelo, pensando em como seria bom revê-lo. — Até amanhã, loirinho.

— Até, *minha prometida.*

O sinal de ligação encerrada ecoou pelo o meu celular, e me peguei pensando nas palavras de Noah. *Eu estava mesmo apaixonada por ele.* Deixei de lado o celular, e resolvi escrever mais uma carta — agora direcionada ao Senhor, pedindo para que *Ele* abençoasse aquela intenção de namoro.

♡◇♡◇♡

— Depois do curso de confeitaria, você vai iniciar no curso de teatro? — Fran me perguntou, enquanto terminava de degustar seu almoço.

— Sim! É hoje, acreditam?

Leh acenou com a cabeça, limpando a boca com o guardanapo.

— Demorou um tempinho, em?

— Sim, deve ser porque a turma é bem cheia.

Leh deixou de lado o seu livro, e nos observou atentamente.

— O curso de inglês é lotado, e tem bastante gente nova, acreditam? O pessoal do terceirão faz curso lá também, é bem divertido e cheio de atividades. O complicado para mim, é que a nossa sala fica do lado da oficina de música...

— Xiii, oficina de música? — Fran cruzou os braços, parecendo pensar em alguém.

Leh contornou a capa do seu livro e deu um longo suspiro, depois se endireitou na cadeira e arrumou a postura.

— É o Alex, não é? — perguntei, olhando para Leh com atenção.

— Não nos falamos desde de nossa pequena desavença, é esquisito, não é?

— Bom, as vezes faz bem se afastar para refletir um pouco. — Fran palpitou, pensativa. — Isso pode ser uma fase de amadurecimento na amizade de vocês!

— Amizade... Nem sei se somos amigos mais! — Ela observou o chão e fechou os olhos, suspirando. — Bom, chega de falar disso! Mudando de assunto... nós vimos a senhorita Déh conversando no celular ontem, toda apaixonadinha!

— Oras! — Arqueei as sobrancelhas. — Mas vocês estavam dormindo, não estavam? Humf, O bom é que vocês já sabem que estão convidadas para o cinema.

As duas fizeram cara de riso, e nos levantamos para ir deixar nossos pratos para lavar.

— Eu estava acordada! — Leh riu, deixando a bandeja no balcão. — Vocês são muito fofos!

— Ui, nem me diga desse convite para ir ao cinema... Parece tão romântico! — Fran juntou as mãos, rindo. — Nós vamos ficar de vela, em?

— Se estiverem caçoando de mim... — Estreitei os olhos na direção delas.

— Não, jamais! — Leh levantou as mãos, rindo.

Deixei uma mecha atrás da minha orelha, sorrindo dos comentários das duas, enquanto íamos até nossos armários.

— Olha, o cinema com vocês vai ser super legal, e fiquem despreocupadas que não vão ficar de vela. Até porque nem namorando eu estou ainda!

Leh abriu seu armário e guardou seus livros de romance e fantasia, ao lado dos de matemática.

— O Noah estava no refeitório, e te olhou de um jeito tão fofinho!

— Quê?! No refeitório? — Arregalei os olhos, surpresa.

— Sim, boba! — Fran riu, e fechou o seu armário. — Só que ele provavelmente viu você com molho de mostarda no nariz!

Neguei com a cabeça, tentando anular aquela cena deplorável do almoço. Dei risada, *isso me lembrava da cena de Noah com o nariz sujo de Ketchup.*

— Ele ficou foi todo bobo quando te viu! — Leh deu mais uma risada. — O sorrisinho de lado, ownt... A-p-a-i-x-o-n-a-d-o!

— Muito, parece até que eu estou assistindo aqueles filmes lindos e clichês de enjoar, sabe? — Fran fez graça, enquanto ria a beça.

Não pude deixar de provocar:

— Aqueles filmes de enimes to lovers também, muito bom!

— Ah, você gosta de filme assim? — Ela fez cara de desinteresse. — Gosto muito não.

— Cof, cof. — Eu e Leh imitamos uma tosse.

Fran arqueou as sobrancelhas e cruzou os braços.

— O que vocês querem dizer com esse "sinal"?

— Que você vive um enimes to lovers, minha cara! — Leh apontou para ela.

— Que enimes to lovers, o quê?! — Virou o rosto, corada. — É claro que o Lucas nunca seria protagonista de algum filme, ia ser o vilão, isso sim!

— E por que pensou nele? — questionei, com um sorrisinho.

Fran arregalou os olhos, tomando noção que citou Lucas antes de nós. Ela cruzou os braços e fez bico, pensando desesperadamente.

— Porque ele seria o primeiro a ser descartado para o papel!

— Aham... — Cutuquei seu braço, rindo. — Está apaixonada por ele, não está?

— Quê?! — Ela levantou a cabeça, com a expressão séria. — Não diga tolices! Eu não gosto dele, e outra, eu acho que um protagonista para um filme de romance, seria o Kaio.

Leh balançou a cabeça, observando nossos passos ecoarem pelo o corredor lotado de alunos.

— Não é legal esconder seus sentimentos assim, Fran. Também não acho legal alimentar falsas esperanças no Kaio. Ele gosta de você, gosta para valer!

— Eu não estou escondendo nenhum sentimento, e eu sei que o Kaio gosta muito de mim e....

— Ele está apaixonado! — falei, levantando os braços. — Os sinais estão por toda a parte, e eu também percebi esses sinais no Lucas. Que escolha difícil, em?

Fran se calou pensando, e virou o rosto em nossa direção.

— *Prefiro o Kaio.*

— Não diga coisas que vá se arrepender depois! — Balancei a cabeça, mostrando total seriedade.

Fran abriu a boca indignada, e se fez de desentendida com aquela situação. *Como negar algo que era nítido*? As implicâncias, o jeito que um falava do outro só para chamar atenção... Estava na cara que os dois estavam apaixonados!

Depois do curso de confeitaria — que foi um pouco corrido para todas nós —, voltamos para o dormitório para ir nos arrumar para o segundo curso. Vasculhei minha cômoda em busca de um look mais casual para me apresentar, e fechei a pulseirinha em meu pulso, saindo até a sala de teatro.

Meu coração estava frenético e alegre para uma nova etapa da minha vida, eu esperava que corresse tudo bem, e que eu me adaptasse rápido com o novo ambiente.

Cheguei na enorme sala de apresentações, que se dividia por uma plateia gigantesca — com cadeiras vermelhas espalhadas por toda parte —, e um enorme palco, com diversos instrumentos, e até um piano.

Me aproximei das escadinhas para subir até o palco — tudo estava silencioso e calmo. Eu achava que tinha chegado mais cedo, então acabei por espiar um pouco o piano. Dei uma pequena volta no palco, e sentei em um banco estofado em frente ao piano escuro e brilhante. Pisquei os olhos com o brilho dele, e passei as mãos pelas teclas grossas do piano,

admirando aquele instrumento e a sua beleza, que me deixava admirada com o som que produzia. Toquei em uma das teclas, que emitiu um som meio desafinado; dei risada.

Voltei meu olhar para as teclas grossas do piano, produzindo alguns sons agudos e depois das minhas tentativas de querer tocar uma canção, levantei a cabeça para suspirar e observar melhor o lugar.

— Você não toca muito mal. — Escutei a voz de um garoto que estava no andar de cima, me observando.

De imediato tomei um susto e apurei a vista para observá-lo. Ele era alto, seu rosto era bem feito, juntamente de seu cabelo de tom caramelizado — que caia sobre seus olhos com um corte estaqueado. Seus olhos eram de um azul claro feito piscina, e seu sorriso era como um sorriso de verão — ele vestia jeans.

— Você é aluno daqui? — perguntei, afastando minha mãos das teclas do piano.

— Sou. — Ele sorriu de um jeito diferente. — Pelo visto está muito atrasada.

— Atrasada?! — Arregalei os olhos, observando a sala de apresentações. — Mas, não tem ninguém aqui!

O garoto riu, e passou a mão pelo cabelo.

— O pessoal está na salinha que tem no andar de cima, acho que você não foi muito bem informada.

Meu queixo caiu. Chegando atrasada no primeiro dia de ensaio? Que horror. Subi as escadas com rapidez, e me encontrei com o garoto misterioso no topo, que estava com seu braço apoiado no parapeito. Observei a porta da sala entreaberta, cheia de jovens sentados ao redor da instrutora.

— Tá com vergonha de chegar atrasada? — perguntou o garoto, com um sorriso de canto.

— E quem não fica? — disse, um tanto irritada comigo mesma. — A primeira impressão é crucial para um bom desenvolvimento em uma organização.

O garoto se aproximou de mim com passos lentos. Ele parou de caminhar e ficou a pouca distância de mim, estendendo a sua mão em minha direção.

— Jack Brown, ao seu dispor.

— Déborah Millicent, muito prazer — respondi, olhando para o relógio do meu pulso.

Jack levou as mãos até o cabelo que caía em seus olhos, e olhou para a sala lotada de alunos.

— Estamos atrasados, isso é fato.

— Pior, *eu* estou atrasada — respondi, chateada. — Sei que agora só posso entrar depois de vinte minutos do meu atraso, segundo as regras.

Jack deu risada, arrumando sua jaqueta e arqueando uma de suas sobrancelhas.

— Fica tranquila, a instrutora é super de boa, não vai ligar! — Ele apontou para a porta. — Mas vou te falar, em? Essa escola é tão cheia de regras, que chato!

Observei seu jeito meio sem graça de desdenhar daquela escola — da qual eu tanto sentia apreço e admiração. Era a opinião dele, é claro, mas Jack parecia ser bem centrado e um tanto arrogante. Era estranho eu ter feito uma "amizade" logo de primeira, mas eu esperava que ele não fosse mal educado daquela forma.

— Vamos, eu entro com você na sala.

Acompanhei Jack até a entrada da sala lotada — um pouco apreensiva de levar uma bronca ou advertência por chegar atrasada, fora do horário estabelecido. Foi rápido para que todos os olhares daquela sala caíssem sobre nós, praticamente em um estalar de dedos. Era notável que haviam tantos populares, que senti que muitos me olhavam com certo desprezo.

Me sentei ao lado de Jack, que se mantinha calmo e extremamente ponderado. Percebi que a sala estava cheia de figurinos, instrumentos e pastas com roteiros, tudo aquilo era esplêndido e me deixava curiosa e ansiosa para começar os ensaios.

A instrutora explicou diversas regras de condutas, e ainda dividiu nossa turma em dois grupos que iriam se reservar nos dias de ensaio. Depois de passar e repassar diversas coordenadas e ideais a serem cumpridos, ela nos liberou para conhecer um pouco o espaço.

— Viu? Eu disse que a instrutora é de boa. — Jack se aproximou de mim, enquanto eu observava os figurinos.

— Sim, obrigada por ter me motivado a entrar na sala para assistir as instruções, eu estaria toda confusa se não tivesse entrado antes.

Ele segurou um dos cabides e o observou por um tempo. Jack parecia pensar a todo momento, mas se mantinha calmo e sempre com o queixo erguido, talvez ele só fosse alguém tentando se encaixar em um lugar.

— Ficamos na mesma turma, vamos nos ver mais vezes então.

— Sim, sim. Espero que os ensaios sejam legais, acho que o teatro é uma arte muito importante para a nossa formação!

— É, parece que é mesmo. Só não fique tão intimidada com as pessoas.

— Hum? — arqueei as sobrancelhas.

— Sei lá, achei você meio acuada com o pessoal da sala. Sei que aqui está cheio de insuportáveis, mas tente atura-los, ok?

— Então tá. — Dei uma risada, tampando a boca.

Jack soltou o cabide e acenou, saindo para conversar com outros alunos. Continuei por mais um tempo na sala, dando uma olhada em cada parte daquele espaço. Eu ainda não sabia o que pensar daquele novo curso, e nem sabia em quem eu podia confiar. Mas de uma coisa eu estava certa: *ia entregar nas mãos de Deus.*

Horas depois, lá estava eu: com um vestido de mangas bufantes dourado, o cabelo solto e um pouco molhado e com uma maquiagem leve, em frente ao pátio da escola, esperando as meninas terminarem de se arrumar para irmos ao cinema com Noah. O vento daquela noite soprava silenciosamente, com a lua brilhando intensamente no céu, junto das estrelas fazendo companhia.

Olhei para a pulseira em meu pulso, pensando em Noah, vendo seu rosto em minha memória, sentindo minhas batidas se desconcertarem. O cinema ia ser legal, mas o que era ainda mais interessante para mim, era vê-lo pessoalmente. Levantei o olhar, e meus olhos provavelmente tomaram um brilho diferente ao ver rosto de Noah, que se aproximava. Ele vestia um camisa bege, junto de uma calça jeans escura, o cabelo molhado destacando o loiro radiante de sua cabeleira, e ainda segurava uma rosa em sua mão direita.

Seu olhar se encontrou com o meu, e eu senti como se o tempo parasse por um breve momento. Aquele sorriso, aqueles olhos que revelavam sua veracidade... Meu coração acelerou; ele sorriu imensamente.

Noah parou diante de mim, com os olhos focados em meu rosto. Mesmo de longe dava-se para sentir o quanto ele estava cheiroso; mas do que já era.

— Olá. — Seu sorrisinho calmo me fez sorrir também. — Essa rosa é para a moça com o sorriso mais lindo que eu já vi, e para a senhorita mostarda também.

Balancei a cabeça rindo, e me levantei do banco, pegando a rosa de sua mão.

— É linda Noah, descobriu mesmo que minhas flores prediletas são rosas vermelhas!

— Ah é, acertei! — Comemorou ele, com um sorriso de orelha a orelha.

Senti o aroma da rosa perfumada e voltei meu olhar para seus olhos. Noah me olhava atentamente, com um certo brilho que o envolvia. Passei a mão pelo cabelo, e a pulseirinha produziu um tilintar.

— Ainda guarda com tanto apreço a pulseira que te presenteei? — Noah se aproximou de mim, e tomou meu pulso em sua mão.

— Ela têm muita importância para mim. — Dei um sorriso, enquanto ele observava atentamente a pulseira.

Noah tocou na pequena gravura da pulseira e acariciou a palma da minha mão, olhando mais uma vez para mim.

— É tão linda... — Noah parecia ter dificuldade ao falar isso; estava envergonhado. — Não falo apenas da pulseira, mas de você.

— O-obrigada — falei, toda sem jeito.

— Hum, e... Onde estão as meninas?

— Elas estão terminando de se arrumar, logo estão aí.

Nos olhamos mais uma vez, sem saber o que falar. Noah parecia nervoso, e ao mesmo tempo parecia querer dizer algo. Ele soltou meu pulso, e se aproximou.

— Tem uma sessão de filme de terror que vai passar daqui a pouco. Mas parece que é um terror levinho.

— Não. — Me virei para ele. — Odeio filmes de terror! Por favor, não vamos assistir esse filme.

— Tudo bem, minha medrosa.

Ri daquele apelido carinhoso, e que ao mesmo tempo me irritava.

— É uma crítica?

— Hum, não é não. — Noah sorriu. — Só estou aqui para te proteger de qualquer coisa.

O sorriso que se estendeu em meus lábios foi genuíno e cheio de sentimentos de carinho. Noah olhou para mim mais uma vez, com aquele sorriso de derreter um coração, e percebemos duas pessoas se aproximarem.

De início imaginei que fosse Leh e Fran, mas me deparei com a figura de Mariah, e de... *Jack*. Os dois caminhavam lado a lado, e gesticulacam o tempo todo. Era estranho vê-los juntos, a personalidade dos dois não batia, e ver Mariah — intrometida e esnobe —, junto de Jack, sorrindo e abanando as mãos, era inacreditável.

Se meu rosto estava pasmo, o rosto de Noah estava mil vezes mais. Ele parecia confuso, e ao mesmo tempo sem reação. Seus olhos estavam fixos em Jack, e sua mandíbula estava cerrada. Virei o rosto novamente para observa-los, e logo os dois nos avistaram, e se aproximaram devagar de nós. O que pude perceber e sentir, era a pura raiva e inveja nos olhos de Mariah.

— Noah, meu Deus, quanto tempo! — Ela sorriu e agarrou a mão de Noah. — O que faz aqui tão arrumado, e ao lado dela...?

Mariah me olhou da cabeça aos pés e me senti meio acuada com seu olhar. Noah soltou a mão de Mariah e a ofereceu para um aperto.

— Como vai Mariah? — Noah deu um sorriso e se virou para mim. — Eu vou ir ao cinema com a Déh e as...

Antes que Noah terminasse de falar, Jack se aproximou com um passo rápido, e segurou minha mão. Seu sorriso era sarcástico, e ele levou os lábios até a minha mão.

— Como você está, senhorita Millicent?

Virei o rosto na direção de Noah, e percebi suas sobrancelhas se juntarem e seus olhos se encherem de confusão. *Nunca tinha o visto daquele jeito.*

— O que você quer, em Jack? — Noah o encarou.

O garoto virou o rosto para Noah, e sorriu novamente para mim.

— Nada, *meu amigo*.

— Não somos amigos — Noah se aproximou de Jack, deixando Mariah para trás. — Não entendo o que faz aqui.

— Só vim dar um *oi* para a minha parceira de ensaios.

Noah arqueou as sobrancelhas e observou o rosto de Jack, voltando seus olhos para mim.

— Ainda não entendo o que faz aqui.

— Há, há. Quanto tempo não é amigo? — Jack continuou a provocar, levando a mão até o cabelo. — É tão bom rever você, também rever a Mariah...

Noah ficou ao meu lado, enquanto Mariah me observava de longe, com "sangue nos olhos".

— Não digo o mesmo por revê-lo.

— Ah, qual é? Éramos tão bons amigos, *nós três*.

Noah balançou a cabeça, e se virou para o meu lado, suspirando.

— Bom, eu e a Mah vamos ao refeitório. Não quer vir conosco, Déh?

Mariah cruzou os braços e fez uma careta horrível, revirando os olhos ao extremo.

— Não seja ridículo Jack, nem conhecemos essa daí!

— Sempre é bom fazermos novas amizades.

Jack sorriu de lado, olhando para mim atentamente. Noah estava prestes a responde-lo, resolvi intervir:

— Não precisa, estou em ótima companhia. — Olhei para Noah, e ele suavizou sua expressão.

Jack acenou, Mariah bufou alto, e eu os observei se retirar. Fiquei pensando no quanto Noah estava incomodado com a presença de Jack, e seu rosto era uma mistura de sentimentos.

— Tá tudo bem, Noah? — perguntei, confusa.

— Sim, está tudo bem. É maravilhoso ter você do meu lado, só não gosto do jeito que esse cabeça de vento fala com você.

Sorri para ele, olhando para seus olhos. Ele parecia mais calmo.

— Não se preocupe. Você conhece ele a muito tempo? — Resolvi perguntar.

— É um velho amigo... Uma amizade que não era para mim.

— Entendo, e estou aqui, ok?

Noah sorriu novamente para mim, e entrelaçou seus dedos nos meus dedos.

— Sei que posso contar com você. Agora, já decidiu qual é o filme de terror que vamos assistir?

— Noah! — Dei risada.

♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°♤°

Oiiii leitoras!!! Sei que esse capítulo demorou literalmente 1 ano para ser postado, mas não foi nada fácil ksksks

A corrida tá puxada, gente! Mas vou estar atualizando vocês pelo wattpad, peço perdão pela demora, mas espero que tenham gostado desse capítulo.

O que vocês acharam do Jack, hum? Rsrsrs

Quais são seus palpites para essa amizade antiga? Vem muitas descobertas por aí ksksks

E, pelo visto, Lucas foi o mais votado para começar o livro dos meninos ksksks

Que Deus te abençoe grandemente, vote na estrelinha, beijos amores!
□□

♡°♡°♡°♡°♡°♡♡°♡°♤°♡°♡°♤°♡°

Capítulo 30

Leh
Questionamentos

— Paixão. Um sentimento que surge através de algum interesse em algo ou em *alguém*. Amor: um sentimento duradouro, que suporta até as piores torrentes que se pode enfrentar na vida. — Li em voz alta o trecho do livro que estava terminando de ler.

O alpendre da cozinha da tia Sunny estava vazio, por isso eu havia aproveitado a "folga" para ler um pouco — já que as meninas tinham ido entregar um bolo na diretoria, e o resto do pessoal estava arrumando a dispensa.

— Amor. O amor. — Respirei fundo, observando as folhas da árvore se moverem com a brisa atípica do dia.— Por que você é tão cheio de complicações?

Meu coração estava entristecido. Meus pensamentos confusos. *Eu estava cansada de me preocupar!* Eu confiava em Deus, e não me deixava ficar triste o tempo todo, mas não era fácil. Às vezes eu queria parar tudo e chorar, *chorar por ter tantas coisas acumuladas na minha mente.* Só que toda vez em que eu estava prestes a desabar, eu sempre lembrava que o Senhor nos ampara principalmente nos piores momentos de nossa vida. De uma coisa eu tinha apreendido: *nada na vida é fácil, mas temos que aprender a controlar nossos sentimentos, e confiar no Senhor.*

— Lendo sozinha? — Vi Manuel se aproximar de mim, e se sentar ao meu lado. — Tá triste de novo?

Soltei um ar enfado e fechei o livro, abraçando meus joelhos sem perceber.

— Não estou triste, Manuel. É só que as coisas não estão saindo como o planejado.

— Poderia ser mais específica, querida?

Torci o nariz ao escutar aquele apelido, mas me mantive calma para responder. *Espera, responder o quê?* Que eu não via Alex desde de seu abraço com a Nathy? Que eu era completamente apaixonada por aquele garoto que amava estrelas? Que eu fui me apaixonar justamente pelo ex-namorado, ou atual namorado da minha melhor amiga de infância?

— Tá calada de novo... — Manuel brincou com uma folha perdida no chão. — Olha nos meus olhos, por favor.

Arqueei as sobrancelhas e me virei para ele, sem entender nada de seu pedido inesperado.

— Você é melhor que isso. — Afirmou, olhando nos meus olhos. — É melhor que esses problemas aí, seja lá quais forem, tendeu?

Pisquei os olhos, ouvindo tamanha sabedoria em palavras. Eu estava doida ou o quê? Manuel, que sempre foi intrometido e chato, estava mesmo falando aquilo para me levantar? Encarei seus olhos por um tempo, chocada e impactada, e nem sabia como reagir as suas palavras.

Minha única reação foi abrir a boca para responder, mas não soube o que falar. Aquilo era estranho...ou eu era desconfiada demais.

— Bom, eu... É que, eu...

— Não precisa agradecer, tô aqui ô. — Manuel estendeu a mão e fez um sinal de joia.

— Sei que na sua visão eu "não preciso agradecer", mas estou agradecida, viu?

Ele apenas sorriu, como se eu estivesse falando algo inédito. Olhei para as árvores, estranhando tudo o que tinha conversado com ele, e por suas palavras de apoio. De repente, Manuel se levantou com um pulo ao ver Léo se aproximar — de avental, touca e sua ridícula carranca de sempre.

— Qual é Manuel? Vai ficar de papinho com a riquinha, tio?

— Ah filho, tá precisando conversar um pouco aí, Léo — retrucou Manuel, limpando a calça.

Cruzei os braços e encarei Léo. Ele havia se afastado bastante da gente por um tempo — e eu não sabia o motivo —, mas sempre dava um jeito de nos atazanar com algo.

— Conversar com essas meninas? — Ele deu uma risada sarcástica. — Vai nessa aí tio, se quer que o gelo fique no seu pé.

Gelo? Quem era "gelo"? Eu não conseguia entender o "código" que havia entre eles. Manuel cruzou os braços igualmente, e em seguida se virou para Léo.

— Mais aí já é problema teu, não meu, ele que te deu um puxão de orelha. Sou forte e astuto o suficiente.

— Há, há. Falou o medroso, se liga.

Os dois se encararam, parecendo quase entrarem em uma discussão. E eu nem sabia quem era "gelo"!

— Bomm... — Bati palma, me levantando rapidamente. — Quem seria esse "gelo"?

— Não é da sua conta não. — Léo estalou a língua, novamente fechando a cara.

— Fala assim com ela não, Léo. — Manuel se virou para mim daquela vez. — Querida, esse é um "alguém" muito perigoso para o Léo.

— Para qualquer um, até para você. — Léo resmungou, dando um leve tapa no braço de Manuel.

Os dois começaram a se contradizer. Que maluquice! Entrei novamente na cozinha da tia Sunny dando risada, principalmente de como um queria ser melhor que o outro. Mas eu acho que esse "gelo" superava esses dois mesmo.

Fiquei um tempo arrumando os ingredientes para um rocambole que a tia Sunny ia preparar, e as meninas logo votaram para a cozinha — depois da entrega do bolo.

— Uh, que bolo mais aguardado! — Sabrina deu risada, amarrando o avental em si. — Aquela diretoria estava lotada, vixe!

— Nem me diga! — Déh deu risada, guardando sua touca e avental atrás da porta. — Todos estavam ansiosos para a chegada desse bolo.

— Tia Sunny até ficou lá para ajudar na organização. — Fran soltou o cabelo. — Enquanto uns ficam, nos já vamos!

Me apoiei na ponta da mesa e deixei a colher de lado.

— Vamos para onde? — perguntei.

— Para o nosso segundo curso, né?— Fran deu risada da minha falta de memória.

— É mesmo! — Dei risada também, e desamarrei o avental. — Aí gente, hoje está um dia tão maluco.

Déh deixou as coisas guardadas e virou a cabeça na minha direção.

— E o quê que aconteceu?

— Há, há. Nem te conto!

— Depois quero saber o que é! — Sabrina advertiu, fazendo uma careta engraçada.

— Sim senhora!

Todas rimos, e fiquei de olho em Manuel — que provavelmente queria saber o motivo de tantas risadas. Voltamos para nosso dormitório e eu organizei meus livros de inglês para a aula, arrumando também as apostilas e os cadernos que utilizávamos para estudar.

Me despedi das meninas no corredor — que dividia as salas dos cursos —, e continuei andando até a minha sala. As palavras de Manuel não saíam da minha cabeça. Ele tinha sido uma ótima pessoa dizendo aquilo e eu realmente havia gostado de seu comportamento. *E novamente lembrei de Alex*. É, Alex estudava ao lado da minha sala — já que a sala de música ficava ao lado da minha, então todos os dias eu passava perto de lá — sendo impossível não lembrar dele.

— Leh! — Ouvi alguém me chamar e me virei para ver quem era.

Nathy. Era Nathy. Ela sorria de um modo diferente, como se estivesse realizada. O cabelo bem cuidado e disposto em um penteado brilhava, junto de seu look estiloso de sempre. Eu me sentia feliz por sua felicidade, mas eu não queria que essa alegria fosse pelo Alex. Ah, que besteira! Eu devia ser a amiga que sempre tinha sido. Não podia ser egoísta e acabar com a felicidade da pessoa que me acompanhou desde muito nova.

— Oii Nathy! — Abri um sorriso. — Nunca mais te vi por aqui.

— Eu que não te vi mais! — Ela deu uma corridinha e tocou meu ombro. — Como estão as coisas, em?

Continuei andando, com ela ao meu lado.

— Ah, tenho superado meus desafios todos os dias pela graça de Deus. Sabe? É algo que nunca eu tinha experimentado na minha vida, ser mudado e instruído pela palavra do Senhor é algo tão profundo e intenso...

Nathy fez uma cara de desentendida ou de desinteressante. Ela parecia estar diferente comigo, e eu me cobrava de isso ser por minha culpa.

— Poxa, isso é bom, Leh. — Ela forçou um sorriso. — E como anda aquele assunto dos seus pais?

— Ah, meus pais... — Virei o rosto para olha-la melhor. — Eu sinceramente achava que a falta de tempo deles não tinha mais solução, só que eu me reconciliei com eles! Tudo parece ter mudado tanto, mesmo que ainda seja aos poucos, eu confio no processo de Deus.

Nathy arrumou a blusa com babados de tom azul e sorriu — sem mostrar os dentes.

— Uh, é mesmo? — Ela parecia surpresa. — Isso é incrível, de verdade!

— Seu apoio é importante para mim.

Continuamos andando sem falar qualquer coisa que fosse. Passamos por algumas janelas que espelhavam o jardim da escola e o campus, fazendo com que eu admirasse aquela obra prima. Me concentrei no silêncio que se fez entre nós, tudo parecia estar calmo — como eu desejava.

— Nem te contei. — Nathy quebrou o silêncio.

— Hum?

— *Acho que as coisas vão voltar a dar certo comigo e com o Alex.*

Aquele silêncio parecia ter sido quebrado e despedaçado, como um vidro lançado no chão. Mordi o lábio inferior, sentindo meu coração se comprimir dentro de mim. Eu não sabia explicar o que estava sentindo. *Eu havia o perdido. Mas eu o amava.*

— Que cara é essa, Leh? — Nathy perguntou, aparentemente preocupada.

Franzi a testa e limpei o rosto de qualquer expressão melancólica.

— Nenhuma. — Dei uma risada improvisada. — Vocês... estão juntos?

Nathy parecia não se importar muito com a pergunta, simplesmente observou suas unhas e jogou o cabelo para trás.

— Já te disse que o Alex é complicado e confuso, eu conheço ele muito bem. Fala sobre estrelas, a lua, e os astros o tempo todo! Além de que ele é muito clichê.

E eu amava isso. Amava sua fascinação pela lua, pelas estrelas, suas palavras de poeta, e a forma como ele sempre via as coisas. Seus olhos pareciam brilhar ao falar do céu para mim, seu sorriso com certeza era o mais lindo que eu já tinha visto.

Engoli em seco as lágrimas que desejavam vir. Escutei tudo calada, enquanto minha mente pedia forças a Deus para suportar as decepções que me assolavam. Por mais que estivesse difícil, eu sabia que o Senhor se importa com nossos sentimentos, *Ele se importa com cada coração.*

Respirei fundo, minha voz não queria sair.

— E você não gosta disso nele?

— Ah, gosto. Mas eu sou o oposto. — Ela passou a mão no cabelo. — Só que os opostos se atraem, né?

— Acho que sim.

— Tá, tá. Lembra daquela partida de futebol, onde você me deu carona?

Como não lembrar? Foi naquela dia que eu tinha discutido com Alex. Naquele dia, *justo naquele dia,* tínhamos nos afastado. E eu não esquecia de

nossas palavras jogadas ao vento, de tantas coisas que deveriam ser ditas *naquele dia.*

— Lembro. Lembro muito bem.

— O time do Alex ganhou a partida, e depois ele veio conversar comigo.

Observei seu rosto, tentando conter as lágrimas que brigavam comigo para vir — se ela contasse que ele havia se declarado a ela.

— Você tem que saber que a gente tinha terminado, ou "dado um tempo" a quase um ano, e por bobagem! Ele admitiu isso para mim, e disse que queria tentar consertar essa falha que houve entre nós. E, desde aí, andamos conversando bastante. A gente ficou bem próximo, e eu sinto que estou aprendendo a melhorar com ele.

Respirei. Não havia lágrimas em meus olhos, mas eu chorava internamente. Olhei para o chão por alguns segundos. Eu não iria estragar a felicidade dela, e muito menos a dele. Me doía saber que um dia eu havia acreditado que podia haver um "nós" para mim e o Alex.

— Ele também falou de você, Leh.

Meus olhos se voltaram automaticamente para ela. Engoli em seco, pensando em um milhão de coisas que ele podia ter falado de mim.

— E o que ele disse sobre mim...?

— *Está decepcionado com você.*

Decepcionado comigo? Arqueei as sobrancelhas, sem entender o porquê de ele estar decepcionado comigo. Não devia ser *eu*, a machucada nessa história?

— O quê?

— Disse que você mudou, que agiu de forma infantil com ele. Olha, eu nem sei o que houve entre vocês para se desentenderem dessa forma, pareciam tão próximos... E eu até achei que você estava com raiva de mim.

— De você? Por que?

Nathy desacelerou o passo e parou no meio do corredor.

— Pensei que estivesse apaixonada por ele. *Eu via isso em seus olhos.*

Pisquei os olhos e apertei a mão, querendo confessar isso, querendo dizer que sim, que *eu estava apaixonada por Alex Smith, eu o amava*. Mas antes de abrir a boca para dizer algo, ela me interrompeu:

— Mas, você deixou bem claro para ele que *vocês são apenas amigos*. Eu te agradeço muito por ter esclarecido as coisas com o Alex, assim não me sinto culpada de tomar um amor seu, já que entre vocês não tem nenhum sentimento, além da amizade!

Nathy se aproximou de mim e me deu um abraço. Encarei a parede por alguns segundos. *Eu*, eu havia deixado claro que só considerava Alex como meu amigo. A culpada havia sido *eu*.

— Obrigada por ter me aberto os olhos. — Nathy deu um passo para trás, e arrumou a blusa novamente. — Tenho que ir me encontrar com as meninas, então já vou indo. Espero que se entenda com o Alex.

— Obrigada. Espero que seja muito feliz. *Que vocês sejam muito felizes*. — Senti um nó na garganta se formando.

Nathy saiu e eu me encontrei ao lado da parede, tentando entender minhas próprias palavras. Coloquei dois dedos na testa e apertei os olhos, sentindo meu coração em pedaços. "*Somos só amigos, Alex". Amigos?* Tem certeza, Leh? *Só amigos*?

Sabe quando tudo parece desabar? *Eu me sentia assim.* Eu não era a vítima da história, mas não podia fingir que aquilo não me doía na alma.

— Me ajude Senhor, sei que se importa comigo. Só preciso de paz. Tire esse sentimento de dentro de mim, as coisas parecem tão difíceis... Não aguento mais isso, mas sei que o Senhor sabes do meu futuro. Que essa tempestade passe, por favor, por favor! O Senhor me ouve? Eu sei que sim, pai. Eu creio que dias melhores virão — sussurrei e respirei fundo.

Um versículo muito importante veio em minha mente, ele me dizia exatamente que devemos confiar nos planos do Senhor, mesmo que tudo pareça fora dos eixos. Me apeguei a ele:

" Muitos propósitos há no coração do homem, porém o conselho do Senhor permanecerá." Provérbios 19:21

Tentei prestar atenção em todo o conteúdo passado na aula de inglês, algo meio difícil, mas não impossível. De repente, me vi desenhando estrelas pelo caderno, algo que me lembrava totalmente ele. Talvez se as coisas fossem diferentes... Talvez se tivéssemos sido claros um para com o outro.... *Talvez se tudo fosse diferente.*

Ruminei minhas palavras o dia inteiro, pensando em como as coisas poderiam ser diferentes. Me encontrei com as meninas, fomos ao refeitório, conversamos um pouco, mas eu só queria me refugiar.

Quando a noite já havia caído, e as estrelas ocupavam o céu, peguei um dos meus livros e saí para o campus, sozinha. Encontrei um lugar mais calmo no campus e deixei meu livro lá. A grama verdinha, fazia cócegas na minha mão — que estava apoiada no chão. Suspirei e abri o livro, passeando meus olhos pelas letras gravadas nele.

Eu queria ler, mas o céu me chamou mais atenção. Levantei os olhos para a lua e para as estrelas, lembrando do que Alex tinha me dito uma vez:

" *Acho que é por isso que ela é a minha estrela preferida. Porque ela é diferente, não igual a todas, não igual as outras, ela é única. É a mais brilhante, a mais bela e que faz meus olhos brilharem quando eu a vejo."*

Será que eu era a sua Sirius? Eu não ia saber mais. Nunca mais. *Sua Sirius já não era eu.*

Suspirei, e fechei os olhos por breves segundos. Eu tinha que esquece-lo, *eu ia esquece-lo*. Era ruim pensar que eu não ia ter mais ter ele para compartilhar minhas ideias. Alex sempre esteve tão ao meu lado. Eu sentia sua falta.

Abri os olhos ao ouvir um som de passos ecoarem próximo a mim. Me virei para observar quem era. E por incrível que pareça e por ironia do destino, era o próprio Alex.

Ele não me viu, mas eu o via. Alex carregava consigo um telescópio, usando seu velho moletom azul, de óculos brilhantes e totalmente concentrado em observar as estrelas.

Parei para observa-lo, nem que fosse por pouco tempo. Seu rosto não havia mudado, seus olhos brilhantes como as estrelas também não. Ele deixou uma pilha de livros na grama, e montou seu telescópio ali mesmo. Seu cabelo cobriu seu rosto, quando ele abaixou a cabeça para consertar algo no telescópio, o deixando tão natural... Eu não ia suportar mais vê-lo, sabendo que estávamos tão longe um do outro.

Me levantei e peguei o livro, o colocando debaixo do braço e andando até a saída do campus, quando ouvi ele me chamar.

— Leh?

Me virei, sentindo mil sentimentos em meu coração. Um deles: a decepção de encara-lo novamente. Mas ouvir sua voz, *aquela voz tão diferente das demais,* fazia meu coração se aquecer.

— Sim?

O vento bateu em meu rosto, bagunçando meu cabelo e dificultando minha visão de o enxergá-lo. Alex não andou até mim, mas me observou atentamente.

— Pode vim até aqui, por favor?

Fiquei um tempo parada, observando seu rosto. Engoli em seco, e andei até ele com passos lentos. De repente, estávamos frente a frente nos observando novamente. A brisa da noite, bagunçando seus cabelos castanhos e o deixando tão lindo.

Alex não disse nada. Mas também... eram tantas palavras guardadas dentro de mim, tantas perguntas, tantos por quês...

— Acha que podemos pelo menos nos cumprimentar?

"Pelo menos?". Era isso? Não íamos mais voltar a conversar como antes? Me doía saber que eu estava certa: estávamos longe demais um do outro.

Alex observou mais uma vez meu rosto, seus olhos aparentemente estavam cansados e confusos. Meu coração tentava assimilar tudo o que vinha acontecendo conosco.

— Sei que pode estar brava comigo, eu sei disso. — Alex passou a mão no cabelo, e me observou novamente. — Mas por que não fala mais comigo? Por que me evita, Leh? Estou certo de pensar que você mudou?

— Eu? Você acha mesmo que eu mudei? — Apertei os olhos, e franzi a testa.

Alex andou até o telescópio e apoiou a mão nele, passando a outra mão no cabelo.

— Aquela discussão... Eu não sei bem o motivo de tudo ter saído fora dos eixos.

— Nem eu. Muito menos eu.

Alex virou o rosto na minha direção, e me olhou com olhos calmos. Ainda era doloroso saber que as coisas entre ele e Nathy estavam indo tão bem — mesmo que eu desejasse tudo de bom para ela. Resolvi não tocar em seu nome.

— Eu realmente nunca queria ter me desentendido com você. Sabe que tem sido um martírio saber que não tenho você do meu lado?

— Sei disso, porque é estranho não conversar com você.

— Sente minha falta?

Olhei diretamente para seus olhos.

— Sim, sinto.

— Eu também sinto sua falta todos os dias.

— Fico feliz de saber que isso não mudou. Acho que está tudo bem. — Apertei as mãos, observando cada detalhe de seu rosto.

E em minha frente estava o garoto na qual eu estava perdidamente apaixonada, mas que não seria o *meu* garoto. Olhei para a grama, querendo refrescar meus pensamentos.

— Então, está tudo bem mesmo entre nós? — Alex se aproximou. — Diga que sim, por favor.

— Eu espero que sim, Alex.

Ficamos em silêncio. Vi que ao lado de seu telescópio, na sua pilha de livros havia algumas anotações. Desejei saber o que estava escrito ali, mas voltei meu olhar para ele.

— E, está tudo bem você saber que eu e a Nathy....

— Sim, está — respondi, com medo de escutar de sua boca que eles estavam juntos. Se eu escutasse dele, *seria mil vezes pior para mim.*

Alex assentiu e continuou parado, a lua e as estrelas brilhando intensamente.

— Preciso ir — avisei, virando as costas.

— Não esqueça de ver o quanto a lua está bonita hoje, e todos os dias — disse ele, enquanto eu me afastava. — Boa noite, Leh.

Então era isso. Nós realmente havíamos perdido nossa comunicação? Ele e Nathy estavam felizes juntos, e eu havia perdido quem eu realmente era apaixonada? Suspirei, e abri o livro, ocupando minha mente com a leitura, crendo que tudo iria se estabilizar, pois sempre somos surpreendidos pelos planos do Senhor.

♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡•♡
Oiii, sentiram minha falta???
Eu sei, eu sei. Quase duas semanas sem atualizar vocês dos capítulos, mas fiquei sem tempo e queria fazer um capítulo bem feito para vocês!!

O que acharam dessa situação embaraçada da Leh? E quem será esse "gelo"? Ksksks

E sim, em breve o livro dos garotos saí! E vai começar pelo Lucas, viu? Me ajudem aqui! Como vocês querem que funcionem os capítulos? Igual a esse livro ou divido em partes??

Espero que tenham gostado do capítulo, obrigada pelas palavras de apoio, que a Presença de Jesus esteja com vocês, amém?

*Vota na estrelinha? Obrigadaaa *

♡° ♡° ♡° ♡°° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡° ♡

Capítulo 31

Fran
Desavenças

— Então, eu tenho que aceitar *aquele* garoto no *meu* time? — bufou Kaio, cruzando os braços com raiva.

— Ah cara, relaxa, é só mais um para completar o time — argumentou o garoto do lado, tocando no ombro dele.

— Ah, só mais "um"! — Kaio se virou para o lado, levantando as mãos. — Não é "*só mais um para completar o time"*, é *aquele* sem noção!

Os meninos ao seu redor, cruzaram os braços também — atentos a conversa. Era nítido que as palavras de Kaio tinham a total atenção de todos.

— Vai querer ficar com o time incompleto então? — o garoto questionou, se afastando.

Kaio apertou as mãos, parecendo pensar.

— Não sou um incompetente. — Se virou na direção dos amigos. — Olha, eu vou ter que pensar bem nesse assunto.

Kaio se virou para o lado, me impossibilitando de escutar o que estava falando. Eu observava tudo das arquibancadas, com as meninas ao meu lado, descansando de uma partida de queimada.

— Alguém sabe o motivo do Kaio estar tão emburrado? — Leh apurou a vista, o observando.

— Para falar a verdade, ele está assim desde que anunciaram o campeonato de vôlei. — Déh afirmou. — Só não entendo o porque...

— É por causa do Lucas. — Dei um passo a frente, cruzando os braços.

Déh ficou sem entender, mas eu já tinha a resposta para seus questionamentos. Tudo isso estava acontecendo por causa do maior campeonato de vôlei masculino escolar, que estava chegando. Nossa sala havia sido uma das escolhidas para participar.

Eu sinceramente não via muita graça no vôlei, mas esse era o sonho de Kaio: sair com a taça de campeão nas mãos, e com um título. Ele havia me dito que estava se dedicando a meses para isso, e era bem nítido sua força de vontade. Acho que foi por isso que Kaio foi o escolhido para ser o capitão do time.

E é aí que Lucas entra na história.

Lucas sempre foi conhecido como um dos melhores jogadores de vôlei, e eu realmente não podia discordar disso — da vez em que vi ele jogar, fiquei boquiaberta com suas habilidades e seu profissionalismo no vôlei. E o professor sabendo disso, quis que ele fizesse parte do time também.

Eu até entendia a relutância de Kaio. Lucas e Kaio praticamente se detestavam sem dó, e por motivos que eu realmente não sabia, ou que tentava não entender. Era meio nada a ver colocarem os dois no mesmo time — para mim parecia loucura.

— É só um jogo. — Leh deu um pulo da arquibancada. — O Kaio não pode ser irresponsável ao ponto de não querer aceitar o Lucas no time dele.

— Penso a mesma coisa. — Déh levou uma mão até o queixo. — Tem que pensar nas possibilidades de vencer o time adversário. E outra, o Kaio não tem o direito de privar o Lucas de jogar não.

Continuei encarando a quadra com determinação. Eu não sabia opinar muito quando o assunto era *Lucas.* Por que tudo tinha que ser *sobre ele?*

— Ih, esse garoto sempre aparece na sua vida, Fran. — Déh riu, se divertindo a beça.

Revirei os olhos e continuei de braços cruzados. Eu detestava quando as duas afirmavam que eu estava apaixonada pelo Lucas. Enganadas! Elas estavam se auto enganando com teorias malucas e sem sentido.

— Na minha vida não.

— Ficamos com o dever de auxiliar nos preparativos do vôlei. — Leh deu uma risada. — Xeque mate, vai ver o Lucas até quando não estiver na aula!

Como isso era possível? Não.

Por que ele sempre ficava perto de mim? Que insuportável!

E para piorar, estávamos sem se falar desde do dia em que entreguei seu guarda chuva. Como o previsto, Lucas retornou as aulas mais calado, inexpressivo, e pensativo. Nossas "conversas" haviam se reduzido ainda mais. Só que estranhei seu olhar diferente, misterioso... direcionado *a mim.*

Lucas fazia de tudo para não falar comigo, mas toda vez que eu o pegava olhando para mim, ele fazia questão de desviar o rosto. Lucas nunca desviava o rosto para as pessoas, ele enfrentava a todos ao seu redor.

— Quantas vezes tenho que dizer que não gosto dele? — indaguei, emburrada.

— Tudo bem — Déh riu, me cutucando. — Se é assim que quer ver as coisas...

— Como? Como vocês podem duvidar do que eu...

Foi aí, que em meio a tantas lembranças e palavras sobre sua pessoa, vi Lucas aparecer na quadra. Observei seu caminhado determinado, a cara fechada, o cabelo escuro e bagunçado, e os olhos azuis escuros focados no

grupo de amigos de Kaio. Lucas parecia chateado — como sempre —, mas além disso, com certeza estava indo tirar satisfação de alguém.

Seus olhos me avistaram na multidão.

Um olhar diferente. Que eu não sabia identificar o significado, mas que tentava decifrar. Lucas continuou andando, mas ainda olhava para mim de longe, com um certo mistério envolvendo seus olhos. Seu olhar era tão indecifrável que me deixava sem reação.

De repente — do meio das garotas populares —, Tâmara veio ao encontro de Lucas. Foi rápido para que ela grudasse em seu braço, fazendo com que ele desviasse seus olhos de mim para ela, que tagarelava diversas coisas.

— Terra chamando Fran! — Leh brincou. — Olhando para o Lucas, que bonitinho.

— Eu não estou olhando para ele! — Virei as costas para a quadra. — É só ele, com aquele olhar. E eu... ah... bom eu acho que ele... ah... nada!

— Fran, tem que admitir isso logo, viu? — Ela sorriu para mim. — Ou pode ser tarde demais.

— Pffff... — Bufei, pronta para ir embora. — Se eu estivesse apaixonada por ele, *e não estou.*

Voltei a olhar para a quadra, acompanhando Lucas com o olhar. Ele se dirigiu até o grupo de meninos, e especificamente até Kaio. Tâmara não saiu do seu lado nem por um segundo sequer. Lucas e Kaio começaram a conversar, não muito amigáveis. Enquanto Kaio gesticulava o tempo todo, Lucas nem se movimentava — *ele era deboche puro.* A conversa não parecia ter chegado a uma conclusão, quando Déh nos chamou:

— Bom, nosso horário já acabou. É bom voltar para sala!

— Verdade. A última aula é de literatura, viu? — Leh suspirou, coçando a cabeça.

— Nem me lembra disso — choramingou Déh.

As meninas começaram a sair da quadra, mas eu mantive meus olhos fixos na conversa de Kaio e Lucas. Eles ainda estavam lá, conversando de maneira mais calma, porém desafiadora. Era quase inaudível a conversa entre eles, só que com certeza Tâmara estava escutando tudo.

Quando voltei para sala, a aula já havia começado a algum tempo, mas o professor estava a espera do restante dos alunos. Deixei meu caderno na carteira, e resolvi evitar qualquer contato visual com Lucas, quando eu o visse.

Não demorou muito para que Lucas voltasse para a sala, acompanhado também pelos garotos do vôlei. Ele entrou com as mãos no bolso da jaqueta, com o rosto inexpressivo, e com Tâmara ao seu lado, grudada em seu braço. *Argh!*

— Eu acho o máximo, Luquinhas — Ela deu um gritinho. — Você vai poder conviver nos mesmos ciclos que eu!

Lucas vasculhou a sala com os olhos, andando em passos lentos e determinantes.

— Não tenho tanta certeza disso Tâmara — resmungou.

— Mas eu tenho! E, olha, qualquer coisa eu estou aqui para te enturmar com o pessoal, docinho.

Quando os dois chegaram perto da minha carteira, Tâmara soltou seu braço e me encarou.

— Entendeu, benzinho? — Seus olhos ainda estavam cravados em mim. — Deveria ter companhias de alto nível, assim como eu.

— É melhor ir Tâmara. — Lucas apontou com a cabeça para a carteira dela. — Até mais.

— Até, lindo.

Tâmara saiu toda pomposa, enquanto Luca se sentou ao meu lado e pegou sua mochila, tirando seus livros de lá.

— Bom dia. — Sua voz seca e inexpressiva era algo notável.

— Bom dia Lucas.

O silêncio que se prosseguiu depois de nossos cumprimentos cotidianos, foi estranho. Continuei olhando para as minhas anotações do caderno, enquanto Lucas deitou a cabeça na carteira, me observando. Boa parte de seus cabelos escuros caíram sobre seus olhos.

— Tá com dor de cabeça?

Franzi a testa, e me voltei em sua direção.

— Não, não estou com dor de cabeça, por que?

Lucas arqueou as sobrancelhas e passeou os olhos pelo meu rosto, com sua expressão indiferente.

— Não consegue mais olhar para a minha cara, garota.

— Isso claramente tem explicação — sussurrei entre dentes.

Lucas levantou a cabeça, e se aproximou um pouco mais, fechando a expressão no rosto.

— E qual a sua explicação? Tem alguma pelo menos?

— Do que você está falando?

Lucas arqueou uma das sobrancelhas e olhou fixamente para mim.

— É. Você tem medo de mim? — Seu olhar era de congelar até a alma. — O que pensa ao meu respeito? Acha que sou perigoso?

Fiquei em silêncio, sem saber o que responder a perguntas tão sem noções como aquelas.

— É, acha que eu sou perigoso — afirmou ele.

Lucas não me dava medo, e eu não achava ele tãooo perigoso assim não. *Ele me dava raiva*. Fazia com que eu sentisse desprezo por sua pessoa. Mas eu não podia agir assim, eu tinha que manter a calma que ainda me restava.

Respirei fundo, recuperando meu bom humor, e voltei o olhar para a sala, observando as pessoas rindo e conversando entre si.

— Você é tão previsível, garota — Lucas provocou com deboche.

Abaixei o tom de voz e o encarei:

— Claro, talvez seja por que eu não queira olhar para você.

— O que disse?

Nos encaramos novamente. Seu olhar misterioso, voltando a invadir toda a minha visão. Seus olhos me encaravam novamente com o mesmo mistério de antes.

— O que escutou — respondi, com a expressão de indiferença também.

— Qual o seu problema, hum? — ele sussurrou, as sobrancelhas juntas.

— Eu que pergunto! Sinceramente, *qual é o seu problema?*

— *Você*. *Você é o meu problema.*

Fiquei ali, boquiaberta, prestes a falar um milhão de coisas na cara dele.

— Você é insuportável Franciele Alencar.

— Eu? — Balancei a cabeça. — Se equivocou! Pois o insuportável, esquisito e... já disse chato? É você! Isso mesmo, você é tudo isso.

Lucas abaixou o capuz, expondo o cabelo escuro bem cuidado e os olhos azuis escuros como gelo.

— Não me importo com suas palavras. Acha que vai me ofender? Levo isso como elogios bem dados a minha pessoa.

— Elogios? Isso passa bem longe de ser elogios.

Lucas esboçou uma risada, algo sarcasticamente arrogante.

— Você é tola, inconsequente e frágil. Aceite sua realidade, e tente viver com suas incapacidades.

Cerrei o punho, sentindo uma vontade enorme de rebater suas palavras.

— Você vai acabar sozinho com seu orgulho. Deve ser por isso que anda sozinho.

— Melhor sozinho do que tendo que aturar você.

— Eu que não te aturo. — Dei de ombros.

Lucas voltou a me encarar. Eu já não tinha mais problema de encara-lo também. Sempre que tinha a oportunidade de desviar o olhar, eu fazia isso. Mas, aquilo já não era mais problema para mim. Eu estava cansada de sempre ter que suportar suas palavras grosseiras.

— Posso saber por que os pombinhos apaixonados estão se encarando no meio da aula? — O professor de literatura apareceu diante de nós, ao lado das nossas carteiras. — Estão prestando atenção na aula?

Eu queria desaparecer dali. Eu queria abrir a porta daquela sala e sair correndo pelos corredores, até chegar no meu dormitório, me esconder no armário e chorar de vergonha. Desviei o olhar na mesma hora, sem reação. Todos estavam olhando para nós, a sala toda, e principalmente Tâmara e... Kaio.

— Vamos, me respondam! — o professor nos encarou.

Não, não e não! Que loucura era aquela?! Não éramos pombinhos apaixonados coisa nenhuma! Estávamos tendo uma desavença, isso sim!

— N-não é nada disso professor! — Balancei as mãos. — Não somos "pombinhos apaixonados" não, é só que...

— E se fosse...? — Lucas perguntou ao meu lado. — O que o senhor faria?

Ele estava louco? O que aquele menino tinha na cabeça? Ele estava mesmo desafiando a autoridade do professor? Ele não podia querer desafiar ninguém!

— Mas não é o caso! — Me virei para Lucas, querendo jogar o caderno nele.

— Não é o caso, e nunca vai ser. Mas, eu perguntei ao professor. Bom, alguma resposta?

O professor balançou a cabeça e fixou os olhos em mim e em Lucas.

— A escola não é lugar para se paquerar!

Arregalei os olhos, querendo sumir dali. Eu não tinha coragem de encarar a sala.

— Não somos namorados! — falei na mesma hora. — Professor por favor, não somos namorados coisa nenhuma!

— Não mesmo! — Lucas rebateu do outro lado.

Olhei para sala, para todos ali, concentrados em mim e em Lucas. Tâmara me encarava de uma forma tão fria e venenosa, que só faltava soltar veneno pela boca. Do outro lado da sala, Kaio observava tudo com uma expressão de decepção no rosto. Mas, não era nada disso! Foi o professor que fez uma confusão sem motivos.

Suspirei, desesperada. O que eu ia fazer? Abaixei a cabeça, pronta para receber uma bronca, quando o sinal tocou, e os alunos começaram a se levantar e sair da sala. Kaio passou por nós, com um olhar entristecido e de cortar meu coração.

— Vocês passam dessa vez. — O professor nos encarou. — Quero que prestem atenção na aula, ou vão reprovar, ouviram?!

Me encolhi ao escutar o sermão do professor, que se retirou logo em seguida.

— Você tem o quê na cabeça?! — Me virei para Lucas com raiva. — Ficou louco?!

— Pffff... — Ele revirou os olhos e em seguida olhou para mim. —Sua voz me irrita.

Como ele podia ser tão dissimulado?? Apontei o dedo para ele.

— Problema é seu! Por que você desafiou o professor? E ainda fez ele achar que somos... namorados... *eca!*

Lucas se desencostou da cadeira e arqueou as sobrancelhas grossas e escuras.

— *Eca?*

Estranhei a nota de decepção em sua voz.

— Sim, por que? Não quero que você seja meu namorado.

— Eu seria seu namorado apenas em seus sonhos, por que fora deles, você não tem chance alguma.

— Isso é vantagem para mim, porque você nem chega a ser opção! — retruquei.

Peguei minha mochila e guardei meus cadernos rapidamente. Saí pisando firme, tentando conter minha raiva de ter levado uma bronca do professor, porque Lucas endoidou de o provocar. Ah, por que tudo isso tinha acontecido tão rápido e tão fora de contexto?

Depois daquele dia atrapalhado e vergonhoso, lá estava eu, refugiada em meio às cobertas, folheando a revista oficial da escola, antes de ir dormir.

As luzes do dormitório ainda não tinham sido desligadas, e as meninas se ocupavam de algo. Déh penteava o cabelo antes de dormir, enquanto Leh mexia no celular, bebendo um suco.

— Nem vai acreditar Fran — Leh anunciou, dando um pulo na cama. — Lucas está oficialmente no time de vôlei!

Deixei a revista de lado e observei a expressão das meninas.

— Hum, bem desinteressante para falar a verdade — comentei, cruzando os braços.

— O Noah me mandou mensagem dizendo que isso não deixou o Lucas muito feliz não. — Déh penteou o cabelo novamente. — Coitado dele, deve ser o professor obrigando, ou algo do tipo.

Me levantei da cama, e fui em direção a minha penteadeira.

— Não sei como vocês têm pena dele. É sério, o Lucas não tem sentimentos. Ele não se importa com ninguém, ele detesta meio mundo, e isso é ridículo, concordam? Além de que hoje ele desafiou o professor, e eu quase levei uma bronca feia.

— Acho que você pega pesado demais com ele, Fran. — Leh continuou, olhando para a tela do celular. — Sei que o que aconteceu hoje foi bem chato, mas tenta entender ele.

— Não estou "pegando pesado". — Abri a gaveta da cômoda. — É só que ele realmente me detesta e eu não sei o motivo.

Olhei para o meu reflexo no espelho, pensando justamente nele. Eu não queria transformar todos os meus discursos no nome do Lucas.

— Olha, a gente não quer te pressionar a gostar dele... — Déh se virou para mim. — Mas, não queremos deixar que você perca um alguém que...

— Não. Lucas e eu, não! — Levantei as duas mãos. — Não tem possiblidade, impossível, *nunca!*

Leh se levantou da cama e entre risos, disse:

— Nunca diga nunca! Poxa Fran, não me diga que ele é a pessoa que você mais detesta.

Só eu sabia como era aquele menino de verdade. Nunca tínhamos uma conversa normal, porque ele sempre cortava as minhas falas. Eu tinha uma lista com dezenas de motivos para não me apaixonar por Lucas Cavalier. *E eu ia segui-la a risca.*

— Não detesto ninguém. É só que ele me tratou de uma forma tão fria, arrogante e prepotente quando nos conhecemos... E, eu tentei me aproximar daquele garoto, sério, eu tentei mesmo! Só que ele sempre deixou claro que não me suporta.

— Talvez ele só esteja se protegendo. — Déh deixou de lado o pente. — Nem todo mundo é igual. Cada um lida com os problemas de uma forma diferente. O que ele realmente precisa, é conhecer Jesus, Fran.

Apoiei o pé na cadeira e descansei o queixo em meu joelho.

— Mas... Como?

— Ele precisa de alguém que vai falar de Jesus para ele. — Leh sugeriu, sorrindo.

— Isso. — Déh apontou o dedo para mim. — Ele tem que ser ajudado. Por mais que tenha um coração de pedra...

— De gelo — argumentei.

— De gelo. — Ela riu. — Você pode tentar falar do amor de Cristo para ele. Contar do quanto o Senhor sara as pessoas, do quanto Ele transforma vidas.

Abaixei a vista, refrescando meus pensamentos.

— Eu posso tentar.

— E você vai conseguir! — Leh se levantou da cama e rindo, se aproximou. — Essa batalha já está ganha!

Déh também se aproximou de mim, e ficamos as três de frente para o espelho.

— Um dia eu senti que deveria falar de Jesus para vocês, e olhem agora. Minhas amigas creem em Cristo! E se eu não tivesse falado de Jesus para vocês?

— Tem razão, Déh. — Um sorriso surgiu no canto da minha boca. — Eu tinha tantos problemas com a timidez, e... Eu orei para Deus me ajudar com isso. Hoje consigo controlar a timidez e isso é ótimo.

Déh deu um largo sorriso, enquanto Leh colocou uma mecha atrás da orelha.

— Eu tinha o problema com a atenção dos meus pais, e eu entreguei isso ao Senhor. E olhem, foi a melhor coisa que eu pude fazer. Nos meus piores momentos, eu com certeza posso contar com o Senhor, não importa a situação.

Apertei as mãos sobre o colo, e senti meu coração ardendo pela Palavra do Senhor. Eu tinha que tentar, não me importava se Lucas não me ouvisse, eu ia fazer a minha parte.

*****

O pátio estava simplesmente lotado, naquela aula ao ar livre. Eu organizava os cartazes do vôlei com as meninas, para adiantar nosso trabalho nos preparativos para o jogo. Só não queria olhar para ninguém, depois da vergonha de ter sido confundida como a namorada do Lucas no dia anterior.

Kaio também estava lá, só que parecia ocupado demais com os treinos para conversar comigo. Ele estava treinando alguns saques de vôlei com os amigos, na quadra. Eu me sentia mal por não poder esclarecer as coisas com ele, explicar aquele mal entendido.

Comecei a desenhar as letras no cartaz que as líderes de torcida iriam segurar, e isso particularmente não era tão legal, já que eram muitos cartazes.

— Ficamos com o trabalho mais complexo, enquanto elas só pulam e observam os garotos — Leh deu risada, terminando de pintar o cartaz.

— É, a vida de estudantes focadas não é fácil! — Déh jogou a cabeça para o lado, rindo.

Comecei a rir das brincadeiras das meninas para com o nosso trabalho, até que de repente, as pessoas começaram a se juntar no meio do pátio. O burburinho dos alunos só aumentava, enquanto alguns gritavam, e outros davam risada. Não entendi o que estava acontecendo de imediato, mas vasculhei com olhos atentos o lugar, avistando no meio de tanta gente, Lucas e Kaio se encarando.

— O que tá acontecendo? — Déh se levantou rápido, deixando as canetinhas em cima da cartolina.

Leh também se levantou, e eu fiz o mesmo. As pessoas se aglomeraram em um círculo e começaram a gritar e levantar as mãos, incentivando algo. Não queria pagar de curiosa, mas confesso que dei uma corridinha para ver o que estava acontecendo.

Eram tantas pessoas no pátio gritando, que tive dificuldade de me aproximar. Só fui entender o que realmente estava acontecendo, quando

Lucas cerrou o punho com força, e desferiu um soco no rosto de Kaio.

Todos foram a loucura.

Tampei a boca com as duas mãos, vendo que Kaio quase caiu com o soco de Lucas. O golpe dele foi tão forte, que Kaio teve que ter muita força para se segurar e não se espatifar no chão.

Kaio passou a mão no rosto — parecendo meio zonzo —, mas quando se recuperou do golpe, devolveu o soco em cheio no rosto de Lucas. Os dois então se encararam novamente, enquanto um burburinho encheu a quadra, e eles realmente começaram a trocar socos e murros sem parar, enquanto as pessoas gritavam e faziam a festa.

Fiquei chocada que Kaio levou diversos golpes, mas também não deixou barato para Lucas. Percebi que ninguém iria intervir, e eu assista a tudo aquilo com a mão na boca. A briga não parecia ter fim, até que os garotos do time de Kaio saíram empurrando as pessoas na multidão, indo na direção dos dois.

Brandon segurou Kaio pelos braços, enquanto Carlos e Eduardo seguraram Lucas, que parecia cego de raiva. Kaio levantou a cabeça e deu um sorriso sarcástico para Lucas, claramente o provocando. Ele então avançou mais uma vez para Kaio, prestes a bate-lo novamente.

— O que está acontecendo aqui?! — A voz da coordenadora ecoou por todo o pátio.

Os meninos ainda seguravam os dois pelos braços. Kaio com a boca e o nariz todo machucado, e Lucas com um corte acima do olho. Os dois com certeza iriam continuar brigando, se não fosse pela intromissão dos garotos do time de vôlei, e a presença da coordenadora no pátio.

Todos se afastaram dos dois, e a coordenadora se aproximou a passos lentos. Kaio abaixou a cabeça, se desprendendo com força de Brandon, enquanto Lucas ainda estava sendo segurado pelos garotos, e encarava Kaio com tanta raiva...

— Quero os dois na minha sala, agora!

A coordenadora deu um grito para nos organizamos, e as pessoas voltaram a realizar suas tarefas normalmente. Os dois foram conduzidos imediatamente para a sala da diretoria. Kaio não olhou para mim quando passou ao meu lado, e Lucas simplesmente foi conduzindo pelos garotos que o separaram da briga. Os dois pareciam realmente machucados e isso era terrível.

Tudo parecia tão fora de nexo. Fiquei sem palavras para descrever o que tinha acontecido ali. Eles realmente brigaram feio, e eu sabia que Kaio não era de se meter em brigas. Eu não entendia o porquê dos dois terem realmente se enfrentado.

Mais tarde, no curso de beleza, eu era uma das últimas alunas ajudantes na limpeza da sala — depois de termos feito vários cortes de cabelo —, quando alguém bateu na porta, e eu fui atender.

— Boa tarde — a coordenada Keira, apareceu diante de mim. — Fiquei sabendo que aqui tem um kit de primeiros socorros.

— Olá. — Sorri. — Creio eu que...

— Hum, tem sim. — A instrutora Camilla se aproximou, limpando o avental sujo.

A coordenadora apurou a garganta, cruzando os braços.

— Bom, acho que ficaram sabendo da desavença que dois alunos tiveram hoje mais cedo...

— Meu Deus, sim! — Camilla tampou a boca. — Alguém sabe o motivo? E como os dois estão?

— Estou com um aqui. Não posso deixar os dois juntos na enfermaria, eles parecem faísca quando se encontram.

Torci as mãos, torcendo para que fosse Kaio junto da coordenadora.

— Podem fazer curativos no Lucas, por favor?

Ah não! Tinha que ser ele!

E lá estava ele. Lucas apareceu diante da porta, com o capuz sobre seu cabelo e a cabeça baixa. Ele levantou o olhar e se deparou comigo. Em cima de seu olho havia um corte exposto, alguns hematomas espalhados pelo rosto pálido, e o lábio levemente cortado.

— A Fran pode cuidar disso — Camilla sorriu, segurando minha mão.

Forcei um sorriso, tentando não olhar tanto para o rosto machucado de Lucas. Eu não estava muito feliz com aquela decisão, mas resolvi não contestar. Lucas levantou o olhar algumas vezes, mas sempre voltava a encarar o chão.

— Se comporte, Lucas — a coordenadora tocou em seu ombro, e ele não disse nada.

Fiquei parada, enquanto ele entrou na sala, com as mãos nos bolsos. Lucas se encaminhou até uma das cadeiras e se sentou, olhando para a janela. Andei até a caixa de primeiros socorros e separei tudo o que era necessário para cuidar de seus ferimentos.

Encontrei uma caixa de curativos e organizei tudo em uma bandeja. Me aproximei de Lucas, sem falar uma palavra se quer. Ele me acompanhou com o olhar, ainda com sua expressão fria e o rosto machucado.

Fiquei frente a frente com ele, observando cada ferimento de seu rosto. Meus olhos analisaram seus ferimentos espalhados pelo rosto, e então abaixei a cabeça. Lucas não disse nada, apenas me olhou com olhos calmos. Despejei o remédio no algodão e aproximei minha mão de seu rosto.

Quando o algodão tocou sua pele, ele deu um leve grunhido, virando a face para o lado. Afastei minha mão de seu rosto na hora, observando ele suspirar. Lucas abaixou a cabeça, e passou a mão pelo cabelo.

— Esse remédio arde! — reclamou.

— Mas, é assim mesmo! — contestei, colocando mais remédio no algodão. — Vai ter que se acostumar com isso, se quer tratar desses ferimentos.

Lucas voltou o olhar para mim.

— Mas eu não quero. Não tem outro remédio que não arda?

— Não. Seu rosto esta todo ferido, precisa cuidar disso.

Lucas revirou os olhos e bufou, fechando os olhos logo em seguida. Aproximei o algodão de sua pele, e o remédio tocou seus ferimentos. Observei seu rosto detalhadamente. Lucas tinha cílios grossos e escuros, as pálpebras um tanto coradas pelos hematomas, mas suas sobrancelhas eram bem definidas, e a pele um tanto pálida. Ele era estranho de olhos fechados, parecia alguém tão calmo, alguém tão indefeso... tão... *belo*. Que loucura é essa Fran? *Ele é insuportável.*

Continuei cuidando de seus ferimentos, ele realmente parecia debilitado pelos socos que levou. Quando fui limpar o corte da parte superior de seu olho, Lucas segurou meu punho e abriu os olhos. Lucas não disse nada, apenas correu os olhos pelo o meu rosto sem piscar, com um olhar profundo, tão calmo, tão sereno... *Seus olhos de um azul escuro, e os meus olhos castanhos.* Desviei o olhar. *Nós dois nos detestávamos.*

— Pode pegar os curativos? — pigarreou ele, apontando com o queixo para a caixa de curativos.

— Preciso limpar o ferimento do seu olho.

Lucas bufou e se esgueirou para pegar a caixa de curativos. Segurei sua mão. Nossos olhares se encontraram novamente.

— Pode parar de ser teimoso?

— Não estou sendo teimoso.

— Está sim! — Deixei o algodão de lado. — Se não tivesse partido para cima do Kaio daquela forma, não estaria passando por esse sufoco agora!

Lucas bateu na perna e se virou totalmente para o meu lado.

— Você não conhece aquele cara. Olha, se está aqui para defender aquele carinha, eu...

— Não, não Lucas. Eu não estou aqui para defender ninguém! — Olhei no fundo de seus olhos azuis. — É só que isso podia ser evitado.

Ele arqueou as sobrancelhas, o ferimento ainda exposto na parte superior de seu olho esquerdo.

— Acho que isso não podia ser evitado. — Lucas deu uma risada de repente. — Talvez tenha sido tolice minha, lutar por algo que não é meu.

Não entendi suas palavras, mas me concentrei em limpar seus ferimentos. Novamente comecei a cuidar do seu ferimento acima do olho, enquanto ele me observava calado.

— Sei que talvez não me escute... mas... você não parece estar muito bem.

— Ah, é sério? — debochou.

Suspirei, mantendo a calma.

— Também sei que não somos amigos, que não nos damos bem... mas... você pode conhecer um amor que cura toda e qualquer ferida.

— Do que está falando garota?

Parei de limpar seu ferimento, e olhei fixamente para seus olhos.

— *De Jesus.* Lucas, *Ele* tem poder para curar suas feridas. Não só as externas, mas aquelas que mais doem: *as da alma.*

Ele virou o rosto para o lado e pressionou a mandíbula.

— Não sou muito chegado a religião.

— Religião não salva, quem salva é *Jesus*. — Suspirei. — Olha, você pode ser transformado. Pode parar de tomar decisões precipitadas e as coisas vão melhorar tanto. Só entrega seus planos para *Ele.*

Lucas voltou a cabeça na minha direção e me observou silenciosamente.

— Por que está sendo gentil comigo? Eu não sou suficiente detestável para que se afaste de mim?

Peguei um curativo e me aproximei de seu rosto, tampando o seu ferimento acima do olho.

— Você é, *mas Jesus te ama Lucas.*

Lucas ficou em silêncio, processando minhas palavras, enquanto eu cuidei do restante de seus ferimentos.

Ele realmente precisava ser transformado, mas isso dependia dele também. A decisão de mudar, tem que vir primeiramente nós, tem que ter o *nosso* esforço para que assim o Senhor comece a trabalhar em nós. A minha parte eu tinha feito — mesmo que ele não tenha se despedido de mim quando foi embora do curso de beleza, com os curativos feitos. Acho que ele absorveu minhas palavras, uma vez na vida.

♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡
Oiieeee, volteiiii!!!
Genteeee, eu sumi, eu sei! Ksksks Mas é que realmente fiquei doente, e sem inspiração! Perdão pela demora, mas eu não vou abandonar o livro não, fiquem tranquilos. Só peço oração pela minha vida para vocês, muito obrigada!!

O que acharam do capítulo de hoje? Alguma sugestão do que pode ter provocado essa treta do Lucas e do Kaio?

E vocês têm certeza que querem que o livro dos meninos comece pelo Lucas?
Olhem, provavelmente vou lançar o livro dos meninos quando este livro estiver próximo de acabar.

É isso, que Deus venha abençoar a vida de cada um de vocês, um beijo!!

Vote na estrelinha ⭐⭐

♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡♡

Capítulo 32

Déh
É ela.

Contei até dez mentalmente, tentando me manter calma para subir até o palco. De uma coisa eu tinha certeza: eu estava super nervosa. Resolvi respirar fundo — já que apenas contar não estava funcionando. *Perda de tempo*. Corri os olhos pela sala de apresentações, e percebi que ela estava ficando lotada.

Era estranho ver a sala tão lotada daquele jeito, mas eu sabia que era por causa da peça de teatro do meu curso. Bom, era literalmente a peça mais importante do ano. Um romance medieval com um roteiro incrível, e que seria apresentado para toda a escola.

E lá estava eu, em uma fila enorme que já se estendia por todo o corredor, a espera da minha tão aguardada avaliação. Como quase todos os alunos da minha turma queriam interpretar os protagonistas, a nossa instrutora teve que montar uma tarde de "avaliações" e seleção para os papéis principais. Houve também um sorteio para os personagens secundários, e eu havia conseguido um papel nele.

Eu estava super alegre para a peça, mas o meu problema mesmo era o nervosismo de encarar uma plateia lotada. Mas o que me tranquilizava, era que eu já tinha orado e entregado tudo nas mãos de Deus antes de entrar na sala de teatro. Eu sabia que — não importava o resultado—, ia ser feita a vontade de Deus. É como diz em *Romanos 12:2:*

"*E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela*

renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."

Entendi que devia confiar nos planos do Senhor, e tranquilizar meu coração de toda a preocupação que me cercava. Percebi que esse versículo é fonte de esperança para nossos corações e para os dias de angústia, até que ouvi meu celular vibrar no bolso.

Chat oon

Noah/loirinho: Já te disse o quanto você vai arrasar hoje? 13:37h

Déh: Hum... acho que não. A manhã inteira, talvez? Obrigada, loirinho. 13:37h

Noah/loirinho: kskskskks. Acho que sou exagerado mesmo quando se trata de você. 13:38h

Déh: Ownt... Noah, será que eu vou mesmo conseguir? 13:39h

Noah/loirinho digitando...

Noah/loirinho: Ei! Cadê a positividade que esbanja no seu olhar? 13:42h

Noah/loirinho: Sem negatividade, senhorita Millincent. 13:43h

Déh: Tudo bem, vou respirar fundo. 13:44h

Noah/loirinho: Você vai conseguir o papel. Não esqueça que você é incrível. 13:45h

Déh: Você é incrível para mim. 13:45h

Noah/loirinho: Não mais que você. ❤ 13:46h

Noah/loirinho digitando...

Noah: Como hoje é sábado e estou de folga, por que não almoçamos juntos? Diz que siimmm. Por favor? Por favorzinho? 13:47h

Déh: Siimmmm loirinho, combinado então. Nos encontramos no refeitório. 13:48h

Noah/loirinho: Te vejo em breve, irritadinha. 13:49h

Chat off

Dei um sorriso muito bobo para o ar, e torci para que ninguém me visse com o semblante todo bobinho. A cada dia que se passava, eu sentia forte que logo íamos ter a confirmação que o nosso futuro namoro era da vontade de Deus. Noah era o rapaz que me fazia sentir única, amada e enxergar ainda mais o meu valor. Ele era o garoto que falava de *Jesus* com brilho nos olhos, que amava a *Palavra do Senhor,* e que me motivava sempre a seguir os caminhos do *Pai*.

Abaixei a cabeça e cravei os olhos na folha de papel com as falas da minha personagem. Tentei ficar lembrando das mensagens de Noah me motivando.

— Certo. Vamos para a cena três, de Betânia e Josh — A voz da instrutora Liz me despertou dos meus pensamentos. — Tudo bem, senhorita Millencent, por favor.

Forcei um sorriso, tentando me manter no controle, enquanto subia até o palco. Meus olhos continuaram fixos na folha de papel grossa, com letras escuras

— Eduard, pode começar. — Liz abanou uma das mãos para o garoto parado na minha frente.

Eduard apenas segurou sua folha de papel e bufou, revirando os olhos. Ele interpretaria um rapaz sem muitos recursos, apaixonado por Betânia (minha personagem), e que lutaria pela mão da amada sem sucesso. Mas, claramente Eduard — um dos mais influentes da nossa turma —, não queria interpretar o plebeu.

— Mas, eu não quero esse personagem — grunhiu o garoto, cheio de insatisfação.

— Oras, no dia do sorteio você não reclamou. — Liz cruzou os braços.

— Eu não sabia que era *esse* personagem. Ele é muito simples, sem graça... *E é pobre!* — Ele apertou o papel. — Qual a graça de interpretar esse indivíduo?

Liz balançou a cabeça, segurou firme a caderneta, e começou a andar de um lado para o outro. Ela levou a mão até a boca, e ouve um longo silêncio antes de responder:

— Eduard, o sorteio já foi realizado, você não pode me dizer que...

— Com licença? — Uma voz interrompeu suas explicações.

A sala ficou em completo silêncio, e não demorou muito para que eu reconhecesse aquela voz. *Era a voz de Jack.* Ele estendeu a mão, e se levantou de uma das cadeiras da plateia.

— Eu quero o papel.

Jack continuava com a mão levantada, sem expressar nada. O olhar cauteloso estava estampado em seu rosto, e ele ficou ali parado, com certa determinação.

Ele não me aparentava ser má pessoa, mas eu tinha minhas dúvidas sobre seu caráter. Jack era educado comigo, e era um excelente colega de curso, mas Noah não confiava nele. Eu não sabia os motivos certos disso, mas não queria chatear Noah com perguntas indevidas sobre seu passado, e sobre sua "amizade" com Jack. Eu acabei me afastando de Jack depois da conversa que ele teve com Noah, na noite do cinema. Jack provocou Noah, como se estivesse tocando em uma ferida antiga dele...

— Tem certeza, Jack? — Liz tamborilou os dedos na caderneta. — Não ia fazer o teste para o Tobey?

Jack deu um leve sorriso de canto, e deixou com que o cabelo caísse para o lado, realçando o corte bem feito.

— Não sei. Talvez me interessei pelo personagem simples, e quero o papel para mim. — Ele descansou o sorriso e encarou a sala ao seu redor.

Se Jack ia competir pelo papel do protagonista, por que escolheu o papel do plebeu? Ele não era muito fã de personagens calmos e pacatos, como o que estava querendo interpretar. *Aquilo era estranho demais*. Até o sorriso dele era estranho! Havia algo nele que deixava todos em alerta, *inclusive eu*.

— Bom... — Liz suspirou, anotando algo. — Não sou de trocar papéis, mas como você está disposto a interpreta-lo, tudo bem.

Ele voltou a sorrir com um pouco de sarcasmo. Jack subiu as escadas de queixo erguido, com as mãos nos bolsos, o cabelo estaqueado cobrindo parte de seus olhos, e a jaqueta escura. O garoto tomou o papel das mãos de Eduard com agilidade, e leu suas falas.

— Parece nervosa para a avaliação — disse para mim, sem tirar os olhos do papel e andando para o outro lado do palco.

Olhei para as minhas sapatilhas, sentindo um aperto.

— Não sei como pode estar calmo com uma apresentação batendo a porta.

— Eu sei que vou passar. — Ele levantou o olhar e me lançou um sorriso. — Pode apostar comigo se quiser.

Só deixei o papel de lado e olhei para a senhora Liz. Jack fez o mesmo, deixou o papel de lado e arrumou a jaqueta.

— Muito bem! Cena liberada para atuação. — Liz anunciou.

Naquele momento, só foquei nas poucas palavras de Betânia. Jack começou a pequena conversa entre os personagens:

— Pelo que vejo, o senhor Tomaz anda muito próximo. — Deu um passo a frente. — Por que o sorriso afetivo para um ser tão repugnante como aquele?

Puxei na memória as falas corretas.

— Não deveria sorrir para alguém de boa índole? O jovem me pareceu fiel e determinante!

— É bom que abra seus olhos para quem realmente a aprecia — Jack falou de um jeito irônico, com a mandíbula cerrada. — Só fique atenta as verdades escondidas.

— Sei do que vejo. Por tal modo continuo a confiar em Tomaz — falei, determinante.

Tentei não olhar para a plateia que nos assistia; era um desafio não ficar nervosa com a multidão que nos cercava. Quando a cena se deu por encerrada, Liz bateu palmas e deixou a caderneta apoiada em seu braço.

— Que maravilha! O diálogo está bem desenvolvido e a interpretação bem desenrolada, só falta estabilizar a sincronização das falas.

— Humf... — Jack soprou um fio de cabelo que caía no rosto. — Agradeço pela dica senhora Liz, mas isso pode ser resolvido.

Deixei de reparar no tom de voz de Jack, e fiquei atenta para escutar o resultado.

— Ok. Parabéns queridos, estão aprovados. — Ela levantou a mão, parecendo querer falar mais alguma coisa. — Os ensaios começam essa semana, se dediquem como a dupla que são!

Não pude acreditar no resultado positivo do teste. Provavelmente deixei escapar um gritinho de felicidade, e desci as escadas quase saltitando de alegria. A primeira coisa que fiz, foi agradecer a *Deus* por ter dado tudo certo. Mesmo que o resultado fosse negativo, eu iria louvar o *Senhor* da

mesma forma. Abri um sorriso, e acabei ficando próxima à uma fileira de cadeiras da plateia.

— Meus parabéns, senhorita Millincent. — Jack bateu palmas, aparecendo do meu lado. — Atua como ninguém, não é para menos que agora se tornou minha parceira de atuação.

— Ah, obrigada Jack! Você também atuou muito bem. — Dobrei minha folha e a guardei no bolso da calça.

— Olha, para falar a verdade... não foi tão difícil assim. Claro que dei meus improvisos para me encaixar no personagem, mas, deu tudo certo, não? — Jack disse, enquanto deixava o seu papel em uma das bancadas.

— É, ainda bem que deu tudo certo. Foi um alívio ouvir o resultado positivo. — Dei uma leve risada.

Jack ajustou a jaqueta nos braços e passou a mão pelo cabelo mais uma vez, movimentando a cabeça para o lado.

— Eu ganhei a aposta. Eu disse que ia passar no teste, não disse?

— É, você disse — respondi automaticamente. — Hum... Me desculpa a pergunta, mas por que você ficou tão interessado no personagem? Você já disse uma vez que gosta de grandes papéis, lembra? — perguntei, realmente curiosa para escutar sua resposta. — Não estou querendo questionar nada, é só curiosidade mesmo.

Ele andou um pouco mais para frente, e virou o rosto para o lado, dando um sorriso — como se tivesse saído vitorioso de uma batalha.

— Realmente prefiro dar vida aos personagens de alta qualidade e que são importantes para a peça, mas às vezes é bom dar chance a novos personagens. — Ele deu de ombros, ainda sorrindo.

Jack levantou as sobrancelhas em um tom de "eu estou certo, não estou?", e colocou as mãos nos bolsos.

— Os personagens mais simples são os que fazem toda a diferença, Jack. — Argumentei. — Pensa, com quem que o papel principal vai conversar, se o personagem secundário não existir?

Jack balançou a cabeça, parecendo achar graça do que eu estava dizendo.

— Nossa, que ponto de vista interessante eu diria. Bom, você é bem detalhista, Déh. Pensou nos mínimos detalhes para sustentar sua tese. — Ele deu uma risada curta.

Jack realmente soava sarcástico.

— Só que, sei lá, esse povo é competitivo demais. E, não é difícil de perceber quando está próximo deles. Às vezes temos que enxergar além. — Seu sorriso pareceu congelar. — *Ou são eles, ou somos nós.*

— Do que você está falando? — questionei.

Ele olhou para a sala lotada.

— Há, como não pode notar? — Jack levantou uma sobrancelha, irônico. — Este é um mundo de competição, se ainda não percebeu. Eu não vou ser pior que eles, Déborah. Entre eles ou eu, *eu prevaleço.*

Apertei os olhos, desacreditada de ter escutado aquilo. Jack era realmente calculista demais, e parecia querer que as coisas fossem só para ele. Lembrei de um versículo que nos alerta sobre agirmos com prepotência:

"*Confie no SENHOR de todo o coração e não se apoie na sua própria inteligência. Lembre de Deus em tudo o que fizer, e ele lhe mostrará o caminho certo."*
Provérbios 3:5-6

— Jack, não deve confiar na sua força. Tem que ser humilde para reconhecer que os seus caminhos devem ser guiados por Deus — falei, tentando faze-lo entender.

Ele apoiou seus cotovelos na bancada e brincou com o papel que estava lá.

— Não se preocupe, eu sei disso. Mas qual o problema de querer ser o melhor para mim? Não me diga que quer ser a pior, Déh.

— Eu não estou dizendo isso! E só que não devemos confiar em nosso próprio *eu*, no nosso achismo, ou no que achamos que somos. Tudo nesta vida passa Jack, e o que estamos fazendo enquanto esse tempo passa? Não devemos praticar o mal, porque se semearmos coisas amargas, colheremos coisas amargas também.

Jack alargou o sorriso e passou a mão no rosto, parecendo refletir.

— Bom, você só diz isso porque é muito ingênua, bondosa e certinha. Tenha mais visão, pense mais alto Déh. Os vitoriosos só vencem batalhas com suas habilidades. — Ele descansou o queixo na mão esquerda. — E eu sempre venço, não importa o que seja. Nada que eu digo que vou conquistar, passa despercebido por mim.

Fiquei em choque por tamanha falta de entendimento. Abri a boca para refutá-lo, mas tomei um susto com Mariah aparecendo atrás de mim.

— Ah, te encontrei finalmente! — Ela passou por mim, e bateu no braço de Jack. — Sabe o que tive que passar nesta sala cheia de gentinha?! Te procurei por todo lugar, sério, onde você estav... — Ela parou de falar ao me notar.

Eu ainda piscava, pensativa e sem reação. Já Mariah, continuava com seu olhar nada positivo e enojado.

— Aff... Pelo visto a salinha tem mesmo "gentinha". Melhor dizendo: bolsistas repugnantes. — Ela colocou a língua para fora, ao olhar para mim.

— Boa tarde para você também, Mariah. — Pedi mansidão para tratá-la bem.

Jack deu uma risada e esticou os braços, se espreguiçando.

— Seja mais gentil com a garota, Mah. — Ele a cutucou no braço. — A Déh é gente boa.

Mariah franziu o nariz e se virou com tudo para Jack, parecendo indignada ao extremo.

— Não acredito nisso, ah, sério, é cada uma que eu tenho que escutar. *Até você?*

— Ah, qual foi Mariah? Segura a onda, loirinha. Só se acalma aí.

Ela me lançou um olhar cortante quando virou a cabeça.

— Escuta aqui Jack, não sou obrigada a conviver com gente desse tipo! Tudo bem você ser mais "de boa" em ter certas amizades que nem deveriam estar nesta escola, mas eu não sou obrigada!

— Em nenhum momento eu te obriguei a falar comigo Mariah, então vamos ficar em paz — respondi.

Jack segurou uma risada, enquanto Mariah me encarou profundamente. Ela conteve sua enxurrada de palavras ruins, e saiu bufando.

Respirei fundo e resolvi sair também. Quando já estava perto da porta, ouvi Jack me chamar:

— Ei! — Ele estendeu uma mão ao longe. — Não esqueça que agora é minha parceira de ensaios, e você vai ser incrível porque me tem de companhia.

Dei um sorriso amarelo para não deixa-lo falando sozinho. Era cada coisa!

°♡°♡°♡°

— Duvido que ele vai continuar correndo rápido desse jeito até a cesta de basquete — disse, vendo o camisa dez correr pela metade da quadra.

— Já eu, acho que ele vai fazer cesta! Ele é ágil, vai conseguir driblar os outros e fazer cesta sem dificuldade.

Me virei para Noah, dando um sorriso e observando seu rosto tão convencido... *e lindo*. Estávamos na quadra, assistindo a um jogo de basquete, depois de termos almoçado juntos. Era tão raro nos vermos, que eu sentia meu coração bater forte toda vez que nos víamos.

— Acha mesmo? — questionei pensativa, o sorriso desaparecendo dos meus lábios.

Noah ergueu o queixo, todo pomposo, e concordou.

— Seríssimo. — Ele pareceu segurar uma risada, exibindo uma covinha no canto de sua boca.

Fiquei confusa e remoendo minha suposição, até perceber que ele estava rindo; e muito. Noah segurava suas risadinhas, mas não podia esconder a cara de riso. Com certeza estava me contrariando de propósito.

— Hum... não sei não.... — Cocei a cabeça. — Ele está muito longe, e não, ele não é tão ágil assim.

Noah cessou sua sessão de risadas e deu aquele sorrisinho de lado, me cutucando.

— Está contestando o "*melhor jogador de basquete"*, senhorita Millincent? — Ele arqueou uma sobrancelha de um jeito brincalhão, enquanto olhava para mim por alguns segundos. — Eu sei muito sobre basquete, *minha querida*.

— Que convencido, em? — Cruzei os braços. — Está mesmo me contestando? — Ri, quebrando meu clima de seriedade. — E ainda usa de apelidos fofos para me convencer!

Noah olhou para o lado, ainda com o sorriso nos lábios.

— Ahhhh, tudo bem, você venceu minha irritadinha. Não consigo discordar de você. — Ele esbarrou o ombro em mim. — Mas ainda sinto que ele vai fazer cesta.

Agora foi a minha vez de dar um sorriso super bobo, e corar instantaneamente ao ouvir Noah dizer que não conseguia discordar de mim.

Era uma sensação boa estar ao seu lado, que eu me sentia feliz até com uma simples conversa. Fiquei o observando — por não sei quantos minutos — de canto de olho. Era cada detalhe nele que fazia meu coração disparar... Aquele sorrisinho genuíno, o cabelo engomado, e até o semblante animado, vidrado na partida de basquete.

Noah se virou para mim, e nossos olhares se encontraram. Por um segundo, parecia que todo o barulho da quadra havia desaparecido e só o seu olhar se comunicava com o meu. Noah fez uma careta brincalhona e deu um sorriso largo, exibindo os dentes brancos e alinhados.

— Gosta de me observar, senhorita Millincent? — O seu cabelo loiro brilhando contra a luz do sol que resplandecia sobre seus fios dourados.

Fiquei me perguntando como eu havia ficado olhando para ele; toda apaixonada. Balancei a cabeça, e em seguida olhei para o chão, envergonhada. Noah levou a mão até meu rosto e ergueu meu queixo, sorrindo.

— *Eu amo observar você*. — Ele acariciou minha bochecha. — Não importa se estou passando pelo corredor e te vejo estudando, no refeitório com o molho de mostarda a deixando descontraída, ou quando está no campus com suas amigas. Eu só... *Eu só amo olhar para você*. Porventura seja porque estou apaixonado, mas não é só isso, sabe o real motivo de te olhar me fazer tão bem?

Pestanejei, atenta a cada uma de suas palavras.

— *Porque no seu olhar eu vejo Jesus*. Porque estar do seu lado de alguma forma me traz paz, porque eu sei que você é escolhida pelo *Pai*. Sinto o seu amor pela *Palavra do Altíssimo,* o seu desejo de salvar almas para o reino dos Céus.

Meus lábios se curvaram em um belo sorriso, um sentimento tão genuíno surgindo em meu coração. Noah olhou para o lado, aparentemente envergonhado por ter exposto seus sentimentos.

— *Eu também vejo Jesus em você Noah,* e é por isso que nos sentimos tão bem quando estamos juntos. Porque compartilhamos da mesma fé, da mesma sede pela Palavra, e apoiamos um ao outro nessa jornada!

Noah olhou para mim, e ficou paralisado ao ouvir minhas palavras. Apenas o piscar de suas pestanas douradas, pareceu ter tido o efeito de faze-lo voltar a realidade.

Ele segurou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. Minha pulseira produziu um tilintar quando ele levantou nossas mãos dadas.

— Sei que Deus tem planos lindos reservados para nós, *minha prometida.*

Olhei para ele, com um olhar tão doce... Meu coração ainda não tinha aprendido a se comportar diante de tamanha demonstração de afeto, ele batia descompassado.

Quando a partida acabou — e descobrimos que Noah estava mesmo certo —, fomos para o meio da quadra. A bola de basquete estava parada no meio da quadra; Noah se abaixou e a pegou.

—Lembra que me disse que nunca tinha assistido a um jogo de basquete completo? — perguntou ele, olhando para a cesta.

Apoiei as mãos na cintura.

— Sim. — Dei risada. — Mas, agora eu já assisti.

Noah passou a bola de basquete nas mãos e a arremessou, fazendo cesta.

— Aham. Mas, nunca jogou. — Ele se virou para mim e jogou a bola de basquete na minha direção. — Vamos, faça cesta!

Revirei os olhos, com um sorriso.

— Mas... não sou boa com esportes! — retruquei.

— Não tem problema! — Ele riu, correndo até mim. — Só tenta fazer cesta.

Peguei a bola de basquete, a joguei contra o chão e saí correndo. O medo de cair era maior, mas sentir o vento bater contra o meu rosto era engraçado. Noah também corria até mim, tentando me driblar. Seu cabelo se movia enquanto ele dava tudo de si para me alcançar; começamos a rir. A quadra não parecia tão quieta com nossas risadas ecoando por todo lugar.

Quando cheguei até a cesta, respirei fundo e arremessei, fazendo ponto.

— Ahhhh, eu consegui???! — Dei um pulinho de comemoração.

Noah parou no meio da quadra, e apoiou as mãos no quadril. Ele me observou, com o cabelo colado no rosto.

— Conseguiu sim, mas continuo sendo o *seu melhor jogador de basquete!* — Ele provocou, rindo.

Balancei a cabeça, rindo também. Noah deu uma corridinha até mim e tirou algo do bolso; um cartãozinho enfeitado.

— O que isso? — perguntei, quando estávamos saindo da quadra.

Ele fez menção de entregar o cartão para mim, mas esticou o braço.

— Que engraçadinho.

— Obrigada, querida. — Ele sorriu de lado e bagunçou meu cabelo. — Bom, é que para um evento especial eu devo ser ainda mais cortês, por isso saiba que fui eu que enfeitei o cartão. — Ele tirou o cabelo da testa.

Entramos no corredor, alguns alunos conversavam nos bancos espalhados pelo lugar.

— Um evento? — questionei.

Noah assentiu e entregou o cartãozinho. Fui rápida para abrir o lacre e percebi que era um convite.

— Um convite para eu te acompanhar na convenção de basquete? — O canto dos meus lábios se curvaram.

— É a premiação anual para os melhores jogadores. Bom, todos devem levar uma acompanhante e... *Eu não iria sem você.*

Percebi que seus olhos brilhavam.

— Ah, que lindo Noah! É claro que eu vou!

— As dezenove horas estarei te esperando no pátio. — Ele sorriu para mim, depositando um beijo em minhas mãos.

Quando vi ele desparecer pelo corredor, apertei o cartão contra mim e dei um sorriso. Fui para o dormitório toda alegre.

— Ah não, o convite foi escrito a mão! — Fran constatou, com um biquinho.

Leh abriu a boca, surpresa.

— Ahh minha nossa, a cada dia que se passa eu me sinto cada vez mais uma vela.

Dei risada, enquanto levava até elas duas opções de vestido.

— Ah meninas, não digam que são velas, por favor!

— Eu não disse nada! — Fran continuou olhando para o cartão. — Ihh, ele enfeitou mesmo o cartão, e olha, tem uma declaração no verso.

Larguei os cabides na minha cama, e arqueei uma das sobrancelhas.

— "*Inseparáveis*" — Fran disse, ainda de olho no cartão. — Não entendi.

Dei um sorriso de canto e toquei a gravura na minha pulseira.

— Provavelmente é um código entre eles... — Leh deu um sorrisinho e deixou o livro que estava lendo de lado. — Tão romântico!

Balancei a cabeça toda sem jeito, e dei risada.

— É sim, tem haver com a pulseira.

Leh deu um leve pulo de comemoração por ter acertado, e se levantou.

— Déh, o Noah não ficou chateado pelo Jack ser o seu par na peça? — perguntou ela.

— Oh, não. Confesso que não gostei de ter Jack como minha dupla para os ensaios, mas... não posso fazer nada a respeito. Só que o Noah ficou super calmo, até porque o personagem do Jack não é o par romântico da minha personagem. Desculpem o spoiler: ela acaba sozinha!

— Ah... é sério? — Leh choramingou.

— Ele só pediu que eu tivesse cuidado com Jack, me disse que ele não é confiável e eu acredito nisso. Mas, sei que mesmo havendo um conflito entre Noah e Jack, Noah já o perdoou. — Sorri. — E, nessa peça não vai haver beijo, nem nada disso. Fiquei aliviada, porque se fosse esse o caso eu não iria participar, mesmo que eu ficasse sem nota.

— E está super certa! — Fran concordou, guardando o cartão.

Segurei o cabide com os dois vestidos na altura do meu ombro.

— E então? — Olhei para elas. — Rosa ou azul?

Leh levantou a mão e apontou para o vestido rosa.

— Rosa vai combinar demais!

— Que nada! — Fran retrucou. — Azul é a sensação do momento!

Nós três nos entreolhamos em silêncio, e caímos na gargalhada. No final das contas, optei por um vestido branquinho de mangas bufantes, enfeitado por pequenas flores em tom de azul marinho. As meninas me ajudaram com o cabelo, e fizeram uma trança delicada que enfeitava o topo da minha cabeça.

— Ótimo! — Fran disse, terminando de passar um pouco de blush em minhas bochechas. — Essas aulas de estética estão me ajudando muito.

Leh me entregou sua bolsa enfeitada com algumas lantejoulas.

— Agora sim, você está pronta! — Ela deu um sinal de joia, enquanto me analisava. — Bom, já é quase sete da noite minha amiga!

Fran se jogou em sua cama e abriu seu pacote de salgadinho, sorrindo.

— Nosso trabalho já está feito!

Dei risada das minhas “fadas madrinhas”, e saí do dormitório com um aceno. A lua brilhava com intensidade no céu, e as pessoas se esbarravam no corredor.

Atravessei aquele corredor lotado e fui em direção ao pátio. A minha surpresa foi grande, quando vi Noah de costas. Ele usava um terno escuro, calça social escura, e passava as mãos no cabelo sedoso sempre que podia.

— Senhor Leblanc?

Noah se virou para mim, um sorriso despontando de seus lábios.

— Senhorita Mi... — Ele parou de falar e me observou por longos segundos.

Seus olhos pareciam cheios de encanto e admiração.

— Está tudo bem, Noah? — perguntei, dando alguns passos até ele.

Ele piscou algumas vezes, desnorteado.

— Sim, sim. — Pigarreou. — Bem, estou um pouco... bobo. — Noah passou a mão no rosto.

Dei um sorriso promissor.

— Bobo?

— Sim, você está tão... — Ele sorriu mais uma vez. — *Perfeita*.

Minhas bochechas coraram. Me aproximei dele, e arrumei seu terno engomadinho.

— Você está lindo, senhor Leblanc.

Noah deu um sorriso carinhoso e olhou para meus lábios — permanecendo assim por um tempo —, depois balançou a cabeça e me estendeu seu braço.

— Vai receber muitos elogios hoje — comentou, me conduzindo pelo corredor.

— Não sou muito chegada a isso não. — Sorri.

Quando chegamos até a convenção de basquete — em uma das quadras exteriores —, o lugar estava cheio dos astros do basquete e suas acompanhantes; as populares. Eu tinha pânico a lugares cheios de adolescentes, mas respirei fundo.

Uma música leve tocava no fundo, e os jovens passeavam de um lado para o outro com seus copos de refresco, e um ou outro salgadinho na mão.

— Agora, é minha vez de questionar... — Noah soltou um ar pesado dos pulmões. — Acha que vou ser premiado?

— Tá brincando? — Ri para ele. — É claro que sim!

Noah suspirou alegre e me conduziu até uma mesa. Ele me deu um sorriso doce, e arrastou a cadeira para mim.

— Fique aqui, vou pegar alguns comes e bebes para gente!

Acomodei a bolsa emprestada da Leh no canto da mesa, e dei um sorriso ao ver um jarro com uma rosa no centro. Já que Noah ia demorar para voltar, resolvi ir ao banheiro. Não tinha nem dobrado o corredor, quando meu braço foi puxado com força.

Só notei quem era, quando Mariah empurrou meu ombro contra a parede e me olhou com raiva.

— O que esta fazendo? — questionei, quando seu rosto apareceu na claridade do lugar.

— Eu que pergunto! — Ela resmungou. Mal dava para escutar sua voz direito, pelo som que ecoava da quadra. — Veio acompanhada do Noah?

Arquei as sobrancelhas, sem entender o porquê daquele interrogatório.

— Sim, eu vim — respondi, *eu não ia mentir.*

— Ele devia ter *me* convidado! *Eu, eu* sou a líder de torcida do time dele! *Não você!*

Mariah parecia estar tão brava, que seu rosto tinha uma expressão amarga. Ela vestia um longo vestido roxo cheio de púrpurina. Mas, nem o brilho do seu vestido podia apagar sua má conduta.

— Mariah, não precisa disso... Pode me soltar por favor? — pedi.

Ela deu uma risada sarcástica.

— Olha garota, ele nunca vai querer uma bolsista ingênua, que saiu de um interiorzinho qualquer e que deveria estar correndo atrás de galinhas em um quintal de roça.

— Eu não acho que você...

— Calada! — Ela gritou, e eu tentei me soltar de sua mão que empurrava meu ombro contra a parede.

Mariah me encarou e disse afiada:

— Entenda! Vocês vivem em mundos diferentes, querida. Enquanto ele desfruta dos melhores luxos e restaurantes, você vive sua vidinha qualquer.

Apertei os dentes com uma vontade enorme de responde-la a altura. Mariah me encarou novamente, e com uma mão segurou minha testa.

— Ele nunca vai te amar, pobretona. Espero que você saia da vida dele, entendeu?

Fiz um movimento brusco com meu braço e me desprendi da sua mão.

— Já chega! Me deixa em paz!

— Não! Enquanto você estiver no meu caminho e atrapalhando meus sonhos, você me terá como inimiga!

— Por que você é tão obcecada por ele?

Ela riu com escárnio e olhou para o teto, depois fixou seu olhar em mim.

— Você acha mesmo que vai conquista-lo? — Ela fez cara de pena.

Estava a ponto de me defender, quando um burburinho tomou conta da quadra. Mariah virou a cabeça para observar o que acontecia.

— Ah, tenho uma surpresinha para você. Uma convidada muito especial...

Apurei a vista e olhei para o meio da quadra. Uma moça com um vestido azul prateado, de saltos altos, a postura bem alinhada e cachos castanhos que emolduravam seu rosto, tinha acabado de chegar ao lado de Jack.

— *É ela*. — Mariah riu. — *A ex namorada do Noah.*

Fiquei em choque no exato momento que escutei suas palavras.

}{}{}{}{{{{{{{{{{{{}{}{□}{{}{}}}{}}}■}}}}{}

Oiiii, nossaaa, que saudades!!! Um mês, um mês!!! Simm, eu voltei! Me perdoem pela demora, mas esse mês foi bem cheio pra mim. O motivo de eu demorar tanto para postar esse capítulo, é que o meu antigo celular foi furtado e eu perdi muitas ideias do livro que estavam nele, por isso demorei tanto para postar o capítulo 32.

O que vocês acham que vai acontecer *no capítulo 33?? Estão preparados para o que está por vir??? Pois é, babado.*

Fiquem tranquilos que eu não vou parar de escrever, obrigada por todas as palavras positivas que estou recebendo, que Deus abençoe a vida de cada um de vocês!! Um beijooo.

Vote na estrelinha, plisss. ❤

<><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><>

Capítulo 33

Déh
Revelações

O som do burburinho vindo da quadra não parecia mais tão barulhento como antes. Nem risadas ou comentários sobre o evento, pareciam ser os mesmos. Eu estava em choque, não sabia explicar direito o porquê disso, mas só conseguia me sentir estranha com tantas informações para processar. Para piorar a situação, eu ainda tinha Mariah ao meu lado — que além de ter dito coisas terríveis para mim —, me deu a identidade da moça que havia acabado de entrar no evento.

Apertei os olhos, observando de longe a garota sorridente, de porte impecável, e com um vestido tão deslumbrante que todos se admiravam só de olhar para ela. Jack estava ao seu lado, trajado com um belo terno azul e a conduzindo por todo o trajeto, enquanto as pessoas os cumprimentavam como se fossem celebridades exclusivas.

— É. A *ex namorada do Noah*, isso mesmo que escutou! — Mariah deu uma risada curta e seca. — Está surpresa? É, eu sei como está se sentindo, ah como eu sei! É o medo? Medo de ele ver ela novamente e perceber o quanto ainda a ama?

Por algum motivo, senti uma sensação estranha ao escutar aquilo. *Não*! Eram só palavras vazias vindo de uma pessoa amargurada. Mariah deu um passo a frente, ficando próxima a mim.

— Ela é perfeita, não acha? O cabelo formidável, o vestido primoroso, e até o porte exemplar para andar... É, talvez foi *isso* que o conquistou! —

Seu sorriso congelou lentamente. — Como eu a detestei todos os dias da minha vida, *muito*, a ponto de quebrar todos os meus vínculos com essa daí.

Decidi terminar de escuta-la, para entender onde ela queria chegar com tantas afirmações. Mariah deu mais um passo para ficar de frente para a quadra, e se debruçou sobre o parapeito de uma das escadas.

— E quer saber? — Ela acompanhava a moça com o olhar. — Ela sabia disso. Sabia que eu sempre o amei. Só que mesmo assim me sabotou! Como um ser desses pode aparentar algo que não é?!

— Mariah — chamei, com vontade de dar lhe dar uma palavra de apoio. Por mais que ela fosse uma pessoa ruim, não me sentia bem a vendo daquele jeito. — Sinto muito por...

— Eu não preciso da sua pena! — Bravejou, me olhando com nojo.

Dei um passo para trás, na defensiva. Ela ergueu o queixo e voltou o olhar para frente.

— E ela conseguiu. Ela o laçou, e fez com que ele se apaixonasse perdidamente por ela.

Fixei meu olhar mais uma vez na quadra, especificamente para a moça de cachos definidos e porte físico esbelto. Ela era o passado do Noah, e eu não podia apagar isso, ela era uma parte da história dele. Mas o que me importava era o *nosso* presente, aquilo que éramos naquele momento, não o seu passado.

— No final das contas se tornaram o casal mais amado de todos — continuou, de costas para mim. — Foi um relacionamento muito conturbado é claro, pareciam que iam terminar diversas vezes, mas acabavam voltando.

Mariah ergueu a cabeça para o teto, como quando alguém faz um cálculo.

— Eu vim para cá pouco tempo depois de eles começarem a estudar aqui. *Então eu o vi*. Talvez você também se sentiu assim, não foi? O garotinho rico e popular que está falando com a novata ingênua que não sabe nada sobre vida, e que...

— Noah nunca foi tão raso assim Mariah! — A encarei, dando um passo em sua direção. — Ele é honrado, exemplar e...

— Entende de uma vez por todas! — Apontou o dedo em riste para mim, travando os dentes. — *Você é apenas um rostinho bonito para ele!* Não consegue enxergar?! Ele só está te dando atenção, porque quer alguém para preencher a falta dela! — Mariah recolheu o dedo e o mirou na direção da moça.

— Não! — Revidei, enrijecendo o corpo e cerrando os olhos. — Noah nunca faria isso! Você não o conhece, não sabe quem ele é!

Ela riu novamente, incrédula. O sorriso despontando de seus lábios sarcásticos, enquanto franzia as sobrancelhas em sinal de zombaria.

— Não foi ele que a deixou, *foi ela*! Ele só quer se recuperar do término indesejado, com alguém que ao menos se pareça com essa garota! Ele só está te usando para preencher o vazio que ela deixou!

Neguei com a cabeça, dando passos para trás, sentindo cada músculo do meu corpo se reprimir ao escutar suas palavras. Eu não podia acreditar em tamanhas mentiras, ela só podia estar blefando! Eu conhecia Noah, sabia quem ele era, conhecia sua essência... *Ele não era o tipo de rapaz a fazer isso.*

— Para com isso Mariah! — Olhei em seus olhos, balançando a cabeça. — Não vê que precisa de ajuda? Precisa se lavar de toda mágoa que sente, encontrar um propósito maior para...

— Não! — Ela segurou meu punho, afunilando os olhos para mim. — Se eu não ficar com o Noah, você também não vai! E sabe quem vai ficar com

ele no final das contas? *Ela*. Odeio admitir, mas ela sim, ela sempre foi o amor dele. *E você nunca será ela.*

Respirei entrecortada, sentindo meu coração afundar dentro do peito. Eu nunca tinha duvidado de Noah, mas todas aquelas informações eram tão impersistentes. Como...? *Não era possível Noah ter mentido para mim.* Ele mesmo havia pedido para que eu o esperasse até seu coração ser curado por completo... Mariah não sabia disso! Ela não o conhecia de verdade.

— Chega! — Puxei meu punho com força, afastando o tronco abruptamente. — Chega, ouviu? Não vou mais ficar aqui escutando suas palavras vazias. E outra, é você que não entende nada! Acha que pode ter o mundo ao seus pés, mas na realidade só está mentindo para si mesma. Deve abrir seus olhos, antes que seja tarde.

Mariah me encarou por algum tempo, e travou a mandíbula.

— *Eu*?! — formulou a palavra com vontade. — Tem certeza que sou *eu* que devo abrir os olhos? — Vincos apareceram em sua testa. — Acho que quem mente para si mesmo é você, garota. O que foi? Achou mesmo que ele era o cara perfeitinho dos seus livros de romance? Que... ah sim, que você era a garota "*diferente das outras"*, e que ele deixaria tudo por você? Que seria fiel só a você?

Minha respiração acelerou. Eu sentia as gotículas de suor na minha testa. Meu peito já estava apertado de tanto desgosto.

— Ownt... — Ela fez bico. — Você achou mesmo? Acreditou que a vida é um conto de fadas, e que iria viver alguma história boba dos seus livros? Aquelas que o cara popular se apaixona pela pobre coitada? — Mariah riu, com escárnio. Eu só conseguia me sentir humilhada, exposta e incrivelmente tola. Como aquelas palavras tinham o efeito de me ferir tanto assim? — Homem perfeito não existe, todos são iguais, aprende!

— Para! — Falei mais alto e com autoridade na voz, quase como se fosse um grito. — Não é culpa minha você ser amargurada! *Eu. Não. Tenho. Culpa.*

A loira me olhou torto, pronta para continuar destilando seu veneno. Eu conseguia ver sua expressão se fechar subitamente, então — antes que fosse tarde demais — dei as costas e saí dali rapidamente.

— Não adianta! — Ela gritou de longe, a voz ecoando a passos de distância. — No fundo você sabe que eu estou falando a verdade!

A ignorei por completo, fingindo que não tinha escutado sua voz. Enquanto andava sem rumo, usei as costas das mãos para limpar o suor da testa. Comecei a ruminar as palavras de Mariah cautelosamente, que mais pareciam martelos a todo momento batendo em meus pensamentos. Elas pareciam se repetir mais e mais vezes, enquanto eu evitava olhar para as pessoas. Me sentia amedrontada.

Quando nem imaginava, meus olhos se encheram d'agua. Prendi os lábios entre os dentes e respirei fundo, atravessando a quadra lotada de jovens. Me esbarrei em uma garota, que resmungou algo quando passei por ela; lembro de ter pedido desculpas e ter continuado andando sem rumo.

Senti o choro entalar na garganta, me questionando sobre tudo. As vozes e risadas das pessoas acabaram se misturando com as tentativas de lembrar o que o rosto de Noah expressava, nas vezes que mencionou sua ex namorada.

A quadra se encheu de risadas novamente, e eu avistei as portas do fundo que davam para o pátio. Estava pronta para sair dali e talvez me refugiar em algum canto isolado do campus, quando senti uma mão me puxar de volta. O toque me fez virar por inteiro na direção da pessoa.

— Está tudo bem Déh? Por que está indo embora? — Meus olhos encontraram os de Noah, que segurava minha mão com apreço. — Você desapareceu, nossa, fiquei tão preocupado. Levei o lanche para a nossa mesa, mas não te encontrei. Te procurei feito louco, achei que tinha acontecido algo.

Observar seu rosto com riqueza de detalhes, só me deixava ainda mais sem reação; eu não conseguia dizer nada. Olhei para chão, me sentindo mal

por duvidar dele, que por algum motivo me fez presumir que eu estava errada. O que eu ia fazer? Eu realmente não sabia, *não naquele momento.*

— Espera... Você está chorando? — Ele levou a mão até meu rosto e acariciou meu queixo — Seu nariz está vermelho, está tudo bem com você?

O toque suave, me fez olhar novamente para ele e para seus olhos tão verdes quanto uma campina. *Aqueles olhos. A rodoviária. O ketchup. Seu retrato. Irritadinha. Loirinho. A pulseira. Nossas lembranças. Aquilo que éramos.*

Bati as pestanas depressa e desviei o olhar.

— Eu quero ir embora Noah, por favor, posso ir?

— Mas por que? — questionou, preocupado. — Tudo bem, eu te acompanho. Mas antes, por favor, me fala o que aconteceu...

Pressionei os olhos e tomei coragem para falar tudo o que tinha escutado, para tirar todas aquelas dúvidas que foram implantadas na minha mente. Antes que as palavras se formulassem em minha boca, gritos eufóricos invadiram a quadra.

— O reencontro do ano! — Um atleta alto e de fisionomia amistosa gritou. — Há!! Olha para cá amigão!

Olhei ao redor, meus olhos perambulando pelo lugar, lotado principalmente pelos garotos do time do Noah, que gritavam exaltados e alegres ao mesmo tempo. Congelei onde eu estava, ao perceber que eles queriam que Noah se reencontrasse com sua ex.

Noah arqueou as sobrancelhas e segurou minha mão, ainda olhando para mim com preocupação. Desviei os meus olhos dele, para Jack e para a moça cacheada ao fundo. Os dois pareciam cochichar algo, e ela escutava com atenção tudo o que Jack dizia.

— Noah! Você vai ter uma surpresa. — Riu Darlan, o garoto que me cumprimentou no dia em que eu andava com Noah pelo campus, no começo do ano.

Os gritos dos jovens se tornaram comoção no momento em que Noah se virou ao escutar seu nome, dando de cara com aquela que um dia o fez suspirar. Todos bateram palmas sorrindo, como se ele e a moça cacheada ainda fossem um casal. A adrenalina corria pelas minhas veias ao tentar raciocinar o que acontecia. Eu olhei para ela, que me observava subitamente; estava afastada de nós, mas eu sentia como se estivéssemos perto, cara a cara.

Meus olhos voltaram para Noah. Algo em seu olhar, me fez entender as palavras de Mariah. Engoli em seco ao constatar que ele estava extasiado, sem reação, e um tanto admirado. *Eu sabia.* Eu podia ver em seus olhos que no fundo, ele estava mexido com a presença dela. Noah franziu o cenho e a olhou novamente, soltando minha mão devagar.

— Ah é! Se abracem! — Darlan incentivou. — Vamos, não sejam tímidos! Vocês sempre foram os melhores.

— É, vai lá Noah! — Outro garoto loiro gritou de longe.

Os outros jovens começaram a bater palmas e incentivar o reencontro deles, sempre deixando claro que ainda os viam como um casal. Jack olhou ao redor, e soltou o braço dela, a deixando livre para o "abraço". Com todos os incentivos, não vi Noah fazer menção de sair dali comigo, ou pedir para que parassem de forçar um encontro com a moça. Já ela, sorria sem mostrar os dentes ao olhar profundamente para Noah.

— Se não querem se abraçar, é porque vai rolar beijo! E aí galera, apoiam? — Um capitão de um dos time anunciou, e todos incentivaram.

Vi Jack rir, achando graça de tudo aquilo. Noah não se moveu, nem ao menos disse nada.

Aquilo foi a gota d'água para mim. Olhei para uma das escadas, e vi Mariah no topo, sorrindo como se estivesse dizendo que sempre esteve certa. Minha mente dava voltas, ao escutar os incentivos animados dos presentes ali. Me senti desconsiderada como nunca antes, ou melhor: *apagada*. Por muitos momentos em minha vida — antes de recuperar a autoestima e superar a timidez com muita oração —, eu já havia sofrido muito bullying e também já tinha sido chateada por pessoas próximas que eu apreciava. Mas ali, parada, vendo tudo aquilo acontecer com meus próprios olhos, era muito mais doloroso do que tudo que eu já tinha passado.

Tomei noção que Noah só ia ficar parado aceitando aquilo, os incentivos, as afirmações convictas, e encarando sua ex. Então virei as costas e me preparei para desaparecer dali. Senti sua mão segurar a minha nos primeiros passos que dei.

— Por favor Déh, me espera — ele sussurrou e olhou para mim, apreensivo.

Senti um nó na garganta se formar. Acabei o encarando com tanta decepção, que deixei bem claro isso em meu olhar. Puxei meu braço para correr, mas minha pulseira enroscou em seu terno. Ele desviou os olhos de mim para o seu braço, tentando me ajudar com a pulseira. Apenas bufei e puxei minha mão com força, fazendo com que ela caísse no chão. Não deu tempo de pega-la de volta, então só continuei meu caminho.

Não olhei para trás, apenas corri como se não houvesse amanhã. Passei a mão no cabelo me sentindo ingênua, tola, sentindo que havia feito papel de boba o tempo todo, e me culpei amargamente por isso. Esbarrei de novo em alguém e só percebi que meu vestido estava manchado, quando vi o copo de refrigerante caído no chão. Daquela vez não deu tempo de me retratar, então empurrei uma das portas que davam para o pátio com força.

Apertei minha mão contra o peito, com vontade de arrancar aqueles sentimentos de mim. Porque Noah ficou parado, aceitando tudo aquilo? Por que fez isso? Eu estava ali, do seu lado. Será que não tinha um pingo de consideração comigo?

As pessoas no corredor me observaram correr rápido, me julgando pelos modos. Passei para o outro lado do corredor, entrando no campus. A lua ainda brilhava sobre a grama verde, e meus passos ecoavam pelo lugar. De repente, acabei sendo puxada para trás. Quando pensei que iria cair, braços fortes me seguraram e notei que era Jack.

— Ei, ei. Nossa, se acalma, não fica assim.

Me afastei dele assim que me estabilizei, e lhe lancei um olhar cortante. Seu jeito tão dissimulado de ser, era ridículo. Jack com certeza tinha sido cúmplice da Mariah. Ele estava com a moça, a levou até lá e riu com deboche ao ver como Noah ficou ao ver a ex.

— Por que me seguiu? — perguntei, minha voz saindo rouca pelo choro. — Como conseguiu me seguir até aqui?

Jack esfregou as mãos e as passou no cabelo.

— Você foi embora parecendo tão abalada, não queria te ver assim, então vim correndo até você. — O garoto segurou meu braço, com uma expressão de pena. — Olha, o Noah não merece você, Déh! Agora você sabe quem ele é. Poxa, ele literalmente não fez nada a respeito de insinuarem que ele ainda tem algo com a Maya.

Maya, então era esse o nome dela.

— Ele é um babaca, sério. — Jack apontou na direção da quadra. — Ele te fez passar vergonha!

Encarei a grama, não queria escutar mais nada vindo da boca daquele garoto.

— E você não tem nada a ver com isso, Jack! — Tornei meu olhar para ele, expressando indignação. — Por favor, me deixa ir embora!

Ele ficou parado sem reação. Até que soltou meu braço e eu não olhei para trás, continuei correndo. Senti o vento bater em meu rosto, o cabelo

grudando na boca, sentindo meu coração latejar nos ouvidos. Abri a porta do dormitório, e assustei as meninas que já estavam deitadas em suas camas.

— Déh? — Leh perguntou, jogando o lençol para fora dos pés e se levantando da sua cama. — Meu Deus... O que aconteceu?

Fechei a porta com rapidez e me deixei deslizar por ela, até cair no chão. Passei as mãos no rosto repetidamente, tentando dizer para mim mesma que tudo aquilo não passava de um pesadelo.

— Oh céus, seu vestido está todo manchado! — Notei que era Fran falando. — Ai que horror, ele era tão bonito! Oh Déh, olha para gente. O que foi?

Encarei o chão; *aquilo era a vida real*. Levantei o olhar para as duas, que estavam de pé me observando. Fran estendeu a mão e eu segurei. Quando me levantei, Leh me conduziu até minha cama.

Eu só sabia esfregar as mãos, engolindo o choro compulsivo que queria vir. *Eu não ia chorar.* Apenas me culpava por ter sido tola, enganada e iludida. E, pode ter certeza, esse é um dos piores sentimentos. É claro que eu sabia que ela significava algo para ele, não o culpava por isso, mas nunca tinha esperado que Noah ainda sentisse algo a mais pela ex. *No seu olhar, eu vi.* Devíamos ser fiéis um para com o outro, então por que ele estava quebrando esse princípio?

— Você está nos assustando, Déh... — Leh apareceu com um copo de água para mim. — Aí minha nossa, foi a Mariah?

Segurei o copo e encarei a água cristalina no copo de vidro. Fran estava sentada ao meu lado, e bateu o pé com força.

— Ah, se foi aquela loira oxigenada, ela vai ver o que é bom para tosse! Argh, aquelas garotas são tão fúteis. Sério, por favor alguém pode mandar um "se manca" para elas? Se não tiver alguém, eu mesma faço isso!

Virei a cabeça para o lado, e passei a mão na testa, bebendo o líquido do copo. A luz forte do dormitório, me fez fechar os olhos por algum tempo.

— Ah não estou aguentando mais isso! Déh, fala alguma coisa. — Leh insistiu, quando deixei o copo de vidro na cômoda. — Qualquer coisa, sério, só fala com a gente...

Estiquei as costas, inspirando e soltando o ar com firmeza. Inspirei mais uma vez, até escutamos batidas repetitivas ecoarem na porta. *Eu sabia muito bem quem era.*

— Por favor Déh... vamos conversar. — Era Noah. — Me escuta, eu preciso conversar com você, por favor.

Fran franziu o cenho e se levantou rápido, procurando seu chinelo que devia estar espalhado no dormitório com a agitação de minutos antes.

— Ele é louco? O que ele está fazendo na porta de um dormitório feminino? — questionou, ao calçar o par de chinelos.

— Minha gente, ele pode levar uma advertência horrenda por causa disso. Pode até perder o emprego, é extremamente proibido meninos pisando aqui. — Leh pegou o copo e andou alguns passos, até que se deteve e olhou para mim. — Déh... por acaso o motivo de você estar assim é...

— *Ele*. — Encarei o carpete e descansei a mão no joelho.

Mais algumas batidas na porta.

— Por favor... preciso falar com você — ele pediu novamente. — Déh... está aí?

Dúvidas encheram minha mente, eu devia falar com ele ou não? Apertei os dentes, eu era forte. Eu precisava resolver aquela situação. Tinha que vencer essa barreira.

Me levantei da cama com um sopapo, bati a mão no vestido, olhando para a mancha de refrigerante — no que já tinha sido um belo vestido branco enfeitado por flores. Não deu tempo de conferir se tinha rímel espalhado pelo meu rosto, mas não me importei. Avancei alguns passos, indecisa.

— Déh, se é ele o culpado disso, não vai — Fran alertou, preocupada.

— Eu preciso esclarecer as coisas. — Respirei fundo. — É agora ou nunca.

Quando abri a porta devagar, me deparei com a figura de um Noah exausto e ofegante por ter corrido. Ele estava de cabeça baixa, os fios loiros caindo sobre os olhos. A porta rangeu, e naquele exato momento ele olhou para mim, ajeitando a postura com destreza.

O silêncio pairou sobre nós. Um abismo de palavras não ditas. Apenas as palavras de Mariah fazendo uma ponte invisível, e a lembrança dele parado na quadra deixando todos afirmarem que ele ainda era o par romântico da... *Maya*.

— Podemos... conversar? — Sua voz saiu quase num fio, e desviei o olhar.

— Sabe que está quebrando regras aparecendo aqui — falei, sem expressão.

Noah sentiu minha frieza. Ele olhou para os lados e tornou o olhar para mim.

— Te prometo ser breve... por favor?

Acabei soltando um suspiro pesado, e demorei para assenti com a cabeça. Nos dirigimos até alguns bancos, bem perto do dormitório, que davam vista para o campus. Uma árvore verde e bem alocada, tinha seus galhos balançando pelo soprar da brisa daquela noite, que já estava gelada.

Me sentei no banco de pedra e Noah fez o mesmo. Me afastei um pouco, e apoiei as palmas das mãos no banco gélido. Não tive vontade de olhar para ele.

— Eu... — Noah começou, então parou de falar para dar uma sequência de suspiros desanimados. — Bom, ela é...

— Sua ex namorada. Eu sei — respondi, olhando para o campus fixamente. O vento balançava meu cabelo devagar.

Daquela vez, ouvi Noah soltar um ar pesado dos pulmões. Eu o entendia, sim, o compreendia bem. Sabia que ele já tinha sofrido demais por ela, e eu não estava ali para julga-lo ou condena-lo, mas... *por que seu olhar me fez questionar o que ele realmente sentia por ela?*

— Déh, a minha história com ela foi muito complicada. — Ele passou a mão no cabelo. — Eu não... olha, você...

— Eu te entendo, sério, ela fez parte da sua vida. — O interrompi, ainda sem coragem de olha-lo nos olhos. — Nunca vi problema nisso, eu nunca ia recrimina-lo, porque querendo ou não ela é parte da sua história.

Noah balançou a cabeça, com o cabelo acompanhando o movimento, e se virou para mim.

— Ela foi sim parte da minha vida, uma parte obscura. — Engoliu em seco, e pressionou os olhos, receoso. — Como eu já disse nossa relação foi complicada, conturbada e um tanto tóxica para ambos. Você não sabe, mas... *eu vivi um julgo desigual.*

Minha mente tentou trabalhar depressa para compreender o que tudo isso envolvia. Tornei a olhar para ele mais uma vez, com os olhos semicerrados e o cenho franzido.

— E sim, eu me desviei dos caminhos do *Senhor* por causa dela. — Ele cerrou os dentes, pensativo. — Não gosto de ficar relembrando dessa época da minha vida, eu era totalmente diferente do que sou hoje. Nem eu mesmo

me reconhecia, foi uma fase difícil, fui uma ovelha perdida, traçando caminhos maus...

Me calei por algum tempo.

— Por que não me disse? — questionei chateada. — Por que deixou isso em sigilo? Pensei que não havia segredos entre nós.

Me senti ofendida. Eu sentia como se ele tivesse me apagado de alguma parte da sua vida. Noah colocou uma mão no rosto, e respirou fundo.

— É difícil para mim lembrar de tudo isso. Eu sofri muito com as consequências acompanhadas dessa decisão errada. — Ele suspirou em lamento. — Principalmente quando ela terminou comigo, e percebi que estava vivendo na ilusão.

Então era isso :"*um término indesejado...?"* Eu não podia me deixar levar pelas palavras de Mariah, não queria que elas fossem verdadeiras.

Virei o rosto para o lado e apertei a mão, ainda sem olhar diretamente para ele.

— Me escondeu tudo isso... e agora me diz, por que? Por que fez isso? — Pressionei a mandíbula. — Eu não acredito que não teve coragem de me contar tudo o que aconteceu com você... Eu não entendo. Achou que eu ia julga-lo?! — Engoli em seco. — Noah, você confia em mim?

— Confio! — disse alarmado, levantando as mãos. — Eu confio em você, por favor! Mas... eu não me sentia preparado para te contar tudo isso, eu queria... *quero*, me recuperar primeiro de tantas coisas do meu passado. Eu precisava de mais tempo para te contar. Só não achei que fosse o momento certo para expor tantas coisas que *eu* fiz.

Balancei a cabeça, incrédula por escutar aquilo. Ele me escondeu tudo, nem sequer confiou em mim. Então eu não era parte da sua vida? Ele tinha achado melhor me omitir tudo isso? Por que e para quê?

— Ah, então "*não era o momento certo"...?* E quando ia ser? Noah, eu podia te ajudar! Você guardou tudo isso para você, entende como quebrou nossa confiança? Eu achei que sabia coisas sobre você, que te conhecia de verdade.

Noah balançou o rosto e as mãos também, atordoado ao escutar minhas palavras.

— Não fala assim. Tudo bem, eu sei que devia ter falado logo tudo sobre o meu passado, mas...

— Mas? Como assim "mas"? — Contorci o rosto, sentindo cada partícula do meu corpo estremecido. — Não consegue entender o quanto errou comigo?! Não consegue ser humilde e ter consciência do que fez?

— Oh céus, você pode tentar me escutar, por favor? — Falou por cima da minha voz.

Nos encaramos sobre a luz do luar, um vento gelado batendo em nossos rostos.

— Entender...? Ah sim, você quer que eu entenda o quanto você me excluiu do seu passado e da sua vida?

— Não leva as coisas para esse lado... eu não fiz isso. Olha, você está entendendo tudo errado e nem sequer procura se acalmar para a gente conversar. Seja mais passiva Déh, não estou te reconhecendo!

Encarei o chão, e dei uma risada amarga.

— Agora eu sou a errada por querer saber mais sobre você... ah sim. Me desculpe, sério, não foi minha intenção te ofender querendo construir um bom relacionamento com você; um relacionando de confiança!

Ele negou com a cabeça tentando repousar seus olhos em mim, então buscou minha mão e a segurou.

— Eu não te exclui, já disse, só me entende. Por favor, presta atenção no que eu vou falar. Eu vim atrás de você para te explicar tudo.

— Você não veio atrás de mim por isso. — Apertei os olhos, ressentida. — Você veio porque está se sentindo culpado por ter ficado parado, aceitando o que todos estão afirmando por aí : que você e ela ainda são um casal!

Ele se esquivou para trás ofendido, e me olhou calado.

— Não — respondeu, sério. — Isso não tem nada a ver. Eu só quero que você saiba o quanto é assustador para mim revê-la depois de tanto tempo. — Ele fechou os olhos e apertou minha mão. — É horrível ter o passado na sua frente, suas lembranças antigas voltando sem mais para menos.

— Olha para mim — pedi. Ele abriu os olhos, me encarando profundamente. Meu coração se apertou. Engoli em seco, sentindo o choro vir. — Por favor, eu sei e entendo que sentiu muitas coisas ao ver ela. Mas, me diga por favor, que não sentiu nada além do que as lembranças que viveu com ela... nada mais que isso. Não minta para mim Noah, seja sincero, por favor.

— Déh... eu... — Ele abriu a boca por segundos a fio. *As palavras não vieram.* Ele tentou falar mais uma vez, mas se calou, desviando os olhos para a grama.

Levei segundos para constatar o inevitável. *Ele ainda sentia algo por ela.* Meu peito ardeu de raiva e indignação quando percebi o quanto havia me enganado a seu respeito.

— Entendo o seu silêncio como uma resposta! — Estremeci ao mencionar essas palavras. Afastei minha mão e me levantei.

Ele voltou sua atenção para mim, totalmente desacreditado. Esfreguei as têmporas para aliviar a tensão que já havia se acumulado.

— É sério isso? Déh, para de tentar me afastar, por favor! Pensei que fosse mais compreensiva... que realmente estava disposta a me escutar. — Ele pareceu chateado e se levantou também. Encolhi os ombros, de costas para ele. — Só estou te pedindo para me entender, qual o problema disso?

Prendi os lábios entre os dentes, forçando-me a engolir minhas palavras.

— Não julgo o seu passado... — Fechei o punho com força. — Mas eu não mereço sofrer pela sua indecisão!

Houve um silêncio por breves segundos.

— Está sendo impulsiva, não está vendo isso? — Tocou meu ombro. — Se coloca no meu lugar, é só isso que eu te peço.

Eu podia estar parecendo volúvel ou impulsiva, mas sentia que nossa confiança havia sido quebrada.

— *E o meu lugar*? — Afastei o ombro. — Você não vê o quanto isso é difícil para mim? Você não confiou em mim, preferiu guardar tudo para si! E eu... não questionei nada porque não queria chateá-lo. — Meus olhos se encheram de água. — É fácil para você, eu não tenho nenhum histórico de relacionamento como você tem. Eu não tenho um "passado" para faze-lo questionar como *eu* estou me sentindo.

Balancei a cabeça me sentindo boba por não ter cobrado as informações do seu passado, ingênua a ponto de achar que ele confiava em mim.

— Eu sei disso Déh, mas eu não posso voltar no tempo para evitar as coisas que fiz. — Ouvi ele suspirar longamente. — Não me enxerga como seu inimigo... eu não sou! — Ele pediu com a voz calma.

— *Você precisa de um tempo.* — As palavras mal saíram da minha boca e eu realmente não desejava que elas fossem ditas. Me virei para ele, e no mesmo instante me afastei.

Noah não pareceu entender de imediato, mas quando captou minhas palavras levou um choque de realidade.

— O que quer dizer com isso? — Suas sobrancelhas se juntaram, firmando um vinco na testa. — N-não me diga que...

Respirei fundo, pondo uma mão na cabeça e encarando o chão.

— Você está confuso e precisa pensar melhor, se entender melhor. — Olhei para o lado e senti uma lágrima descer no rosto. — Um tempo para compreender o que realmente está sentindo.

— Por favor, não faz isso! — Senti ele se aproximar. — Déh, não me afasta de você, eu te peço!

— Não vou aguentar Noah! — Engoli o choro. — Não vou aguentar ver essa indecisão em seus olhos. Não vê o quanto isso me machuca?

Ele tocou meu braço e me virou para si. Seus olhos aparentavam espasmo, um desespero súbito.

— *Eu não quero te perder.*

Meus olhos lacrimejavam, mas eu tinha que ter coragem para tomar uma decisão que com certeza ia me doer. A decepção batia forte em meu peito, *mas eu devia fazer isso.*

— Não me procure até entender o que está sentindo, até eu poder tirar esse ressentimento que estou sentindo de você.

Seus olhos pareciam inquietos, ele segurou meu braços e olhou para o chão.

— Por que não pode me compreender? — sussurrou. — Por que? Sempre achei que fosse uma garota compreensiva, que me entendia, amável, diferente... não quero ter me enganado com você. *Eu não quero.* Não me faça questionar isso da sua pessoa.

Mantive o olhar fixo no campus.

— *Meu coração não é um brinquedo Noah*, eu conheço o meu valor.

Ele levantou o olhar para mim, e me encarou calado.

— Eu sei disso! E-eu nunca disse que você não tem valor. Por que está complicando as coisas? Por que está dificultando tudo? Eu só pedi para me entender, e tudo o que você faz é jogar na minha cara as coisas que eu fiz de errado? Não pode parar um minuto e ter empatia por mim? Não acredito que você é assim, não acredito que possa ser tão incompreensiva, que realmente não está disposta a ter uma conversa normal comigo!

Me desprendi de suas mãos e o deixei ali, parado. Não conseguia mais falar nenhuma palavra, e fui avançando o meu caminhar. Enquanto prosseguia, parei, e me virei para ele.

— Não coloque a culpa em mim pelos seus erros — falei por cima do ombro, então levantei o queixo e me virei para frente, enquanto uma lágrima solitária descia em meu rosto.

Mordi o lábio inferior, sentindo as lágrimas quentes e deprimentes descendo pelo meu rosto. Meu nariz ardia, enquanto minhas mãos serviam de lenços para enxugar o rosto molhado. Levantei o olhar para o céu, e fechei os olhos, sentindo meu coração em pedaços, sentindo a culpa me corroer. Ele não veio atrás de mim.

Entrei no dormitório soluçando, tentando me convencer de que tinha feito o certo.

— Oh, minha nossa, Déh... — Leh veio ao meu encontro. — Você parece pior, quê que aconteceu?

Fran deu alguns passos a frente e pôs as mãos na cintura.

— Eu disse para você não ir... amiga, você não merece sofrer desse jeito. Fala o que foi... por favor.

Cada parte do meu ser, desejava que as coisas fossem diferentes. Mas não, aquilo havia acontecido, não ia se resolver com um toque de mágica e simplesmente sumir.

Leh se aproximou de mim estendendo os braços, e eu a abracei enquanto soluçava, chorando compulsivamente.

— Acabou. — Minha voz saiu cortante e dolorosa.

— O que? — Fran parecia chocada ao extremo. — Você e o Noah...? Não, não pode ser.

Fran veio até nós e nos apertou no abraço, enquanto eu senti a dor afundar em meu peito. Chorei, chorei tanto que minha visão ficou turva.

— E-eu sinto muito, Déh, meu Deus, eu não sei o que falar... — Leh se calou aos poucos.

— Estamos aqui — Fran afirmou.

Levantei o olhar e em meio as lágrimas, avistei o retrato de Noah no canto da parede. Olhar para aquela figura, só me fez sentir ainda mais decepcionada. Eu não sabia como fugir disso tudo, apenas deixei que as lágrimas falassem por mim. Mariah estava certa: a vida não é um conto de fadas.

♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇♡
Ehhh... oi? Aí meu Deus, que capítulo bombástico, em?

Tô até com medo do que vocês vão me responder, mas lá vai: o que acharam do capítulo de hoje?

Essa revelação do passado pegou todos nós de surpresa, confesso. Estou abordando um tema muito importante: julgo desigual. Vou aprofundar o que eu trouxe com muitas reflexões. Vocês irão entender tudo no livro dos meninos, toda a visão do Noah também.

O que acham que vai acontecer daqui para frente? Sim, nosso casal amado não é mais um casal. Vocês acham que a Maya vai tentar falar com Deh?

Esta é a última votação que faço sobre o livro dos meninos. Por qual deles eu devo começar:

( ) Noah
( ) Lucas
( ) Alex

É isso, um beijo para vocês e que Jesus venha iluminar seus passos!

Vota na estrelinha, plis?❤

♡◇♡◇♡♡♡◇♡♡♡♡♡♡♡♡♡◇♡◇♡◇♡◇♡◇

Capítulo 34

Leh
Minha Sirius.

Os tons alaranjados do fim de tarde adentravam a janela do dormitório, enquanto eu assoprava o meu café, seu vapor embaçando minha visão. Na escrivaninha, estava a minha bíblia, aberta em *João 2:14-15:*

"*Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno. Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo."*

Dei um sorriso puro ao ler essa *Palavra de vida* em meus pensamentos. *Eu me sentia em paz.* Era difícil de explicar o quanto fui moldada, e o quanto eu me sentia realmente firmada em Cristo... É estranho pensar que momentos difíceis vem para estruturar nossa vida de alguma forma, nos tiram da zona de conforto e nos fazem desbravar novos horizontes. É no silêncio que Deus trabalha, e nas lágrimas sinceras derramadas para o Senhor que somos reconstruídos. *Até porque, um diamante não se torna um diamante se não passar por uma alta pressão.*

Apoiei uma mão no queixo e olhei para os lados, sentindo o quanto o dormitório estava vazio, principalmente sem a presença da Déh. *Ah, a Déh.* Ela estava se dedicando tanto aos estudos que mal dormia, só para passar nos testes. Eu tinha certeza que o real motivo de tudo isso, era sua "válvula de escape" para equecer do afastamento que teve com o Noah.

— Ah, se prepara que você nem vai acreditar! — Me assustei com a porta sendo empurrada pela Fran.

Virei a cabeça em sua direção, e a olhei por cima do ombro.

— Hum...?

Fran parou no meio do dormitório e cruzou os braços.

— Adivinha o que vamos ter de evento — soltou, literalmente do nada.

— Tá tendo pizza no refeitório? — apostei.

— Não. — Balançou a cabeça. — Mais uma chance, e te dou chocolate se acertar!

— Ah, agora é pressão psicológica! — acusei, apontando o dedo para ela.

— Eu sei, vai, fala aí!

— Tá tendo apresentação? Nossos pais vieram visitar a gente? Notas altas para todo mundo?

— Nada disso. — Riu. — Tá ruim, em Leh?

Fiz uma careta de desgosto e ela zombou de mim com o olhar. Foi aí, que aproveitei para provocar:

— Ah, já sei! Pimba!

— Fala.

Levantei as mãos, fazendo um arco bem dramático. Dei risada do meu exagero, *o momento merecia.*

— O evento do ano finalmente aconteceu! — Espiei sua expressão de neutralidade. — Todos já esperavam, todos aguardavam o momento tão almejado! Finalmente, ele deu jus ao sobrenome! *Lucas Cavalier se declarou!*

Fran se voltou para mim no momento exato que me escutou, estava prestes a falar algo, mas hesitou.

— Para de graça, dona Letícia. — Me olhou torto. — E outra, o sobrenome dele significa *cavaleiro*, não cavalheiro.

Torci o nariz e balancei a cabeça.

— É quase a mesma coisa!

— Não é não — revidou.

— Ah, então andou pesquisando sobre o sobrenome dele... — Dei risada, me divertindo.

Achei *muuito* estranho ela não reclamar, ou reforçar que eles não combinavam e blá, blá, blá... *Bom, isso só significava uma coisa*. *Nãooooo*, ela havia se apaixonado? Eu assisti de camarote esse romance acontecer!

— E aí? Desiste, minha filha? — a mesma interrompeu minhas fanfics.

Tentei pensar em eventualidades legais que poderiam acontecer, mas fracassei.

— Desisto. — Arfei. — Conta, estou ansiosa para saber.

Fran olhou para o guarda roupa e juntou as mãos com um sorriso.

— Uma viagem!

Levei a mão até a boca, e demorei um tempão para processar essa notícia.

— Não tem como, Fran. Como a gente vai...

— Oh Letícia, que viajar sozinha, o quê? A *escola* vai levar a gente até os pontos de referência da cidade! — Ela deu pulinhos saltitantes. — Tem até um "acampamento" para visitar, acredita?

Fechei minha bíblia e a guardei na gaveta, junto com minhas anotações do devocional.

— Então, vai ser tipo... a escola toda? — Dobrei uma perna na cadeira.

— Bom... quase isso. A viagem do primeiro ano está agendada para depois da nossa. A do terceiro ano, perto da formatura deles, que está bem próxima. — Fran arrastou suas bagagens e as colocou em cima de sua cama.

Me levantei da cadeira e me abaixei para pegar meus livros que estavam na estante.

— Sabe quando vamos?

— No final de semana, parece. — Fran já estava dobrando as roupas.

— Fran, você sabe que hoje é... *quinta*, né?

— E amanhã é sexta e depois já é sábado — debochou, pomposa. — Melhor prevenir do que remediar!

Balancei a cabeça e joguei um travesseiro em sua direção, ela fez uma careta e o arremessou de volta para mim, dando risada.

Acabamos por deixar tudo organizado, por causa da pressa da Fran. Quando a noite caiu, todos nós fomos chamados para o anúncio oficial da viagem. Eu e a Fran fomos juntas, já que a Déh ainda não tinha aparecido. Na volta, seguimos caminho até o pátio e acabamos a encontrando em um dos puffs do corredor, estudando física — a matéria que a Déh detestava.

— Déh? — Fran chamou, tocando seu ombro levemente.

Ela levantou o olhar, com um tanto de olheiras ao redor dos olhos e o cabelo bagunçado.

— Ah...oi. — Bocejou rapidamente. — O que estão fazendo aqui?

Balancei a cabeça e me aproximei.

— A gente veio por causa do chamado da direção, e... estávamos preocupadas com você. — Eu e Fran nos entreolhamos. — Agora você passa todo o seu tempo estudando, Déh!

Déh fechou os livros e desdobrou as pernas, passando a mão pelo cabelo.

— Ah meninas, só acho que devo melhorar com minhas notas, sabe? — Cobriu os olhos com a mão.

Fran deu uma olhada rápida para mim e respirou fundo. Ela com certeza ia tocar no assunto que a Déh estava evitando a dias: *Noah*.

— Déh, você ainda está chateada com...

— *Já passou.* — Ela cortou rápido a menção do nome dele. — Só estou preocupada com minhas notas, a rotina está apertada e tudo mais.

Prendi os lábios entre os dentes; ela não havia esquecido coisa nenhuma! Eu também já estive me sentindo como ela, *e não era fácil*.

— Bom... — Déh enrolou os dedos no cordão da blusa de frio. — Qual foi o anúncio?

Um sorriso brotou nos lábios da Fran.

— Vamos visitar alguns pontos principais da cidade, com o objetivo final de passarmos alguns dias em um acampamento exclusivo da escola!

— Viajar? — Olhou para nós, incrédula. — Todos...?

Fran arrumou o bolso do uniforme.

— Sim, e vai ser extraordinário — falou, toda entusiasmada. — Imagine só, uma viagem com nós três!

Déh virou as costas para pegar seus livros. Estranhei seu silêncio — por mais que ela já estivesse assim.

— Algum problema, Déh? — Deitei a cabeça, a olhando por outro ângulo.

Ela pegou seu último livro e suspirou.

— Mariah vai estar lá — confessou.

— Déh, ela estuda na *nossa* sala — Fran a lembrou. — Você a vê todos os dias, isso não vai ser problema.

Começamos a andar, indo na direção do dormitório.

— É diferente. Na sala ela sabe que pode levar alguma punição. Mas em uma viagem... — Vi ela apertar o livro. — Não quero ser humilhada como fui.

Eu e Fran olhamos uma para a outra, sentindo a dor dela. Fran segurou seu ombro esquerdo.

— Ela nem é louca de se aproximar de você! Deixa ela tentar para ver!

As alcancei e segurei o ombro direito da Déh.

— A gente te protege, ouviu? — falei confiante.

Déh parou de andar de repente, e colocou a mão no rosto.

— E... se eu ver... *eles* juntos? — Sua respiração estava pesada.

Apoiei minha mão no seu cabelo.

— Déh, você sabe que *eles* não estão juntos. Ela é do terceiro ano, nem vai estar na nossa viagem. E outra, não acredito que o...

— Eu sei — interrompeu. — Mas, só não quero ver ele. *Não agora.*

— Então não vai. O que os olhos não veem o coração não sente! — Fran foi poética. — Vamos estar com você, entendeu? E vamos aproveitar a viagem o máximo!

Vi a ponta de um sorriso se formar no rosto da Déh.

— Tá bem... vai ser legal.

Continuamos andando juntas pelo corredor, e foi aí que me toquei. Eu estaria próxima de Alex por causa da viagem, do acampamento... Não me parecia algo tão devastador quanto antes, mas ainda assim mexia comigo de alguma forma.

****

As malas já estavam prontas. A minha lotada de livros, é claro, o que pareceu loucura para a Fran. Fazer o quê? Eu sempre levava meus livros comigo.

Tia Sunny — que com certeza já estava sentindo a nossa falta —, nos chamou para pegar alguns lanches para a viagem, já que "*iriam estragar se alguém não comesse".* Fran estava atarefada fazendo o cabelo das meninas para a viagem, e a Déh decorando falas do teatro, então fui com agrado — queria espairecer um pouco a cabeça.

Meu coração ficou apertado ao passar pela sala de música, e ouvir solos de violão e baixo ecoando pelo lugar. *Lembrei de Alex na hora. Eu tinha que esquece-lo logo.*

Chegando perto das árvores robustas que sinalizavam a entrada da cozinha, vi Manuel varrendo a calçada. Ele estava de cabeça baixa, mas quando me viu, acenou, descendo os degraus depressa.

— Oi querida! — Ele deixou a vassoura de lado, e sorriu. — Estou sabendo que vai viajar.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, e soltei o ar.

— Vou sim, parece que vai ser legal. Você é do primeiro ano do ensino médio, não é? Vai ir em breve.

— Sou sim. — Ele passou a mão nos cachos escuros de seu cabelo. — Mas não vai ser tão legal assim se você não estiver lá.

Dei um sorriso contido, o achando fofo. No começo eu não ia com a cara dele, mas com o tempo Manuel se mostrou ser legal. Porém, ele agia como se sentisse algo por mim, e eu não achava justo dar a entender que compartilhava desse sentimento. *Infelizmente meu coração ainda pertencia a um alguém difícil de se esquecer.*

— Vai ser legal sim Manuel, você vai estar com os seus amigos e... o Léo? — Mostrei a palma da mão, sendo explicativa.

Manuel suspirou, com um ar diferente. Ele deu alguns passos a frente e me lançou um olhar profundo.

— Mas você é muito mais especial que eles, querida. — Sorriu de forma doce. — *É mesmo.*

Ele estava sendo gentil, mas eu tinha que ser sincera. *Não era justo o iludir.*

— Na realidade... eu gosto mesmo de você. — Ele segurou minha mão, sorrindo. — E sei que gosta de mim também.

Balancei a cabeça e estendi a outra mão, negando sem jeito.

— Manuel, não... Você é uma ótima pessoa, sério! Você sabe como falar, é educado e sabe ser cavalheiro quando pode. — Tentei ser o mais formidável possível. — Mas eu estou melhor sozinha.

— O quê? — Ele levantou o olhar para mim. — O que está dizendo? Está se desfazendo dos meus sentimentos?

— Não, não é isso! — Olhei rápido para ele. — Eu só não estou pronta para gostar outra pessoa agora.

Manuel pareceu indignado com minhas palavras e soltou minha mão com força, seus olhos tomados pela raiva.

— Está *me* rejeitando? Quem é você para *me* rejeitar?! — disse, áspero. *Como alguém podia mudar de personalidade tão rápido?* — É você que não me merece!

Dei um passo para trás e olhei para ele.

— Olha, não é bem assim... só não sinto o mesmo, ok? Mas a gente pode ser amigos, sério!

Ele balançou a cabeça, inconformado.

— O Léo tinha mesmo razão. Vocês não merecem nossa confiança! São encrenca! — Ele bufou, e segurou a vassoura, apontando para mim. — E você, *é só uma garotinha abandonada!*

O que ele... queria dizer? Meu sangue ferveu, *fiquei indignada*, porque eu realmente não queria machucar ninguém, e não merecia ser ferida por aquelas palavras.

Silêncio.

Não por muito tempo.

— Nunca mais fala assim dela! — Me assustei com a figura de Alex, segurando Manuel pela gola. Tampei boca com a mão, por impulso. — Como tem coragem de dizer isso, seu garoto mal criado!

Eu conseguia ver a indignação brilhar nos olhos de Alex, por baixo das lentes de seu óculos. O que Alex estava fazendo ali... *por acaso me seguiu?*

Manuel arqueou as sobrancelhas, virou o rosto para mim e depois para Alex, em total confusão e descrédito.

— Me solta, seu enxerido! — Esperneou, tentando pisar no pé dele.

Ele não o soltou. As sobrancelhas juntas, o corpo na defensiva e o jeito como encarava Manuel, demostravam o quanto Alex estava irritado.

— Alex! — chamei, segurando as mãos. — Solta ele, sério, não vale a pena!

Alex virou o rosto para mim, o cabelo volumoso acompanhando o maneio de sua cabeça. Nossos olhares se encontraram por breves momentos perdidos ao ar, através do brilho de seu óculos. Desejei não tê-lo chamado, para não ter que fita-lo tão profundamente como naquele momento; desviei o olhar para as árvores tomada por um nervosismo súbito. *Ah, o que eu fiz?* Olhei novamente em sua direção, mas Alex já havia se voltado para Manuel.

— Nunca, nunca mais mencione qualquer ofensa a ela. Você não sabe nada sobre a Leh, e eu não permito isso!

— Ah, cala a boca! É essa garota que não se enxerga! — Ele virou o pescoço para me olhar. — Me humilhou sem dó!

— *Ela já disse que não.* — Alex o forçou a olha-lo nos olhos. — Ela já disse. Deixa. Ela. Em. Paz.

Me admirei com a forma como ele estava falando.

Manuel arregalou os olhos com vontade de retrucar, mas se desvencilhou de Alex e pegou sua vassoura, bufando. Então passou por mim, me olhando atravessado.

— Isso não acabou! — disse, extremamente irado.

Ele andou mais rápido, ao perceber o punho cerrado de Alex.

— Some! — Alex gritou, um tanto estressado. — Seu... cabeça de vento!

Encarei o chão de terra. Como as coisas pareciam ter perdido o controle tão depressa? Manuel estava chateado, Alex apareceu de repente, e eu...

— Você está bem? — Senti seu leve toque em meu ombro.

— E-estou, acho. — Mantive uma certa distância dele. — Só um tanto impactada.

— Não fica assim! — Ele ajeitou os óculos, um tanto atrapalhado. — Ele nunca mais vai se atrever a falar assim com você!

— É... assim espero. Nunca imaginei ver você assim.

Alex tossiu, envergonhado.

— Há ações que devem ser necessárias.

Engoli em seco ao perceber que não eu tinha mais nada o que falar com ele. Levantei o olhar para Alex, que me observava discretamente. Havia certa sintonia em nosso olhar, *muitas palavras não ditas.*

— Eu... preciso ir. — Quebrei o contato visual. — Tenho muitas coisas para fazer.

Saí quase em disparada, mas ele segurou minha mão, hesitante. Parei de andar, ao sentir seu aperto de mão.

— Precisa mesmo ir? — questionou, calmo. — Não quer conversar?

Crispei os lábios, sentindo vontade de ficar ali e conversar sobre tudo, mas me senti indefesa, querendo me proteger daqueles sentimentos confusos.

O olhei por cima do ombro, em conflito.

— Estou aqui se precisar conversar. Mas, realmente estou muito atarefada. — Me afastei dele e continuei a andar.

Soltei uma lufada de ar pesado. *Oh céus, eu havia me tornado tão pessimista.*

Passei quase toda a viagem me culpando por ter sido inexpressiva com ele. Eu tinha reagido daquele jeito para me proteger, com medo de sofrer com aqueles sentimentos, *eu sabia disso*, mas me sentia mal mesmo assim.

Os primeiros dias de viagem foram puro entusiasmo para todos. Fizemos diversas paradas nos principais locais da cidade, seguindo trajeto até o acampamento. Tivemos também o evento canônico de Lucas e Fran dividindo os assentos no ônibus, um do lado do outro.

Tiramos diversas fotos por todos os locais que passamos, e me concentrei na turma de Alex boa parte do tempo. Parecia que Nathy não tinha ido para a viagem, o que me deixou preocupada. Visitamos todos os lugares planejados, e não demorou muito para que nossos ônibus chegassem até a propriedade rural — se assim posso dizer.

Quando desci do ônibus, o ambiente de natureza esplêndida me encantou de imediato. Tudo era rústico, bem estruturado e de se encher os olhos. Tantos as lonas, torras de madeiras para o fogo, barracas, bancos espalhados, cinzas de fogueiras e árvores robustas por todo canto, traziam um estranho sentimento de familiaridade.

Haviam dormitórios destinados tanto para as meninas quanto para os meninos — nos dias que não íamos ficar nas barracas.

Entramos no nosso dormitório, e eu acomodei minha mochila perto de uma beliche velha, ao lado de uma parede cinza e sem vida. No pequeno dormitório cabia uma beliche e uma cama a parte, um pequeno espaço para colocar nossas bagagens, e um guarda roupa de madeira. Era bonito, ao seu modo.

— Vamos ter que arrumar espaço para pôr todas as nossas roupas aqui. — Fran analisou o guarda roupa, com uma mão no queixo.

— Bom, vou deixar minhas coisas aqui do lado. — Déh andou até o canto mais afastado do lugar, depositando seus pincéis lá, cabisbaixa.

Ficamos todas caladas, apenas os grilos e o vento batendo sobre o teclado emitiam algum som. Fran fechou a porta do guarda roupa com pressa e respirou fundo.

— Então... passei a viagem inteira do lado do Lucas, sabia Déh? — Ela parecia pensativa. Eu não sabia se isso era estratégia para puxar assunto com a Déh, ou... *ela estava mesmo apaixonada no moreno sarcástico!*

Há, Há. *Era a segunda opção.* Tinha que ser!

Isso tomou a atenção da Déh. Ela levantou os olhos da arrumação, e pareceu curiosa para saber mais.

— Ih, é mesmo! — Ela quis dar uma risada. — Me conta como foi!

Fran não parecia tão cética como antes, e foi contar as novidades para a Déh. *Humm... toda bobinha para falar do Lucas!*

Enquanto as meninas colocavam o papo em dia, vesti um agasalho para sair. Queria ver o lugar de perto e principalmente observar as estrelas. Quando desci os degraus do nosso dormitório, observei a noite calma e serena com as estrelas brilhando na imensidão do céu. A brisa gelada da noite arranhava meu rosto, me dando vontade de voltar para dentro. *Não foi isso que fiz.*

Me sentei em um banco de madeira um tanto isolado no topo de um pequeno morro, ainda conseguindo ver os jovens fazendo brincadeiras típicas de acampamento. Uma fogueira estava acessa na minha frente, provavelmente feita pelos jovens que estavam sentados ao redor dela, antes de eu chegar. Fiquei a observar as brasas da fogueira brilharem a cada lenha sendo queimada, de forma lenta e silenciosa. O silêncio se instalava no lugar, apenas com a brisa gelada soprando sobre meu cabelo, até que uma voz rompeu a calada da noite.

— Posso ficar aqui? — Já conhecia o dono daquela voz. *Alex*.

Virei o rosto para ele, apreensiva, e maneei a cabeça em consentimento. Prestei atenção em seu cabelo bagunçado, dando contraste ao casaco de algodão azul que ele vestia. Eu podia ouvir o estalo das brasas fumegantes da fogueira a minha frente. Alex pôs uma de suas mãos sobre o banco, e com um giro rápido se sentou ao meu lado, pondo o corpo para a frente, apertando as mãos e observando a lenha queimar também.

O olhei de perfil, analisando seu nariz bem afilado e a linha de sua mandíbula bem feita. Desviei o olhar, me calando, sem um pingo de coragem de falar com ele.

— Desculpe incomoda-la uma hora dessas... — disse de repente, após um suspiro. — Não quero parecer que estou te seguindo para todos os lugares. — Ele virou o tronco para mim. — *Mas eu realmente queria te ver.*

Um vento cortante e gelado, fez com que eu me escolhesse inconscientemente.

— Me ver...? — Franzi o cenho. — Por que?

Alex pôs a mão na testa e a esfregou, pensativo.

— *Por vários motivos.* Porque sinto sua falta todos os dias. Porque fui um imbecil. Porque não aguento mais isso entre nós! — falou sem medo, como se já estivesse sufocado com isso há tempos. — Eu não posso mais ficar longe de você, *não posso.*

Apertei minhas mãos contra o banco, e o encarei imperceptivelmente, querendo enxergar o que seu olhar transmitia. Ela já estava me fitando, então foi fácil ver seus olhos vividos, se cobrirem de um brilho intrigante.

— *Eu também sinto a sua falta.* — Engoli em seco, meu coração atordoado. — Mas não sei o que pode ser feito para mudar isso Alex... *Nosso afastamento*. — Voltei a olhar para a lenha. — Não sei se...

— Eu sei! — Ele me interrompeu e segurou minha mão. Meus olhos voaram rápidos até seu rosto. Alex levou minha mão até seu peito. — Já

chega, Leh. Eu quero revelar o que sinto. Revelar o efeito que você tem nesse *meu* coração.

Minhas sobrancelhas se juntaram e pisquei três vezes, sentindo meu coração acelerar e depois se acalmar, dando lugar ao silêncio.

— Alex... eu acho que nós... — Quis afastar minha mão, mas ele impediu.

Por algum tempo ele embotou, parecendo perder sua convicção. Alex estremeceu, então olhou em meus olhos.

— Não Leh, não podemos fingir que não nos importamos um com o outro! — Ele balançou a cabeça, encarando o chão fixamente. — Sei que nosso briga... desavença, seja lá o que foi aquilo, foi difícil para nós. E eu fui um... *tolo*, por ter ficado tanto tempo sendo orgulhoso.

Franzi a testa e pedi com os olhos alguma explicação.

— Egoísta? Do que está falando?

— Eu fui um egoísta, Leh! — Levantou a cabeça devagar, apreensivo. — Não queria ser o primeiro a ceder, me redimir da nossa desavença, não queria pensar que eu estava sendo o errado da história...

— Não foi só você que errou, Alex. — Juntei coragem para entrar nesse assunto novamente. — Falta de comunicação também contribui para isso.

— Mas, eu, *eu* te devia explicações... — Um músculo de sua mandíbula contraiu-se.

Aquele assunto, que eu evitava falar, estava ali, voltando a tona tão de repente. Me doía perceber o quanto errei em boa parte do tempo...

Alex levantou o olhar para o céu, e eu afastei minha mão. Seu queixo erguido ao observar o céu estrelado e o silêncio profundo, deixavam o clima

entre nós *vago*. Olhei para o céu também, tentando dissipar esses sentimentos ruins.

Sua mão encontrou caminho até a minha, no banco. Quando Alex entrelaçou os dedos no meu, *o mundo pareceu parar.*

— O céu está lindo... — Alex soltou o ar que por algum motivo estava segurando. — Lembra... lembra da vez em que citei a estrela Sirius para você? — perguntou baixinho, um tanto acanhado.

Engoli em seco. Aquela frase tão marcante, que mais parecia uma...

— *Eu me declarei para você naquele momento.* — Ele pôs o outro punho sobre a boca, corando instantaneamente.

Meu coração quis parar naquela hora. Eu sentia meu rosto ardendo, e meu fôlego prestes a sumir.

— Sei que pode estar surpresa... — Pigarreou, ainda segurando minha mão. — Mas, Leh! Eu não aguento mais guardar isso comigo. Fui um imbecil por ter me afastado de você, não ter te procurado para conversar... eu sei disso. Não sou perfeito, mas por favor, me ouça.

Eu estava feito uma estátua, não sabia nem como se piscava mais.

— Quando te vi pela primeira vez, percebi o quanto você mexeu comigo logo de cara. — Alex acariciou o dorso da minha mão com o polegar. — Lembro de ter comentado sobre você para os meninos feito um "*abestalhado*", como o Lucas me disse. — Ele deu uma risada rouca. — Foi aí que vi o quanto eu queria me aproximar de você. Queria comentar sobre assuntos aleatórios só para ouvir sua voz, saber dos seus gostos só para poder comentar sobre... *Eu queria ter você ao meu lado daquele dia em diante.*

Meus olhos não fugiram dos seus, cada palavra sua parecia tocar profundamente em mim. Alex diminuiu o espaço entre nós, e percebi suas pupilas dilatarem.

— A verdade é que quando brigamos... eu me senti horrível. Tanto por não ter buscado te compreender, como me sentindo magoado de alguma forma. — Seus olhos se fecharam por algum tempo. — Sei que fomos culpados por isso. Tanto você, como principalmente *eu*. Me perdoe, por favor.

— Alex... — Minha voz saiu estremecida. — *Eu me culpei*. Culpei todos os dias por... não poder revelar o que já sabia que estava sentindo. — Meus olhos pareciam carregados d'água. — A realidade é que... eu já sentia algo por você; um sentimento tão doce, tão sincero, tão puro.

Ele engoliu em seco e sua respiração acelerou. Alex tomou minha outra mão e beijou meus dedos.

— Leh — chamou, a voz carregada de carinho. — Eu não tenho dúvidas de que *você é a combinação perfeita para mim*. É como o brilho de mil estrelas que invadiram e ocuparam meu coração. — Levantou o olhar devagar, me olhando profundamente. — Não quero ser só um um menino que faz promessas vazias para conquista-la, *não*! Eu quero ser o homem que está preparado para te tratar da forma como merece. Quero poder te admirar todos os dias, e dizer que *você é a minha estrela preferida*. *Eu te amo, minha Sirius.*

A respiração me pareceu faltar, minhas batidas tão desconcertadas e atrapalhadas não me deixavam concentrar no que ele tinha me dito.

Antes que eu pudesse dizer algo, Alex ficou próximo o bastante para que nossos narizes se tocassem de leve, e ele enrubesceu. Quando seus olhos se fixaram nos meus, fiquei trêmula e meu coração disparou tanto que eu escutava as minhas veias pulsarem, e as mãos suarem. Alex levou a mão quente até meu rosto e o acariciou com a ponta dos dedos. *Ele parecia temer que eu quebrasse.* Então, tão de repente, fechou os olhos e me puxou para si. Seus lábios ternos e suaves tocaram os meus devagar, em um beijo profundo. Senti cada parte de mim vibrar, então enlacei meus braços ao seu redor e o correspondi.

Seu beijo tão acolhedor e cortês fez meu coração se aquecer devagar. Nosso beijo era como um alento depois de uma torrente que havíamos enfrentado juntos. Seus lábios pressionados contra os meus, afirmavam que aquilo era real, *que não era um sonho*. Alex acariciou meu cabelo enquanto me beijava, enrolando algumas mechas dele e sorrindo contra os meus lábios. Tudo parecia tão bem, *tão real.*

Aquilo era real. Nossos sentimentos estavam vivos. Eu o amava. Cada parte de mim sonhou com *aquele beijo.* Tão de repente, como uma nevoa, me veio a mente as lembranças das falas de Nathy, e como eu queria esclarecer de uma vez por todas o que estava acontecendo entre eles! Me afastei de seus lábios.

Alex abriu os olhos, assustado.

— Você... não gostou do beijo? — Sua voz com um tom de decepção. — E-eu beijei sem sua permissão... Oh minha nossa, me perdoe, não quis ser...

— Não é isso. — Crispei os lábios, e encarei o chão, envergonhada. — Seu beijo... falou muito comigo. Não tenha dúvidas do quanto me sinto lisonjeada.

O olhei de soslaio, e o flagrei sorrindo.

— Então... O que foi?

— Nathy.

— Nathy?

Assenti devagar, apertando os dedos, apreensiva.

— Você e ela...

— Somos ex namorados. — Ele pareceu aberto a conversar sobre. — Acho que ficou sabendo, não é? No dia que "brigamos", você estava

chateada com isso. Agora... eu entendo o porquê. — Juntou os lábios, contendo um sorrisinho.

— Sim, e...?

— Não te contei nada antes, porque pensei que só eu estava te enxergando diferente. — Suas bochechas ficaram rosadas. — *E também porque eu e a Nathy nunca demos certo.*

Pisquei algumas vezes, raciocinando as informações que ela tinha me passado e o que ele estava me falando. *Não pareciam bater.*

— A Nathy sempre foi mais racional que. eu, agia pelos seus ideais. Por eu ser um "pobre coitado", nunca me deu valor tanto assim. — Seu olhar não tinha acusação, nem mágoa. — Me namorou porque me achava um "nerd gato", mas isso só durou pouco tempo. Ela ficou envergonhada do namorado bolsista em uma reunião da organização estudantil, e então acabou. *Relacionamentos vazios nunca ficam.*

Eu ainda não entendia nada daquilo. Nathy havia me dito que ela e Alex estavam se dando bem... Já ele dizia que eles não davam certo. *Alguém estava mentindo. E eu tinha quase certeza que era Nathy.* Será que ela podia ser tão dissimulada assim...? Ela era minha amiga desde sempre *ou...não*?

— É só isso que tenho a dizer dela. — O vento bateu sobre seu cabelo. — Como eu não quero mais guardar segredos, tenho que admitir que nos últimos dias acabamos ficando próximos e...

— É, eu sei. — Prendi os lábios entre os dentes e encarei o chão, chateada.

— Sabe? Do que...?

— A Nathy me disse que as coisas entre vocês estavam voltando a dar certo.

Alex virou o corpo para mim, parecendo surpreso. Ele enrugou o nariz.

— O quê? Mas... isso não é verdade! Eu nunca tive a intenção de reatar nada com ela. O que ela andou te falando...?

Cerrei o punho, pensativa demais para entender o que estava acontecendo.

— Pensei que estavam juntos. Eu até vi vocês dois quase abraçados.

Alex buscou minha mão e a segurou, levantando meu queixo com a outra mão.

— Me escuta Leh, não é nada disso. Ficamos próximos por causa do clube de leitura da nossa sala, viramos coordenadores de lá. Uma vez, quando estávamos na biblioteca com outros colaboradores, a Nathy passou mal com uma enxaqueca, e eu tive que leva-la a enfermaria. — Alex coçou a cabeça. —Ela ficou meio abalada com a enxaqueca crônica que descobriu, e eu tentei ampara-la com palavras otimistas quando ela começou a chorar. Não a abracei, por favor, não presuma que foi isso!

— A Nathy não está bem de saúde?

— Não muito. — Ele observou minha mão. — E, ela andou comentando de você muitas vezes para mim. Me disse que você estava chateada comigo e...

— Ela também disse isso de você para mim.

Nos encaramos, confusos. Tudo parecia um mal entendimento tão prejudicial para nos dois, que eu não tinha palavras.

— Eu quero tirar toda essa história a limpo, Alex. — Respirei fundo, decidida. — Ela também me disse que no dia em que tivemos nossa desavença, você a convidou para seu jogo de futebol, e ainda se declarou para ela.

— *Não, não Leh, isso não é verdade*! — Ele parecia extremamente revoltado. — Ela andou inventando tantas mentiras sórdidas para nos afastar, você precisa confiar em mim! Como aquela garota tem coragem... isso é tão maldoso. *Nos prejudicou*. Você precisa confiar em mim, por favor. *Dê uma chance para nós.*

Voltei o olhar para a fogueira.

— Quando voltarmos para a escola, quero me reunir com vocês dois, para esclarecer o porquê dela ter feito tudo isso...

— Entendo, Leh. — Ele suspirou e encarou o chão. — Você tem todo o direito de...

— *Eu acredito em você*. — Apertei sua mão. — Sinto que está sendo sincero comigo Alex. *Eu confio*. Só quero entender o porque ela disseminou tantas mentiras assim!

— Eu também Leh, eu não entendo. E... Obrigado por confiar e mim, *por esse voto de confiança.*

Um sorriso se estendeu em seus lábios, o que me fez sorrir também.

— Bom, eu acabei de perceber uma coisa. — Parei de sorrir e desviei o olhar.

Ele arqueou as sobrancelhas, tomado de preocupação.

— O que... foi?

— *Eu te amo Alex*. Mas, agora sou nascida do *Senhor*, e se você não estiver seguindo o caminho *dEle*...

— Leh, eu já faço parte do corpo de *Cristo* também. — Um sorriso genuíno brotou em seus lábios. — Entreguei minha vida ao *Senhor* faz algum tempo, já estava me preparando para essa decisão desde que o Noah andou me evangelizando. Não tem explicação, sabe? Aquela *Palavra* batia

em meu peito sempre, como um chamado, todos os dias. *Agora sei que era Jesus batendo a porta.*

"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo." Apocalipse 3:20.

Abri a boca tão surpresa, e o abracei com força, enquanto ria sem parar.

— Sua melhor decisão, Alex! — Quase gritei, extasiada. Me afastei, o fitando. — Olha como Deus trabalha... eu fui evangelizada pela Déh também. É bom saber que *Jesus* nos resgatou através deles, *Ele* sempre tem planos maravilhosos voltados para nós.

— *Ele cuida de nós, até mesmo quando não os conhecemos.* — Alex sorriu.

Então, ele se levantou e me puxou pela mão. Enlaçou seus braços ao meu redor, e sorriu.

— Diante das estrelas que o *Pai* teve tanto cuidado ao criar, e perante a linda criação de Deus: *você*; *Leh aceita ser minha namorada?*

Meus olhos marejaram e eu tampei a mão com a boca, dando um gritinho de felicidade.

— S-sim — gaguejei, cobrindo o sorriso. — *Eu aceito.*

Alex me puxou para si e me girou no ar, o cabelo ficando ainda mais bagunçado com o vento que batia sobre nossas cabeças, e enfim selamos nosso compromisso com mais um beijo. Era oficial: *éramos namorados.*

♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○♡○
Ahhhh, oiii. Sim esse capítulo foi o capítulo conforto!! Finalmente um casal dando certo, e o primeiro beijo do livro!

O que acharam do capítulo de hoje? Quais são suas teorias sobre a Nathy? Amiga... ou não?

*Nossaaa, as enxurradas de comentários sobre o Lucas estão para me deixar louca! Ksksksk

Capítulo 35

Fran
Segredos guardados em meu coração.

— Só posso estar ficando maluca — sussurrei, pega de surpresa pelo sorriso repentino que dei.

— Falou alguma coisa? — Déh perguntou, do outro lado do nosso "dormitório do acampamento."

Toquei minha testa com a palma da mão, certificando de que eu não estava mesmo delirando. E... *eu estava bem por incrível que pareça*. Deixei meu corpo cair sobre minha cama temporária, olhando diretamente para a beliche de qualidade duvidosa que as meninas haviam escolhido.

— Ah, eu? — Dei uma risada curta, depois de uma eternidade em silêncio. — Acabei balbuciando enquanto pensava alto!

Déh me olhou por cima do ombro, enquanto limpava o pó do guarda roupa rústico.

— Hum, sei. — Ela quis rir, mais isso passou despercebido. — Pois bem, e então?

— Am...?

— Você estava falando que o Lucas foi do seu lado na viagem. Quero ouvir mais, pode contar.

Eu só podia estar ficando maluca. *Sim, eu estava mesmo louca*. Era isso então? Franciele Alencar, tecendo comentários sobre Lucas? *Inacreditável*.

Tudo se tornava ainda mais desproporcionado porque não era qualquer pessoa não, era *Lucas Cavalier*. Justo o sarcástico que me tratava com indiferença sempre que podia e que era meu hater número um. E lá estava eu, fazendo papel de boba com comentários destinados a sua pessoa, para pelo menos animar a Déh com algum assunto que não fosse o Noah. *Que grande desafio eu me propus!*

Respirei fundo ao chegar a conclusão que talvez estivesse pegando pesado demais, porque querendo ou não, eu o tinha visto de uma forma mais branda nos últimos dias.

— Bom... — Arrumei a postura e olhei para o teto. — Ele estava diferente. Mas, *nada* confiável. Não sei bem o que falar. Começando que está quase virando um dos queridinhos do vôlei. Chega a ser absurdo como um título pode mudar a percepção das pessoas ao seu respeito.

Déh limpou as mãos do pó e se virou para mim.

— Tá... deixa eu ver se entendi direito. O Lucas virou popular, é isso? *Fama*... foi isso que você quis dizer naquele dia, né?

Apoiei o cotovelo no colchão e me debrucei.

— Tecnicamente ainda não. E sim, está na cara que isso é questão de tempo Déh, escreve o que estou dizendo. A fama vai subir a cabeça daquele garoto.

Ela pôs as mãos atrás das costas e andou até a beliche a passos lentos.

— Humpf. — Suspirou, tocando a cabeceira da beliche. — Acho que tem razão por um lado. A popularidade pode acabar subindo a cabeça de alguns... Mas não creio que seja o caso do Lucas.

Prendi os lábios entre os dentes. *Por que eu me importava com isso? O assunto nem era meu no final das contas.*

— O campeonato de vôlei está perto — avisei. — E agora ele vive andando nos mesmos círculos socias que a Tâmara, e com *ela* em

específico.

Déh juntou as sobrancelhas e se sentou na cama, me olhando confusa.

— Você parece incomodada de um jeito tão pessimista, Fran. Se você diz que não se importa com ele, não devia estar assim, não acha? — Desviei o olhar dela, nem eu mesma sabia a resposta. — Está aí. O Kaio. Não acha que a popularidade subiu para a cabeça dele?

— Não! — Estendi as mãos e as balancei. — Ele é... distinto. Eu confio em quem ele é, e isso torna as coisas diferenciadas. É que ele é real para mim, não sei te explicar, mas eu posso ver autenticidade nele.

— Bom, deixa quieto, é só eu que ando desconfiada demais. — Ela afastou alguns fios de cabelo, desanimada. — O que importa é no que eu estou vendo agora! Quem sabe novos sentimentos não podem florescer pelo Kaio?

Soltei uma lufada de ar, tentando escapar desse assunto.

— O Kaio. — Dei um sorriso ao mencionar seu nome. — Veio conversar comigo, e não parecia nada desapontado por terem falado que eu e o Lucas éramos namorados, só parecia meio chateado. O que importa é que ele confia em mim, ele sabe que isso é impossível.

Déh se esparramou na beliche e deixou uma perna para fora, inexpressiva.

— Pelo menos sabe se retratar, ou sei lá, fazer algo para se aproximar, algo bem difícil nos dias de hoje. — Ela bocejou, melancólica. — Vamos esperar a Leh para o jantar, né?

Dei risada da maneira como suas pálpebras pesadas se fecharam devagar e ela realmente caiu no sono tranquilamente.

Peguei meu celular para verificar as mensagens do grupo da escola. A claridade da tela fez com que meus olhos se semicerrassem. Uma foto da

nossa turma em um dos pontos principais da cidade, me chamou a atenção. Ampliei a fotografia e me concentrei nela, me procurando.

No canto a direita, lá estava eu, afastada, expondo um sorriso contido, o cabelo meio bagunçado e a expressão distraída. Corri os olhos mais uma vez pela imagem quadrada, topando com os rostos de Mariah, Tâmara, o de Kaio todo arrumadinho, e o rosto de... *Lucas*.

Demorei mais tempo do que devia observando sua expressão, o que me incomodou. Nada em sua expressão na fotografia era diferente, como previsto. Frio, um tanto travado e fechado, sem sorriso ou expressão alguma, e seus olhos... *seus olhos*... *aqueles olhos*... focados em mim. *Espera, focados em mim?!* Tampei a boca com a mão esquerda, meus olhos se arregalando pelo espanto. Dei um zoom nele sem pensar duas vezes, e o choque veio como um pancada em meu subconsciente: seu olhar estava na minha direção, especificamente em mim, me fitando com uma expressão neutra e intensa ao mesmo tempo. Senti meu rosto arder ao me conscientizar disso. Aquele olhar era de desprezo ou de... *ternura*?

Ele era um enigma. Um labirinto no qual ninguém ousava desbravar. Uma fortaleza com muralhas tão altas que impediam o acesso de qualquer pessoa... ao coração. Eu não o entendia, e isso me fez detesta-lo como se precisasse disso, e o fez compartilhar desse sentimento por mim. Por incrível que pareça, ainda assim, ele estava *me* analisando. Não era algo de se comemorar, mas manteve minha atenção por bastante tempo. Sua fisionomia toda desleixada, sem se importar com nada era clara, mas seus olhos demostravam um sentimento calmo, indecifrável, e até mesmo surpreendente para mim.

Desliguei o celular com pressa e deixei a tela virada para a colcha, respirando e inspirando para colocar os pensamentos em dia.

"Por que fiquei toda boba com isso?"

" O que estava acontecendo comigo?"

"O que estava acontecendo com ele?!"

Por que me olhar tão atento, sabendo que sua expressão podia ser capturada pela câmera? Por que de repente, havia se tornando mais próximo, e menos frio?

Encolhi as pernas, com os pensamentos invadindo cada centímetro do meu cérebro. Eu havia notado seu jeito menos arisco desde da nossa saída da escola até o acampamento.

No dia da viagem, o clima estava incrivelmente quente e minhas bagagens já estavam para fora do dormitório com antecedência.

— Prontas? — Déh trancou a porta. — Não podemos perder o horário!

— Ah, que sol quente! — Leh contestou, levantando a cabeça. — Estou tão agitada, tenho certeza que vai superar nossas férias!

Não queria transparecer alegria excessiva — o que não combinava comigo —, mas eu estava eufórica. Inspirei, notando o contraste das coisas ao meu entorno. As amigas que eu tinha, a escola, as aventuras que íamos ter juntas. *Minha juventude.*

Todos seguiram diretamente para as suas salas, na espera dos instrutores. Na nossa, em específico, estava abarrotada de gente. Era instigante ficar em uma sala cheia, com um sol tão quente que ninguém aguentava ficar no campus sem sombra. E de quebra, as populares passavam protetor solar por todo o rosto, e pior, o exagero era apenas por estética. *Argh*.

Déh e Leh se sentaram nas carteiras e eu optei por ficar no canto, olhando o lugar. *É, ia ser difícil aguentar a vida social por tanto tempo. Um sufoco enorme para ser mais exata.* Só parei de olhar a sala, quando senti um leve toque em meu ombro. Virei o olhar na mesma hora, dando de cara com Kaio. O cabelo dele parecia ruivo — eu nunca soube definir se era castanho ou não —, e seus olhos de uma cor mais esverdeada, puxados para um âmbar profundo. A ponta de um sorriso despontou de seus lábios, e ele piscou para mim.

— Oi... *cachinhos.* — Sua voz sedosa e carregada de admiração. — É bom falar com você.

— O-oi. — Pisquei, perdendo a fala involuntariamente. — V-você está aqui... — *Não, imagina!* — Quer dizer, é claro que está. Aí minha nossa... eu... desculpa.

Kaio riu-se, tampando a boca com os dedos longos e alvos. Ele voltou o olhar para mim, me analisando com atenção.

— Não estou chateado com você, se é isso que pensa. — Ele tirou a mão dos lábios e levantou uma sobrancelha, brincando. — Mas que susto me deu.

Foi minha vez de franzir as sobrancelhas.

— O namoro — olhou para o lado pigarreando —, com o Lucas. Achei que de fato, era verdade mesmo.

Dei um passo para trás e abri a boca, pega de surpresa.

— *Isso*. — Desviei os olhos para a carteira, tentando buscar uma explicação. — Não Kaio, a gente não namora, não mesmo. Tudo isso foi apenas um mal entendido.

Kaio deu de ombros parecendo pensar, e crispou os lábios com a postura rígida.

— Ele disse. — O ruivo levou a mão até a minha e se deteve por alguns segundos antes de segura-la. — Mas é muito melhor ouvir de você. *Muito melhor,* sem dúvidas.

Ah... *ele disse*. "*Por que a surpresa?"*, perguntei a mim mesma. É claro que ele havia dito, *era o que ele devia fazer mesmo!* Levantei o olhar para Kaio, que sorria com os olhos.

— Está tudo bem com você...? — Levei a mão até uma cicatriz que notei próxima a sua orelha. O corte parecia ter cicatrizado, decorrente de um impacto forte o bastante para deixar a cicatriz profunda.

Kaio deu uma esticada no canto do lábio direito, e pôs a mão sobre a minha.

— Não se preocupe, *cachinhos*. Não foi nada demais.

Fitei meus olhos nos seus, prestes a falar algo, mas ele foi mais ágil:

— Esqueci de parabenizar aquele estúpido do Lucas. — Riu friamente e balançou a cabeça em negação. — O imbecil é bom de mira, quase quebrou minha mandíbula.

Arregalei os olhos, tomada pelo pavor. Então esse era o efeito de um soco do Lucas...? Nunca cheguei a ter medo dele, mas vendo o rosto por cicatrizar de Kaio, percebi que Lucas era realmente forte — bem forte —, e talvez... *perigoso*.

— Mas... — Engoli em seco, afastando minha mão de sua face —, você também o bateu bem forte.

Ele desviou o olhar, e seu sorriso murchou.

— Bati, não é? Fico feliz de ter feito ele provar do próprio veneno.— Kaio levou a mão até a mandíbula tensionada. — Mas, *infelizmente*, parece que ele conseguiu se recuperar primeiro que eu.

Direcionei o olhar para o chão e mordi o lábio inferior, sentindo uma preocupação impertinente.

— Ei, ei. — Kaio tocou meu queixo com as ponta dos dedos, forçando um contato visual dócil. — Não fica assim. Já falei que estou bem, não se preocupa.

— É que... — Hesitei. — Eu, cuidei dos ferimentos do Lucas, porque ele precisava. E, eu não procurei você para perguntar se estav...

— Shhh... — Silvou, sorrindo novamente. — Não tem problema, não sou digno de tomar seu tempo com preocupações bestas.

— Isso não é besta, Kaio. Houve um motivo bem aparente para vocês. E eu fiquei com medo.

Kaio soltou meu queixo e passou a mão no cabelo, sorrindo.

— Medo dele me machucar? Você esteve preocupada comigo?

Assenti, lembrando dos ferimentos de Lucas.

— Fiquei preocupada com os dois. Mas, com você principalmente. O Lucas ele é... como posso dizer...?

— Mais forte, é isso? — Kaio relaxou os ombros, sem ânimo. — É, eu sei.

Fiquei estupefata por dar a entender aquilo.

— N-não. Não me leve a mal, é que... você o conhece. Ele é realmente forte, e...

— É passado.— Kaio segurou minha mão e acariciou o dorso do meu pulso. — Agora, eu só quero aproveitar sua companhia. Agora vamos?

Todos já estavam andando para o pátio, o lugar tão cheio feito um formigueiro — de jovens extasiados. Kaio ficou ao meu lado, e andamos juntos, enquanto eu ria de algumas piadas que ele contava.

— Achou engraçado, né? — Empurrou meu ombro levemente, rindo. — Sou um péssimo piadista, sabia?

— Eu estou rindo a beça, e você sabe que eu não sou de rir muito.

Kaio crispou os lábios e me olhou de relance.

— Olha, então estou me saindo muito bem, *cachinhos*. É motivo de orgulho?

Maneei a cabeça, querendo rir.

— Ah... eu não... sei. — Dei de ombros. — Por que?

— Escutar sua risada é suficiente. Me deixa... sei lá, bobo.

Senti o rosto corar e desviei os olhos para longe dele, minha visão se encontrando diretamente com a de Lucas, parado em frente a um dos ônibus. Me sobressaltei por olha-lo diretamente, o canto dos meus lábios se desfazendo do meu belo sorriso. Pisquei, meio desnorteada ao notar seu semblante afastado e frio. Ele ainda usava o curativo no supercilio, com a mandíbula tensionada e as mãos nos bolsos da jaqueta preferida, olhando para nós com desprezo.

Kaio tocou em minha cabeça e eu olhei para ele, sem palavras.

— O que... foi? — Ele notou Lucas do outro lado. — Ah, já sei. — rosnou, o encarando.— Por que aquele palerma está olhando para nós?

Vi Kaio fechar o punho com força e olhei para ele, assustada.

— Você não precisa disso! — falei, alarmada. — Chega de brigas, que coisa feia!

Era sufocante ter que presenciar tanta raiva que os dois tinham um pelo outro.

— Desculpa... — Kaio arfou. — Não quero te deixar assustada. É que eu sei que ele está me provocando!

— Deixa isso para lá, tá?

Kaio suspirou meio perdido, mas assentiu e voltou a caminhar comigo ainda mantendo o olhar arisco quando via Lucas.

Lucas diferente das outras vezes, conversava com os garotos do vôlei, e claramente tendo Tâmara ao seu lado. *Eles não se separavam mais*, desde que ele foi eleito participante oficial do vôlei. *Era sempre assim*, ou no refeitório almoçando juntos, na quadra, nos treinos e até... *na sala*. Era irritante, porque ser a dupla dele na sala de aula, me obrigava a ter que suportar o jeito como aquela menina falava, gritava e me encarava com puro ódio.

Recebemos a numeração dos nossos assentos no ônibus e por ironia do destino, Kaio ficou no outro ônibus. Quando encontrei o número da minha poltrona, fiquei do lado da janela. Eu ia tentar um acordo com a pessoa que ficaria ao meu lado para continuar na janela, já que a minha poltrona era a do lado.

Apoiei o cotovelo na base que rodeava a janela de vidro e suspirei olhando para fora. Não aguentava mais de curiosidade para saber quem ia ao meu lado, que fui vasculhar o papelzinho com as informações, encontrando o nome que eu temia que estivesse ali: *Lucas.*

Aaaaaaaaaaa, não, por que logo ele??No momento que passos firmes ecoaram na minha direção eu já sabia que era ele. Lucas sentou-se ao meu lado, se esparramando pelo encosto da poltrona com os olhos fechados. Franzi o cenho a tempo de ele abrir os olhos azuis como o gelo, e sua expressão estremecer. O ônibus começou a se locomover e eu engoli em seco, percebendo que ele ainda não havia se recuperado totalmente dos machucados da briga. Vários curativos que eu mesma tinha feito nele, ainda estavam ali.

— Você aqui... — silabou, sem sarcasmo na fala. — Humpf. Que ironia, não acha?

Sua voz... estava tão mudada. Mas por que? Su*a voz já não era assim, ou eu só tinha reparado naquele instante?* Cruzei os braços e olhei para a janela, vendo a paisagem passar por meus olhos.

— Ei... Você está irritada? — continuou, dessa vez mais calmo.

Mesmo com sua presença notória ao meu lado, sabendo que ele estava me fitando, não olhei para ele.

— E... isso importa?

"*É claro que não! Você é insuportável!*", formulei sua frase em minha cabeça, tamborilando os dedos pelo braço, pronta para receber uma resposta afiada.

— Talvez.

Talvez?

Olhei para ele de relance, que me observava calado e sem uma expressão fixa. Deixei as mãos cair sobre o colo pela falta de palavras, enquanto ele apoiou a cabeça no punho fechado ressaltando as veias sobressaltadas. Lucas não desviou os olhos de mim por nada, o que me deixou nervosa a um ponto de eu não saber o que falar. Mesmo sem falar nada, eu sabia que seus pensamentos estavam direcionados a mim.

— O-o que... — Respirei fundo. — O que você quer dizer com isso? Está, me testando, é isso?

Lucas apertou os dentes e olhou para a janela atrás de mim.

— Parece tão surpresa com uma simples resposta... Eu só respondi você.

Senti minha respiração pesar ao notar sua mudança de comportamento tão notória.

— Não é uma simples resposta. Isso é que não faz o menor sentido! Não tem motivos para isso, é insanidade. Você não se importa! — ralhei alto o suficiente para faze-lo escutar bem.

Um quase sorriso de canto surgiu em uma das pontas de seus lábios, mas ele ainda manteu sua pose fria.

— Mais do que pensa, *quietinha.*

Pera... O quê?! Quietinha, de novo com esse apelido?! Ele não me chamava assim há um bom tempo. Lucas estava tão... *estranho*. Estranho ele já era mesmo, mas naquele momento estava pior. *Muito pior*.

Aprumei a postura e encarei a poltrona a minha frente.

— E... então, não vai gritar para que eu saia da sua poltrona?

Ele torceu o nariz e apoiou o papelzinho do informativo em seus dedos.

— E do que está falando? Da numeração? — Pôs as mãos nos bolsos, guardando o papel.

— Sim. Essa daqui é a poltrona 34 e... a 35 é minha — respondi, sem manter contato visual. — Estamos com as poltronas trocadas.

— E... o que tem? — perguntou cético. — São só poltronas.

Me virei, observando seu cabelo cair sobre os olhos em um contraste intrigante.

— É que, você devia...

— Não tem problema, *Fran*. — Arregalei os olhos e me afastei ainda mais. *Fran*? *Ele nunca me chamava pelo apelido.* — Não precisa me temer tanto assim. *Não precisa ter medo de mim.*

Fechei o punho. Medo? Ele achava que eu tinha medo dele? *Há. Há. Palhaçada.*

— Não sei se deu para perceber, mas eu não preciso e nem tenho medo. Você é tão presunçoso, aff...

— Hum, isso é bom. — Piscou os olhos devagar, olhando para mim. — Realmente é algo bom.

Hesitei, o analisando como nunca antes.

— Por que é bom? — Contorci o rosto. — Não faz o menor sentido. Já viu o quanto você gosta de colocar medo nas pessoas e faz de propósito?

— Por que sempre pensa as piores coisas de mim? — Ele fungou e desviou o olhar. — Chega a ser ridículo a maneira como me vê!

Aí estava ele. Era esse Lucas que eu conhecia. *Essa* era sua personalidade.

— Eu tenho motivos bem aparentes, não acha? — zombei

Lucas tensionou a mandíbula e arfou, olhando para o teto.

— Então esqueça seus motivos. Esqueça deles como quando alguém se esquece de alguma memória ruim.

— Por que está falando isso? — Franzi as sobrancelhas.

Ele então apoiou a cabeça no encosto.

— Tudo o que eu falar não vai fazer o menor sentido para você, eu sei. Então... melhor eu me poupar.

— Poupar? Consegue ver o que está falando? Tão estranho. — Me virei por inteiro para conversar com ele. — O que está tramando Lucas? Diga.

— Eu disse. — Ele deu uma risada breve e seca. — Você sempre desconfia de mim. Sempre sou o vilão de todas as coisas que acontecem ao seu redor. Sou o cara que atrapalha seus planos e te faz perder a paciência. Mas, me pergunto o porquê de tanto frisar o quanto não significo nada para você.

Fechei o punho com força e deixei com que minhas costas se encostassem no vidro da janela.

— Isso não é verdade. Você... como sempre... está errado.

— Depende do seu ponto de vista. — Ele fechou os olhos. — Mas não quero que sinta medo de mim. É só isso. Respondi sua pergunta melhor agora?

Tampei o rosto com as mãos, dando as costas para ele, ignorando sua presença. Lucas estava agindo tão natural. *E isso era péssimo.*

Observei-o dormir durante o trajeto, e olhar para ele me fazia ter anseio do que ele realmente significava para mim. Desde que eu o conheci, eu sabia que ele era fechado até para seus próprios sentimentos. Mas, será que... diante daquela crosta de amargura e desprezo, se escondia um Lucas gentil? Ele era gentil, *eu sabia*. Será que a palavra do *Senhor* que eu havia semeado em sua vida, estava florescendo?

Nas primeiras paradas pelos pontos principais da cidade, Lucas esteve a todo momento junto de Tâmara e seus amigos populares. Olhar a maneira como ela segurava seu braço enquanto andava, o modo como ele a olhava, o jeito como os dois pareciam sincronizados... era como um martírio para mim. E para reforçar a "conexão" que tinham, Tâmara olhava para trás e me via, dando aquele sorrisinho de paspalhona.

No ônibus, eu tentava não olha-lo por mais de dois minutos, mas ele parecia me olhar sempre que podia. O silêncio continuava, já que não sabíamos conversar e o jeito como ele estava agindo não era de seu feitio.

Finalmente o dia daquela fotografia no parque das flores, chegou. *Eu me lembro bem.* Todos estavam se divertindo com as atrações do lugar, e como já era de lei, Lucas estava com Tâmara.

— Mas gente... — Leh arqueou as sobrancelhas olhando para eles. — Tem alguma coisa aí. O Lucas se dando bem com a Tâmara? Prodígio.

Déh me entregou um pacote de salgadinho, enquanto abria seu refrigerante.

— É meio estranho mesmo. — Ela os analisou de longe. — Mas, dá para perceber que ele está meio pressionado.

Apertei as mãos e os observei conversar. Lucas com as mãos no bolso e o cabelo bagunçado, enquanto Tâmara usava um de seus melhores uniformes de torcida, tagarelando sem parar. E eu sentia... *raiva*.

— Bobeira — resmunguei. — É a fama. A fama deixa as pessoas assim.

E então, aquela foto, aconteceu. Lembro de ter me juntado a turma por obrigação, já que professora me empurrou até lá. Mas... eu não vi Lucas me observando ou me encarando. Apesar de que...

— Sabe quanto tempo vai demorar isso tudo? — Ele finalmente abriu a boca, já dentro do ônibus. — Achei que chegaríamos hoje.

Nossos olhares se encontraram por frações de segundos.

— Estamos perto. — Bufei. *Por que não pergunta para sua Tâmara?* — Não andou perguntando para as pessoas próximas de você? Seria mais fácil do que se colocar a prova para falar comigo.

Ele baixou uma sobrancelha e olhou para o lado, a expressão ainda neutra.

— Mas eu quero perguntar para você. Não é mais fácil apenas me responder?

Que irônico, usando minhas falas contra mim! Lucas se virou na minha direção por impulso e algo em mim prendeu sua atenção. Ele engoliu em seco analisando cada traço do meu rosto, então tirou uma das mãos dos bolsos e a levou até minha face lentamente, mas se deteve no meio do caminho. Fiquei extasiada, olhando para sua expressão de temor, eu só conseguia escutar as batidas do meu coração.

— O-o que v-você... p-por que? V-você... E-está... — Fiquei inepta só de encarar seus olhos. — Você... L-lucas...

Por que você não consegue nem falar direito?!

— Tem — ele pigarreou —, comida no seu rosto. Mas não tenho permissão para toca-la.

Virei para o lado, trincando os dentes. *Ele só podia estar me pregando uma peça!*

— Pode deixar que eu mesma limpo — ralhei, limpando meu rosto.

— Como desejar — arfou, virando o rosto para o lado.

E não nos falamos mais. Eu não estava entendendo nada, mas quando vi Lucas me observar naquela fotografia, eu já não sabia diferenciar o que realmente estava acontecendo. Aquilo era uma prova existente do que eu negava. *Eu queria, eu devia, estar errada.* Fechei os olhos e comecei a pegar no sono, pensando nisso.

♡♡♡♡♡

Quase caímos duras no chão ao descobrir que a Leh estava namorando. A notícia chegou como um relâmpago na noite anterior, quando Leh voltou do seu passeio e acordou à nós duas. Ela e Alex estavam guardando segredo sobre o relacionamento, que ela tanto merecia.

O dia no acampamento começou bem agitado, fomos servidos por um café da manhã reforçado e alguns aperitivos. Todas as salas se reuniram para algumas gincanas e expedições pelos bosques.

Eu e as meninas saímos juntas para uma expedição em um bosque próximo, e tiramos bastante fotos aproveitando a estadia daquele lugar. O sol estava perto de nos deixar quando acabamos nos topando com um grupo de alunos.

— Ele... está aqui — Déh sussurrou para mim, ao notar a figura de cabelo loiro no meio deles. — Eu não estou pronta... para vê-lo.

Leh segurou sua mão, enquanto andávamos para um banco.

— Fica calma. — Ela pediu, e afagou a mão da Déh. — Nós sabemos que o Noah...

— Não é isso — Ela crispou os lábios. — Ele me decepcionou de uma forma tão dolorosa que... *isso dói*. Ainda dói. Muito.

— Déh... isso pode ter sido um mal entendido. Foi assim comigo e com Alex, e...

— *Eu vi.* Leh, eu percebi. É doloroso demais saber que eu me iludi com meus próprios sonhos. Tão supérfluos e imaginários.

Esfreguei as mãos angustiada, e a conversa continuou. Ouvimos tudo com atenção, e então eu me prontifiquei a buscar água na fonte para acalmar os ânimos da situação. Me afastei das meninas remoendo as falas da Déh. Será que no meu caso, eu mesma estava me enganando a respeito do Lucas? Estava me forçando a detesta-lo tanto assim? Me obrigando a negar algo que lá no fundo eu sabia que existia?

"*Mas, me pergunto o porquê de tanto frisar o quanto não significo nada para você.*"

Lancei o olhar ao redor, e me deparei com o grupinho popular acompanhado por Lucas, porque ele estava lá treinando e respondendo algumas pessoas. Fiquei tão vidrada a observa-los, que nem percebi quando topei com uma raiz de uma árvore
e dei de cara com o chão. Além de estar toda suja de terra, meu rosto estava dolorido e senti uma dor impertinente no músculo do meu tornozelo — a ponto de não conseguir me mover.

— Meu Deus! — Uma das meninas do grupo saiu correndo até mim. — Você está bem?!

Reprimi o corpo sentindo uma dor terrível e meu tornozelo acabado.

— Ahh, você precisa de ajuda! Alguém me ajuda a levantar ela! — Uma ruiva segurou pelo meu braço.

— O-obrigada — falei entredentes, sem forças para pronunciar palavras.

As meninas fizeram esforço para me levantar, mas parecia ser em vão, porque toda vez que meu pé firmava no chão, uma onda de dor fazia com que eu voltasse para a terra.

— Deixem que eu a levo — bradou Lucas para as meninas, aparecendo de repente.

Uma delas se afastou e puxou a outra.

— É melhor a ajuda de um menino mesmo — replicou.

— Ah não... — resmunguei.

— Está tudo bem aí, garota?

Levantei a cabeça, os fios dificultando minha visão dele. Lucas se agachou com as mãos sobre as pernas, e me analisou com uma expressão neutra.

— O meu tornozelo... — Apertei os dentes, indicando com o queixo para meu pé. — Eu torci... ah.... eu torci meu tornozelo.

— Tsc, tcs — Encarou meus olhos. — O que tem na cabeça, em? É perigoso andar sozinha por aí, não sabia disso?

— Ah, eu sei! — quase gritei, com a respiração entrecortada.

Arrastei a perna para o lado e gruni com a dor estalando nos ossos. Lucas levantou e pôs as mãos nos bolsos, pensando em algo. As meninas observavam isso como se fosse uma cena de novela.

— Consegue levantar? — perguntou, ainda mantendo a distância.

Olhei para as meninas e ri cética, morrendo de dor no tornozelo, mas ainda assim com um humor quebrado.

— Não viu que as meninas estavam tentando me levantar, não?

— Não sou burro, nem cego — pestanejou, e estendeu a mão para mim. — Era só para certificar.

Minha mão tocou a sua suavemente, um tanto calejada e quente. Lucas me puxou rápido para si, antes que eu me desiquilibrasse. Quando pensei voltar para o chão, Lucas enlaçou minha cintura e me fez apoiar o braço em um dos seus ombros largos.

— Vou levar a senhorita Alencar de volta — disse para as meninas atrás de nós. — Avisem aos meninos que eu já volto.

Elas assentiram e trocaram risadas. Se eu realmente não precisasse de ajuda, jamais permitiria ficar tão perto do Lucas. Ele voltou o olhar na minha direção com a mandíbula tensionada parecendo desconfortável com nossa proximidade, e me encarou.

— Consegue pelo menos pular?

— Sim... — suspirei.

Eu dava pulinhos com a perna que estava boa, enquanto tentava não chorar de dor. Quando pensei que ia cair de novo, ele me aproximou de seu peito para me proteger. *Ele nunca faria isso. Nunca seria cavalheiro o bastante para me ajudar.*

— Se demorar tanto assim, vamos chegar só amanhã no acampamento — resmungou.

Parei de dar pulos e o encarei com certo descrédito.

— Está vendo a minha situação? — ralhei com convicção. — Acha mesmo que quero passar por tamanha humilhação?

— Seria bem mais fácil se não tivesse se metido nessa encrenca — respondeu, com os olhos semicerrados. — Achei que um "certo alguém"

estaria com você.

— Para de falar do Kaio em terceira pessoa!

Os cantos de seus olhos estavam franzidos, e a sua boca se contorceu para me contrariar.

— É o que ele merece. Não estou blefando em difamar aquele cara.

— Não intromete os outros na conversa! Isso é tão desnecessário.

Um músculo de sua mandíbula contraiu-se, e ele bufou.

— Não era isso que estava fazendo no ônibus? Colocando o nome da Tâmara no meio?

Provavelmente toda cor do meu rosto fugiu.

— Eu não estava me referindo a Tâmara! — gritei. — Não especificamente! Eu... — Minha perna pendeu para o lado e eu soltei um grunhido. — Ahh.... minha perna!

Lucas me examinou com olhos atentos, e eu abaixei a cabeça sem forças, até ver meus pés saindo do chão quando Lucas me ergueu nos braços capazes.

— O-o que está fazendo? — tapeei seu ombro com força. — Me põe no chão agora, Lucas!

Ele continuou andando com o queixo erguido expondo sua indiferença, comigo nos braços.

— Não devia reclamar! Quem está carregando peso sou eu.

— Não precisa me levar nos braços, tá louco? — protestei. — Eu só precisava de ajudar para andar!

— Ahhh — Revirou os olhos, estressado. — Você é tão teimosa! Só agradeça o favor que eu estou prestando. É tão orgulhosa assim, garota?

— Vai passar na minha cara agora, é? — Olhei na sua direção, ainda me apoiando em seu ombro.

Seus pés esmagavam as folhas secas em tom alaranjado espalhadas pelo chão.

— Eu não sou tão fútil assim — sussurrou, parecendo ofendido. — Agora, para de reclamar!

Ele se inclinou para o meu lado, e pude sentir o cheiro de seu perfume. Uma fragrância de lavanda e uma essência tão boa que fiquei estupefata ao descobrir seu bom gosto para perfumes.

— Não precisava disso, me carregar nos braços... — sussurrei.

— Para, ok? — resmungou com raiva. — Você está machucada. Quer piorar sua situação, garota? Bateu a cabeça também?

Bufei, e fiquei observando a paisagem do bosque desaparecer enquanto ele andava. Quando me dei conta, o acampamento começou a ficar mais próximo. Olhei para Lucas de relance, sua convicção de que manteria segura até meu dormitório era algo... nítido.

— Já me ajudou o bastante! — exclamei, olhando para um dos bancos perto do dormitório. — É melhor me deixar aqui. As pessoas vão pensar que eu você somos namorados... e isso...

— Não me importo com a opinião alheia. — Ele voltou a cabeça para mim. — É tão patético deixar que as pessoas escolham por você. Mas.... tanto faz.

Lucas encostou em um dos bancos e me pôs no chão. Ainda assim, me equilibrei em um dos seus braços fortes e me sentei no banco.

— Se... — Ele pigarreou depois de termos ficado em silêncio. — Se sente melhor agora, garota?

Observei meu tornozelo inchado e crispei os lábios.

— Não muito. — Resfoleguei, pega pelo cansaço do pé torcido. — Isso foi... tão inesperado.

Ele apoiou um dos joelhos na grama e arqueou as sobrancelhas.

— Isso o quê?

Você me observar naquela fotografia. Ser gentil e me ajudar até aqui. Eu ficar tão incomodada com você e a Tâmara. E perceber que realmente... realmente estou sentindo algo por... você.

— Meu tornozelo... nunca imaginei topar com uma raiz — omiti. — Agradeço por sua ajuda.

Lucas ergueu-se e ficou em pé, me encarando.

— Pode pedir ajuda dos primeiros socorros depois, já que não quer que eu te leve até a coordenadora. — Ele virou o corpo, me dando as costas. — E, antes que eu me esqueça... obrigado.

Levantei o olhar na mesma hora.

— Por...?

— Por cuidar dos meus ferimentos naquele dia e pela Palavra de fé que me entregou. — Ele se virou para mim lentamente e todo o seu rosto se iluminou.

— Eu... fico feliz que tenha escutado o que eu disse.

Seus lábios se curvaram em um vestígio de um sorriso, ainda que desajeitado. Então tirou a jaqueta do corpo ficando apenas com o uniforme,

e a passou para meus ombros.

— Está frio.

Pisquei, atordoada por tudo o que estava acontecendo. Lucas pôs as mãos nos bolsos da calça jeans e se virou novamente.

— Fica bem, *quietinha*.

— Não sou quietinha — contrariei.

— Querendo ou não, *você é.*

Aquele frio na barriga percorreu todo o meu corpo e fiquei olhando ele se afastar, com as mãos envoltas na jaqueta que eu havia recebido dele. *Que segredos meu coração estava tentando me esconder?*

****
Ooii, creio eu que esse é o maior capítulo que eu escrevi e que me rendeu bastante inspiração! Perdoem-me pela demora!!

Ahhhh.... alguma teoria sobre o Lucas? Hi,hi, apaixonado ou não?

E... parece que o livro dos meninos vai começar pelo Lucas, já que o nome dele sempre está nos comentários ksksks

Ahhh, já estão me seguindo no instagram do livro???

@deh_library

Que Jesus os abençoe sempre.
Vota na estrelinha? ⚜
****

Capítulo 36

Déh
Um passado.

Primeiro bufei, me ajeitei na cadeira, olhei para a luz do abajur e meus olhos se cravaram novamente em mais uma página do livro acadêmico. O empecilho era não conseguir me concentrar na leitura. Folheei mais algumas folhas e fechei o livro para em seguida desligar o abajur, não querendo acordar as meninas que descansavam da viajem.

Encostei a cabeça no travesseiro e encarei o teto fixamente, minha respiração pesada e enfada. *Havia algo mal resolvido em mim e eu não sabia como mudar.* Crispei os lábios, escutando o silêncio profundo imerso em um misto de solidão. Era só não pensar em nada, que tudo ia passar. Levei a mão até a gaveta do meu armário, atrás de um marcador de páginas, para bater em algo largado no meio da gaveta. Puxei a gaveta e examinei com olhos afiados aquele pote com cartas.

Me detive por alguns segundos sentindo a falta do tilintar da pulseira quando eu esbarrava em algo. *Eu sentia falta dela tanto quanto sentia dele.* Era a pior estupidez que eu podia sentir, não fazia mais sentido algum, só que ainda assim *eu sentia*. Nada mais era igual, ele e a *sua* pulseira haviam se tornado memórias do que já tinham sido um dia para mim.

Peguei o pote e distribui as cartas pela colcha, tentando ler as datas de cada uma delas. De repente fui tomada por uma repulsa. Eu havia confabulado as coisas, criado um mundinho perfeito só para mim, com homens perfeitos e romances clichês e ilusórios. Eu tinha tantas expectativas de como era o amor, que menti para mim mesma, me forçando a não aceitar como o mundo era de verdade. Achei que conhecia as pessoas

de verdade, confiei nelas e me levei por palavras. Porque eu ainda acreditava em príncipes encantados e eles não existiam, *nunca existiram.*

Meu peito ardia de furor só de pensar no "comprimido" que eu tinha sido para amenizar a dor de um traumatizado. Um curativo para esconder um machucado para ser descartada depois. Fechei um dos punhos, com uma vontade imensa de rasgar uma por uma daquelas cartas e deixa-las em pedacinhos.

A vida real é cruel, dolorosa e nada confabulada. Vivia lendo sobre pessoas se apaixonando que almejei isso para mim. Eu queria ser amada como na minha mente exigia, da forma como eu havia determinado, e para o meu azar, meus padrões só foram aumentando cada vez mais, acreditando que chegaria minha vez de vive-los. O fato era que eu desejava encontrar um homem como muitas garotas querem, mas na vida real eles não são escritos por mulheres como nos livros. Me doía admitir isso, mas Noah me fez entender o que era um "homem do padrão da sociedade".

Ele não era o homem certo. E eu que sempre frisava que estava esperando o homem certo, a hora certa, percebi que o tempo estava se passando para mim. Eu havia desperdiçado oportunidades, enquanto tentava me convencer das minhas ideias.

Fiz tudo que estava ao meu alcance. Orei, confiei em Deus, busquei ser a melhor versão de mim mesma, mas travava uma batalha de sentir que nada estava acontecendo. A luta que me fazia pensar que as pessoas que praticavam coisas contrárias eram as que estavam se dando bem, não sendo punidas por seus erros e as que continuavam a disseminar coisas más. A questão era, até onde minha fé e confiança em Deus iam? Deveria provar minhas palavras direcionadas ao Senhor, porque eu confiava nEle.

"Não te aflijas por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos ímpios." Provérbios 24:19.

Minha mão se conteve a poucos centímetros de amassar a primeira carta, sentindo a inquietude latejar dentro de mim. Meus dedos se fecharam formando um soco, e me lembrei que em algumas delas haviam orações. As guardei na gaveta e tranquei com a chave, me lançando sobre a cama.

Seu mentiroso. Me fez acreditar que sentia algo por mim, que eu era importante para você. Disse palavras doces e me tratou da melhor forma possível. Fui apenas o pretexto para sua tentativa de esquece-la. Se passou por um homem ideal. Ideal? Você não é. Só a sua versão na minha cabeça era.

— E foi isso. Apenas isso. — Fran calçou as sapatilhas com o tornozelo enfaixado no dia seguinte. — Já contei a história toda, sinceramente finjo que tudo não passou de uma tremenda loucura.

Leh arrumava seus cadernos sobre a escrivaninha e pôs a mão na testa.

— Oh Lucas! Torci meu pobre tornozelo, tá vendo, oh? Me entregue sua jaqueta, que é claro que eu não quero e nem preciso! — Apontou para a jaqueta escura de couro na cabeceira da cama da Fran. — E aí de você se dizer que eu estou apaixonada! Isso é infâmia, ouviu?

Fran fechou a fivela da sapatilha direita e se equilibrou na cadeira, quase tendo um ataque de nervos.

— Ah minha nossa, não, para com isso! — ralhou. — Você não perde uma oportunidade de me azucrinar com esse assunto! Escuta, eu vou te zoar por estar namorando, viu?

— Desde quando namorar virou motivo de piada? — Leh fungou. — Você está arrumando pretextos para negar o óbvio.

— Não! Sem possibilidades! É você que tá vivendo no clichê — acusou. — Está tão apaixonada! Aí, demais! Todo o dia: Alex, benzinho, oii?

Só vi um de nossos grampos de cabelo voando na Fran, que se acabava de rir.

— Para, boba! Nossa situação ainda não está resolvida, ainda falta falar com...

— Tá, ok. Só que não pode negar o quanto está melosa, ui, ui, que irônico! Justo você que falava que era vela de nós três.

Enquanto as duas trocavam suas farpas amigáveis, eu me olhava no espelho fazendo um coque para o dia puxado. Além da aula, eu tinha o curso de confeitaria e alguns ensaios no teatro. Justo naquele dia, eu tinha parceria com Jack — que eu não via há dias, e nem fazia questão. Peguei o pente e escovei o cabelo devagar.

— Oh Déh, vamos chegar atrasadas! Vamos? — Fran estalou os dedos, ainda meio trôpega. — O refeitório não deve estar tão devastador nesse horário, melhor irmos agora.

— Podem ir na frente meninas! — Sorri para o espelho, passando o elástico para o cabelo. — Tenho que terminar de arrumar o cabelo. Ele está meio seco.

— Vai lá pegar o meu reparador de pontas, a gente te espera — disse a Leh, aparecendo atrás de mim.

Alcancei o reparador de pontas e toquei na tela do celular para ver o horário.

— A dica do reparador eu vou aderir, mas olha, ainda é sete da manhã. Podem ir tomar o café da manhã de vocês! Apareço lá em alguns minutinhos.

As duas se olharam com aquele típico olhar que já estava manjado, fazendo uma careta de "não!". Virei a cadeira e fiquei de frente para elas.

— Andem, as duas! Tão teimosas, meu Deus.

— Déh... — Fran se apoiou na ponta da penteadeira. — Não é legal a gente te deixar de lado. Nem faz sentido, somos um trio e a gente sabe que você...

— Parem de se preocupar, não estou necessitando de tanto cuidado. Posso resolver meus próprios conflitos, vocês não precisam tomar minhas dores. Por favor.

Não queria pensar no quanto eu estava sendo egoísta por meter as meninas no meio de um problema meu. Não queria ninguém me vendo como vítima a todo momento.

— Olha, se você estiver se...

— Não! — Interrompi a Leh de súbito. — Estou ótima, é melhor vocês irem logo. Esqueçam de mim um pouquinho, vocês têm preocupações maiores.

Sem muitos protestos as duas saíram juntas, talvez ressentidas pela minha forma áspera de falar. Me observei no espelho e terminei o coque, indo verificar meu celular que notificou uma nova mensagem.

+1 ° Número desconhecido: E aí, pronta para aula?

No topo de mensagens fixadas o contato de Noah continuava lá. Três mensagens não lidas desde da convenção de basquete — desde do ocorrido —, prendiam minha atenção e mesmo assim eu não as li. Ele não me procurou depois do ocorrido, *e estava certo,* eu pedi um tempo. *Ele precisava desse tempo.*

Deslizei o dedo pela tela do celular e reconheci a foto do número desconhecido. *Jack.* Como ele tinha conseguido meu número? Não queria contato com aquele garoto de sorriso falso e de meras palavras articuladas. Jack era a pessoa mais estranha que eu conhecia, eu não sabia bem das suas intenções e muito menos do seu passado. Desliguei o celular e atravessei o quarto, buscando meus livros.

O dia correu como nos últimos tempos. *A mesma rotina. As mesmas pessoas. O mesmo desgaste*. *Tudo no automático.* No curso de confeitaria Leo e Manuel não estavam participando das aulas naquela semana por causa da viajem, e era um alívio para todos.

Preparamos três pratos diferentes no dia, dois doces e um salgado. Minhas habilidades estavam melhorando e eu me sentia satisfeita com meus dotes culinários recém descobertos.

— Puxa, eu gostei Déh. — Sabrina limpava a mesa da farinha de trigo. — Vai ficar perfeito em uma das bancas.

Bancas. Pus as mãos no avental e arrumei os fios que se desprendiam do meu coque já desajeitado.

— Ah, você achou? A calda de chocolate que ajudou nessa belezura.

— Bem que poderia ficar para a gente comer! — Ela reclamou, olhando para o doce com olhos famintos. — Tia Sunny nunca deixa a gente experimentar!

Leh levava uma bandeja de gelo até a pia e riu enquanto despejava os cubos de gelo em uma bacia.

— Se ela escutar... vai ficar uma fera!

— Ué, é verdade! Meu Deus, a gente só quer um minutinho de paz dessa correria toda.

— Pior que é verdade. Mas logo acaba, isso é questão de tempo. — Abri o freezer para conservar o doce. — O ano está acabando, mas a gente viveu tanta coisa!

— Vocês são bolsistas, não são? — Sabrina palpitou.

Leh levantou a mão em um protesto envergonhado — ela foi a quebra de expectativa de muitas pessoas presunçosas.

— Não sou. Mas, a melhor coisa que me aconteceu foi ser do dormitório das minhas bolsistas favoritas. A Déh foi instrumento de Deus na minha vida, quase como uma mãe, mesmo sendo mais nova que eu. E a Fran é

como a irmã mais nova que eu nunca tive, a gente gosta de se irritar e eu amo isso. Sei lá, só acho que vou sentir tanta falta quando acabar.

— Eu detestei esse lugar. — Fran despejou as palavras de repente, e deixou as luvas ao lado do forno. —Quando notei que era esse curso que íamos fazer, eu achei repugnante, no fundo *todas* achamos. Mas, foi aqui que a gente aprendeu coisas e somos quem somos hoje.

As risadas, as conversinhas, as brincadeiras, e até mesmo as *broncas* iam fazer falta. O sentimento de saudade é quase como um aperto no coração, que vai deixando ele cada vez mais disperso do que passou. *É, ia fazer falta.*

— Aí, aí, parem com isso! — Sabrina faltou suplicar. — Estão me deixando nostálgica, credo.

— É. — Suspirei. — Olha, a gente se divertiu muito nesses últimos meses.

— E vamos nos lembrar de tudo sempre. — Leh andou para o outro lado. — Vai estar marcado em nossos corações. Tudo, os momentos alegres e de tristeza também.

— Mas.... — Fran puxou. — Estamos livres uma semana daqueles paspalhões!

— He, he, deles eu não vou sentir falta alguma. — Sabrina prendeu uma risada, que explodiu quando concordamos.

— Muito menos nós — emendei.

Cheguei uns 15 minutos mais cedo no curso de teatro e como previsto, só a instrutora Liz estava lá. Liz arrumava papéis de falas e documentos importantes, e eu resolvi ajudar na faxina, só nos restando o silêncio.

Para a minha tristeza, Jack chegou mais cedo por algum motivo. O observei adentrar a sala e fechar as portas, pronto para sua "alta

performance". Ele se virou para andar, bem alto, o queixo erguido, o contraste do cabelo caramelizado estaqueado acompanhando cada um de seus movimentos, os dedos com vários anéis estilosos encontrando os bolsos de seu casaco. Torci para que ele não viesse na minha direção, mas *infelizmente* ele veio.

Eu estava na ponta do palco e me virei para o lado, não querendo conversar. O garoto deu um sorriso maroto e de "meia lua" e acenou para Liz que retribui o gesto rápido, voltando aos afazeres. Seu caminhar era tão sutil, que me fazia revirar os olhos. Jack colocou as mãos no palco e deu um leve pulo para ficar sentado na borda.

— Déh... Déh... Déh... — Parecia feliz ao pronunciar meu apelido.

Respirei fundo e continuei a varrer o lugar, o ignorando por completo. Ele deu uma risadinha curta, como se estivesse divertindo com alguma coisa.

— Vai mesmo me ignorar, srta. Millicent?

Não falei nada. Ele observou a sala por certo tempo e pôs as duas mãos na borda do palco inclinando a cabeça para trás, olhando para mim diretamente.

— Não sou um mostro srta. Millincent. Posso ser até um grande enigma para a maioria das pessoas, mas não sou um alguém deplorável. — Jack se virou, dobrando uma das pernas. — Por algum motivo, você está me ignorando. Nem respondeu minha mensagem.

— Não quero conversar. Muito menos com você.

Ele ergueu as sobrancelhas, ofendido com meu comentário ríspido. Jack me analisou por algum tempo e seus lábios se entreabriram, enquanto ele tecia as palavras para proferir.

— O que um coração quebrado pode fazer com uma mulher, é assustador...

Apertei com força o cabo da vassoura ao escutar suas palavras sussurradas.

— Do quê está falando?! Você não sabe de nada, de nada. O que foi agora? Quer vir aqui e dizer tudo o que está pensando?! — explodi, sentindo meus olhos marejarem. — Você é cruel Jack, você não tem bom senso!

— Não chore! — Ele pediu, enquanto se levantava e vinha até mim. — Aquele traste não merece suas lágrimas.

Jack levou a mão até meu rosto, na tentativa de enxugar a única lágrima solitária. Afastei sua mão com um tapa leve, mas ameaçador.

— Não me toque. O único traste aqui é você.

Contrariando todas as minhas expectativas, Jack apenas riu. Era como se aquela mísera risada debochasse de mim por inteiro, me afrontasse a um pouco de me rebaixar a pó.

— Por que está rindo? — O encarei, com raiva. — Responde, por que está rindo?!

— Humpf, eu nunca a vi tão revoltada nesse estado drástico, Déh. — Levou a mão até o cabelo. — Mas, bom, sendo modesto, você está certa.

— Certa?

— Posso ser um traste, mas não para você srta. Millincent. — Um dos cantos de seus lábios se levantou. — Para você eu não sou um traste.

Arregalei os olhos, pega de um temor e uma surpresa tão grande que não ousei o encarar.

— E, para você ficar sabendo, eu não tenho nada a ver com o que aconteceu naquele dia. Não fui eu que convidei a Maya para estar ali. Sei que pareceu que fui eu que arquitetei os acontecimentos, mas não foi.

— E-eu não tenho nada o que comentar. sobre isso — sussurrei, de cabeça baixa. — Só me deixa, ok?

Levantei os olhos, notando seu semblante calhando para uma preocupação.

— Olha, sei que você ainda gosta muito daquele babaca, mas ele não te merece. Tinha tudo o que um cara decente quer ter, e foi burro o suficiente para te deixar escapar por entre os dedos. Imbecil estúpido — praguejou.

— Não importa. Não mais. Eu não quero tocar nesse assunto. — Olhei para Liz que parecia alheia ao que estava acontecendo. *Pelo amor de Deus mulher, como você podia ficar tranquila aí?* — Não confio em você.

Ele deu de ombros, voltando as mãos para os bolsos do casaco bege.

— É normal não confiar em mim, e cá entre nós, você tem razão. Meus contatos são reduzidos e eu tenho muita bagagem. Mas, não sou completamente descartável como acha.

— Eu não disse isso. — Suspirei alto, detestando o rumo daquela conversa. — Pessoas não devem ser descartadas. Algumas talvez, mas...

— Você está diferente — Jack constatou, olhando para mim acanhado. — Esse cara foi tão estúpido por ter feito isso. Ele não te contou tudo, não é?

— Isso é questão dele, não tenho direito de interferir em nada.

— É, fiquei sabendo. Atorzinho mascarado fajuto, ainda continua se passando por bonzinho, sendo que ele era o mais hostil dos caras. — Jack pendeu o pescoço para os dois lados. — É, pelo visto você também não ficou sabendo da fama desse néscio.

Fechei um dos punhos e continuei varrendo.

— Eu não quero saber. Se ele não me disse, não vejo motivos de *você* dizer — silabei, quase acabando comigo por dentro.

— Vocês garotas são tão sentimentais. — Jack soltou um ar de enfado. — Segue sua vida Déh, assim como ele está vivendo a dele, nem aí para o que aconteceu. Só não esquece de mim, srta. Millicent. *Eu estou bem aqui, a um passo de distância de você.*

O olhei de soslaio, enquanto ele se virava para pegar o papel com suas falas. O que ele realmente queria com tudo aquilo? Acabar ainda mais comigo, com certeza. *Articuloso*.

>>>>>>>>>

Os dias se passaram rápidos, a ponto dos preparativos do campeonato de vôlei estarem a todo vapor — eu e as meninas estávamos nos acabando com os cartazes para o evento. Nas aulas de teatro eu estava me saindo bem, e estava sendo mais fácil conviver com o Jack naqueles últimos dias.

Ao passar de cada dia, eu via a vida se movimentar. Os conflitos que surgiram quando a Leh foi conversar com a Nathy, e a especulação da expulsão da amiga que gerou certa polêmica. O jeito como a Fran vinha falando do Lucas, e a sua provável dúvida constante entre dois rapazes. E a minha vida, *que continuava na mesma.*

Naquele dia estava fazendo um calor a beça, e resolvi tomar um banho antes de ir para quadra. Meu cabelo estava molhado e eu havia arrumado um conjuntinho para me manter um pouco ajeitada.

As líderes de torcida ensaiavam de um lado da quadra, sendo uma delas a Tâmara, que mandava acenos e piscadinhas para o Lucas que treinava com perfomace. Para o nosso fortuno, nos dividimos em cuidar de uma parcela de cartazes para as líderes, assim não ficava cansativo.

Meu cartaz consistia em grandes letras formando o nome do time, desenhei tudo o que combinava com os meninos, e ser dotada de arte me ajudou nesse quesito. Já que o bebedouro ficava no andar de cima, deixei minhas coisas e subi as escadas para chegar lá e acabar com a sede que eu estava sentindo.

O corredor não estava tão lotado como de costume, e deu tempo até de encher uma garrafinha para levar para as meninas. Passei por uma imensa grade que dava de cara com a segunda quadra, mais iluminada e sofisticada do que a outra. Fiquei a olhando por breves segundos e meu celular tocou, em uma ligação, fui até uma das arquibancadas e me sentei lá para atender.

— Alô?

— Oie, é a Sabrina, tenho novidades! — anunciou com a voz animada. — Amanhã é aniversário da tia Sunny, ficou sabendo? Eu estava pensando em organizar uma festinha para ela, que tal?

— Bom, então... — Dei risada, sabendo que aquela senhorinha de sessenta e três anos ia detestar a ideia.

— Eu sei, ela vai acabar conosco! Mas o Josh vai passar o final de semana ajudando com as festividades do campeonato e eu queria que a tia Sunny conhecesse meu namorado.

— Ué, ela não pode conhecer ele outro dia?

— Poder, pode. Mas é que o Josh está para terminar o ensino médio e ainda faz técnico, então a gente não se vê muitas vezes. E, eu tô afim de fazer uma surpresa para ela.

Dei um leve sorriso e abri a garrafa para dar um gole, ponderando a situação.

— Ou ela vai te abraçar ou te enxotar. Mas, vai valer a pena, vou avisar as meninas.

— Oba — ela comemorou. — Obrigada. Vou desligar, se cuida, viu?

A ligação foi encerrada e deixei o celular na perna, olhando para a bela visão da quadra que eu tinha através das grades. *Se cuida*. Será que ainda era nítido o quão frustrada estava? Enterrei as mãos no cabelo ainda molhado e deitei a cabeça.

— Então... você é a tão famosa Déborah Millicent?

Voltei a cabeça para frente, me assustando com a figura em pé ao meu lado com uma latinha de energético nas mãos. O cabelo cacheado era inconfundível, a pele bronzeada, longos cílios e um corpo esbelto, bem definido em curvas e atlético me fez lembrar de um alguém que eu não conhecia e que já tinha feito certo estrago na minha vida. *Maya*.

A moça não esboçava nenhuma expressão de deboche ou rivalidade feminina, apenas me encarava com um ar difícil de se compreender. Me sentia insegura de estar perto dela, pelo simples fato do coração do Noah já ter sido, ou melhor, *ser* dela. Ela era o estereótipo de garota padrão, então comecei a sentir um incômodo que comecei a compará-la a mim. Por que eu estava fazendo isso? *Eu não era nada igual a ela.*

— Sou Maya Miller. — Ela se jogou ao meu lado e cruzou as longas pernas torneadas em um jeans rasgado. — Prazer em conhecer você.

O que ela queria ali? Me azucrinar ainda mais? Comparada a ela, aquele sorriso e seu físico esbelto, eu não era o padrão da feminilidade. Nem meu corpo, nem meu sorriso, nem meu cabelo podiam se comparar aos dela. Puxei os fios que se despontaram do cabelo e o segurei com a mão.

— Boa noite, Maya — disse, em um resmungo indecifrável.

Ela deu mais um gole no energético com várias pulseiras no braço direito, e eu observei a quadra.

— Ele não está aí, se é que está o procurando. — Ela afastou os lábios da borda da lata e me fitou com os olhos cor de mel.

Engoli em seco, sentindo todo o ressentimento que estava guardado dentro de mim voltar a tona. Arfei e virei o rosto para o lado.

— Não estou atrás dele.

Maya bebeu todo o líquido que ainda restava em um só gole, passando as mãos pelos cachos bem definidos.

— Como não? Fiquei sabendo que você é a namorada do Noah, deviam aproveitar os momentos juntos.

— Eu não sou.

— Não é? — perguntou, incrédula.

Apertei a mão, engolindo o choro entalado na garganta.

— Nunca fui, na verdade. E é claro que você deve saber disso, as fofocas correm rápidas por aqui.

— Ah, como correm! — Ela abanou a mão, jogando o corpo para frente. — Mas, puxa, que pena. Achei que vocês estavam juntos.

Que pena? Era sério isso? Por que ela ia sentir pena se voltou apenas para acabar com algo mal estruturado? Arqueei as sobrancelhas depressa, e me virei para o seu lado com tudo.

— *Como*... "que pena"? — falei arrastado, cheia de remorso.

Ela me olhou de soslaio, através dos cachos que emolduram seu rosto bem desenhado.

— Aquele garoto merece ser feliz. — Maya brincou com a lata, séria. — Merece mesmo.

Uma declaração dessas na minha frente? Ela estava falando do garoto que ainda provocava em mim tantos sentimentos que eu queria que desaparecessem. *Os dois ainda se amavam*, essa era a verdade.

— Tenho um passado com ele, e o conheço de um jeito tão arriscado de viver, que talvez... saiba de todos seus segredos. Pelo menos os segredos do Noah antigo. — Maya deu um sorrisinho. — Você gosta dele não gosta, Déborah? Ou melhor... O ama, não ama?

Tensionei a mandíbula e encarei o chão, meu coração tão descompassado revelando o que eu verdadeiramente sentia e não podia negar. Ela parecia ver o que se passava, através daquela expressão trancada que eu vinha mantendo.

— Eu não...

— Mas não gosta do Noah que eu conheci. — Ela se virou para mim e deixou a lata entre nós. — Ele mudou para caramba! Não parece mais o menino inconsequente de antes. Acho que... amadureceu.

— O que você quer dizer? — perguntei baixinho, meus olhos concentrados em sua expressão.

— Esse assunto é meio delicado para mim, viu? — advertiu. — Mas cara, sem brincadeira, se for para contar isso a alguém que está conectada de fato com ele, lá vai.

Ela só podia ser igual ao Jack, dissimulada. Como a ex namorada queria vir esclarecer as coisas com a "atual" garota que gosta do seu ex? Aquilo não se encaixava, parecia forçado.

— Sou um ano mais velha que ele, então sempre imaginei ter mais liberdade. Poxa, sempre fui a que aprontava, sem limites, que não estava nem aí para regras e as quebrava sempre que podia! — Riu, se divertindo com suas lembranças. — Pensa numa garota arteira!

Franzi as sobrancelhas, questionando onde ela queria chegar.

— E, ele, tá, era o riquinho da turma. A gente se conheceu no fundamental. O Noah era um idiota por não querer quebrar regras, e eu não via ele como um cara que eu... Sabe, que eu queria "ficar". Era magrelo, franzino e bonzinho de mais para o meu gosto. — Levantou o queixo, orgulhando-se de alguma coisa. — Sempre gostei daqueles que arriscam a pele por mim, talvez eu seja um pouco orgulhosa, mas ele não fazia meu tipo.

Maya deu um peteleco na lata, cruzando as pernas. Para seu porte tão delicado ao caminhar no baile, não combinava em nada com a sua personalidade.

— Éramos um quarteto de amigos. Eu, o Noah, a Mariah e o... Jack. Eram bons tempos, a gente só sabia praticar um monte de esportes nos clubes que nossos pais bancavam e era massa. Meus pais eram e ainda são dois alcoólatras, e eu tinha muitos problemas dentro de casa. Daí o motivo dos meus amigos se tornaram minha segunda casa. Com eles não tinha frescuras, a gente bebia um refrigerante e jogava um jogo de tabuleiro que resolvia.

Um passado. Eu estava escutando o passado de mais de uma pessoa, a vida de pessoas que antes eu não tinha noção de quem eram. Eu não sabia nada mesmo sobre eles, e era assustador.

Maya fechou um dos punhos e com a outra mão fez círculos no chão da arquibancada, pensativa. Ela não olhou para mim, temerosa que eu encontrasse alguma coisa em seu olhar.

— A Mariah estava afim dele, já fazia um tempão. Ela me contou, e eu apoiava. Caí na besteira de dar um "toque" no Noah, mas ele veio com uma historinha que não podia ficar com ela, porque era crente e ela não. Fiquei de saco cheio e daí agi por impulso, beijei ele *atrevidamente*. — Ele levantou os olhos na minha direção. — Eu fiz isso para provocar mesmo, para chegar e dizer: "cara, você tem medo de meninas"? Mas... daí, por causa desse beijo, surgiu algo a mais.

Era difícil ouvir o quanto de sentimento estava envolvido naquelas lembranças, as lembranças dele com outro alguém. Olhei para o lado, desejando não escutar mais, só que *precisando* escutar.

— Ele frequentava a igreja naquele tempo, mas não me importei. A gente começou a ficar, no começo não era nada sério. Nos encontrávamos escondidos por causa dos pais dele, ele sempre tinha compromissos tediosos e começou a matar aula para ficar comigo. Eu *queria* ele, sei lá, era muita adrenalina escapar por aí junto dele. — Ela riu, e descansou uma das mãos.

— Não demorou muito e a Mariah ficou sabendo, ela me odiou, *tanto*, até me deu um tapa na frente de todo mundo. Quando a gente se assumiu, logo de cara os pais dele não gostaram de mim e até tiveram uma briga feia com ele, mas o Noah não queria saber, ele só ligou o "me deixa em paz, seus velhos", e eu gostei de ver aquelas atitudes de um "homem de verdade".

Minha respiração estava inconstante, ele tinha vivido mesmo um julgo desigual tão arriscado que nem se deu o trabalho de ficar em alerta. *Ele largou tudo por ela*, estava inepto de perceber as coisas por uma paixão que deixava seus sentidos distorcidos.

— Não éramos os preferidos dos pais dele, mas da nossa galera a gente era com certeza. Nós dois colávamos sempre em um rolê diferente. — Ela ergueu a postura e olhou para um ponto fixo. — Aos poucos ele foi se soltando mais, a gente até arrumou identidades falsas para entrar em festas e encher a cara com drinks e bebidas, mais de uma vez.

Arregalei os olhos, olhando para ela estupefata. O Noah, ele, *já tinha provado de bebidas*? Mas... Como... *É*... Seu passado me deixava com uma presunção de quem ele era de fato.

— Nós mudamos para cá juntos, o Noah não frequentava mais a igreja e a gente podia curtir. Mas, foi aqui que nossas brigas começaram. O Noah começou a ir nas festas que promoviam escondido sem mim e sem minha influência e sempre estava com uma ressaca braba, mesmo sendo menor de idade. Haviam rumores de que toda vez que a gente dava um tempo no nosso relacionamento, ele ia dar atenção para uma garota diferente só para me provocar.

— Ele te traiu...? — A voz custava sair da minha boca.

— Não dá para saber, nunca flagrei na verdade. Talvez fosse tudo por birra, ele só queria que eu ficasse com ciúmes. Já ele era ciumento, detestava que os meninos do nosso círculo se aproximassem de mim, mas vivia se engraçando com as meninas por aí, por causa da fama de jogador. — Ela trincou os dentes. — Nós dois éramos tóxicos, uma hora falava que se amava, outra discutia por meras bobagens.

Eu nunca tinha pensando que Noah era assim. Na minha mente, ele era calmo, pacato e gentil que meu coração se estremecia só de ouvir sua voz. Mas ele não era o homem perfeito da minha imaginação, ele tinha muita e muita experiência, uma bagagem detalhada, um histórico. Havia sido um dos populares fúteis que eu tanto tentava escapar, conhecido o mundo muito mais do que eu, sabia e tinha experiência e se aproveitou disso para mentir para mim.

— A gota d'agua foi nossa última briga. Um cara, jogador do time dele, estava pedindo meu número e ele surtou! Eu impedi que ele quebrasse a cara do garoto, e para descontar em alguém, ele se afastou de mim. Eu já estava degastada daquela relação, não aguentava mais. Ficamos sem se falar por um tempo, e nas férias de verão, como a gente não estava mais juntos, comecei a olhar diferente pro Jack e a gente começou "algo". Sei lá, chama como quiser, talvez tenha sido traição ou não, mas eu tinha dado um tempo do Noah. — Abaixou a cabeça. — Em uma festa da família do Jack, eu beijei ele porque estava curtindo o momento, mas o Noah estava lá, e eu nem sabia. Foi um trastorno, os dois brigaram de socos e feriram um ao outro, saíram os dois todos acabados. Eu fiz errado, eu sei, talvez eu traí ele, mas nada me garante que eu não fui traída também.

O Jack... *O Jack*. Então esse era o segredo que os separava. Era isso que tinha acontecido de verdade, e eu não compreendia.

— Estava mal naquela época, então só fui na onda. Essa foi minha desculpa para deixar ele, já não sentia algo que me prendesse aquele relacionamento conturbado. — Maya suspirou e olhou para o alto. — Me mudei por causa de advertências, fiquei repetente, e porque não dava mais para suportar isso aqui. Os rumores do Noah pioraram por algum tempo, mas eu segui minha vida.

Olhei para o chão, um flashback sobre Noah passando em minha mente. *Esse Noah eu não conhecia.* Eu nunca ia imaginar que seu passado tivesse sido assim. Parecia que eu tinha sido enganada aquele tempo todo, tinha trilhado momentos mágicos ao lado dele, mas eu não o conhecia de verdade. Estava escutando da boca da sua ex o seu passado, e não dele próprio.

— Só que... Ele mudou. Não o reconheço. — Ela suspirou alto. — Os olhos...estão diferentes. Parece ter encontrado paz.

Maya olhou na minha direção e pendeu a cabeça para o lado.

— E... eu vi.

Ergui os olhos para ela de imediato.

— Viu, o quê?

— O jeito como ele olhou para você. O jeito como ele saiu correndo feito um louco atrás de você. Ele nunca fez aquilo por mim, deixar todos plantados e sair desesperado.

Apertei as mãos sobre o colo, *um mentiroso*, *ele era uma farsa.*

— Eu me arrependo de muitas coisas, mesmo. Minha conduta não foi das melhores e eu também falhei, mas, dá uma chance para ele. — Ela tocou meu ombro. — Ele merece ter alguém para construir um futuro de verdade.

— A questão é que eu não sou um prêmio de consolação! — resmunguei, tomada pelo furor. — Não sou um mimo que é entregue a uma criança mimada que perdeu algo. E, o que você quer com tudo isso no final das contas?

Maya riu e brincou com as pontas do cabelo, antes de jogar a lata no lixo em um acerto.

— Acha mesmo que eu ia te contar tudo sobre o passado dele, te fazer perceber o quanto mudou, o quanto ele não é o Noah que eu conheci, se eu estivesse querendo te sabotar?

Fiquei calada. Ao menos, uma vez na vida eu tinha que confiar em algo que realmente tinha visto. O que ela fez, uma garota que quer seu ex de volta jamais faria.

— Ele errou, eu errei. Não funcionou, por mais que a gente se gostasse muito. Agora com você, pode ser diferente. Você ainda é jovem e não sabe muito sobre o amor, ele é alguém querendo redescobrir o amor. Quero que cada um siga sua vida, sem mágoas, e quero parar de carregar esse peso nas costas.

— Não faz sentido... — Não me contive. — Para que voltou para essa escola, então?

— Se não sabe, eu já tenho 19 anos. Voltei pelo técnico que garantiram para mim, há alguns anos. Quero ter um bom futuro. Tô recomeçando. Tenho um cara legal comigo, tenho novas amizades e de desconto uma mentalidade mais sólida.

Me calei. Não sabia o que falar e não tinha mais nada o que falar. *Já bastava para mim.*

— Déborah, segue meu conselho. — Ela se levantou e esticou os braços. — Se você sabe que ainda tem alguma chance de dar certo, não perde. Vejo futuro entre vocês. E seja lá o motivo pelo qual vocês ainda não são nada, quebra essa barreira.

Você é a barreira.

— Maya... — Chamei, antes de ela ir embora. — Deixa Jesus cuidar de você. Não se culpa por nada. Jesus te ama muito mesmo.

Maya deu um sorriso de lado e acenou com a cabeça, seguindo seu caminho. Enterrei as mãos no cabelo, absorvendo todas as informações. Nunca na minha vida eu tinha imaginado um Noah baladeiro, que praticava atos contrários a Bíblia sem nenhum pudor e que largou tudo pelo mundo.

Talvez eu tivesse mesmo idealizado um homem perfeito nele, mas ele era apenas um homem. Por que criei tantas expectativas em um homem? O problema não estava no que ele foi, mas no que ele estava sendo naquele instante. O jeito como não soube o que falar quando fiz uma simples pergunta tão decisiva para nossas vidas, não me mostraram sua mudança de

fato — pelo menos uma mudança para mim. Para contribuir, me escondeu tudo sobre si e me largou com tantas dúvidas que ele mesmo podia tirar e não fez questão de me deixar a parte. Ele a traiu, isso com certeza tinha acontecido, mas quais eram suas reais intenções comigo?

Não havia chances. Nós dois fizemos um propósito, e se não estava acontecendo, se estávamos longe um do outro, era porque eu tinha recebido o meu "não". Não havia *nós* para mim e Noah Leblanc. *Não mais.*

>>><<<>>><<<>>><<<>>><<<>>><<<>>><<<>>><<<>>>
Oiiii, meu Deus, eu volteiiiiiii!!!!! Kkkkk desculpem a emoção, é que eu amo ler os comentários de vocês. Principalmente os surtos com os momentos mais fanfiqueiros kkkkkk

Já comecei o livro dos meninossss, estava reunindo ideias e esqueci do capítulo 36! Perdão!! Mas, aí, vocês vão surtar, muitooo. O Lucas.... aí, não vou dar spoiler!! Kkkk

O que acharam do capítulo de hoje? Maya é confiável ou não? E o Noah... tinham imaginado esse passado para ele?

Já me seguiram no Instagram do livro?
@deh_library

Maiiiss uma coisa, como vocês imaginam o título do livro dos meninos?

É isso, que Jesus esteja com vocês, Ele ama tanto vocês! Vota na estrelinha?

>>

Capítulo 37

Leh

Amiga ou inimiga?

Os pontinhos pequeninos e brilhantes que iluminavam o horizonte escuro, faziam com que eu admirasse ainda mais aquele céu farto por estrelas. Tudo parecia estar em ordem, tanto o céu denso — brincando com o contraste das nuvens em tom azul escuro —, quanto a brisa tempestuosa que fazia com que a grama se movesse devagar. Ao meu lado, uma respiração profunda e tranquila tornava o burburinho do campus rebaixado a nada. Nossas mãos entrelaçadas deixavam meus dedos aquecidos de forma intensificada e nada parecia me importar, era como se houvesse uma eletricidade palpável entre mim e Alex.

— Acabei de ver uma estrela se movendo ali. — Os lábios de Alex se esticaram em um enorme sorriso de dentes brancos. — Puxa vida, hoje provavelmente o céu vai ficar coberto por nuvens.

Algumas nuvens carregadas e escuras se moviam com destreza a caminho da lua, a ponto de a cobrir devagar, escondendo seu brilho intenso.

— Acha que vai chover muito? — perguntei, concentrada na lua que já estava coberta por mais nuvens. — Quer dizer, você não é meteorologista, mas...

— Há... me parece que sim. Daqui a pouco vai garoar com certeza, uma tempestade sempre começa assim. — Alex inspirou e deu de ombros. — Mas o cheiro de terra molhada deixa as coisas mais afetivas, é como revisitar memórias de infância do meu passado. Lembro que eu costumava

sair para brincar na chuva com meus irmãos mais velhos e chegava encharcado de lama para casa. Quase matei minha mãe de raiva, o piso sempre estava limpo e lá aparecia eu, descalço e todo molhado. Imagina só!

Dei uma risada tão alta, que fui obrigada pela decência a cobrir a boca com a mão livre.

— Credo! Não conhecia esse seu lado rebelde e aventureiro. Que mal-educado...

Ele fez uma pausa de silêncio e cutucou minha barriga, se aproximando de mim, nossos ombros se tocando de leve.

— Ah, não me diga que nunca fez uma travessura. Você não viveu direito se nunca aprontou quando criança!

— Claro que eu já fiz travessuras na infância! — Balancei a cabeça e apertei seus dedos. — Mas, fala sério Alex. Você, tão quietinho, na sua, menininho da mamãe, aprontando?

Alex conteve uma risada e revirou os olhos, os óculos brilhando contra a luz dos postes do campus.

— Aham. Está bom então, dona perfeitinha. — Alex voltou minha atenção para suas feições debochadas. —Me julgando por atitudes de infância, que injusto!

— Eu não sou perfeita! Já tirei nota baixa, sabia?

Ele arrumou os óculos e deixou a cabeça apoiada no braço forte. Virou o rosto para mim e sobressaltou uma das sobrancelhas grossas.

— Am... nota baixa, é? Deixa-me adivinhar, 8, foi sua pior nota?

— Passou perto. Foi 7. Horrível, né? Me culpei horrores, até chorei, acredita? Um ultraje! — Fiz cara de riso, tentando esconder o sarcasmo na voz.

— Sabe que está falando com um nerd, não sabe minha linda? — Deu um sorrisinho sarcástico, gabando-se. — E, minha nossa, uma nota 7 é deprimente mesmo! Está até me dando agonia! Socorro! Minha namorada foi péssima nos estudos! Logo ela, tão exemplar, uma aluna de notas esplêndidas e que por um...

Por impulso tampei sua boca com a mão aparentando estar brava, só que não parava de rir. Como um castigo por eu ter deixado claro que estava caçoando dele desde o início, Alex deu um jeito de se livrar de mim e começou a me encher de cosquinhas a ponto de me fazer soltar risadas espalhafatosas, e que me deixariam com vergonha se eu notasse o tanto de pessoas no campus perguntando quem era a dona daquela risada esganiçada.

Tapeei seu ombro diversas vezes, suplicando para que aquelas cosquinhas acabassem. Ele só sabia rir, alheio ao meu sofrimento de cócegas aterrorizadoras, e ainda de quebra estávamos sujos de grama.

— Quer me matar de rir? — retruquei, sem um pingo de ar quando ele parou de fazer cócegas. — Eu só estava brincando com você, tá?

Ele deu mais uma gargalhada e jogou o corpo na grama para se deitar de barriga para cima. Seus olhos calmos estavam fixos em uma constelação, o que foi oportunidade para me fazer observá-lo pelos cantos dos olhos. Apoiei o cotovelo na grama e o analisei com uma expressão inquisitiva.

— Deve-me boas desculpas por essas cócegas de matar!

Um dos cantos de seus lábios se levantou e ele levou uma mão até meu rosto, acariciando minha face com o polegar.

— A visão que tenho de você sempre é melhor do que observar o céu estrelado— balbuciou —, supera todas as artes.

Balancei a cabeça, não contendo o sorriso que despontava de um dos cantos dos lábios.

— Não seja modesto. Está falando isso apenas para me fazer sorrir e perder a compostura!

— Não estou não.

Alex fez o mesmo que eu, apoiou o cotovelo na grama e ficou me olhando com um sorriso cálido e intenso. *Calado, observador, amador.* Seus olhos percorriam todo o meu rosto, concentrados em cada detalhe, até encarar meus lábios fixamente. Senti minha respiração pulsar com sua proximidade, e como se pudesse ler meus pensamentos, Alex se inclinou lentamente fazendo com que eu visse meu reflexo em seus óculos. Como o imaginado, ele me beijou mais uma vez, e era a nossa respiração compartilhada e entrecortada, a forma como nossos lábios se roçavam, e a sensação quente de sua boca contra a minha que me davam a certeza de que eu não podia me cansar de seus beijos, e temia que jamais poderia realizar tal feito.

Era como se eu pudesse passar tempos ali, aninhada em seus braços que me rodeavam com firmeza, mergulhada em seu perfume e em seus lábios firmes e encantadores.

— Eu não minto — sussurrou, enquanto acariciava minha face com cuidado. — Ainda mais para você, minha pequena estrelinha.

— Sou uma estrelinha agora? — Ri, sendo interrompida por seus lábios em mais um beijo profundo.

Depois de alguns instantes ele se afastou; eu ainda conseguia sentir sua respiração em meu rosto.

— Minha Sirius, lembra?

Alex tirou uma mecha do meu cabelo que atrapalhava minha visão. Ele se afastou um pouco mais e me abraçou por trás, passando os braços musculosos ao meu redor. Estudei nossas mãos entrelaçadas, o silêncio transparente era um firmamento que já nos bastava.

— Alex...?

— Sim, amor?

— Agradeço a Deus por você.

Senti sua respiração bagunçar alguns fios do topo da minha cabeça. Ele se inclinou para frente, absorvendo cada uma das minhas palavras como se fossem preciosidades recém-descobertas.

— Desde que me converti... — Alex conteve um suspiro emblemático. — Vejo que Deus sempre elabora planos belos e perfeitos para nós. Tudo bem, não estou querendo romantizar a vida! O caminho pode ser difícil é claro, as vezes bem árduo e claramente vai requerer de nós esforço. Mas não importa o tempo que passar, as pessoas que se forem ou as dificuldades enfrentadas, no fim, os sábios e os justos serão recompensados de acordo com o que plantaram. Todos, sem exceção.

Pisquei três vezes seguidas, admirada com tanta sabedoria que Alex tinha recebido em tão pouco tempo. Ele me virou para si e tocou meu cabelo, fazendo leves carinhos.

— Não estou dizendo que te mereço, mas você é alguém pelo qual lutei e continuo lutando para ter ao meu lado.

Sorri e não contendo a onda de entusiasmo que sentia, lhe abracei apertado mais uma vez. Passei os braços ao redor do seu pescoço e apoiei a cabeça em seu ombro largo.

— Eu também te amo — sussurrei.

— Te amo. Não tenha dúvidas disso.

Rimos feito dois adolescentes imaturos. Quem nos visse de fora provavelmente nos julgaria por sermos dois clichês apaixonados e até mesmo previsíveis. Mas não estávamos banalizando o amor como muitos faziam e fazem, estávamos cultivando algo belo e que deve ser regado todos os dias, não como um momento passageiro para satisfazer corações egoístas, e muito menos sem ter que usar outra pessoa como objeto para

seus próprios interesses. Ao invés de algo sem estrutura, o que tínhamos era um sentimento solido e abençoado por Deus.

Não demorou muito para que começasse a garoar, os rasos pingos d'água molhavam nossos rostos em um tilintar leve, e em um piscar de olhos já estávamos pegando nossos livros e a toalha de piquenique para voltar. Alex apoiou um braço em meu ombro para me aproximar de si, e estendeu a toalha sobre nós, fazendo esforço para que eu não me molhasse. Como de costume na última semana, ele me levou até a porta do dormitório, prometeu ligar para mim, me desejou boa noite e me deu um beijo de despedida.

Eu o observei indo embora na ponta dos pés, abraçando meu próprio corpo feito uma menininha alegre. Quando abri a porta expondo um enorme sorriso, me deparei com a Fran espiando tudo de joelhos no sofá.

— Muito bonito, né dona Fran? — Bati um pé no chão, brincando. — Anda me espionando agora, criatura?

— Como vocês querem esconder o namoro se andam tão apaixonados por aí? — Ela tirou os joelhos do pequeno sofá posicionado ao pé da janela. — Pelo amor, vocês não são nada discretos.

Revirei os olhos e coloquei os livros na estante ao lado. Tudo era organizado em seu lugar, e bom, eu poderia mesmo me considerar "perfeitinha".

— Acha que alguém desconfia?

— A escola inteira, talvez?

— Ah, relaxa Fran, acho que não é para tanto, você exagera as vezes.

Fran me olhou de soslaio com uma careta debochada.

—E a sua *best*, já conversou com ela?

Parei de organizar meus livros e tamborilei os dedos na mesa; o assunto pertinente que estava acabando com meu psicológico voltava à tona.

— Eu não a vejo a dias, amanhã vou atrás dela para conversar e por fim nisso tudo. Eu acredito no Alex, mas sei que foi só um mal-entendido, a Nathy é uma boa pessoa.

Fran não parecia convencida das minhas palavras. Ela andou até o seu lado do dormitório, sentando-se frente a frente da penteadeira.

— É melhor, assim não tem necessidade do relacionamento de vocês ficar sobre segredo. — Ela escovou o longo cabelo. — Quanto mais rápido acontecer, melhor.

— Sim... É justamente isso que eu tenho pensado. Quero entender o porquê ela mentiu, se é que mentiu. Ela...

— Ela é uma falsa. — Fran foi direta, sem rodeios. — Ah, fala sério, aquela cara de nojo dela era ridícula, ou melhor, ainda é. Falta pedir para colocar um tapete vermelho para passar!

Fiquei boquiaberta e tentada a dar risada. Não pensava nada disso da Nathy, mas os comentários da Fran eram os melhores.

— Julgar é errado... — Espreitei os olhos no seu rumo. — Aí, aí Fran.

Ela colocou o cabelo na touca de cetim, cuidadosa para que os fios se alinhassem. Corri os olhos pelo dormitório e me deparei com a Déh debruçada sobre sua escrivaninha; ela tinha uma caneta caída em uma de suas mãos e estava com o rosto deitado sobre uma folha de papel.

— Ela dormiu faz muito tempo?

— Já dormiu? — Fran virou o pescoço na sua direção. — Ué, estava acordada ainda agora, achei que estava sem sono.

— Deve estar cansada. E meu Deus, ela andou desabafando com você? Porque comigo não.

— Também nada. Fiquei sabendo que ela teve uma conversa com a ex do Noah... — Fran se levantou e foi até a Déh, ainda arrumando a touca de cetim que lhe dava um ar infantil. — Deve ter acontecido alguma coisa. A gente não podia ter deixado ela sozinha!

Calmamente, Fran cutucou a Déh e tirou a caneta de suas mãos. Parecia que ela estava escrevendo algo, mas nenhuma de nós teve a indelicadeza de ler o que estava escrito e a quem era destinado. Eu torcia que fosse algo para o Noah.

Sem muita relutância Déh se atirou na cama, Fran continuou a cuidar de si, e eu fiz uma limpeza na minha estante. Horas mais tarde —ainda não se passava das 22:30h —, eu me encontrava em uma ligação com Alex.

— Não me diga que vai tocar baixo no campeonato de vôlei!

Alex riu, um som que ecoou como música leve para meus ouvidos. Ele pareceu se mexer para o lado com o eco que a linha provocou.

— Estou transbordando de felicidade, ainda nem acredito! Andei treinando muito, amor. O campeonato não vai ser aqui na escola, então vou ter a oportunidade de tocar com outras pessoas especializadas no assunto. Sabe quanto estou emocionado?

— Muitoooo — vibrei. — Vou estar lá, provavelmente trocando os cartazes das líderes de torcida, mas vou ter o vislumbre de te ver tocar.

— Com certeza vai brilhar muito mais do que qualquer líder de torcida. — Alex riu-se com o elogio feito a mim. — Quer que eu peça para toda a torcida gritar o nome da minha namorada? Ou dizer que estou dedicando a música para você?

Sorri para o teto e segurei firme o celular.

— Alex! Não precisa de tanto. Além do mais, são poucas as pessoas que sabem do nosso namoro.

— É, podemos contar nos dedos. Da minha parte só minha mãe, também o Noah e o Lucas já que pedi a ajuda deles. Dá parte do Lucas eu só recebi aquele "encorajamento indiferente". Meu mano é difícil de se lidar.

Troquei o peso do celular de mãos e observei o copo de achocolatado que tinha feito para mim.

— As meninas sabem, a Ofélia também e está esbanjando felicidade, provavelmente contou aos meus pais, já que disse que eles não seriam contrários, só falta *eu* mesma falar com eles. Estou tranquila, exceto pela conversa que preciso ter com a...

— A Nathália. — Ouvi-o suspirar pesado. — Acho que ela não está bem de saúde, essa semana simplesmente sumiu, Leh.

— Olha, Alex, eu disse que ia me reunir com vocês dois, não disse? Só que não acho justo aparecer com você e fazer um monte de perguntas a ela, é até intimidador. Quero ter uma conversa a sós, de amiga para amiga, e se precisar chamo você.

— Por mim tudo bem, prometo não interferir em nada. Qualquer coisa, estou aqui.

Alex estava sendo compreensivo o suficiente para me fazer sentir aquele descompasso no coração. Ele me prometeu ser compreensivo — caso eu não estivesse pronta para o namoro —, o que me fez ficar ainda mais confiante.

— Está com sono? — perguntei.

— Ah, não. Quero continuar escutando sua voz. Pode falar mais, ouviu? Bom, pensei em tocar um pouco, mas aqui está todo mundo calado. Ou é sono pesado, ou são bons atores — brincou.

— Aqui também. Todas já dormiram.

— Leh... — Alex pareceu tenso de repente.— Estou tão feliz conosco, só que, bom, parece até antiquado da minha parte, mas estou me sentindo mal pela situação dos nossos amigos.

— Você diz... do Noah e da Déh?

Alex pareceu hesitar se me contava algo ou não. Mas, seja lá o que fosse, eu queria saber.

— Quer saber? A verdade é que o Noah está um caco, nunca o tinha visto assim. Talvez tenha visto ele um caco antes, mas...

— Alex, embora ele seja seu amigo, o Noah não está certo. Nem sequer procurou a Déh. Se está tão desestabilizado, por que não corre atrás da mulher que ama?

Alex pareceu mergulhar em pensamentos e suspirou novamente. Eu sabia que era difícil falar contra o melhor amigo, mas ele tinha que ser sincero.

— Eu não sei porque ele permanece sem atitude. Sério mesmo. Espero que não seja orgulho ferido. Ele só está se machucando assim, acabando com algo bom. A questão que me prende é que fui evangelizado por ele, tem noção do quanto sou grato? Para sempre. Ele me apresentou o Senhor, Leh. Foi um instrumento. É como um irmãozão para mim e não quero ver ele sofrer.

Tínhamos a mesma percepção. No entanto eu sabia do estado da Déh, e ele sabia do estado do Noah.

— Os dois parecem estar cegos. Não percebem que dividem o mesmo propósito? — Bufei, irritada até com minha amiga. — Espero do coração que eles se acertem. Eles formam um par lindo, como pombinhos apaixonados.

A Déh parecia ferida demais para retroceder nas suas decisões, e o Noah não fazia nada para mudar a situação. Mas, o que poderíamos fazer a respeito?

— Fiz meu devocional há pouco tempo. — Alex interrompeu meus pensamentos. — Posso compartilhar, amor?

Não pude conter uma risadinha.

— Mas é claro! Por favor, vou pegar minhas anotações de hoje.

Abri a gaveta e peguei meu caderno de orações.

"É Deus quem nos capacita e a vocês a permanecermos firmes em Cristo. Ele nos ungiu e nos identificou como sua propriedade ao colocar em nosso coração o selo do Espírito, a garantia de tudo o que Ele nos prometeu." ~ 2 Coríntios 1:21-22.

— Andei pensando nesse versículo, sabe? — Grifei com o marca texto o trecho bíblico. —Não merecemos o grandioso amor de Cristo, mas mesmo com todas nossas imperfeições somos escolhidos, não por nosso mérito, mas pela Graça infinita de Cristo. Eu não me sentia capaz de realizar coisas, me sentia fraca, não via graça em mim, mas Ele viu. Não sou digna, nem muito menos sei o que fiz para chamar Sua atenção, mas Ele me salvou!

Alex demorou uns segundos para retornar à ligação.

— É sentimento de frustração que se chama? — Parecia perguntar mais para si do que para mim. — Medo do que vai acontecer no futuro, se você merece e vai conquistar aquilo, são esses sentimentos que esmagam e sufocam o coração...?

— É normal nos sentirmos assim, mas creio que é a força de Deus que nos levanta todos os dias para um novo amanhã.

— Por isso que cheguei a conclusão que devemos e *precisamos* buscar o Espírito Santo para nossas vidas, priorizar a Presença do Senhor sempre

deve estar em primeiro lugar — Alex refletiu, absorto em suas cogitações.
— Estou tomando mais cuidado para continuar firme, não está sendo fácil renunciar, mas vou continuar.

— Não vai ser fácil, mas não é impossível.

Passamos horas e mais horas falando sobre a fé. Era magnífico ter um recém-convertido dividindo experiências do "primeiro amor" com Cristo. Eu havia decidido que a primeira coisa que faria nas férias seria me batizar nas águas, matar o velho homem em mim. Alex decidiu o mesmo, e resolvemos fazer um propósito com Jesus para nos fortalecer nessa decisão.

No dia seguinte, voltei a correria do dia a dia. Os dias pareciam se passar rápidos, mas nada me importava quando eu encontrava aquele sorriso no meio da sala de música. Era aquele par de óculos, aquele olhar de nerd educado, aqueles dentes brancos e aquele sorriso galanteador que dominavam meu coração. Alex acenou para mim quando passei por sua sala e eu mandei um beijinho. Fran estava certa: era quase certo que todos já soubessem sobre nós.

Me juntei as meninas no refeitório para almoçar. Estávamos na fila, as bandejas prateadas e os pratos brancos e polidos. O refeitório explodia de risadas e paqueras entre populares e jogadores do basquete ou do vôlei. O vôlei estava ficando tão conhecido quanto o basquete e sempre que algo ficava famoso, era questão de tempo para que as populares aparecessem namorando um dos astros do momento.

Nós nos dirigimos para uma mesa no canto ao lado de algumas samambaias, o vidro refletia o céu encoberto por nuvens; não fazia frio.

— O que você tanto olha aí, Fran? — perguntei para a curiosa de olhos atentos.

— Não é nada.— Expirou com força e pegou os talheres com uma agressividade até que passiva.

Déh bateu a perna na minha, indicando com o queixo para Tâmara sozinha em uma das mesas com Lucas — raridade para ele, pois nunca aparecia. Os dois pareciam conversar sobre algum assunto interessante para o moreno sarcástico ter aquele sorriso contido nos lábios.

— Parece que alguém não se aguenta de ciúmes... — Déh sussurrou.

— No fundo até ela sabe! Mas se imaginar que estamos especulando isso, acaba conosco!

— Será que pelo menos está nos escutando? — Déh franziu o cenho e tocou o ombro da Fran.

Fran se voltou na nossa direção e apertou o garfo contra o prato. Ela encheu a boca de comida e balançou a cabeça, apertando os lábios, e se calou, indignada consigo mesma.

Continuamos comendo. Lembrei mais uma vez que devia falar com a Nathy a qualquer custo. Eu mergulhei na lembrança que naquele dia, eu ia falar com a Nathy a qualquer custo. Ela havia desaparecido da minha vista desde a semana na qual voltei, e isso impossibilitou minha conversa com ela.

— Está bem quieta. — Déh observou, enquanto levava uma colher a boca.

— Só pensativa. Tenho que conversar logo com a Nathy. Estou pensando na melhor forma de abordar o assunto.

Fran se recostou na cadeira e enrolou um de seus cachos com o dedo.

— Essa garota é falsa, Leh. Escreve o que estou dizendo, eu não me engano com as pessoas.

Deixei os talheres de lado e limpei a boca com o guardanapo. Eu queria não acreditar naquilo, manter a boa impressão que eu sempre tive dela, eu a conhecia desde criança.

— Não vou ser pessimista. Tem que haver algo de bom na nossa amizade. — Soltei um suspiro exasperado, uma mistura de sentimentos misturados com o desanimo por nada estar resolvido. —Vou compreendê-la, vou tentar, vou mesmo.

— Sabe do que precisa? Acabar com isso. — Déh examinou a situação. — Mas, olha, eu tenho certeza que vai dar certo, só confia e vai. Pede direção de Deus.

A dúvida se instalou rápido demais como uma névoa densa e assustadora. Passei boa parte dos meus cursos com um nó no estômago, sentindo a pulsação rápida da minha respiração pesar. Era estranho sentir que algo estava prestes a conhecer e eu ia passar por ele, querendo ou não.

****

Já se passava das 16:00h e eu já estava liberada de todos os meus cursos. Diferente das outras vezes, tomei um rumo contrário, fui para a quadra. Eu não tinha nenhuma entrega de cartazes ou confecção dos preparativos do campeonato, só que sabia quem ia encontrar lá.

Havia se tornado rotina, e realmente era rotina para Lucas treinar todos os dias feito uma máquina de combate, mas Tâmara, bom, ela não tinha nada o que fazer ali — já que seus treinos eram só três vezes na semana —, só que a cacheada fazia questão de o assistir como uma amadora, uma fã ou uma stalker mesmo. Nathy não atendia as ligações, nem mandava mensagens, então fui obrigada a consultar a quem? *Tâmara*. Entre ela e a Mariah, preferi a menos amargurada — ou não.

Um grupo de garotas alvoroçadas e arrumadas dos pés a cabeça estavam sentadas nas escadas da arquibancada da ala direita, soltando gritos eufóricos de incentivos. As vezes palminhas, arquejos e exibição de sorrisos chamativos faziam parte do "papel" cotidiano delas. Apesar dos gritos femininos, o som de vários estalos claros e secos ressoando como um tambor emitindo um som vibrante quando a bola de couro atingia as mãos dos jogadores, deixava a quadra com um ritmo acelerado e movimentado.

Me aproximei de Tâmara, que passava gloss nos lábios grossos e brilhosos. Eu sabia que seria enxotada dali pelo simples fato de não fazer parte do grupinho, mas não me assustei nem um pouco com a possibilidade.

— Tâmara? — Chamei e ela virou os olhos na minha direção. — Pode me ajudar?

Tâmara permaneceu com apenas os olhos em uma visão periférica de mim.

— Tem dois minutos. Escutou, né? — Ela fechou o gloss e aguçou os ouvidos. — Anda. Tô torcendo pelo meu docinho, fala logo o que você quer.

As garotas ao lado dela, cochicharam umas nos ouvidos das outras, rindo. Era incrível como podiam analisar uma pessoa dos pés a cabeça como se fossem nada. Os sorrisinhos orgulhosos, as poses e olhares de deboches eram apenas... vazios. Eram pessoas vazias no final das contas.

— Onde fica o seu dormitório? Quero falar com a Nathy.

Tâmara curvou levemente os lábios para cima, como se estivesse à beira de uma piada interna.

— Ah, faça mil favor! — Finalmente abriu a boca para falar algo; só que não agradável. — Tá querendo o quê com a Nathy?

— Só quero conversar.

— Hum, para ela descobrir que você é uma fingida?

Minha vontade foi de voar no pescoço dela até dizer chega! Ao contrário de minhas próprias expectativas, dei um passo para trás.

— Eu te perguntei isso? — As garotas olharam para mim, estupefatas com minha mudança de comportamento. — Foi isso que eu te perguntei?!

Um silêncio momentâneo pairou sobre o ar, como se o tempo tivesse desacelerado para todas elas. Tâmara ficou com uma expressão de quem ainda estava absorvendo informações.

— Quem você pensa que...

— Qual é o dormitório?!

Tâmara fechou o punho e deixou o gloss de lado, me encarando com tanta raiva e desprezo que eu presumi que poderia me fulminar com os olhos se pudesse.

— Não preciso falar, nem sou obrigada. Mas espero que ela acabe com você. É o dormitório 15, no lado Oeste.

Lucas fez ponto naquele instante, e as garotas gritaram juntas, batendo palmas exageradas. Tâmara foi para o parapeito e acenou feito doida.

— Parabéns, lindo! — Seu grito era extasiante, acabava com os meus pobres ouvidos. — Já venceu, docinho!

Revirei os olhos e passei por elas, olhando-as de soslaio.

— Espero que enxerguem quem são primeiro — falei ao passar.

As garotas provavelmente me praguejaram pela forma rude com que fui embora, mas não me importei. No meio do caminho, repeti mentalmente que nada daquilo dito a mim era verdade.

Depois de algum tempo de caminhada, parei diante do número "15" na porta de madeira brilhante, rodeada por uma varanda com um tapete vermelho. Três toques foram suficientes para que a porta abrisse e Nathy aparecesse com uma compressa na cabeça, trazendo à tona meu nervosismo.

— Oi.

Ela deixou a compressa na mesa ao lado e inclinou a cabeça na minha direção.

— Oi Leh. Há quanto tempo. — Seus lábios se esticaram em um sorriso de lado, quase enigmático. — Andou sumida.

Tamborilei os dedos pelo braço, olhando para ela com convicção. Sentia a tensão no ar chegando, mas ainda assim, sorri.

— Como você está, Nathy? Está tudo bem? — Descansei o sorriso. — Acho que é você que anda sumida, estava preocupada.

Nathy ergueu a postura e levou a mão até o cabelo loiro, se inclinou e pegou a compressa da cômoda onde havia a deixado.

— Há, então, é um assunto bem delicado e ordinário para mim. Está vendo isso daqui? — Segurou firme a bolsa na mão. — É esse troço que me atrapalha o dia todo, em todos os aspectos! Descobrir essa enxaqueca crônica foi o pior para mim.

Ela deu de ombros e lançou a compressa novamente na cômoda. Continuei em pé, olhando para ela.

— Enxaqueca crônica?

— Pois é... Isso mesmo que ouviu!

— É grave?

Nathy arrumou a jaqueta em um gesto defensivo e levantou o queixo, fazendo uma leve pressão na maçaneta.

— Isso é um desgaste desnecessário. Já estou fazendo um tratamento.

— Que bom Nathy... Espero que você melhore.

Silêncio. Ninguém sabia o que falar. Particularmente sentia minha garganta apertada, sofrendo por dentro ao ter que reacender aquele assunto.

— E então? — Ela ergueu a sobrancelha. — Por que a visita? Algo em especial? Você nunca nem sequer pisou os pés aqui, por que só *agora* resolveu aparecer?

— Eu só queria... conversar — disse, em um tom amigável. — É algo importante para discutirmos.

Ela estufou a pose impassível e fechou a porta atrás de si.

— Tudo bem, para onde vamos então?

Andamos juntas pelo corredor lotado por algumas meninas que conversavam e tomavam um pouco do sol —ainda que ele custasse a aparecer.

— Boa semana de passeio para você? — Nathy mexeu na blusa e jogou as madeixas para trás.

— Foi uma semana incrível. Você só não foi para o acampamento por causa da enxaqueca, né?

Ela soltou um riso sutil, quase como um leve suspiro, que dançou em seus lábios.

— É... foi isso também. Ah, é que sabe como é. A vida é cheia de surpresas e contratempos que mudam percepção das coisas.

Apertei as mãos sobre o colo, apreensiva de forma quase imperceptível. Aquele assunto tinha que ser resolvido, querendo ou não. Tinha que saber a verdade por trás de tantos desentendimentos ardilosos.

A minha respiração pareceu hesitante, era como um padrão instável, e refleti a expectativa ao meu entorno. Parei diante de um banco de pedra isolado da multidão de alunos, já fora do ambiente dos dormitórios.

— Preciso falar de algo muito sério com você, Nathy. —Ela tornou os olhos para mim, parecendo estar envolvida de uma leve preocupação. — Não posso mais adiar e preciso que seja sincera comigo.

Nathy levou as unhas até a boca, entreabrindo os lábios.

— Algo com que deva me preocupar?

— Quero que me explique o que verdadeiramente estava acontecendo entre você e o Alex. —Falei de uma vez, segurando em mim o nervosíssimo que me cercou enquanto as palavras saiam da minha boca, sem volta.

Nathy não pareceu impactada de primeira. Só depois de algum tempo que franziu a testa e seus lábios se curvaram em uma linha indecisa enquanto ela inclinava a cabeça levemente para o lado.

— E aonde quer chegar com isso?

Seus ombros estavam retos e ela me olhou fixo. Engoli em seco e respirei fundo três vezes seguidas. Não queria impor nada a ela, nem muito menos constrangê-la.

— Preciso saber a verdade Nathy. Preciso entender o que estava acontecendo. Você e ele estavam juntos?

Ela abriu a boca, parecendo surpresa.

— Isso é privacidade minha, não acha? — Parecia ofendida, suas sobrancelhas estavam arqueadas e simplesmente a tensão no ar tinha mudado para pior. —Qual é o seu interesse nisso?

— Só quero esclarecer esse mal-entendido. — Cruzei os braços sobre o peito. — Conversei com o Alex. E, ele me disse que não estava com você, que vocês terminaram há algum tempo e que ele não quer reatar. Isso é verdade, Nathy?

Nathy abaixou a cabeça e a mexeu para um lado e para outro, parecendo negar algo em silencio. Mantive meus braços cruzados, esperando uma resposta que esclarecesse aquilo.

— Como pode? — balbuciou, sem olhar para mim. —Pensei que me considerasse alguém importante para você, e tudo o que você faz é confiar mais nele do que em mim... ?

Levei a mão até seu ombro.

— Nathy, não, eu só quero escutar a verdade de você. Eu só... É que, você é minha amiga, eu jamais faria algo para te ferir.

— Você... — Ela parecia devastada. — Pensei que confiasse em mim e não naquele garoto que você mal conhece! Está trocando uma amizade de anos, por uma companhia masculina?! Tudo por causa de um homem?!

— Não! Nathy, me escuta, não é isso! Eu só quero saber a verdade, nunca quis ferir você!

Houve silencio. Ela parecia tecer seus próximos comentários.

— Só diz a verdade! Por favor — pedi.

— A verdade. Você quer a verdade? Que verdade?!

— Você sabe, não mente, por favor.

— Está me chamando de mentirosa?! Por causa dele?!

— Só quero ouvir a verdade. Responde, Nathy — Repeti. — Seja sincera!

Ela levantou a cabeça lentamente e olhou para mim, com remorso puro nos olhos.

— Como é possível? Não... a verdade. Você quer a verdade. Tudo bem. — Deu de ombros, irritada. — Mas primeiro me responde. Como pode,

hum, me diz, como pôde...

— Como eu... — Tentei falar.

—...confiar em mim?

Meus olhos se arregalaram, enquanto suas palavras se instalavam em minha mente como um raio inesperado.

— O que quer dizer com isso? — murmurei.

Um sorriso sarcástico apareceu lentamente em seus lábios carmim e o brilho provocador de seus olhos deu vida ao seu deboche. Ela bateu palmas. Muitas. Demoradas.

— Meusss parabeéssss! — Riu alto. —Isso garota! Que show!

— Nathy, o que é que está fazendo? — Dei um passo para trás.

Ele se manteve em pé, a cabeça erguida e um sorriso desdenhoso nos lábios, como se estivesse sempre me observando em um patamar elevado.

— Eu não desço do salto para ninguém! Achou que ia me pegar na mentira? Bum, é você que foi enganada todo esse tempo.

— Você está bem? — Parei de falar. — Espera... Me enganou em relação ao Alex? Que é que você está falando? Você... você... mentiu? —Fiquei paralisada, um leve tremor percorreu meu corpo. —Fez tudo isso? Por quê? Por que fez essas coisas? Se ainda gostava tanto dele, por que não...

— O Alex? Há... O Alex. Ah, não, por favor... achou que eu o queria? Logo aquele garoto que não serve nem para namorar direito, um podre coitado que nem tem onde cair morto? Pensei que fosse mais inteligente, parece que eu me enganei com você. Um ponto. —Ela me olhou fixo, desacreditada. — O objetivo nunca foi o idiota do Alex. Não vê? Você. Você sempre foi o alvo a destruir.

— Meu Deus! — Segurei o folego. — Do que é que está falando?! Por que tanta raiva... ? Nós somos amigas, Nathy. Amigas!

— Há, há. Há. — Ela lançou o corpo para frente. — Chega a ser irônico o quão mesquinha você é. Para, já deu. Seu papelzinho de filha abandonada acabou! Para de se fazer de vítima, e choramingar feito uma criança! Por que você sempre reclama se sempre teve tudo?! Dinheiro, popularidade, empregadas, roupas, sapatos caros, educação das melhores, garotos e... pais. Você sempre era a melhor. Em tudo. Por que então se finge de garotinha rejeitada?! Você não sabe o que é crescer sendo comparada com outra pessoa, todos os dias! Você não sabe o que a dor de verdade!

Fui pega por uma avalanche de sentimentos que eu nem estava entendendo. Meu coração disparou, ecoando em meus ouvidos, a respiração ficou presa na garganta.

— Para! Isso não é verdade! Você sabe muito bem! As coisas não são assim, eu também passei por momentos difíceis. —Segurei seu ombro e ela o afastou com um girar de braço. — Não te reconheço. Quem é você afinal?

— Sou Natália Viana. E, quem é você? — Sua cabeça pendeu para o lado, o sorriso debochado no canto direito de seus lábios. — Eu sei quem eu sou. E eu te odeio Letícia Bittencourt.

Me senti apunhalada nas costas, parecia que eu tinha sido envenenada e convivido com uma atriz por toda a minha vida. Eu ainda não sabia de onde vinha todo aquele ódio impregnado em seu olhar.

— Eu não entendo... Sempre esteve tentando me sabotar?

— É bem claro e simples. Eu tenho metas, não quero mendigar mais nada na minha vida, eu sou capaz de conquistar o que quero e quando quero. E quem eu tiver que usar para subir na vida, eu uso. Minha mentalidade é outra, e se você se enganou não é problema meu — disse friamente. — E eu seria uma traiçoeira sim, se fosse sua amiga. Eu só... convivi no campo inimigo e me aproveitei das vantagens. A vida não gira em torno de você.

Apertei uma das mãos, sentindo uma mistura de raiva e dor, enquanto a traição se instalava em meu peito como um peso insuportável. Minhas mãos se cerraram em punhos, meus dedos ficaram cheios tensão, e uma expressão de indignação cruzou meu rosto.

— Sua cobra venenosa! Você é uma mentirosa, não sabe nem o que está fazendo, você é nojenta Nathália! — falei exasperada, e andei para mais perto dela, cada passo meu parecia carregar um peso. — Você me dá nojo! Sempre me invejou, agora percebo que sempre quis ter o que eu tinha! Invejosa.

Senti seus dedos diretamente em minha pele, a mão, rápida e firme, atingiu meu rosto com um impacto que parecia reverberar todo seu ódio por mim. Minha cabeça pendeu para o lado com força abrupta e olhei fixamente para o chão. Foi algo mais rápido do que pude imaginar.

— Cala a boca! Você não é ninguém para me chamar assim! Medíocre! — gritou. — Você não serve para nada! Eu sinto repulsa de você, imbecil.

Minha respiração acelerou, sentindo a adrenalina pulsar. Havia uma mistura de emoção em mim — raiva ou frustação —, e com um movimento brusco, minha mão se levantou e desceu com precisão até seu rosto, a atingindo com um estalo claro. O calor da pele dela ficou evidente imediatamente, deixando uma marca rubra que se espalhou lentamente.

— Sua... — Rosnou, com a mão sobre a pele. — Vou acabar com você.

Nathália me olhou com ódio e desprezo, então veio para cima de mim. Ela começou a desferir tapas e pontapés bruscos e eu não deixei barato. Cada tapa dela refletia seu ódio guardado por mim todos aqueles anos, e ela estava descarregando tudo naquele instante. Em meio aos tapas, notei a aglomeração que se formava em torno de nós, mas só continuei me defendendo de sua raiva aniquiladora.

Fomos as duas parar na diretoria.

Onde eu havia me metido?

****

Quando o sangue esfriou e pude refletir em uma sala fechada, sentada em uma cadeira e com a cabeça baixa, percebi o quanto havia me enganado com a pessoa que mais confiei em toda a minha infância e adolescência. Crescemos juntas, eu a o considerei como minha melhor amiga. Não tinha sentido me odiar tanto se sempre fiz o bem a ela, estava evidente sua farsa arquitetada. Tudo sempre foi para me desestabilizar, para me deixar mal. Ela era má.

A porta rangeu e eu ergui os olhos, notando a presença da coordenadora que parecia exausta. Me senti envergonhada, nunca tinha se quer discutido com alguém gravemente, mas no meu auge dos 17 anos, tinha acabado de trocar tapas com quem eu considerava minha melhor amiga até pouco tempo.

— Senhorita... Bittencourt? — Ela deixou a ficha na bancada. — Está liberada. Três dias de suspensão e, uma advertência em sua ficha.

Franzi a testa, com a boca seca.

— Três dias?! Eu não posso...

— Agradeça. Estamos pensando na expulsão da senhorita Viana.

— P-por que? — Atrevi-me a perguntar.

Ela olhou para mim por debaixo dos óculos e encheu o pulmão de ar.

— Já que está aqui mesmo... A mensalidade dela está vencida á dias, pode até perder a bolsa de estudos por seus modos e por ter iniciado essa desavença infantil.

Bolsista. *A Nathália era aquilo que mais recriminava?!*

— E parece que o plano dela era lhe ferir mesmo. Graças aos céus não tinha nada em mãos. — Seus olhos pareciam preocupados. — Agora, vá, por favor!

Ela tinha pensado em atentar contra minha vida. Respirei fundo, atordoada, cansada e destruída psicologicamente. A traição dela parecia corroer todas as nossas lembranças, me fazia me sentir apunhalada. *Eu a perdoava.* Porque através do meu Pai, não podia guardar rancor de ninguém. Ela estaria em minhas orações a partir daquele dia. Mas não seria fácil, eu ainda estava com muita raiva.

Saquei o celular do bolso, notando a tela trincada — provavelmente por causa de alguns dos impactos —, e disquei o número de Alex.

— Oii, boa noite, minha princesa! — Ele vibrou com uma voz melosa. — Como foi? Quer que vá te buscar para a gente anda...

Não segurei as lágrimas e apertei o braço ralado.

— O que foi, Leh? — perguntou com preocupação. — Onde você está?

— Preciso desabafar.

Eu realmente precisava. Havia descoberto verdades dolorosas.

****

Oiii, que saudades de vocês!! Fiz falta?

Quero avisar que esse provavelmente é o penúltimo capítulo da Leh, é, está acabando! O que acharam do capitulo de hoje? Que capitulo enorme!

Estão preparadas para surtar no capitulo da Fran? Ahh, vai vim muita coisa por aí e muitas reviravoltas!! *Eu vou tentar pagar a terapia de vocês kkkkk*

Que Jesus abençoe a vida de vocês!! Vota na estrelinha?

****

Capítulo 38

Fran

E eu amo você.

*Sumir.*Eu queria desaparecer dali com aqueles cartazes e não fazer mais parte daquele campeonato absurdamente desnecessário. Para mim era irritante estar convivendo com pessoas de índole duvidosa e sinceramente não aguentava mais ver coreografias de líderes de torcida. Quase todo o dia era a mesma coisa. E lá estávamos nós, em uma plena quinta feira organizando tudo para o fim de semana. A energia do fim do ano parecia dominar a todos, apesar que o estava ocupando minha mente era entregar tudo aquilo certinho.

— Leh, me passa o canetão? — Déh estendeu a mão.

— Claro. Mas como você estava falando, sério que sua apresentação vai ser no dia do campeonato? — Leh contornou seu cartaz.

Levantei a cabeça, tomando cuidado para que o cabelo não caísse sobre meus olhos.

— Ah não! Você não vai estar com a gente? — Abri a boca, surpresa. — Mas por que?

— Longa história. Bem que eu poderia passar um tempo com vocês no ginásio, mas a peça vai ser um pouco longe, e preciso me aquecer para entrar no palco.

— Por que não fazer tudo na escola? — resmunguei. — O pessoal vai aproveitar que esse final de semana é livre e nem vão ir nas atividades da escola.

— Ah, pior que você tem razão Fran. Só que, como não é só nossa escola que vai competir, tanto no vôlei quanto no teatro, achei melhor mesmo eles terem alugado um lugar externo para as competições. — Leh levantou os olhos para mim. — Acho que o pessoal vai dar um jeito de marcar presença ou deixar o nome registrado lá, ninguém está fim de perder pontos nas notas de presença.

Alguns estalos secos da bola de vôlei sendo arremessada pela rede me sobressaltaram. Virei a cabeça para ver o que se passava.

— Parece que a competição só aumenta — murmurou Déh.

Meus olhos avistaram Kaio pronto para fazer um saque. Ele ajustou a faixa na cabeça, os cabelos ruivos e molhados de suor colando-se à sua testa. Com um movimento ágil, ele se posicionou, e em um estalo poderoso, lançou a bola de vôlei com força para o outro lado.

Houve uma troca de jogadas entre eles por alguns minutos. Mas então, preparado para a defesa estava Lucas. Seus cabelos pareceram voar quando ele, num impulso rápido se elevou num salto, e no auge, estendeu as palmas abertas e firmes, bloqueando o saque de Kaio. A bola atingiu o chão do lado esquerdo, e Lucas pareceu comemorar.

Kaio o encarava do outro lado da rede, e um olhar desafiador entre os dois os cercava de tensão. Os dois pareciam prontos para acabar com raça um do outro. Lucas parecia desafia-lo com o olhar que o fulminava, e a mesma coisa acontecia no olhar de Kaio.

Um grito estridente dominou a quadra e interrompeu a troca de olhares predatórios. Tâmara veio ao encontro de Lucas, lançando-se sobre seu pescoço. Lucas a abraçou de volta, e riu de alguma coisa que ela disse. A raiva começava a ser evidente em mim, eu não conseguia mais controlar. *Não!* Eu não me importava com a proximidade deles, não estava nem aí para os segredos que compartilhavam, mas sentia nojo da Tâmara. Ela era ridícula. Pateta. Atirada. Ridicul... não, mas ridículo ainda, *era o Lucas.* Como ele podia estar quebrando o gelo assim? Ele era na dele, fechado para todos, impassível, e por que estava se abraçando, almoçando e andando para todos os cantos com aquela ali?

— Fran... Hello. O Kaio está vindo. — Leh me cutucou e eu desviei os olhos deles para a figura alta que se aproximava.

Olhei para Kaio. Alto, esbelto e cheio de um caminhar confiante. Seus cabelos, de um tom vibrante e intenso, pareciam brilhar, como se estivessem levemente tingidos de fogo.

— Cachinhos. — Ele parou e sorriu de lado.

— Oi... Kaio — Segurei as mãos e retribui o sorriso caloroso. — Boa jogada!

"Boa jogada?", ele tinha perdido ponto, não ganhado! Não queria que ele pensasse que estava caçoando e dando palco para aquela pedra de gelo chamado Lucas.

— Quer dizer... bom, você jogou e muito, nunca vi alguém mega dedicado a este esporte, e... — Me calei quando Kaio levou uma mão até mim.

A ponta de seus dedos tocou meu rosto, como se estivesse tentando memorizar a minha face com seu toque.

— Preciso conversar com você. — Ele deslizou os dedos até um cacho do meu cabelo. — Se importa de conversar comigo a sós? Tenho alguns minutos antes do último *set* começar.

— Ah..., mas é claro.

— Podemos andar um pouco por aí. — Ele afastou a mão. — E por favor, mais elogios como esse, eles me deixam feito um tonto.

Soltei uma risada e olhei para o meio da quadra, onde Lucas — desta vez sem a Tamara —, nos assistia com a bola de vôlei debaixo do braço. Por que não continuou abraçando a lindona lá? *Palhaço*.

Kaio puxou minha mão e eu acenei para as meninas, enquanto ele entrelaçava os dedos nos meus. Praticamente todos na quadra nos assistiam saindo juntos de mãos dadas. E eu queria que Lucas também visse e sentisse ciúmes. *Mas o que eu estava pensando?*

No meio do caminho, Kaio pediu para trocar de camiseta no vestiário e eu fiquei o esperando do lado de fora. Depois de algum tempo, andamos até o andar de cima e passamos pelo bebedouro, onde haviam algumas arquibancadas com alguns jovens assistindo um jogo de basquete. Kaio foi matar a sede no bebedouro, ele molhou o cabelo com um pouco de água, enquanto tirava a faixa.

— Seus treinos não são nada fáceis — comentei, olhando a quadra. — Você é ótimo no vôlei.

— Não sou tão bom assim, mas agora estou me sentindo o máximo.

Kaio abanou a cabeça, os fios molhados respingando água por todos os lados, até em mim.

— Kaio! — Comecei a rir.

— Eu te molhei?! — perguntou alarmado, e veio até mim. — Que cabeça a minha.

Ele então segurou na parte debaixo da camiseta, pronto para começar a tira-la para me entregar, mas segurei sua mão.

— Não precisa Kaio — disse, super envergonhada. — Deixa que eu enxugo meu rosto.

— O que foi? Está com vergonha de me ver sem camiseta?

— Ah... — Tossi, sem graça. — Não é isso. E que você está em um lugar público, olha o tanto de pessoas que vão te ver assim. Além do mais, a coordenadora pode ver e não vai gostar nada disso.

Kaio deu um sorriso galanteador e soltou a camiseta, levando a mão para enxugar meu rosto.

— Não precisa ter vergonha.

— Mas eu tenho!

— Para você não é normal ver um rapaz sem camiseta?

— Não é não!

Kaio não conteve a onda de risadas que o assolaram e caiu para trás, rindo.

— Tudo bem. Entendi. Para você não é. Desculpa, mas seria por uma boa causa, não concorda comigo, cachinhos? — Ele enxugou uma lágrima que escorria de seus olhos. — Vamos para o que interessa, eu te chamei aqui para te fazer um convite especial.

Franzi o cenho e me aproximei de leve.

— E o que é afinal?

Ele estendeu a mão e acariciou o dorso do meu pulso com o polegar.

— Quero que seja você minha acompanhante no baile de fim de ano. Sabe, todo mundo tem que ter um par para o baile de formatura, quando os terceiros se formam.

— O baile...?

Kaio consentiu com um leve balançar de cabeça.

— Está me convidando? — arquejei.

— Estou sim, cachinhos.

Tampei a boca com uma das mãos —
não queria demonstrar tanto entusiasmo.

— Com certeza eu aceito, Kaio.

Ele sorriu, mas não um sorriso tão caloroso quanto antes. Invés disso, seus olhos miraram meus lábios e o sorriso se desfez em questão de segundos. Antes que eu pudesse falar algo, Kaio se inclinou para mim, seus lábios a

centímetros dos meus. Sua mão deixou meu pulso e segurou minha nuca. Senti um frio na barriga.

Eu ia entrar em pânico!

Por que ele estava tão próximo?! Ele ia me beijar?!

Ah... eu estava... Era com medo!

Kaio se inclinou mais, fechando os olhos, e me puxou para mais perto de si. Nossos lábios estavam quase se tocando, *quase*...

— K-Kaio... — chamei num sussurro apavorado.

Ele abriu os olhos, e pude enxergar certa decepção neles.

— Eu.

— É...

— Fran — disse firme. — Vou ser bem direto. Eu gosto de você. Estou afim de você há um tempão. Você é uma garota daora, gata e tudo mais e, eu realmente quero te beijar. Não consigo guardar esse desejo só para mim. Não é de hoje!

Minha respiração estava pesada e eu virei o rosto para o lado, afastando minha mão da sua. Eu gostava do Kaio, muito mesmo, e sim, já tinha pensado na possibilidade de ver ele incluído no meu futuro. Mas a questão era aquela confusão dentro de mim. Não sabia entender o que estava sentindo pelo Lucas, e não queria mesmo entender.

— Eu... não estou preparada para um namoro, e muito menos para um beijo. — Respirei fundo. — Me desculpa Kaio, eu também gosto de você, e sei que...

— É só um beijo Fran, não há nada demais nisso. Não é o bicho de sete cabeças. — Ele deu de ombros como se não fosse nada.

— Não é só um beijo, Kaio! — Protestei, e me voltei para ele. — Para mim, um beijo sempre é importante. Não quero beijar apenas por beijar. Quero compromisso.

Kaio olhou nos meus olhos, surpreso, seus dedos, nervosamente, tamborilaram sobre a arquibancada.

— Tudo bem, desculpa, você não está afim, entendi — respondeu, um pouco distante. — Fui rápido demais, eu sei. Mas puxa vida, quando estiver preparada eu estou bem aqui. Já sabe que pode voltar para mim quando quiser.

Ele segurou minha mão e a levou até seus lábios, senti meu coração apertar.

— Eu gosto de você. — Olhou para mim. — E não vou desistir.

****

Eu andava de um lado para o outro, em uma busca incansável de compreender o que tinha acontecido. Ainda naquele dia, voltámos para quadra sem falar um A, e fiquei me culpando pelo fora que tinha dado no Kaio.

— Está inquieta Fran, não para de andar! — Leh notou, de olho na penteadeira. — Você não fica assim minutos antes da aula. Está com fome?

— É por causa do campeonato? — Déh indagou, vestindo o blazer. — Não é só você. Eu estou nervosa para a peça.

Mordisquei a unha. Por mais que eu tentasse esquecer, a expressão do Kaio martelava na minha mente.

— É por causa da jaqueta do Lucas? — Leh apontou com o queixo na direção da jaqueta de couro na cabeceira da minha cama. — Ainda não devolveu para ele?

— Não! — respondi, andando até lá. — Mas pretendo fazer isso hoje mesmo. Não quero nada dele aqui.

— Vocês pareciam estar se dando bem — Déh declarou, dobrando as mangas. — É por causa da Tamara?

Tâmara, Tâmara, Tâmara. A inquietude borbulhou dentro de mim ao ouvir seu nome mais uma vez. *Já chega!*

— Não é nada sobre aquele nariz empinado! — soltei. — É o Kaio. Ele quis me beijar, tentou, na verdade.

Leh soltou o arquejo mais impressionante que pude presenciar e Déh ficou parada processando a informação.

— E você o beijou também? — É claro que Leh quis saber.

— Oxê. — A olhei com desdém. — Calma, que nem contei a história!

— E como foi isso? — Déh cobriu a boca com a mão.

— Ah! — Levei as mãos até os cabelos. — Eu não o beijei! Parem de me olhar assim!

Leh soltou um ar que estava prendendo.

— Ainda bem. Porque eu ainda torço pelo Lucas.

Eu estava prestes a explodir depois daquele comentário. Peguei a jaqueta do Lucas e saí pisando forte até a porta para sumir dali.

— Onde você está indo? — Déh me seguiu. — Calma.

— Eu estou calma! — falei alterada. — Quer dizer, vou ficar, quando me livrar dessa jaqueta velha!

— Coitado... — Defendeu.

— Coitado nada! Aquele... Sem graça!

Quando adentrei a sala de aula, a primeira coisa que fiz foi não olhar para o fundo — com medo de ver onde Kaio estava. Fui para a minha carteira e

deixei a mochila na cadeira.

— Bom dia.

Me virei para o lado e dei de cara com Lucas. Eu estava tão dispersa que nem tinha notado sua "inacreditável" presença. Como sempre, ele tinha uma postura relaxada, uma perna cruzada sobre a outra, e as mãos descansavam no colo.

— Bom dia.

Únicas palavras trocadas em quase 5 horas de aula. Eu não estava afim de conversar e passei quase todas as aulas de cabeça baixa. Queria apenas colocar os pensamentos em ordem e me isolei do restante do mundo.

Quase no final da última aula, Kaio passou próximo a minha carteira, e senti um nó na barriga, minhas mãos tremeram ligeiramente. Lucas pareceu notar, então se inclinou para a carteira e fechou um dos punhos, apoiando o queixo nele. Eu sabia que ele estava me analisando. Foquei no caderno, mas ainda assim o via pela minha visão periférica. Seus lábios se curvaram em uma linha reta, antes de alguma coisa prender sua atenção.

— Está com algo que me pertence.

— Sua jaqueta? — Me voltei para olhar para ele. — Eu sei.

— Ela mesmo. Achei que tinha tomado e ficado para você.

— Não! Claro que não. — Afunilei os olhos. — Para que eu quero uma jaqueta sua? Isso não faz diferença alguma para mim. Não fica se gabando.

— Não seja boba, garota! Eu não estou me gabando. — Bufou. — E não estou te chamando de ladra.

— Não tem nenhuma razão.

Sua mandíbula forte e lábios que raramente se curvavam, formaram um flash de um sorriso debochado.

— Por que está tão amarga assim?

— Isso não é do seu interesse.

— E audaciosa também. — Ele franziu o cenho.

Respirei com força, controlando a paciência que estava por um fio. Lucas se inclinou sobre a carteira e entrelaçou as mãos, parecendo montar um quebra cabeça.

— Brigou com o namorado, foi?

— O quê?!

A maneira como seus olhos se estreitavam e o modo como seus lábios se cerraram em um gesto involuntário, traíram seu verdadeiro estado emocional.

— O seu namorado. *O playboyzinho.* — Ele levantou as sobrancelhas, com a voz sarcástica. — Que casal mais fraco.

— E o que você tem a ver?

Lucas voltou a cabeça no mesmo instante. O queixo ligeiramente empurrado para frente, e os músculos do rosto se contraindo de maneira quase imperceptível. *Ele estava incomodado?*

— Então eu estou certo. Vocês dois são um casal agora, não é?

— Desde quando virou fiscal da minha vida? — Trinquei os dentes

— Eu posso opinar sobre o que eu tiver vontade — retrucou, irritado. — Você não manda em mim.

— Não mando mesmo. Que pelo visto, quem tem mandado é a Tamara.

— Ninguém manda em mim.

— Ah, é mesmo? Eu não acredito.

— Por que o incomodo?

— Por que *o seu* incomodo? — contrariei, cerrando os olhos.

Lucas não disse nada, apenas me encarou por um tempo e se levantou, pegando a mochila e a atirando em suas costas. Antes de avançar mais alguns passos para a saída, ele se virou.

— Não é da sua conta.

Lucas Cavalier era intolerável. E de alguma forma eu ainda sentia algo por ele. *Era melhor deixar tudo em segredo.* No final das contas, nem a jaqueta levou embora.

****

O dia das competições amanheceu incrivelmente agitado e nublado. Deixamos todos os cartazes em ordem e arrumamos os últimos preparativos. O pátio ficou uma bagunça e mal deu tempo de tomar café da manhã.

Déh foi junto com os alunos de teatro e só restou eu a Leh, para irmos com as líderes de torcida. *Tudo aquilo estava sendo um caos.* Uma coisa era tolerar tantas meninas dentro da quadra, outra era estar dentro de uma van com um monte de garotas falantes procurando suas maquiagens e dando risada.

Quando cheguei no ginásio, deixei minha bolsa a tiracolo em um dos vestiários e me olhei no espelho. Eu tinha feito um coque alto, e queria retocar a maquiagem, quando escutei uma voz conhecida na entrada.

— Não estou brincando! — Era Tâmara. — Ele vai me pedir em namoro. Hoje.

— Como você pode ter tanta certeza assim? — Outra garota questionou.

— Porque tudo indica isso. Ele não está tão indiferente assim comigo como era antes. Ainda hoje eu entro em um relacionamento com meu docinho.

A outra garota riu-se. Tâmara fez o mesmo.

— Amiga, você é louca. Fisgou o bonitão mais calado da escola.

— Aprende! — Ela soltou outra risada. — Ele tem bom gosto.

Esperei que suas vozes desaparecem e apoiei as duas mãos na pia.

— Eu não me importo — repeti para o meu reflexo no espelho. — Não mesmo!

As horas passaram rápidas até o ginásio de vôlei já estar pulsando de energia, com as arquibancadas absolutamente lotadas e um murmúrio incessável. As cores das camisetas das torcidas se misturavam, e havia comida sendo vendida e música agitada tocando ao fundo.

— O Alex vai tocar na abertura! — Leh falava alto para que eu pudesse escutar. — Estou absurdamente empolgada.

— Que bom! — Sorri. — Por outro lado, está sendo tão ruim ficar atendendo aos pedidos dessas dondocas!

Leh deu risada e me entregou alguns cartazes. Os segurei nos braços.

— Calma. Está quase começando. O nosso time está se preparando.

— E que demora toda é essa?

Ela balançou a cabeça contendo a risada e foi digitar uma mensagem no celular.

— As coisas estão parecidas com lá com a Déh. — Tirou os olhos da tela. — Mas ainda hoje tudo vai ser esclarecido.

— Como assim? — Franzi o cenho.

— Eu e o Alex, vamos levar o Noah para conversar com ela, por isso você vai ter de ficar sozinha aqui, não vai ficar chateada, não é?

— Tá brincando? — Arregalei os olhos. — É claro que não. Como vocês conseguiram?

— Conversei com o Noah. Está tudo combinado entre nós três. Tem que dar certo!

Assenti. Por um lado, estava imensamente feliz pelo possível reatamento do Noah e da Déh, e por outro não queria ficar sozinha dando conta de tudo aquilo, queria ir junto.

A abertura não demorou para começar a tocar, e as luzes do ginásio se intensificaram para a entrada dos jogadores da escola adversária, cada um carregando uma expressão confiante. O som dos seus tênis batendo contra o chão no rumo da quadra ecoavam, enquanto faziam piadas para aliviar a tensão.

Finalmente foi a vez do nosso time. O primeiro que entrou foi Kaio, que acenou para a multidão e recebeu como resposta aplausos e gritos de incentivo. Outros o seguiam, cada um fazendo brincadeiras ou se alongando. Por último Lucas apareceu. Seus olhos, de um tom quase gelado, absorviam cada detalhe do ambiente. O cabelo escuro e levemente rebelde caía sobre a testa, era como se ele estivesse ciente de que era o centro das atenções, mesmo que não se importasse com isso.

As líderes de torcida se aqueceram e exerceram seus papéis com suas coreografias. Eu e a Leh parecíamos duas formigas, correndo de um lado para o outro para a troca de cartazes. *E tudo começou.* A partida avançou com uma troca intensa de jogadas. Os jogadores se movimentaram habilidosamente, distribuindo passes para Lucas, que pulou com força para finalizar com um ponto. Nossa torcida foi à loucura - e as líderes de torcida também.

No final do 4 *set*, Leh pediu licença e saiu. *Fiquei torcendo por ela e seu plano*. No fim, nossa escola estava a um *set* de diferença. Tâmara faltava invadir a quadra toda vez que um *set* acabava para correr até Lucas, e eu tentava esquecer deles.

No intervalo, decidi comprar alguma coisa para comer e subi as escadas, dando de cara com Lucas que saía do vestiário masculino. Ele levava uma toalha na cabeça para aplacar o suor e me fitou por alguns segundos. Levantei o queixo e ia seguir meu caminho, quando ele segurou minha mão.

— Preciso falar com você.

— Ah, o que foi agora? — resmunguei, irada com ele. — É a sua jaqueta? Eu trouxe, está bem?

— Não é isso. — Ele engoliu em seco. — Mas se for uma desculpa plausível para você vir falar comigo, por favor, estarei esperando quando a competição acabar. Ala direita. Perto do jardim da saída.

Meus lábios se contrariaram em uma linha tênue, puxei minha mão.

— Mas é claro que n...

— Eu nunca peço por favor a ninguém. Entende como preciso falar com você?

Não consegui pensar em mais nada enquanto o restante da competição acontecia. Por que ele parecia tão confiante? O que o fez retroceder? Será que Tâmara esteve errada todo o tempo? Ele tinha uma expressão gentil. *Jamais vista*. Meu coração pareceu acelerar. Nem mesmo quando a vitória foi anunciada para o nosso time e a agitação do ginásio tomou conta, meu coração me obedeceu e parou de bater tão acelerado.

Voltei para o vestiário feminino e procurei pela jaqueta de Lucas. Nada. Passei bastante tempo caçando, mas não encontrei. Ela havia sumido. Respirei fundo e fui para onde Lucas pediu que eu o encontrasse. Pelo visto, o ginásio ainda tinha muita gente pela tempestade forte que acontecia no momento.

Antes de dobrar mais um corredor, escutei uma risada familiar. Meu corpo congelou onde estava e me encostei na parede, voltando a cabeça para observar o que acontecia. Lucas e Tâmara estavam sozinhos. Ele estava com a jaqueta nas mãos e tive certeza que Tâmara havia mexido nas minhas

coisas. Não dava para escutar o que eles falavam pelo som brusco da chuva que enchia o ambiente.

Eles pareciam estar trocando confidencias, o risinho dela era como um veneno doce, e, à medida que se inclinava mais perto dele, um frio percorreu minha espinha. Ela estava prestes a beijá-lo, e ele não se moveu, senti um nó se formar na garganta.

Não ia aguentar ver os dois e virei a cabeça para frente. Por que ele tinha me chamado ali? *Ele ia pedi-la em namoro*. Apertei os dedos formando um soco, e uma sensação amarga e intensa pareceu consumir cada pensamento. Senti meu coração acelerar, pulsando em um ritmo frenético, como se quisesse escapar do meu peito. Fui para a saída me esbarrando nas coisas pelo caminho.

Não me importei de sair pelos fundos do pátio do jardim próximo ao ginásio. O lugar era imenso e isolado e havia um portão meio longe ao fundo. A chuva caia em torrentes, os pingos batendo em meu rosto como pequenas flechas geladas.

Talvez tivesse sido tolice minha ter ido até lá, mas eu realmente fui. Queria ver ele, que por algum motivo pensei que suas atitudes haviam mudado e que finalmente eu tinha encontrado um Lucas jamais visto. Só que como era de se esperar, ele nunca havia sido um garoto que realmente superaria minhas expectativas; ele era previsível. O típico garoto que só se importa consigo mesmo, orgulhoso, manipulador e arrogante; ele não era mais do que isso.

Eu acabei sendo a tola que foi vê-lo e encontra-lo em sua mais épica cena romântica. Eles estavam quase aos beijos e confissões. Ele era esperto, muito, e fez aquilo de proposito para passar na minha cara o quanto eu era insignificante para ele. *No que eu estava pensando?!* Aquele sentimento era uma ilusão da minha cabeça, ele sempre me odiou, e quis comprovar que eu... era o elo mais fraco. Onde eu estava com a cabeça de achar que ele se importava comigo?! *Burra, burra, sua burra!*

A chuva parecia aumentar e as gotas grossas respigavam por meu rosto e molhavam-me por inteira. O céu estava coberto por nuvens e os trovões

explodiam ao longe em estrondos altos, e logo relâmpagos cortaram o céu, iluminando tudo em flashes rápidos e abruptos. Enquanto isso a chuva fria caia sobre mim, e eu seguia meu caminho pisando em várias poças d'água espalhadas pelo pátio aberto e solitário. Minha roupa pingava e o casaco que vestia já estava totalmente enxarcado. Todo som abafado pelo tamborilar incessante da chuva contra o chão.

Apertei um dos punhos, sentindo meu cabelo totalmente molhado e querendo acabar com Lucas, com Tâmara, com eles dois. Eles se mereciam, *como se mereciam*, porque eram dois ridículos. Concentrei-me nos meus passos ecoando pelo chão em uma rapidez agressiva, tudo parecia se misturar com aquela tempestade, tudo o que estava querendo falar e que desejava que desaparecesse de mim. De repente, um movimento me fez parar. Com um leve giro do meu corpo, meus olhos se encontraram com outra figura. Tão previsível como desde a primeira vez que o vi, era Lucas, ele estava me seguindo, desta vez sem capuz algum, seu cabelo escuro molhado colava em sua testa e ele caminhava apressado até mim. *O que ele queria, por que veio atrás de mim?!*

Não queria encará-lo ou ao menos olhar para seu rosto sínico. Apressei o passo, as poças d'água molhando minha calça enquanto eu me ocupava em ser rápida o suficiente para sumir de perto daquele cara.

— Franciele! — Sua voz ressoou no meio dos trovões e relâmpagos que atingiam o céu naquele instante.

Ignorei sua voz. Não queria pensar em nada que me desestabilizasse, mas tão rápido quanto em um piscar de olhos, senti sua mão segurando meu braço com força. *Ele havia me alcançado*. Parei de andar imediatamente, surpresa com o gesto inesperado. Meus olhos, antes focados para a frente, se voltaram para ele imediatamente.

Nossos olhares se cruzaram por um breve instante e isso foi suficiente para enxergar seus olhos azuis gelados focados por todo o meu rosto, como se me analisassem minuciosamente. Nesse momento, o tempo pareceu parar, parecia que tudo ao nosso redor tivesse se tornado um borrão. Seus olhos, intensamente fixos nos meus, eram como faróis na tempestade e me intrigavam, porque o que eu sentia era apenas raiva. Só que a intensidade

daquele olhar falou mais alto, o barulho da chuva se transformou em um murmúrio distante, e tudo que eu podia sentir e pensar era a conexão inexplicável que se formava entre nós. *Por que eu tinha que sentir aquilo, se Lucas Cavalier nunca quis meu bem?!*

A água escorria pelo seu rosto, e seu cabelo pingava sobre suas pálpebras misturando-se com a falsa emoção que eu via em seus olhos. O tempo estagnou, e por um breve momento, a tempestade externa se fundiu com a tempestade interna que eu sentia, um turbilhão de sentimentos que pululavam dentro de mim.

Quebrei o contato visual e puxei meu braço com força, detestando o sentimento que me rodeava e me intrigava, detestando o que sentia por ele. Lucas ficou parado, permitindo se deleitar com a chuva escorrendo por seu rosto. Levantei a cabeça, a intensidade do olhar dele me desafiava, como se estivesse tentando decifrar um enigma que ele mesmo ajudou a criar. Eu considerava aquilo ridículo. *Porque eu o detestava.*

— Nunca mais se aproxime de mim desta forma — falei, sentindo as gotas atingirem meu braço. — Eu não permito. Está me ouvindo?

Lucas baixou o braço que estava estendido na minha direção, ele engoliu em seco e continuou calado. Seu silêncio só reforçava sua covardia. Me virei para ir embora de uma vez.

— Franciele! — disse alto o suficiente. — Não foge de mim!

Me detive onde estava e lhe olhei de soslaio, apertando o punho.

— Por que está fugindo? — repetiu. — Para de fugir!

Respirei fundo, mas o ar que entrava em meus pulmões estava carregado de raiva. Isso me fez apertar ainda mais os lábios, enquanto a vontade de explodir se tornava quase insuportável.

— Eu não estou fugindo! — explodi, virando-me totalmente em sua direção. — Me deixa em paz! O que é que você quer?! Me esquece Lucas, vê se não fala mais no meu nome.

Lucas piscou devagar enquanto escutava as palavras que eu despejava sem pensar, seu cabelo rebelde caia sobre os seus olhos e ele mantinha uma expressão desafiadora. Não desviou os olhos dos meus por nada, e neles parecia haver uma mistura de desprezo e fascínio pelo o que falava.

— E por que você quer isso? — perguntou, mantendo a distância de mim.

— Não é obvio?

— Quero ouvir da sua boca.

— E por que quer saber? Para o quê, em? Responde Lucas!

Lucas deu alguns passos na minha direção. Minha respiração se acelerou, não apenas pela adrenalina que corria nas minhas veias, mas pelo conflito inexplicável diante de nós. Dei um passo para trás por instinto. Não queria estar próxima a ele. Não queria mais escutar sua voz.

— Já tenho minha resposta então. — Ele parou de andar e bufou. — Você tem medo de mim.

— Não seja ridículo! Já chega, Lucas! — Levantei uma das mãos, impassível. — Para de ser como é! Eu estou cansada, entendeu?! Cansada de você e desse jeito, argh!

Virei as costas e passei as mãos pelo rosto descontroladamente. O trovão rugiu pelo céu, um som profundo e ressonante que parecia atravessar as fibras da própria terra. *Eu queria fugir dali.*

— Então sou tudo isso, é? Por que não fala de você, dos seus defeitos?! São muitos.

— Ah, sim, são muitos! — Me virei para trás. — Mas não superam os seus! Você é um descontrolado, frio e arrogante. Você é o culpado de sua própria solidão, porque nunca deixa ninguém se aproximar e quando alguém deseja isso, você o afasta. Não percebe o quão problemático, é?

Lucas fechou a expressão, odiando minhas palavras. Sua mandíbula, firme e tensa, destacava-se a cada respiração profunda em um ritmo

incessante, revelando o modo como se sentiu atacado.

— E você não percebe como pode ser drástica demais a me impor tudo isso?! Você não me conhece e nunca me conheceu para falar coisas sobre mim! — disse, alterado. — Você não conhece nem um terço da minha vida, e não tem direito em opinar nada sobre ela, garota!

— Mas é claro que nunca conheci, por sua culpa! Porque você me afastou sem motivo algum, porque só pensa em você mesmo! - Levei a mão até os cabelos. - Você é o culpado disso tudo, então não venha com seus argumentos infindáveis para mim!

As sobrancelhas dele se franziram, formando sulcos profundos na testa, enquanto seus olhos se semicerram.

— Para você é fácil falar, mas nunca buscou me compreender! — Ele me encarou, por debaixo dos fios escuros. — Por que nunca teve uma conversa sincera comigo, hã?!

— Porque você nunca deixou eu me aproximar! — exclamei. — Por que você é estranho! Por que é um egoísta!

— Então é assim? — Ele deu mais um passo para frente, indignado. — Eu sempre fui um vilão para você. Eu sou um cara desprezível. Nunca pensou que eu só... — As palavras penderam em sua boca. — Aí, eu sou um imbecil, eu sou um completo imbecil por estar aqui! Não adianta falar nada com você, estou perdendo meu tempo.

Lucas virou as costas, parecendo carregar um misto de raiva e indignação consigo.

— Covarde! — gritei. — Você não passa de um covarde!

Ele se virou rapidamente, o olhar brilhou com uma intensidade quase elétrica penetrante como uma flecha. Seus lábios se comprimiram em uma linha fina, como se não pudesse acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— Eu sou um covarde?! Você me considera um covarde?! — Suas palavras saíram arrastadas e cheias de indignação. — Repete!

— É sim! Você não pensa em mais ninguém que não seja você!

Lucas voltou no meu rumo e ficou frente a frente a mim. Eu comprimia a vontade de chorar e lhe acusar.

— Isso não é nenhum um pouco surpreendente vindo de você, garota! Eu não me importo com nada disso, e olha...

— Por que sempre faz isso? — interrompi, não me importando com nada. — Por que sempre foi indiferente e nem sequer se importa com o que eu falo? Você não se importa com nada que não seja você, você e você. É um insensível por querer apenas o bem para si próprio, por enganar as pessoas a desejar te conhecer, sendo que só tem esse seu lado a entregar em troca. Nada além disso, nada mais do que isso. Você só sabe entregar indiferença, mesmo que outra pessoa esteja disposta a entregar sentimentos bons. - Ele pereceu perceber a vulnerabilidade que eu tentava esconder por trás da fachada de indiferença. - Você parece não ter sentimentos, e creio mesmo que não tenha!

Ele respirou fundo, deixando a chuva escorrer por entre seus dedos. O silêncio tomou conta.

— Vai ficar calado? — disse alto. — Não vai retrucar? Dizer que o que eu estou falando não passa de um blefe e que...

— *Isso tudo é verdade.* Você não mentiu em nada, garota. Pelo contrário, disse o que mais reflete em mim. Fico surpreso como conseguiu me avaliar tão bem, sendo que não me conhece direito. Eu sou tudo isso e pior.

O tamborilar da chuva contra o chão pareceu abafado por um instante e a raiva que eu tentava conter desejou ainda mais explodir. Meus lábios se cumpriram, sentindo minhas veias pulsarem de aversão.

— Quer saber? — Engoli em seco. — *Eu desprezo você Lucas*, escuta bem, eu te detesto. Te detesto!

Eu tinha falado besteira, eu sei, mas não tinha como voltar atrás. O encarei no meio da tempestade. As gotas da chuva escorriam por suas bochechas, mas não havia frieza em sua expressão. Ele não parecia com raiva.

— *E eu amo você.*

O tempo pareceu suspenso. Meu coração ameaçou parar. Senti um arrepio percorrer minha espinha. E me perdi na profundidade do olhar dele que me desarmou por completo. O som da chuva parecia distante ao encarar seus olhos, e eu só conseguia pensar nele. Por mais que não falasse, sentia que não tinha poder para isso. As gotas se acumulavam em nossos cabelos, escorrendo suavemente pelo rosto, mas a única coisa que importava era aquela conexão que transcendeu tudo ao nosso redor.

— O que disse? — perguntei quase sem voz, sentindo meus olhos lacrimejarem.

— Não me faça repetir essa tolice novamente, Franciele.

Levei as mãos até o cabelo, e tive a necessidade de rir. Como um eco, vinha de um lugar profundo e sarcástico de dentro de mim.

— Eu já sei! Você está tirando uma com a minha cara, não é? Não se cansa de...

— Eu amo você. Amo você. Amo. Amo. Amo. Amo. Eu amo você, Franciele Alencar! Está bom para você agora?!

Lucas se aproximou devagar, o cabelo colado ao rosto, as gotículas escorrendo por suas bochechas como cascata ao seu redor.

— Nunca te odiei. — Sua voz estava tão diferente. — E, quer saber? Você pode me achar um cara totalmente indiferente, mas, tudo o que fiz até o momento foi te proteger de chegar a sentir algo por mim. Queria que não notasse o quanto mexe comigo. Não sou bom com palavras e me sinto vulnerável com sua presença, isso sempre me fez querer me proteger. Porque talvez, eu seja mesmo um covarde, com meus próprios sentimentos.

Eu tenho medo deles. Tenho medo do que sinto por você. Tenho medo de te amar.

Tentei segurar o choro. Meu rosto ardia, e o ar me faltava. *Do que ele estava falando?* Lucas parou a poucos centímetros de mim, e pude notar os detalhes que antes passavam despercebidos: desde a sua voz, até seu olhar que parecia tão doce.

Não falei nada. Não tinha nada a declarar. Ele se inclinou lentamente, seus olhos não se afastando dos meus.

— Já não tenho domínio sobre o que sinto por você, *eu nunca tive na verdade* — sussurrou. — Seja minha namorada, noiva e futura mulher. Eu só isso que te peço.

Fiquei extasiada com sua declaração. Maior foi minha surpresa, quando ele me puxou pela cintura e seus lábios tocaram os meus, me roubando o fôlego. Fiquei momentaneamente paralisada, surpresa por sua ousadia. *Eu me encontrava em completo choque*. O toque de seus lábios era delicado, mas ao mesmo tempo carregado de uma veracidade que me surpreendeu.

Ele está me beijando. Está me beijando. Está me beijando?! Por impulso, empurrei-o com força e minha mão voou com firmeza em sua face, dando um tapa no seu rosto. O som do impacto ecoou no ambiente, e a expressão de surpresa dele foi instantânea.

— Como ousa?! — Segurei as lágrimas de remorso. — Não se aproxima!

Dei meia volta para ir embora, mas ele segurou meu braço e me puxou para ele.

— Não posso deixar você ir!

— Me esquece! — resmunguei.

A chuva caia sobre seus cabelos, e os fios pingavam. Seus olhos continuavam focados em mim, somente em mim. Ele soltou meu braço, e levou as mãos até os cabelos, os afundando nos fios escuros e molhados.

— O que quer que eu faça para fazê-la entender que sou louco por você?! — Lucas levantou a cabeça. — Você tomou espaço nos meus pensamentos, e eu não posso simplesmente te esquecer. Se realmente não me amar, eu vou aceitar. Mas se eu tenho chance, me diga.

— Você está mentindo, Lucas Você não me ama. Me odeia. E, eu não quero que... — Senti as lágrimas descerem. — Não quero que isso seja uma ilusão. Não quero que eu...

— Você não sai da minha cabeça, e eu sempre me irritei por isso — disse, sério. — *Mas o que eu quero é você Franciele, e quero ser seu.* Quero um futuro com você.

— Lucas, então... — Fiquei paralisada. — Por que a beijou? Por que logo ela?

— Do que é que você está falando? Os únicos lábios que tocaram os meus até o momento, foram os seus.

A chuva escorreu por minhas pálpebras. Minha mente fervilhava um milhões de perguntas.

— Se fosse ela a quem eu amasse, eu não teria vindo igual um cachorrinho atrás de você.

— M-mas...

— Ela nunca fez o que você fez. Você fez por mim o que garota nenhuma já fez — sussurrou. — Conheceu meus defeitos antes de saber das minhas qualidades, e mesmo assim não me deixou. E eu a amo por isso.

Ele se aproximou ainda mais, seus olhos fixos nos meus com uma intensidade que me fazia sentir um frio na barriga. Quando ele finalmente se inclinou, não consegui desviar o olhar, presa na profundidade do momento.

Os lábios dele tocaram os meus novamente de forma suave, quase hesitante, como se ele estivesse pedindo permissão para me beijar. A

sensação foi elétrica, ele inclinou-se um pouco mais, e a suavidade de seus lábios se transformou em algo mais apaixonado. Os dedos dele deslizaram para o seu rosto, e por um breve instante hesitei, mas logo comecei a corresponder ao beijo, meus lábios se movendo em sintonia com os dele, esquecendo-se de tudo ao meu redor. O calor de seus lábios brincava com o frio da chuva que nos atingia e o momento pareceu congelar. *Eu o amava. Amava Lucas Cavalier. Muito. Eu o amava!*

Quando finalmente nos afastamos, nossos rostos ainda estavam próximos, e eu podia sentir a respiração dele quente em meu rosto. Pela primeira vez ele sorriu calorosamente. O frio da chuva contrastava com a sintonia que iluminava minha alma.

— Vamos sair da chuva — pediu ele.

Chegamos até um corredor externo e me sentei em um banquinho.

— L-lucas, eu... não quis dizer todas as aquelas coisas ofensivas por...

— Está tudo bem. Eu que peço desculpas por tudo. — Ele se apoiou em um pilar de sustentação. — Peço desculpas por ter sido um paspalho arrogante e ter feito você pensar que amava a Tâmara.

— Bom... Quando eu cheguei vocês estavam quase se beijando sim, e...

— *Eu não ia te trair*. Eu terminei tudo com a Tâmara, pelos menos as expectativas que tinha dado a ela, e ela tentou me convencer a não tomar essa decisão. Assim como o Kaio tentou convencer você, e os dois falharam miseravelmente.

Me sobressaltei, arregalando os olhos.

— Como você...

— Escutei uma conversa no vestiário — ele disse, de costas para mim. — Eu tinha decidido te esquecer, por isso me aproximei da Tamara. Eu... só queria te afastar de mim, porque não me sentia bom o suficiente para você. Não queria que você tivesse que lidar com um cara totalmente

traumatizado. E também o Kaio tinha deixado bem claro quais eram as suas intenções com você, e particularmente achei mesmo que você sentia algo por ele.

Não. Qualquer efeito que Kaio tinha sobre mim, Lucas tinha 1.000 vezes mais.

— Não Lucas! A questão é que eu...amo você. Eu não desprezo você, nem detesto. Não me importo mais se você pode ser frio, se está machucado ou tem medo de amar, *eu estou bem aqui para você.* Acho que toda aquela raiva que sentia por você sempre foi amor. Eu tentei gostar do Kaio, mas você não saía da minha cabeça. Agora eu vejo, que é você, *é você quem eu escolho e quero para mim, só para mim.*

Ele pareceu meio estremecido ao escutar aquilo, percebi.

— Não sabe como meu sangue ferve toda vez que eu o vejo ao seu lado. O jeito como toca sua mão, e sorri para você. — Ele cerrou o punho. — Tenho vontade de acabar com aquele sorrisinho num sopapo só. Porque por muitas vezes eu quis ser *ele*, do seu lado, ali, sorrindo para você. — Ele fungou e aterrou as mãos pelo cabelo escuro.

Me levantei e fui até ele, que estava de costas observando a chuva cair. Toquei seu ombro direito.

— Vai considerar meu pedido? — perguntou, sem olhar para mim.

— Que pedido?

— De construir um futuro ao meu lado.

— Eu só posso estar sonhando. — Ri. — Lucas... Depois de tudo o que me revelou sobre o que sente, é claro que sim. Aceito ser sua namorada.

— E minha futura esposa no futuro.

Dei um sorriso bobo. Ele levou uma mão até o cabelo e respirou fundo, parecendo prestes a revelar algo.

— Preciso que você saiba de uma coisa antes.

Pisquei algumas vezes, e de repente, ele puxou a camisa para cima, revelando suas costas descobertas e a musculatura definida. À medida que o tecido se afastava, cicatrizes de diferentes tamanhos e formas se tornaram visíveis, algumas eram finas e longas, enquanto outras eram mais largas e irregulares pelos ombros, cada uma delas pareciam pertencer a um testemunho de dor. Levei uma mão até a boca, tomada pela incredulidade.

— Sei que são desprezíveis e até eu sinto repulsa delas — disse vulnerável, segurando um dos braços. — Por muito tempo odiei minha mãe por ser a culpada disso.

— Ah... meu Deus. — Senti minha respiração pesar. — L-lucas... eu... você não...

— Está tudo bem.— Ele segurou a camisa. — Eu... orei. Não foi uma oração bonita, mas...eu fui sincero. Ainda...está sendo difícil, mas quero conhecer mais sobre *Deus*. Sobre como *Ele* pode... salvar minha vida, e dar cor a ela. Eu quero ser curado pelo Amor que pode sarar toda e qualquer ferida, seja ela física ou emocional. Eu quero conhecer *Jesus*, Fran.

—*Ele* pode! Lucas, *Ele* pode! — Sorri. — Eu também quero conhecer mais *dEle*, sabe, entregar minha vida de fato. Podemos, juntos, nos aproximar de *Jesus*, seguir um novo caminho.

— É tudo o que mais preciso. — Ele segurou a respiração. — Acha que *Ele* ainda me quer...? Eu sou tão imprestável.

— Não fala assim! É claro que *Jesus* quer a sua vida, você é amado por *Ele* Lucas, precioso demais para o *Altíssimo*. O *Senhor* mesmo entregou seu único filho para nos salvar.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." João 3:16.

— Eu quero ser amado por *Cristo*.

— Você já é!

Por impulso o abracei por trás. Pude sentir as marcas de suas cicatrizes e toda a dor que emanava dele.

— Você não é um monstro Lucas! — sussurrei. — Não é e nunca foi!

Pela primeira vez escutei ele chorar. Era um choro abafado, até mesmo intangível e vi o quanto aquele garoto havia sofrido. Toda aquela máscara de frieza, era para esconder esse Lucas carregado de dor. Ele se voltou para mim e seus braços me envolveram, retribuindo o abraço. Ele aterrou o rosto em meu ombro.

— Aqui só há cacos de quem eu era. Um coração imprestável. Eu não mereço amar, eu não...

— Vamos aprender o que é um amor inteligente.

— Tem certeza que me quer?

— Não tenho dúvidas.

Ele ficou em silêncio.

— Obrigado, *quietinha*.

Lucas se afastou de leve e beijou minha testa, ainda sem jeito por demonstrar tanto afeto.

— Não... me achou ainda mais esquisito com essas marcas...?

Me afastei notando seu peitoral impecavelmente esculpido e a definição de seu torso, desde os ombros largos e desenhados até a linha de seu abdômen definido. *Lucas era incrivelmente lindo.*

— Mas é claro que não. Você parece um herói histórico assim.

— Dramático demais, mas aceito. — Ele fez cara de riso, debochando.

Contemplei seu sorriso e ele vestiu novamente a camiseta, quando escutou uma voz o chamando. Dei um passo para trás dele, enquanto um dos jovens apareceu de guarda-chuva com um celular nas mãos. Ele parecia ofegante e assustado.

— Uma ligação para você. É urgente.

Lucas tomou o celular das mãos do garoto e pareceu tenso. Suas respostas foram rápidas e até certo ponto, aflitas. Tudo que até o momento parecia estar sendo mágico, se tornou em um suspense e um pressentimento ruim.

— O-o que foi? — perguntei, baixo.

Ele engoliu em seco e afastou o celular do rosto.

— Uma tragédia. — Seus lábios tremeram.

— Uma... tragédia?

— Sim. Uma tragédia horrível.

Fiquei sem ar. *O* que podia ter acontecido?

****

Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh, finalmente né, dona Fran e senhor Lucas? Finalmente namorados!! Que capitulo foi esse? kkkkkkkk gostaram?

Preparadas para o que estar por vir?

Vou dar até um suspense aqui.

Vejo vocês no tão temido capítulo 39....

Vota na estrelinha?

****